

A monochromatic blue-toned portrait of Bezerra de Menezes, a man with a full, dark beard and mustache, looking slightly to the left. The portrait is the central focus of the cover.

Estudos Filosóficos de  
Bezerra de Menezes

Edição CRBBM

Volume V



BEZERRA DE MENEZES

ESTUDOS FILOSÓFICOS  
VOLUME V

CRBBM  
2024

© 2024 Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes  
Edição Digital

ORGANIZAÇÃO E NOTAS:  
Julio Couto Damasceno

REVISÃO:  
Júlio Couto Damasceno  
Jorge Damas Martins

CAPA:  
Azamôr Serrão Neto

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA  
PROIBIDA A VENDA  
Proibida a reprodução fotomecânica  
sem autorização da  
Casa de Recuperação e Benefícios  
Bezerra de Menezes

Direitos reservados à  
CASA DE RECUPERAÇÃO E BENEFÍCIOS  
BEZERRA DE MENEZES  
Rua Bambina 128  
Botafogo - Rio de Janeiro - RJ  
CEP: 22.251-050  
[www.crbbm.org](http://www.crbbm.org)  
Tels.: (21) 2266-2901 / 2266-6567

# SUMÁRIO

<u>Prefácio / Jorge Damas Martins.....</u>	<u>11</u>
<u>GAZETA DA TARDE .....</u>	<u>19</u>
<u>Artigo CDLXXXII - Gazeta da Tarde, 30-10-1897.....</u>	<u>21</u>
<u>Artigo CDLXXXIII - Gazeta da Tarde, 13-11-1897.....</u>	<u>25</u>
<u>Artigo CDLXXXIV - Gazeta da Tarde, 22-11-1897.....</u>	<u>29</u>
<u>Artigo CDLXXXV - Gazeta da Tarde, 27-11-1897.....</u>	<u>32</u>
<u>Artigo CDLXXXVI - Gazeta da Tarde, 04-12-1897.....</u>	<u>35</u>
<u>Artigo CDLXXXVII - Gazeta da Tarde, 11-12-1897.....</u>	<u>39</u>
<u>Artigo CDLXXXVIII - Gazeta da Tarde, 18-12-1897 .....</u>	<u>43</u>
<u>Artigo CDLXXXIX - Gazeta da Tarde, 25-12-1897.....</u>	<u>47</u>
<u>Artigo CDXC - Gazeta da Tarde, 03-01-1898.....</u>	<u>51</u>
<u>Artigo CDXCI - Gazeta da Tarde, 08-01-1898.....</u>	<u>55</u>
<u>Artigo CDXCII - Gazeta da Tarde, 15-01-1898.....</u>	<u>59</u>
<u>Artigo CDXCIII - Gazeta da Tarde, 22-01-1898.....</u>	<u>62</u>
<u>Artigo CDXCIV - Gazeta da Tarde, 29-01-1898.....</u>	<u>66</u>
<u>Artigo CDXCV - Gazeta da Tarde, 12-02-1898.....</u>	<u>70</u>
<u>Artigo CDXCVI - Gazeta da Tarde, 21-02-1898.....</u>	<u>73</u>
<u>Artigo CDXCVII - Gazeta da Tarde, 28-02-1898.....</u>	<u>77</u>
<u>Artigo CDXCVIII - Gazeta da Tarde, 05-03-1898.....</u>	<u>81</u>
<u>Artigo CDXCIX - Gazeta da Tarde, 12-03-1898.....</u>	<u>84</u>
<u>Artigo D - Gazeta da Tarde, 26-03-1898.....</u>	<u>87</u>
<u>Artigo DI - Gazeta da Tarde, 02-04-1898.....</u>	<u>90</u>
<u>Artigo DII - Gazeta da Tarde, 09-04-1898.....</u>	<u>93</u>
<u>Artigo DIII - Gazeta da Tarde, 16-04-1898.....</u>	<u>97</u>
<u>Artigo DIV - Gazeta da Tarde, 25-04-1898.....</u>	<u>101</u>
<u>Artigo DV - Gazeta da Tarde, 30-04-1898.....</u>	<u>105</u>

## SUMÁRIO (Cont.)

<a href="#">Artigo DVI - Gazeta da Tarde, 14-05-1898.....</a>	<a href="#">108</a>
<a href="#">Artigo DVII - Gazeta da Tarde, 21-05-1898 .....</a>	<a href="#">112</a>
<a href="#">Artigo DVIII - Gazeta da Tarde, 04-06-1898 .....</a>	<a href="#">116</a>
<a href="#">Artigo DIX - Gazeta da Tarde, 11-06-1898 .....</a>	<a href="#">120</a>
<a href="#">Artigo DX - Gazeta da Tarde, 18-06-1898.....</a>	<a href="#">124</a>
<a href="#">Artigo DXI - Gazeta da Tarde, 27-06-1898 .....</a>	<a href="#">128</a>
<a href="#">Artigo DXII - Gazeta da Tarde, 02-07-1898 .....</a>	<a href="#">133</a>
<a href="#">Artigo DXIII - Gazeta da Tarde, 09-07-1898 .....</a>	<a href="#">138</a>
<a href="#">Artigo DXIV - Gazeta da Tarde, 23-07-1898 .....</a>	<a href="#">142</a>
<a href="#">Artigo DXV - Gazeta da Tarde, 13-08-1898 .....</a>	<a href="#">145</a>
<a href="#">Artigo DXVI - Gazeta da Tarde, 20-08-1898 .....</a>	<a href="#">149</a>
<a href="#">Artigo DXVII - Gazeta da Tarde, 27-08-1898 .....</a>	<a href="#">153</a>
<a href="#">Artigo DXVIII - Gazeta da Tarde, 03-09-1898 .....</a>	<a href="#">157</a>
<a href="#">Artigo DXIX - Gazeta da Tarde, 10-09-1898 .....</a>	<a href="#">160</a>
<a href="#">Artigo DXX - Gazeta da Tarde, 17-09-1898 .....</a>	<a href="#">163</a>
<a href="#">Artigo DXXI - Gazeta da Tarde, 24-09-1898 .....</a>	<a href="#">166</a>
<a href="#">Artigo DXXII - Gazeta da Tarde, 08-10-1898 .....</a>	<a href="#">170</a>
<a href="#">Artigo DXXIII - Gazeta da Tarde, 22-10-1898.....</a>	<a href="#">174</a>
<a href="#">Artigo DXXIV - Gazeta da Tarde, 05-11-1898.....</a>	<a href="#">178</a>
<a href="#">Artigo DXXV - Gazeta da Tarde, 12-11-1898 .....</a>	<a href="#">182</a>
<a href="#">Artigo DXXVI - Gazeta da Tarde, 03-12-1898.....</a>	<a href="#">186</a>
<a href="#">Artigo DXXVII - Gazeta da Tarde, 19-12-1898.....</a>	<a href="#">190</a>
<a href="#">Artigo DXXVIII - Gazeta da Tarde, 24-12-1898.....</a>	<a href="#">193</a>
<a href="#">Artigo DXXIX - Gazeta da Tarde, 31-12-1898 .....</a>	<a href="#">197</a>
<a href="#">Nota Especial .....</a>	<a href="#">201</a>
<a href="#">Apêndice: O último artigo de Bezerra de Menezes.....</a>	<a href="#">203</a>
<a href="#">Listagem Completa dos Artigos &amp; Síntese de seus Conteúdos.....</a>	<a href="#">207</a>
<a href="#">Pósfácio / Júlio Damasceno.....</a>	<a href="#">249</a>
<a href="#">Índice Remissivo.....</a>	<a href="#">279</a>

*Aos gigantes do Espiritismo Cristão  
na Pátria do Evangelho, sobre cujos ombros  
estamos todos apoiados, e especialmente a:  
Antônio Luiz Sayão, Bittencourt Sampaio,  
Bezerra de Menezes e Frederico Jr.*





*“A nosso ver, e desafiamos contestação, nunca esses artigos foram superados por outros, antes ou depois, chamamos a atenção não só dos velhos, como principalmente dos novos, que usam da palavra e da pena em prol do espiritismo. Não possuímos em língua brasileira maior repertório doutrinário do kardecismo. Ninguém falou com maior eloquência, maior sinceridade, maior lógica. Seus formosos pensamentos deviam ser repetidos e propalados amiúde, pois somente relendo e divulgando Max poderão os seus discípulos compreender quanto de errado, quanto de confuso e quanto de ignorância se tem propalado depois dele em nome da mesma doutrina que ele elevou às culminâncias. A leitura de Max devia ser obrigatória, como a leitura de Kardec, para todos que entram”.*

*(ABREU, CANUTO. “Bezerra de Menezes – Subsídios para a História do Espiritismo no Brasil até o ano de 1895”. Ed. FEESP, São Paulo -SP).*



## Prefácio / Jorge Damas Martins

INCIPIUNT

“Começam”.

Assim se inicia o livro maravilhoso *Actus Beati Francisci et sociorum eius* – *Atos do Beato Francisco e seus Companheiros* - obra composta no século XIV. Naqueles tempos era comum um manuscrito iniciar com o “incipit” (começa) e se desenvolver em um “término”.

No entanto, a vida de Francisco de Assis transcende espaço e tempo. Os muros psicológicos do “começar” e do “terminar” não condizem com a realidade espiritual da sua grandeza. A origem e o destino de sua missão estão em Cristo. *A sequela Christi* – seguir Cristo - vem antes e vai além de Francisco.

Inspirados em São Francisco repensamos o Venerável Bezerra de Menezes que aqui é o sujeito do nosso escrito. A origem e o destino de sua missão transcendem “berço” e “túmulo”. Sua vida é exemplar na família, na medicina, na política, no empresariado e no Espiritismo. É uma *sequela Christi!*

Assim, transcendendo o “berço” temos a sua missão delineada no seu planejamento reencarnatório revelado pelo Anjo Ismael, o mentor do Brasil, em Assembleia Espiritual em torno do ano de 1830<sup>1</sup>:

“— Descerás às lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no país do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos, com as dedicações do teu espírito, a fim de que possamos criar o nosso núcleo de atividades espirituais, dentro dos elevados propósitos de reforma e regeneração. Não precisamos encarcerar aos teus olhos a delicadeza dessa missão; mas, com a plena observância do código de Jesus [*sequela Christi*] e com a nossa assistência espiritual, pulverizarás todos os obstáculos, à força de perseverança e de humildade, consolidando os primórdios de nossa obra, que é a de Jesus, no seio da pátria do seu Evange-

---

1 *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*. Xavier, F. C. [Espírito: Humberto de Campos], FEB, 10/2004, 30ª Edição, Cap. XXII: Bezerra de Menezes.

lho. Se a luta vai ser grande, considera que não será menor a compensação do Senhor, que é o caminho, a verdade e a vida”.

Em seguida ouviu-se a autorização da reencarnação do discípulo de Ismael vinda daquela Voz, “terna e compassiva”, do Cristo:

“— Glória a Deus nas Alturas e paz na terra aos trabalhadores de boa-vontade!”

“Daí a algum tempo”, no dia 29 de agosto de 1831, nascia Adolfo Bezerra de Menezes, com a missão principal de CONSOLIDAR a Obra de Ismael – que é a de Jesus – no seio da Pátria do seu Evangelho.

A Obra de Jesus, de “reforma e regeneração” planetária, é progressiva e gradativa ... *Incipit* (começa) na 1ª Revelação do Antigo Testamento; amplia-se consideravelmente na 2ª Revelação do Novo Testamento de amor e, culmina na 3ª Revelação do Espiritismo, que é cristão por excelência.

Ora, a 3ª Revelação do Espiritismo é a tarefa que cabe a Bezerra de Menezes CONSOLIDAR no Brasil, e não na sua origem europeia. Explica, então, o Anjo Ismael em sua Assembleia:

“— Se as verdades novas devem surgir primeiramente, segundo os imperativos da lei natural, nos centros culturais do Velho Mundo, é na Pátria do Evangelho que lhes vamos dar vida, aplicando-as na edificação dos monumentos triunfais do Salvador”.

Então, o Projeto-Bezerra é “dar vida” à mensagem do Consolador Prometido – o Espiritismo.

“A luta vai ser grande”, considera Ismael.

\* \* \*

Na linha do tempo, o chamado de Bezerra de Menezes para a sua missão no Espiritismo será uma gênese progressiva e gradativa. É ele mesmo quem conta na sua célebre conferência, como cidadão espírita, no dia 16 de agosto de 1886:

“Senhores,

“Antes de dizer-vos ao que vim aqui, preciso explicar-vos minha presença aqui.

“Será este o exórdio do meu discurso.

“Venho de longes terras. Venho das antípodas do Espiritismo ...

“Eu nasci no seio da Igreja romana e criei-me na sua lei.

“Como acontece a todos, eu vivi tranquilo em minha fé e na fé que meus pais me deram, seguro de que ela concatenava todas as verdades divinas – seguro de que fora dela não podia haver senão o erro e a mentira”.

A Vida, porém, *incipit* (começa) a demover a sua aparente “segurança”. Dos bastidores invisíveis, os dramas e as tramas surgem inesperadas no palco do seu destino de apostolado. Destacamos algumas cenas.

1º) Bezerra de Menezes chega do Ceará para estudar medicina, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1851. Não muito tempo depois, seu pai lhe aparece de imediato anunciando de forma indelével sua desencarnação. Era outubro de 1851 e a comunicação da época era demorada. A certeza da manifestação paterna, da imortalidade da alma, chega lentamente, confirmando a veracidade do fenômeno espírita.

2º) A dor é uma força que nos constrange. É uma imposição de um novo progresso. A desencarnação do seu pai era dolorosa pela saudade, porém, compreensiva pela idade. Mas em 24 de março de 1863, a sua querida esposa, D. Maria Cândida (Mariquinhas), na flor perfumada dos 19 anos, desencarna de forma repentina num choque de proporções psicológicas avassaladoras. Deixa ainda dois filhos, o Adolfo (3 anos) e o Antônio (1 ano). Ele comenta:

“No meio do mais descuidoso cortejo de venturas domésticas, fui rápida e inesperadamente ferido no que mais caro me era ao coração ... a dor arrancou à minha natureza um ato de fé espontâneo, contra o qual não há ceticismo possível: – Meu Deus! Meu Deus!

“Senti renascer em mim o desejo – a necessidade de crer”.

Agora, depois de uma significativa pausa em seus escritos e leituras, reflete intensamente nos problemas do ser, do destino e da dor. Vê, então, a necessidade urgente de aprofundar seus estudos. Sua mente não cabia mais nos limites da religião oferecida pelos seus saudosos pai e mãe. Ele irá comentar a procura crescente do saber espiritual:

“Voltei aos livros sagrados [Bíblia] e profanos que me pudessem ser fonte onde saciar a sede.

“Lia-os com sofreguidão de quem procura, para além desta vida, uma estrela – uma luz, uma esperança.

“Foi na permanência desse sentimento que um amigo [Dr. Carlos Travassos (Fortúnio)] me ofereceu *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec.

“Percorri as páginas dessa obra, que ensina uma nova Cosmogonia, e conheci pelo pórtico do majestoso edifício, a mão do Supremo Arquiteto, que traçou o da Moral e o da Teodiceia, que tanto me haviam arrebatado a alma.

“Não é que eu encontrasse ali cousa diversa do que já havia lido no Evangelho, em que se funda exclusivamente a nova doutrina, mas é que ela me deu luz para ver o que nunca pude ver”.

Maravilha! Leu e já sabia ... Sabia de “berço”. Era “espírita inconscientemente”, afirma! A leitura lhe deu a síntese das bases do Espiritismo:

- A) Deus: Criador, Criação e Criatura.
- B) A Lei do Amor: O Código Universal
- C) A Imortalidade da Alma
- D) A Comunicação Espiritual: A diversidade mediúnica
- E) A Lei do Progresso - Evolução

F) A Pluralidade das Existências – Reencarnação

G) A Pluralidade dos Mundos Habitados

No entanto, o Espiritismo não é apenas uma doutrina que aborda religião e filosofia, é também ciência. Ciência Experimental! Para impulsioná-lo nesta área do saber prático a Vida Maior proporcionou-lhe outras dores, como técnica chamativa para novas verdades.

3º) Bezerra pôde ver que o Plano Espiritual opera na saúde física, área dos seus estudos médicos. Pelos meados de 1870 e início de 1880, uma dispepsia abalava a sua estrutura orgânica que o prostrava, chegando mesmo a afastá-lo, algumas vezes, das suas atividades política e profissional.

Naquela época um espírito se manifestava, realizando afamadas curas na região central da cidade do Rio de Janeiro. Dizia ser o falecido Dr. Francisco Menezes Dias da Cruz, seu antigo professor de Patologia Geral e, na política, Vereador e Deputado, em legislatura juntamente com ele. Ah! E o próprio Bezerra esteve em seu velório, como amigo e representante do Município Neutro, carregando o seu corpo por uma das alças do caixão. Então, sua manifestação espírita era inusitada e surpreendente.

Era necessário experimentar. Traçou um plano bem arquitetado com o seu parente e protegido Dr. João Maia de Lacerda. Até mesmo não chegou a se identificar nominalmente, na forma como era conhecido. O médium era um homem simples da Alfândega, João Gonçalves do Nascimento. O teste foi um sucesso: doença identificada, analisada descritivamente com conhecimento de causa, tratada com receituário e, mais que tudo, curada. Impressionante!

Depois, sua 2ª esposa, D. Cândida Augusta de Lacerda Machado (Dodoca) fora desenganada pela medicina: tuberculose. Bezerra procura os recursos médicos espirituais do Dr. Dias da Cruz. Revendo o diagnóstico, o espírito manifestante diz se tratar de doença uterina. Tratada, em poucos meses seus sintomas haviam desaparecido. Inclusive depois, engravidou muitas vezes. Então, já não havia o que discutir, pensava ele: “influem os espíritos” em nossa vida, mais que podemos imaginar – *O Livro dos Espíritos*, pergunta, 459.

4º) Mas um outro saber era necessário vivenciar. E a intervenção espiritual psicológica, obsessiva, a loucura? Qual a causa? E a técnica – o *modus operandi*? Há tratamento? Ele irá viver esta experiência intramuros, em seu próprio lar. Em 1878 seu primogênito Adolfo Júnior cursava o preparatório para medicina no destacado Collegio Victorio. Porém, seu desempenho escolar some da imprensa leiga. Naquela época era comum a publicação dos resultados escolares. Que se passa? Avaliação médica: Alienação mental. Tratamento na Casa de Saúde Dr. Eiras. Depois, repouso terapêutico num fazenda serrana. Nada de resultado satisfatório. O jovem tinha acessos, e quando passavam era ciente do transtorno causado. Estados alternados de inconsciência e consciência.

Um amigo espírita chama Bezerra de Menezes para a luz do problema. Como explicar os frequentes estados de lucidez diante do diagnóstico de dano orgânico? Não seria razoável experimentar o tratamento espírita da intervenção espiritual obsessiva? O amigo informa ao pai aflito que orava pelo seu “menino” quando teve a revelação que a “doença” era causada por um inimigo espiritual, de outras vidas. Bezerra resolve tentar. O espírito obsessor se manifesta revoltado. Se apresenta como adversário do pai e do filho, que o haviam condenado a masmorra asfixiante. Luta, Evangelho, oração, e por fim, o perdão. A cura pela desobsessão. Mas observa o pai que a demora na busca do tratamento causa danos irreversíveis na vivacidade orgânica. Seu filho precisou de cuidados constantes do pai e dos irmãos do coração até à sua desencarnação, em 1899.

Bezerra de Menezes, como pai generoso, médico e alma de apóstolo, não podia silenciar o tratamento psicológico e espiritual significativos encontrados no Espiritismo. Então, escreve, narra tudo, ensina, consola e publica o maviioso *A Loucura sobre um Novo Prisma*, a sua grande contribuição ao Espiritismo científico.

5º) Agora o foco é outro: as desencarnações sucessivas de seus filhos queridos. Dos seus quinze filhos, nove desencarnaram durante a sua existência: Adolfo, Antônio, Cândida, Carolina, Emmanuel, Augusta, Christiane, João, Consuelo. Outros seis filhos sobreviveram: Ernestina, Otávio, José, Francisco, Hilda e Maria. A dor batia na alma e Bezerra de Menezes escrevia na imprensa sobre o conforto das diversas revelações espíritas significativas dos seus filhos desencarnados. Chegava mesmo a desafiar os seus leitores: O Espiritismo está em suas mãos, por que não buscar o consolo na mediunidade no bem, oferecida a todos pela amorosa fraternidade espiritual?

\* \* \*

Chegamos assim no ponto saliente do nosso escrito. Falamos no 5º) item acima, que “Bezerra de Menezes escrevia na imprensa”. Aqui, penso ser o ponto mais destacado de sua missão: Consolidar a obra de Jesus de reforma e regeneração.

Francisco de Assis será também o motivo de nossa inspiração. O livro *Atos do Beato Francisco e seus Companheiros*, no capítulo inicial, registra: *Primo ergo sciendum est quod b.p.n. Franciscus in omnibus suis actibus fuit Cristo conformis* (Por isso, em primeiro lugar devemos saber que nosso bem-aventurado pai Francisco foi conforme a Cristo em todos os seus atos).

Aqui, *primo* (primeiro) não é o início de uma lista de “atos” de S. Francisco. E, sim, o que “primeiro se deve saber”, ou melhor, a primeira coisa a fazer, antes mesmo da leitura subsequente, antes de tudo, é saber que Francisco, em todos os seus atos, foi conforme Cristo. Saber, isto é, um *sciendum* (dever).

É a mesma fala do Anjo Ismael: “a plena observância do código de Jesus [sequela Christi]”.

Ora, e é mesmo assim! Diante de cerca de duas mil pessoas Bezerra de Menezes, publicamente, vai começar (*incipit*) a sua missão espírita com este discurso:

“Convencido da verdade espírita, que tenho sujeitado ao mais sério exame, e até à experiência, eu venho em obediência ao preceito do Cristo confessá-lo em público, para que me possa Ele reconhecer em seu reino.

“Confesso, pois, a fé cristã segundo o Espiritismo, dando graças a Deus, por ter abalado minhas entranhas, como Moisés abalou a dura rocha, fazendo brotar dela a pura linfa de minhas crenças religiosas.

“E acrescentarei; que só pude compreender e admirar as excelsas belezas e as incomparáveis grandezas da doutrina do Cristo, quando as estudei à luz do Espiritismo”.

Evidentemente a “luta vai ser grande”, destaca o Anjo Ismael. O segmento de Cristo é um chamado para, juntamente com Ele, carregar diariamente a cruz (Lc. 9: 23). É um chamado de Deus (*avocatus a Deo*), da cruz e para cruz (*de cruce et ad crucem*) – diz o texto sobre Francisco de Assis, no capítulo IV.

De 1887 (23 de outubro) a 1900, Bezerra de Menezes marcará presença na imprensa leiga. São 530 artigos resgatados dos jornais: *O Paiz*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta de Notícias* e *Gazeta da Tarde*<sup>2</sup>. É a sua famosa e significativa série *Espiritismo – Estudos Filosóficos*. Que luta! Quantas polêmicas, ataques, agressividades, preconceitos, desprezos, perseguições, críticas acerbas (inclusive de alguns ditos espíritas), dificuldades financeiras etc.

Valeu a pena! É como afirmara o Anjo Ismael: “considera que não será menor a compensação do Senhor”.

Alguém poderia perguntar: e qual a “compensação do senhor”?

Ainda buscamos a inspiração em Francisco de Assis para a pergunta.

No mencionado livro *Atos do Beato Francisco e seus Companheiros*, no capítulo XXIX, registra que, desencarnado, Francisco de Assis habitava um cidade resplandecente, com muros que tinham uma claridade tão grande que se enxergava claramente tudo que faziam lá dentro e os admiráveis cânticos dos anjos que lá viviam. São Francisco estava vestido com um manto de belíssimas estrelas, e seus cinco estigmas eram como cinco esplendíssimas estrelas, que refulgiam de tanta luz que pareciam iluminar toda aquela cidade com os seus raios. E lá do Alto ele protegia seus frades menores no seguimento de Cristo.

Nossa, que beleza espiritual!

Em Bezerra de Menezes a semelhança é significativa. Um dia depois de sua desencarnação, no dia 12 de abril de 1900, às 19h, ele se manifesta aos seus

---

2 Infelizmente o jornal *A Gazeta da Tarde*, no ano de 1899, está extraviado por completo. Por hora nos privamos de cerca de 50 artigos da série *Espiritismo – Estudos Filosóficos*, de Bezerra de Menezes.



amigos do Grupo Ismael. Era uma Quinta-feira Santa e o médium Frederico Pereira da Silva Júnior descreve:

“Ajudem-me! Não há tristezas. Tudo quanto vejo revela alto júbilo. Quadro soberbo, que deslumbra!

“Sob uma espécie de dossel cercado dos mais eminentes Espíritos, presidindo ao nosso trabalho, está Santo Agostinho. Como se diz na Terra, a elite celestial aqui se acha representada: os Apóstolos, a Madalena, todos os nossos Guias e Protetores. Imaginem, é a comparação de que me posso servir, uma avenida de luz, onde se enfileiram de ambos os lados anjos formosíssimos. Jucam-na flores, que não existem na Terra, flores de luz, trazendo todas as crianças açafates cheios delas e, pendentes dos pescocinhos, a cruz!

“Ah! É a nossa Estrela [Cristo]. Como sol radioso, ela espalha raios sobre todo esse quadro!

“Eu sabia: Celina e Bezerra! Ei-la que o traz pela mão, em triunfo. Parece que a corte celeste o acompanha, tal a multidão que segue a Enviada de Nossa Mãe Santíssima. Oh! Feliz Espírito!

[...]

“Ele entra na avenida, como eu disse, sorridente. É o mesmo: Calmo, para todos um sorriso e um ósculo. Ei-lo entre nós, ajoelhando aos pés de Santo Agostinho. Levanta-se. Ah! Ismael lhe depõe um ósculo na fronte e diz: - Sê bem-vindo”.

Diante do belo quadro, não temos palavras!

\* \* \*

No apêndice deste 5º volume da série *Espiritismo – Estudos dos Problemas Filosóficos*, de Bezerra de Menezes, há o resgate do último artigo da série<sup>3</sup>, doado pela família à Federação Espírita Brasileira. Em certa trecho ele registra:

“**Até hoje** tenho-me ocupado, quase que exclusivamente com **questões de princípios, considerados sob o ponto de vista filosófico**, ou antes, sob o ponto de vista especulativo. **Agora** vou encaminhar meus estudos – os estudos do Espiritismo – pela senda do Positivismo, não do Positivismo ciência, que recuso aceitar, por ser contrário à razão, mas do Positivismo-método para toda espécie de indagações que abraço; porque toda indagação requer a base sólida dos fatos – e o exame dos fatos, se reclama a análise filosófica, não dispensa a observação experimental. **Análise filosófica e estudo experimental** são, pois, os dois instrumentos que se ligam e se completam, para o alto fim da descoberta da verdade, que deve ser o principal objetivo de todo esforço humano.

[...]

<sup>3</sup> *Reformador*, 15 de abril de 1900.

“Do exposto, resulta que os **meus estudos sobre Espiritismo** firmar-se-ão na **especulação e na experimentação** – na **análise e na observação**, tanto **dos princípios como dos fatos.**” [Os negritos são meus].

É pura profecia: “meus estudos sobre Espiritismo firmar-se-ão” ... na “análise filosófica e estudo experimental”.

Guardemos esta afirmação.

O texto de Bezerra, porém, inicia-se com esta informação:

“Convidado a tomar parte entre os trabalhadores desta oficina, darei princípio à minha tarefa, cuja natureza transparece do simples enunciado: “Espiritismo”, expondo sucintamente meu programa, nesta minha nova série, sobre momentosa espécie”.

Perguntamos:

Não é interessante para um último artigo, publicado postumamente, falar em ter sido “convidado a tomar parte entre os trabalhadores desta oficina” e que iniciará “nova série”?

Não é profecia?

Não é a expectativa de atuar com os “trabalhadores” ou missionários espirituais?

Não é a “oficina” do Além?

E o “estudo experimental”, não está indicando a sua nova tarefa junto a Barsanulfo, Yvonne, Chico e outros médiuns?

Não é a sua experiência na medicina alternativa espiritual?

Não é a sua tarefa na “Escola de Psicografia” orientando centenas de “jovens do além”, consolando e orientando seus pais? (Especialmente nos trabalhos mediúnicos na cidade de Uberaba-MG).

Quantas perguntas!

Por isso, no nosso título, falamos em incipiunt (começam): trabalhos no Aquém e trabalhos no Além. Não falo de término.

Uma Vida tão grande e produtiva não pode ter ponto final.

A todos deixo a Inspiração de Francisco de Assis, o Exemplo de Bezerra de Menezes e a Paz de Jesus-Cristo.

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2024.

*Jorge Damas Martins*

# GAZETA DA TARDE



## Artigo CDLXXXII

Gazeta da Tarde, 30-10-1897

Deixemos de parte a ciência, esta ciência humana que enche a tantos de orgulho, como gases enchem os balões – e tomemos por instrumento o simples lume da razão, sem preconceitos – assento sobre a rocha inabalável do bom senso, que é a magna ciência dos que não são sábios.

Olhemos criteriosamente para baixo – e veremos uma escala infinita – infinita de seres inferiores a nós, ligados, entretanto, entre si, de modo a formarem uma cadeia, cujo elo superior se prende a nós, perdendo-se o inferior na obscuridade do ignoto – ignoto para nós, e até para os nossos maiores sábios.

Do homem para baixo um mundo infinito de seres, que a ciência classifica em três reinos: mineral, o mais imperfeito – vegetal, já superior àquele, porque possui os característicos da vida, que falta ao mineral – animal, muito superior ao vegetal e ao mineral, porque tem vida e movimento.

Notai bem. A escala sobe à medida que vai manifestando propriedades do ser humano – e liga-se admiravelmente por seus elos; pois que o reino mineral passa suavemente ao seu mais próximo, o vegetal, por uma espécie, que concreta em si propriedades de um e de outro – e o reino vegetal passa ao animal, também por uma espécie de seres, que partilham os caracteres de um e de outro reino – assim como o reino animal prende-se ao homem, a reino hominal, quarto reino de Quatrefages<sup>4</sup>, por caracteres dos

---

4 (Nota do Organizador) Jean Louis Armand de Quatrefages de Bréau , abreviadamente Armand de Quatrefages (1810 – 1892) – zoólogo e antropólogo francês, já citado alhures nesta coleção de artigos. (Fonte: *Wikipedia*)

dois reinos, mais patentes em certas espécies, que são, por isso, julgadas superiores às outras.

O homem é, pois, dentre todos os seres que povoam nosso planeta, o mais perfeito – o superior – o rei da criação, como o designam.

Mas é ele, tal qual o conhecemos na Terra, realmente o ser mais perfeito da criação universal?

Assim como há uma longa escala, que desce de seus pés até o zero, no infinito, representado pelo mundo microscópico; não haverá, igualmente, uma escala, que desça dos pés do Criador até ele, que será o zero – o mundo microscópico dessa infinita e gloriosa série?

A ciência desce pela escada, que leva ao infinito mínimo; não sobe, porém, nem o primeiro degrau, da que leva ao infinito máximo.

Fale, então, a razão, firmada no bom senso – e se quiserem, na observação e na experiência, *tríplico* luzeiro que, bem aproveitado, fará sempre luzir a verdade em meio das trevas da nossa ignorância.

Ela nos leva, natural e logicamente a pensar: se a obra do infinito saber tem por cúpula a grandeza humana, tal qual a conhecemos na Terra, infinitamente pequeno é o plano da criação, delineado pelo infinitamente grande!

Impossível! Impossível!

O homem terreno é uma imperfeição, tanto moral como intelectualmente considerado – e Deus, a suma perfeição, não podia conceber um plano, cuja maior grandeza fosse o homem.

O plano de Deus deve compreender a grandeza mínima e a grandeza ilimitada, formando os extremos de uma longa-longa-longa cadeia, de cujos elos se irradiam luz e brilhos para todas as ciências do Universo.

E assim é; porque a Revelação Espírita nos demonstra que tudo o que fica abaixo do homem se transfunde no homem, subindo os seres da escala mineral todos os seus graus, até passar à escala vegetal, cujos seres sobem igualmente todos os seus graus, até passarem ao reino animal, onde sempre progredindo, sobem ao reino hominal, onde recebem o ser pensante, com o livre-arbítrio e o senso moral<sup>5</sup>.

---

5 (Nota do Organizador) A Doutrina Espírita tem o Evolucionismo entre os seus princípios fundamentais. Basta lembrar as questões 540 de *O Livro dos Espí-*

E, pois, todos os seres inferiores ao homem fundem-se no homem, como ensina a ciência, com o aplauso da razão e do bom senso e com a aprovação da Revelação, trazida à Terra pelos mensageiros do Senhor, executores de sua vontade soberana.

E aí temos, ligadas em uniformidade de ação, a ciência e a [religião]<sup>6</sup> – a revelação e a experiência.

Mas, se o homem é o microcosmos – é a suma expressão do plano da criação, fraco, repeti-lo-emos, é o plano, para ser obra do sumamente perfeito.

Vê-se, claramente: que à coluna falta o majestoso capitel – que está quebrada a mais – que, assim como todos os seres sobem até o homem, o homem deve subir até Deus.

Como elevar-se a tais alturas, sendo ele tão pequeno? Como constituir-se a escala ascendente, que vai do homem a Deus, harmônica com a descendente, que vai do homem ao mínimo dos seres criados?

A Igreja romana, compreendendo a necessidade de encher o vácuo, que vai do homem a Deus, imaginou seres intermediários; os anjos, inferiores ao Criador e superiores à criatura humana – e dividiu-os em categorias, que formam uma longa série.

Essa criação, porém, é evidentemente imaginativa, pois que, em primeiro lugar, os anjos seriam inferiores ao homem que lograsse entrar no Céu, sendo aqueles perfeitos por uma graça do Criador – e este por seu merecimento conquistado – e, em segundo lugar, como explicar-se, sem detrimento dos atributos divinos, terem uns tantos anjos, criados perfeitos, contrariado à divina volição, tornando-se imperfeitos e impuros?

Não. O Espiritismo ou Nova Revelação é quem resolve a questão.

---

*ritos*. – “do átomo ao arcanjo” – como também o parágrafo 76 do Tomo I, item 56 de *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing (Ed. Ibbis): “Observai como tudo se encadeia na imensa natureza que o Senhor vos faz descortinar. Observai como em todos os reinos há espécies intermediárias, que ligam entre si todas as espécies, umas participando do mineral e do vegetal, da pedra e da planta; outras do vegetal e do animal, da planta e do animal; outras, enfim, do animal e do homem. São elos preciosos que tudo ligam [...]”; ou ainda a célebre frase de Léon Denis: “Na planta, a inteligência fica adormecida; no animal, ela sonha; apenas no homem ela acorda, conhece-se, possui-se e torna-se consciente” (*O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, Cap. 9), entre tantas, tantas e tantas outras...

6 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra razão, mas nos pareceu um erro material, de digitação, pelo que decidimos corrigir, para mantê-lo fiel ao sentido geral do parágrafo.

Se o homem da Terra é pequeno para chegar a Deus, dar-se-á, por lei eterna; a do progresso universal, a sua elevação ou transformação gradual, quer moral, quer intelectualmente, de modo que a nojenta lagarta de hoje, será amanhã linda borboleta de asas iriadas ao sol do amor, da verdade e do bem.

E, por estas inumeráveis transformações, não somente ele vai-se aproximando de Deus, como, também, em cada estágio de seu progresso, ele constitui um degrau na escala ascendente.

E eis que só o Espiritismo explica como todos os seres criados saem de Deus e voltam a Deus, sem com Ele jamais se confundirem.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 30-10-1897:

[http://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00118.pdf](http://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00118.pdf)



## Artigo CDLXXXIII

### Gazeta da Tarde, 13-11-1897

Se a ordem moral, tanto como a física, não tivesse mão Onipotente a mantê-la na mais admirável harmonia, o Universo seria um medonho caos – e os mundos e os seres se entrechocariam como os grânulos de poeira, suspensos do solo, por terrível redemoinho.

Deus se patenteia aos olhos de todos os que não passam pela vida *more pecudum*<sup>7</sup>, sem erguerem a vista para contemplar as grandezas inexcedíveis da criação, menores aliás que as das leis ocultas, que mantêm a inalterável harmonia do mundo físico e do mundo moral.

Em<sup>8</sup> Jesus se patenteia, por igual, o pensamento de Deus em ação, nos atos mais que humanos de sua vida entre os homens – e, principalmente na doçura e sublimidade de seu ensino, fora da qual não há ordem moral estável, nem liberdade prática, nem salvação para as gerações.

Já um grande vulto, que se chamou Valdegamas<sup>9</sup>, o disse, com a proficiência que lhe reconhece o mundo culto: quanto mais

---

7 (Nota do Organizador) Expressão latina, que traduz-se por “como gado”. (Fonte: *Google Tradutor*)

8 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui apenas o “E” (“E Jesus”), que decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material, tipográfico.

9 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui ao Marquês de Valdegamas, ou Juan Donoso Cortés (1809–1853), filósofo, político e diplomata espanhol. Sua principal obra é o *Ensayo sobre el catolicismo, el liberalismo y el Socialismo*, ainda hoje publicado.

um povo se aproxima da pura lei cristã, mais goza de liberdade – de ordem – de progresso – e de felicidade terrenas.

E nós, os brasileiros, somos a prova e a contraprova da verdade daquele conceito.

Enquanto a cruz foi a árvore frondosa, a cuja sombra se acolhiam todos os filhos da terra que se ungiu com aquele sagrado nome, o Brasil teve paz – teve ordem – teve liberdade – progrediu no regaço de crescentes felicidades.

Desde, porém, que uma seita, cuja lei assenta na irresponsabilidade humana, preponderando nos conselhos da nação, logrou substituir o símbolo sagrado, que tem sido o farol da grande civilização humana, pelo daquela anêmica – raquítica – e incongruente seita; tudo mudou e a prova tem sido uma luta íntima, quase sem tréguas – e a ordem tem sido uma anarquia intelectual e moral – e a liberdade que pode haver em meio de convulsões sociais – e o progresso um desejo – uma aspiração – uma miragem, que fogem quanto mais se lhe aproximam.

Não *nos referimos*, aqui, à separação da Igreja e do Estado, o mais glorioso passo que temos dado, como nação, depois do que nos lavou da ignóbil mancha da escravidão.

A separação, porém, nunca devera ser a condenação da religião, como decorre do fato de coincidir com o alto feito a decretação de ser o símbolo positivista a divisa do pavilhão brasileiro.

Repudiastes a cruz; homens que tomastes a responsabilidade da direção do país – e colocastes em seu lugar o estandarte da seita que a nega, senão a condena; pois bem, refleti sobre tudo o que se tem dado no seio da mansa sociedade brasileira, desde que trocastes o símbolo da redenção pela divisa dos sectários de Comte.

Nem mais um momento de descanso no descambar, dia por dia, mais acentuado, para um estado impossível – talvez para a completa ruína.

É, sem dúvida, por ter aprofundado estas inequívocas relações, que Rui Barbosa, a mais luminosa mentalidade das falanges republicanas da presente geração de brasileiros, digno émulo de Castellar<sup>10</sup>, o maior vulto da Espanha, disse da tribuna do

---

10 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra talvez refira-se aqui a Emilio Castelar y Ripoll (1832 – 1899), político e escritor espanhol, penúltimo Presidente da Primeira República Espanhola. Assim como o nosso Rui, foi considerado um orador excepcional e valoroso defensor da liberdade e da democracia. (Fonte: *Wikipedia*)

Senado, em monumental discurso: “a experiência política reconciliou-me intimamente com as crenças religiosas”.

A mudança da forma de governo não muda o caráter de um povo – e, se ela for para mais elevada concepção sociológica, a consequência deve ser a depuração daquele caráter.

Nós, portanto, devíamos ficar melhores; e no entanto, primamos ao ponto de vermos o que nunca se viu no Brasil, atacar-se a suprema autoridade à golpes de punhal.

Não é a República a responsável pelas misérias “dessa escuridão sem estrelas – desse longa eclipse das nossas esperanças, por entre a qual parecemos fazer, caminho do desconhecido, a romaria da desgraça”, como disse Rui.

O responsável é quem, no lugar da cruz, plantou o ceticismo, cofre de “paixões adventícias, que nos barbarizam – de fanatismos de importação, que nos embrutecem”.

E, estejamos certos, enquanto se fizer a política de seita – enquanto não se fizer a política da cruz, que tem guiado os povos nas vias do progresso, nossos males continuarão e agravar-se-ão.

Não queremos dizer, com isso, que voltemos a ter a religião do Estado; mas sim, que afastemos a influência maléfica, que planta a descrença e a negação e abracemos o *credo* de nossos pais, que tem sido a aura fecundante das glórias e grandezas dos povos cristãos - e que já foi a nossa.

“Se, disse o grande orador, a quem nos temos referido, o apelo dos que pensam no futuro e creem nas leis eternas, que governam o mundo moral, cair no espírito dos que dirigem o mundo político como sementes na areia – se os responsáveis pela solução do problema contemporâneo do Brasil continuarem a se paralisar nessa timidez quase criminosa, deixando perder os poderosos elementos de reação vital que se lhes oferece nas boas qualidades nativas de nossa raça, ainda não estragada de todo pelas propagandas perversas, pelos exemplos atrozes e pelas irresponsabilidades funestas [...] então só resta esse recurso sobre todos solene, benfazejo sobre todos, que os povos mais livres e maiores do mundo não esquecem nas horas mais gratas, como nas horas mais tristes de sua vida – e que nós, por influência de um ceticismo, que a nação não partilha, excluímos dos nossos usos; só nos resta voltar os olhos para o céu e buscar o remédio no seio do Todo Poderoso[...]”.

Não é um homem vulgar, é o maior vulto da nossa pátria, nos tempos que correm, quem lembra o recurso a Deus, que a política comtista considera simples hipótese.

Rui não se teme do ridículo – nós o acompanhamos na hombridade de dizer tais e quejandas verdades.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 13-11-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00131.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00131.pdf)

## Artigo CDLXXXIV

### Gazeta da Tarde, 22-11-1897

A Igreja romana, tomando as palavras de Jesus no sentido literal, ensina a salvação e a perdição eternas.

Por esse modo de compreender o Evangelho, a humanidade se divide, depois da morte, em bem-aventurados e condenados a penas sem fim

Refletindo-se criteriosamente sobre tal lei, que a Igreja diz ser divina, o simples bom senso reconhece-lhe o caráter humano.

Pode-se admitir que a pena seja desproporcional ao delito – que as faltas temporárias sejam punidas por toda a eternidade?

Se assim fosse, a justiça de Deus seria inferior a dos homens, que procura, quanto possível, uma relação exata entre o delito e o castigo.

Pode-se aceitar, mesmo como hipótese, que o Pai de puro e infinito amor dê a vida a uns e a morte a outros de seus filhos, todos gerados naquele amor sublimado?

Se assim fosse, Deus seria inferior ao homem, que reparte o amor paternal com equidade, pelos filhos bons e maus, se não dá mais a estes, por ter deles piedade.

O ensino da Igreja não se compadece com os atributos e perfeições infinitas do Criador.

E, pois, falta-se o critério infalível da verdade, que é: tudo o que exalta aqueles divinos atributos é verdade – tudo o que o deprime não é verdade.

Mas a Igreja firma-se no Evangelho – e o Evangelho é a mais perfeita expressão da verdade.

Sim, a Igreja firma-se no Evangelho; mas o Evangelho, devido ao atraso da humanidade foi dado sob o véu da letra, para ser entendido em espírito e verdade, quando o homem tiver feito o competente progresso.

É assim que, falando o divino Jesus em fogo eterno – em trevas eternas – e coisas análogas, nos dá, de par com isto, a Parábola do Filho Pródigo<sup>11</sup>.

Sob o véu da letra, esta parábola não passa de um conto sem significação; mas aquele Espírito de uma elevação impossível de ser sequer imaginada pelo homem, fez ou disse alguma coisa sem significação – sem altíssima significação? Seria blasfêmia supô-lo.

Na parábola do – Filho Pródigo – encerra-se, portanto, como em toda a palavra e em todo o exemplo do Cristo, altíssimo conceito, que é preciso procurar descobrir sob os refolhos da palavra.

A Igreja, admitindo, com o símbolo dos apóstolos, a remissão dos pecados, explica a parábola naquele sentido; isto é: como prova de que o pecador que se arrepende recebe o perdão de Deus; mas isto, sem prejuízo das suas penas eternas, em que baseia quase todo o seu poder.

A Igreja aceita a remissão dos pecados pelo arrependimento; mas somente quando se dá até à hora da morte. Daí em diante, a pena é irremissível.

O mais superficial estudo, feito sem preconceitos, produz a perfeita convicção de que a parábola não tem restrições.

Seu espírito é: todo o que se arrependeu do mal que fez será perdoado.

Não há tempo para o arrependimento produzir aquele efeito; pois que ele é ato do Espírito, e o Espírito não se altera, não muda de ser, quer no estado de encarnado, quer no de desencarnado.

O Espiritismo o demonstra experimentalmente, fazendo apreciável a graça que recebe o Espírito, endurecido no mal, mesmo como Espírito, quando se arrepende e pede perdão de suas faltas.

Não há, pois, tempo marcado para o arrependimento, que é em todo o tempo uma renúncia de todo o mal, e o que renuncia ao mal não pode ser, com justiça, punido pelo que fez, mas renunciou.

---

11 (Nota do Organizador) Vide Lc. 15: 11-32.

Assim como esta restrição é pura obra humana, pura obra humana é também a que se lhe refere: de se salvarem uns e se perderem outros.

Se o espírito da parábola é: perdão a todo o que se arrepende –, e, para arrepender-se não há tempo determinado; a consequência é clara – positiva – terminantemente, a salvação universal.

Para se estabelecer uma exceção, fôra preciso admitir a possibilidade de haver um Espírito que, oprimido de penas, recusasse eternamente passar desse estado ao gozo da felicidade.

Não há na natureza humana quem leve a tal ponto o capricho ou a obstinação no mal.

E, pois, que a salvação depende da vontade do pecador, como acreditar que seja ela partilha de uns tantos, que não de todos os homens ou Espíritos?

A Parábola do Filho Pródigo é, portanto, compreendida em espírito e verdade, a promessa categórica da salvação universal.

O Espírito delinque por seu livre-arbítrio; por seu livre-arbítrio se reerguerá da queda; sofrendo, durante todo o tempo que gasta nos desvios da lei, a pena ou castigo, que brota da falta ou culpa, como da pele o suor pelo calor.

Tudo, pois, depende da vontade do ser humano, tanto para o bem como para o mal – tanto para o prêmio como para o castigo – e, ainda, para a duração deste.

A pena eterna é a interpretação do Evangelho, segundo a letra, que mata – a salvação universal é a interpretação em espírito e verdade, que vivifica.

E a razão humana não encontra vestígios da divindade na primeira – e encontra seu Deus e seu Pai celestial na segunda.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 22-11-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00139.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00139.pdf)

## Artigo CDLXXXV

### Gazeta da Tarde, 27-11-1897

As desventuras das pessoas boas são contradições com a Justiça de Deus?

Será bom que o justo sofra, ao tempo em que o mau goza?

Inquestionavelmente, não há razão que aceite uma resposta afirmativa.

Como, então, se dá o fato que escandaliza, incessantemente, à humanidade?

Se recorremos à ciência, respondem-nos os sábios: esta questão não pertence ao círculo das nossas cogitações.

Voltamo-nos para a religião – para a católica, que tem sede em Roma, e que se diz inspirada pelo Espírito Santo – e recebemos resposta: não compreendeis os milagres do amor de Deus. O bom sofre na vida transitória, para gozar na vida eterna; assim com o mau goza na primeira, para sofrer na segunda.

Este habil jogo de palavras acalma os sobressaltos de muitas consciências – parece reduzir a pó toda a dúvida ou objeção contra a justiça soberana – e inúmeras vozes clamam: a Igreja romana dá a perfeita significação do fato, que vemos reproduzir-se a cada canto e a cada hora.

Fora, porém, do círculo sacerdotal e dos que abraçam cegamente os ensinamentos romanos, uns reles pensadores, que julgam indigno do ser racional o *credo quia absurdum*<sup>12</sup>, meditando sobre a explicação romana, recuam horrorizados.

---

12 (Nota do Organizador) Locução latina, “creio porque é absurdo”, usada indicar que a fé, para crer, não necessita de se compreender, erroneamente atribuída a Tertuliano e também a Sto. Agostinho. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)



A explicação acusa mais que o fato explicado as divinas perfeições!

Se todos os homens são filhos de Deus – e, se a salvação eterna é o prêmio das boas obras; é intuitivo: que dar o Pai a uns o sofrimento que é a escada do subir – e não dá-lo a outros, pode isso ser tudo, menos amor igual – menos imparcialidade – menos justiça.

Deus, pois, tem preferências e exclusões – e quem as têm não pode ser considerado imparcial e justo.

Eis, portanto, como a Igreja, para rebater falsos juízos contra a justiça de Deus, acusada pelo fato de sofrerem boas criaturas, emprega um meio que recusa mais positivamente aquela soberana justiça!

O bom sofre, porque Deus lhe dá o sofrimento para salvá-lo; uma graça especial, que não faz a todos os seus filhos!

Não fala à razão nem à consciência semelhante explicação.

E, pois, nem a ciência, nem a religião, entendida pela Igreja romana, dão à razão esclarecida e não dominada de fanatismo uma explicação satisfatória do fato que está em discussão.

Quem virá, então, dissolver as trevas, que envolvem tal fato – e trazer luz, que faça, nele e por ele, rebrilhar o supremo atributo do Criador?

Quem virá fazer ver aos cegos: que o sofrimento do bom é obra de sublime justiça?

O Espiritismo – só o Espiritismo, Revelação da Revelação, pode levar a luz àquele mistério.

Esta Revelação, científico-religiosa, ensina que o homem (Espírito) é criado em completa ignorância e em completa insensibilidade moral, tendo, porém, por destino necessário, elevar-se ao maior saber e à mais alta virtude.

Para isso, Deus lhe dá (dá a todos) quantas existências corporais lhe forem precisas.

No fim de cada ano, como no de um ano letivo, numa faculdade, vem o exame, obra exclusiva da própria consciência, e o Espírito sobe de grau na escala do progresso, se desenvolveu sua intelectualidade e sua moralidade; ou volta a repetir as provas, se não fez o que devia.

Por esta lei, que é hoje patente a quem quiser dar-se ao trabalho de procurá-la, um Espírito que delinuiu na passada existência e que, arrependido do que fez, pede nova existência para emendar seus erros, sofrendo o que fez outros sofrerem;

Este Espírito, reencarnando, se perseverar na missão reparadora, que pediu, é, por isso mesmo bom – e forçosamente sofre; porque ser bom e sofrer foi o que pediu, para resgatar suas passadas culpas, a fim de progredir.

No caso, porém, de não perseverar em sua missão reparadora e de se deixar novamente arrastar pelas tentações da vida terrena, será mau e gozará; mas não adiantará um passo na escala do progresso – e sofrerá, depois da morte, as penas das transgressões da lei, agravadas pela reincidência.

Deus, pois, entrega a todos os seus filhos o seu próprio destino; dando a todos idênticos meios de o realizarem, com a liberdade de usarem deles ou de os desprezarem.

Assim, aquele que usa deles para o bem, que é bom, sofre; não por ser bom, mas por ter sido mau – não por uma preferência de Deus, mas por obra de sua própria vontade.

E aquele que usa deles para o mal, que é mau, goza, não por uma exclusão de Deus, mas, igualmente, por obra de sua vontade.

A justiça far-se-á, indefectivelmente, quer sobre um, quer sobre outro.

Ao que satisfaz, na vida corpórea, o compromisso de lavar suas culpas, pelo sofrimento, e pela conformidade de suas ações com as leis divinas, o prêmio proporcional ao merecimento feito.

Ao que não satisfaz seu compromisso, desgarrando do caminho do bem, por preferir os gozos e as felicidades terrenas; a pena, também proporcional às responsabilidades acumuladas.

Eis o que pensam, sobre o caso, os que não são sábios nem católicos romanos, mas simplesmente cristãos em Cristo.

Se a explicação espírita é obra de loucos ou de endemoniados, benditas sejam a loucura e a danação.

Ela satisfaz às exigências da razão e eleva, em vez de rebaixar, como faz a Igreja, os supremos atributos do Criador.

Não admira, pois, que condenaram da tribuna sagrada a Doutrina que ostenta sua superioridade sobre as práticas farisaicas do novo sacerdócio, imbuído nos gozos da vida material!

Oh! quão tremendo há de ser o seu desengano!

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 27-11-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00144.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00144.pdf)

## Artigo CDLXXXVI

### Gazeta da Tarde, 04-12-1897

Uma corrente, que se avoluma todos os dias, e que se insinua em todas as sociedades, ameaça derruir toda a ordem social, cavando um abismo para onde impele toda a humanidade. É o Socialismo anarquista.

O Socialismo, em sua legítima acepção, será porventura a fórmula mais aperfeiçoada, mais adiantada que o republicanismo, do governo livre – da organização social do futuro; mas, para isto, é mister que assente, como toda a ordem social, nos altos princípios da moral e da religião.

Sem essa condição, a própria república, judiciosamente considerada a superior forma de governo do nosso tempo, a que já corresponde alto grau de progresso da humanidade, não poderá dar os saborosos frutos, com que contam os que cultivam a preciosa árvore.

E não dará tais frutos, porque, [sem]<sup>13</sup> o devido respeito às leis morais ensinadas pelo Cristo, nem poderá ser perfeita a justiça da parte da massa dirigente, nem completa a submissão da parte da massa dirigida; dupla e essencial condição para o engrandecimento e a felicidade dos povos.

Dissemos: submissão, no bom sentido da palavra. Não submissão do escravo aos caprichos do senhor; mas sim a submissão da vontade livre ao justo preceito da lei, que encaminha todos

---

13 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “com”, o que deixaria o parágrafo sem sentido. Decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material, tipográfico.

para o bem comum, para o progresso material e moral, para a felicidade das nações.

Sem contenção moral, o forte não tem escrúpulos<sup>14</sup> em abusar da sua força; o rico guarda só para si sua riqueza; o depositário do poder considera-o sua propriedade; e o fraco, o pobre, o simples cidadão não se conformam com suas tristes condições, que se tornam insuportáveis à vista do quadro das grandezas dos outros.

Em vez do amor, que é o laço que deve ligar os homens em uma única família, e que liga a grande família ao Pai comum; o ódio, a inveja, o desespero, a semente mais terrível das guerras, e a tornarem impossível a grandeza das nações, e, por esse modo, a felicidade dos povos.

Desde que uma escola anticristã, e o próprio Cristianismo mal compreendido, plantaram a irreligião no seio das sociedades, romperam-se os diques da paciência dos povos, e lavrou a luta que cresce dia a dia, entre o operário e o patrão, entre o cidadão e o governo; aquele, atacando a propriedade, este atacando a autoridade.

Nada mais lógico. Sem a contenção moral, o homem é entregue a seus instintos naturais, e não há animal que os possua mais ferozes.

Entre nós a escola anticristã levou sua propaganda ao extremo de proibir o ensino religioso nas escolas públicas primárias – e de suprimir do programa do ensino secundário a filosofia, de todas as humanidades a que mais esclarece a inteligência – a chave, por bem dizer, de todos os exercícios intelectuais; e isto porque a pobrezinha ensina a existência de Deus e a da alma imortal; o que escandaliza a razão e a consciência dos que julgam mais nobre aparecer e desaparecer como os cogumelos.

E, desde que assim se fez, e que se disse ao povo: Não há Deus – goze cada um, aqui, quanto puder; porque depois daqui, o *nada*; começou o que nunca tinha havido, o movimento reacionário, que já perturba a paz e a ordem das nações – e desponta no Brasil.

---

14 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui o verbo *escrupulizar*, que não localizamos nos dicionários atuais, pelo que decidimos substituí-la pela expressão corrente equivalente.

Grande é a ciência do velho mundo, e cada um dos seus Estados possui, na direção dos negócios públicos, vultos de primeira grandeza.

No entanto, sábios e estadistas ainda não conseguiram achar o valor do – X – do grande problema: o Socialismo.

Não é necessário ser profeta para prever que esta questão avassalará o mundo inteiro, arrastado pelo egoísmo e pela ignorância, a um caos em que predominará o poder da força.

Os próprios autores desse movimento serão suas primeiras vítimas, porque não há garantias para ninguém, quando tem desertado do seio da sociedade toda contenção moral; o temor e o amor de Deus.

A ciência confessou-se impotente para resolver a magna questão – e, se ainda trabalha nesse sentido, seu trabalho mais acende que aplaca a terrível labareda.

Roma já tentou o que a ciência não conseguiu. mas, a despeito de sua voz, a chama cresce em violência.

Como assim, se Roma se diz depositária das verdades eternas – e se no Evangelho e só no Evangelho podem estar seguros, é que se encontram os remédios para todos os males da humanidade?

É porque Roma, com sua interpretação do Evangelho segundo a letra, é a principal origem e causa primordial de toda a descrença, de toda a irreligiosidade.

É ela que dá ao poderoso o direito de esmagar o fraco, consagrando o Papa – rei – é ela que dá ao rico o direito de menosprezar o pobre, vestindo galas em meio dos andrajos da miséria da maior parte dos que a cercam – é ela que faz do ouro o bem desta vida e o meio de conquistar a própria bem-aventurança da vida eterna.

A doutrina romana, se não acende a chama, como a irreligião, não tem o poder de apagá-la, porque não se baseia no espírito do Evangelho, que importa arrancar de sob o véu da letra.

Só o Espiritismo, Revelação prometida por N.S. Jesus Cristo, para ensinar o que Ele não pôde fazer, por causa dos atrasos da humanidade de seu tempo – só este, firmado no espírito do Evangelho, tem luz e poder para resolver não somente esta, como todas as questões sociais – todas as questões humanas.

Como assim? perguntar-nos-ão os que não conhecem a sublime Doutrina ou a encaram unicamente por seu lado científico.

Como assim; se acabais de dizer que a ciência é impotente para descobrir o valor do X desta magna questão social?

A resposta da-lo-emos no próximo artigo.

Max

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 04-12-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00150.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00150.pdf)

## Artigo CDLXXXVII

Gazeta da Tarde, 11-12-1897

Três homens mourejam toda a vida por ganhar o pão, para si – para suas doces esposas – e para os caros filhinhos, sem conseguirem jamais resguardar os amados de seu coração das privações – da fome – do frio – e de todo o mal que produz a falta de recursos.

E tem, junto de si, à vista dos seus olhos outros homens, a quem sobram recursos, cujas esposas nadam em grandezas, cujos filhinhos vivem rodeados de tudo o que pode fazer seus enlevos e sua felicidade.

O *primeiro* destes não crê em Deus – não crê na existência da alma – não crê, portanto, em responsabilidades morais, porque, para ele, seu ser extingue-se no *nada*, desde o momento da morte.

O que poderá conter este homem, na satisfação de todos os seus perversos desígnios, a não ser o temor das leis humanas, tão iludíveis – e tão facilmente acomodáveis a certas conveniências?

Constituí uma sociedade com gente desse jaez; e dissei-nos: que garantias haverá para a liberdade – para o direito – para a justiça?

Quem salvará aqueles a quem sobram recursos, cujas esposas nadam em grandezas, cujos filhinhos vivem rodeados de tudo o que pode fazer seus enlevos e sua felicidade; quem os salvará da fúria do desespero dos que vivem em miséria?

Será uma sociedade em guerra constante de seus elementos, uns contra os outros; em que os próprios esposos desconfia-

rão um do outro – em que cada um seguirá seus instintos, tendo apenas o cuidado de ocultá-los aos olhos dos outros!

O *segundo* dos três, crê em Deus – crê na imortalidade de sua alma – crê na responsabilidade que lhe advém de suas obras, na vida; mas insinua-lhe que Deus é um tirano vingativo, que permite ao demônio, tão forte como o próprio Deus, arrastar as almas à perdição, por toda a eternidade – por toda a eternidade – sem fim – sem fim!

Viver na miséria e ter quase a certeza de ir, depois da triste vida, sofrer no fogo eterno, pois que só os predestinados têm o poder de resistir ao demônio, não é para irritar, revoltar, matar a fé? E, perdida a fé, o que fica ao coração senão o desespero e a incredulidade?

Assim como assim<sup>15</sup>, porque escrupulos em procurar o bem para a cara esposa e para os amados filhinhos, evitando roubar subterfugiosamente, ou por violência, aqueles a quem sobram recursos, cujo confronto torna mais insuportável sua triste posição?

Constituí uma sociedade com gente tal, e se não tiverdes uma aglomeração de desabusados, como a primeira, tereis uma mistura indigesta de receios e crimes, de vacilações e danações; porque, enfim, entre seus membros, nem todos se atirarão ao desespero, e, entre os que se atirarem, nem todos perderão completamente a noção do dever e do bem; que lhes mesclaram no ensino de perdição.

O *terceiro* dos três, crê em Deus, mas num Deus de piedade e de justiça – crê na existência de sua alma imortal, filha do Eterno e herdeira dos tesouros do seu infinito amor – crê na salvação universal, porque o Pai não pode votar à perdição filhos gerados em seu amor – crê, finalmente, no progresso do Espírito para a perfeição angélica, mediante vidas sucessivas e solidárias, pelas quais acumula saber e virtudes – e numa expurga-se dos erros e faltas de outras.

Com esta crença, ele compreende que suas misérias, nesta vida, são o meio expiatório do mal que fez, no passado; mal que será uma barreira à sua felicidade eterna. E mais: que se abraçar

---

15 (Nota do Organizador) O mesmo que “de qualquer maneira”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)



este sofrimento, como o enfermo abraça a tisana amarga, que deve salvar-lhe o corpo da morte, fará jus a um lugar na mesa da caridade divina – no seio dos eleitos do Pai que, em seu amor, dá a todos os meios de regeneração – e, em sua indefectível justiça, exalta a todos os que sabem aproveitar sua caridosa esmola.

Este homem ama a sua miséria – ama-a, em si – em sua esposa – e em seus filhinhos, porque sabe que também eles faliram e então pagando sua dívida, à sua sombra – e serão com ele, um dia, no reino da felicidade e da abundância.

Este homem olha para aqueles a quem sobram recursos, cujas esposas nadam em grandezas, cujos filhinhos vivem rodeados de tudo o que pode fazer seus enlevos e sua felicidade – olha para esses sem inveja, porque não trocaria sua sorte pela deles, porque sabe que, se desses recursos eles não fizerem bom meio de purificação de sua alma, ouvirão, no dia do juízo, estas terríveis palavras:

“Já recebeste a tua recompensa”<sup>16</sup>.

Constituí com gente dessas uma sociedade e tereis, na Terra, uma imagem, embora pálida, da sociedade dos anjos.

O *primeiro* dos três é o materialista – o *segundo* é o católico romano – o *terceiro* é o espírita, cristão segundo o Evangelho, entendido em espírito e verdade.

E agora, respondendo à pergunta: como o Espiritismo resolve a magna questão do Socialismo, diremos: resolve-a ensinando ao povo – ao que sofre – ao pequenino: que sua condição, triste, no modo mundano de julgar, é seu maior tesouro aos olhos de Deus, se a levarem com resignação e alegria – ensinando; que o pobre de hoje foi o rico de ontem, e que foi por não saber ser rico, segundo o ensino de Jesus, que precisou vir pobre, pequenino e sofredor – ensinando: que sua atual condição, se bem souber amá-la, será a escada, juncada de flores, por onde subirá ao reino do amor e da justiça, ao paraíso dos felizes – ensinando, finalmente, que ele próprio pediu tal condição, e portanto que não deve renegar a graça que Deus lhe fez.

Espalhai esses ensinamentos; ó vós que governai os povos – e quando vossa sociedade estiver na posse deles, o Socialismo, este que vem armado dos instrumentos de destruição, desaparecerá

---

16 (Nota do Organizador) Mt.6:2.

da face da Terra, onde prevalecerão a paz – a harmonia – a fraternidade – o amor – e a liberdade, todos arrolados pela verdadeira religião, sem a qual *ordem e progresso* são palavras que o vento leva.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 11-12-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00156.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00156.pdf)

## Artigo CDLXXXVIII

### Gazeta da Tarde, 18-12-1897

Lemos em jornais de meses passados a infausta<sup>17</sup> notícia de ter-se suicidado o Barão de Itapuã<sup>18</sup>, um dos maiores vultos científicos da classe médica do Brasil.

Este fato deu-se quase que ao mesmo tempo que aqui, na capital, sucumbia de contrariedades outro médico, também ilustrado, que impressionou-se pela perda de uma cadeira, na Câmara dos Deputados, até perder a razão.

Um suicídio e uma loucura, por contrariedades da vida!

Nesses casos, não procuram os nossos jornais inquirir qual a causa determinante de tão lamentáveis desgraças.

São contingências a que está sujeita a humanidade!

Se os infelizes e ilustres, vítimas de imperdoável fraqueza, fossem espíritas, que gritaria atordoadora levantar-se-ia contra o Espiritismo!

Os dois distintos cavalheiros são positivistas – são materialistas – são ateus! Não foi por obra de suas crenças que fraquearam, como fraqueou o próprio chefe da escola positivista – como fraqueou o maior vulto que ele tem tido no Brasil<sup>19</sup>.

---

17 (Nota do Organizador) Infeliz, funesta. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

18 (Nota do Organizador) Adriano Alves de Lima Gordilho, segundo Barão de Itapuã (1830 –1892), foi médico e professor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia, como também Conselheiro do Império. (Fonte: *Wikipedia*)

19 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui, respectivamente, a Auguste Comte e Benjamin Constant. Ambos tentaram o suicídio em momentos difíceis de suas vidas.

Entretanto, não é tempo perdido estudar qual das duas escolas pode arrastar à loucura e ao suicídio.

O materialista, não admitindo a existência da alma – considerando o homem exclusivamente matéria, que se decompõe pela morte e se rende a seus primitivos elementos, não lhe dá sobrevivência – fá-lo acabar com o corpo.

Depois desta vida, o – nada!

O materialista, pois, não admite a responsabilidade da alma, mesmo porque não admite o juiz supremo: Deus.

Sendo assim, é lógico considerar a vida como ninho de gozar e não de sofrer – e de acabar com o sofrimento, acabando com a vida.

O que perde quem tem de ser reduzido a nada, por entrar no nada mais cedo ou mais tarde – por obra da natureza ou de sua própria vontade?

O mau juízo da sociedade? Mas o que importa ao nada o juízo que se faz do que foi alguma coisa?

O materialista, portanto, é corretamente lógico, recorrendo ao suicídio, para livrar-se das contrariedades da vida – e é indignamente contraditório, suportando tais contrariedades para viver mais alguns dias.

O espiritualista, porém, acreditando na existência da alma – em na sobrevivência – em sua imortalidade – em sua responsabilidade – e [na]<sup>20</sup> existência de Deus, que o criou para um fim, recua do suicídio, como se recua de um abismo; porque abismo sem fundo é aquele em que o suicida lança a alma.

E, se o espiritualista for espírita, para quem Deus criando o Espírito, deu-lhe todos os meios de desenvolver sua perfectibilidade, constituindo-o senhor de seu destino, pela liberdade a mais completa e dá-lhe as vidas corporais como o crisol, em que se depura de suas impurezas, para progredir, se o espiritualista for espírita, muito mais recuará.

Para o espírita, além de ser uma transgressão da lei de Deus, como a considera o espiritualista em geral, é o desbarato da própria fortuna, que é a soma dos merecimentos morais e intelectuais, que se conquistam na vida, para servirem de títulos à promoção na ordem dos Espíritos<sup>21</sup>, para servirem de degraus na

---

20 (Nota do Organizador) O texto original ficou aqui algo truncado, por conta de pequeno erro tipográfico, que decidimos corrigir, com esse ligeiro acréscimo.

21 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra “espíritas”, pelo que

mística escada, que conduz à perfeição, à felicidade sem sombras nem eclipses, a Deus.

Para o espírita, o suicida equivale ao louco, que corta a corda atirada por mão amiga, para retirá-lo do fundo poço em que desastrosamente caiu, e onde tem de finir-se, para trazê-lo ao ar puro onde respirará força e vida.

A corda é a vida corpórea, pela qual, se bem usarmos de nossa liberdade, erguer-nos-emos do fundo poço em que caímos pelo mau uso de nossa liberdade, pelo arrastamento de nossas paixões carnis – e a mão amiga, que no-la atira, é Deus, que em seu amor por todos os seus filhos, não os condena por seus erros – por suas faltas – por seus crimes mesmo, mas pune-os para corrigi-los – para que se façam dignos de entrarem na posse da sublime herança, que talha para todos – e que dá-lhes a vida corpórea, quantas sejam precisas, para resgatarem aqueles erros – aquelas faltas – aqueles crimes.

Cortar, pois, o fio da existência, tão precioso dom do Pai de amor, não é o mesmo que cortar a corda da salvação, quando nos achamos em fundo poço, donde não poder sair senão por ela?

O verdadeiro espírita considera a vida como o pão da alma – como a esmola do Pai; e, portanto, nunca tentará contra ela.

Se ela é tranquila, louvará quem lha deu assim – se é dolorosa, louvará ainda, porque sabe que a si o deve – e que só assim resgatará, em próprio proveito, o grande passivo que acumulou.

A dor é, para ele, a moeda bendita do seu resgate, como bendita é a faca, que corta o membro gangrenado para salvar a vida.

Esta salva a vida do corpo – aquela salva a da alma.

Alimentado por semelhantes crenças, firmadas em infalíveis experiências, que não na fé passiva dos católicos romanos, o espírita não pode fraquear diante das maiores adversidades, que são para ele a parte da verdadeira felicidade.

Nem se atirará ao suicídio, nem se conturbará ao ponto de perder a razão.

Ao suicídio recorrerá o infeliz que não tiver a crença espírita, pela qual saberia que o suicida, depois de passar por horríveis tormentos, no Espaço, volverá à Terra, em vida mais tormentosa que a que cortou criminosamente.

E quanto à loucura, compreende-se que dificilmente chegará a tal estado, quem recebe com resignação os mais duros golpes da adversidade.

Está claro que não falamos da loucura devida à moléstia do órgão do pensamento: o cérebro; mas sim da loucura que a ciência ainda não capitulou – e que nós chamamos obsessão, tão real como aquela<sup>22</sup>.

Quem mais sujeito a esta: o que tem fé e procura a luz, ou estes que negam Deus e se entregam voluntariamente ao *demônio*, Espíritos ainda imbuídos de todo o mal?

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 18-12-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00162.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00162.pdf)

---

22 (Nota do Organizador) Sobre a loucura por obsessão vale sempre a pena lembrar o clássico *A Loucura sob novo Prisma*, de autoria do próprio Dr. Bezerra, um dos estudos mais completos até hoje publicados sobre o assunto. Edição da Federação Espírita Brasileira. Sobre o suicídio, há igualmente outro clássico, de inestimável valor e leitura obrigatória, para todo espírita, *Memórias de um Suicida*, de Camilo Cândido Botelho (pseudônimo do autor português Camilo Castelo Branco), psicografia de nossa amada Yvone do Amaral Pereira. Também edição FEB. Há outros artigos importantes sobre o suicídio, nos volumes desta coleção, que convém aqui lembrar: No primeiro tomo, o Artigo XVIII, em *O Paiz* de 19.02.1888; no terceiro tomo, o Artigo CCLI, também em *O Paiz*, de 21.08.1892; e finalmente, no quarto volume desta coleção, três belos artigos sobre a recusa da Igreja em orar pelos suicidas: Artigos CCCLIX, de 24.09.1994; CCCLX, de 01.10.1894 e CCCLXI, de 08.10.1894, todos em *O Paiz*.

## Artigo CDLXXXIX

### Gazeta da Tarde, 25-12-1897

Vamos hoje dizer exclusivamente para os espíritas e para aqueles que desejam compreender o Evangelho; luz para a vida, não mais segundo a letra, que mata, mas segundo o espírito, que vivifica.

“Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou a Ti, Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos”. (Mt. 11:25)

Quem lê este versículo, e procura entendê-lo pela letra, sai convencido de que o Senhor *trata a uns filhos* com rigor e outros com amor: aos sábios, nega o que concede aos pequeninos – tem, pois, preferências e exclusões.

E assim a compreende a Igreja romana, como o atesta o seu dogma das penas eternas, em virtude do qual os filhos são separados em duas classes: a dos eternamente desgraçados – e a dos eternamente felizes.

Mas, como aceitar o Pai, e principalmente o Pai de infinito amor, aconselhando a uns e repelindo a outros de seus filhos?

Se assim fosse, a perfeição infinita ficaria abaixo da imperfeição humana!

Logo: nem o texto evangélico pode ser entendido à letra – nem o dogma católico pode ser aceito, sem ofensa das infinitas perfeições do Senhor.

Se assim fosse, Deus não seria Deus!

Procuremos, pois, entender o texto em espírito e verdade – e encontraremos sua real interpretação, conforme com as grandezas do Eterno, e de modo a magnificá-lo, em vez de deprimí-lo.

O Espírito humano [tem]<sup>23</sup>, pelo dom da liberdade, o poder absoluto de conquistar o mais alto grau da perfectibilidade, de que é dotado.

O bom uso daquele sublime dom fá-lo marchar, direito e rápido, para o alto destino, que é a herança das graças paternas, talhada para todos os filhos, sem exceção de um.

O mau uso, porém, fá-lo desviar-se do caminho, que leva às gloriosas alturas – e retardando a ascensão, determina as tristes condições em que vemos o homem na Terra.

Este, pois, tem, dependentes de sua vontade, pelo uso que faz de sua liberdade, sua boa ou má condição – suas glórias ou suas tristezas – seu voo ou seu retardo nas vias do progresso – sua rapidez ou demorada posse da gloriosa herança, talhada pelo Pai.

E, se o que marcha, sempre obediente aos preceitos divinos, faz sua revolução por entre risos e flores, prelúdios da felicidade arcangélica, que espera a todo o que [segue]<sup>24</sup> o reto caminho; o que, tomado do orgulho de seu próprio valor, despreza aqueles preceitos, esquecendo a humildade, que lhe descarna a nulidade do seu ser, demora sua evolução por todo o tempo de seu transiamento – e, por todo esse tempo, sofre as penas da transgressão da lei, como ser responsável; por isso que é livre.

O orgulho, mais ou menos disfarçado, é o principal motor da queda dos anjos, de que fala a Bíblia; anjos humanos – Espíritos criados perfectíveis, que outros não há, e que caíram porque, inchados do orgulho, desprezaram os divinos preceitos, postos todos no intuito de lhes facilitarem o caminho da suprema felicidade pela prática do bem<sup>25</sup>.

---

23 (Nota do Organizador) O texto original traz nesse ponto o verbo ter no passado, teve, mas preferimos corrigir, para manter esse parágrafo em sintonia com a sequência do texto, toda feita no presente, referindo-se a características eternas do Espírito humano.

24 (Nota do Organizador) Ficou faltando o verbo na frase, no texto original, pelo que o inserimos.

25 (Nota do Organizador) IMPORTANTÍSSIMO esse parágrafo sobre a chamada Queda dos Anjos, tão amiúde comentada por Dr. Bezerra em seus artigos, porque mostra bem a diferença da crítica, feita por ele, oportuna e sabiamente,



Sofrem as penas impostas pela justiça, eterna justiça, que é amor, porque tem por fim aguilhoar o errado, para que se converta à verdade e ao bem, para sua própria felicidade.

Sendo assim, os pequeninos da Terra, não tendo de que se orgulhar; não cogitam de abrir caminhos seus, mas seguem o que a todos abriu o Pai, desde o princípio dos tempos; e, pois, recebem, em seu percurso, a luz, as misericórdias, as graças, que o Senhor derrama sobre todos os que caminham por aquela senda.

Não é um privilégio – não é uma preferência – é uma graça feita a todo o que, bem usando de sua liberdade, se fizer digno e merecedor dela.

Justiça! Absoluta justiça!

Os grandes, porém, os sábios e entendidos, dando geralmente mais apreço aos fulgores da ciência do que às misericórdias de Deus, que, se admitem, consideram-nas coisas muito pouco proveitosas a quem colhe, por seu saber, a fama e a glória, senão, também, a riqueza; rejeitam o caminho iluminado pela luz celeste – e, pois, privam-se dela por obra de seu próprio livre-arbítrio, como, por seu próprio livre-arbítrio, aproveitam-na os pequeninos.

Tudo em justiça – justiça absoluta!

Se pois, Deus *esconde estas coisas aos sábios e entendidos*, é porque estes seus filhos muito livremente recusam colocar-se na condição de merecê-los, como é lei para todos.

Não há exclusão!

E, se as *revela aos pequeninos*, é porque estes filhos seus livremente se colocam na condição de merecê-las, na conformidade com a lei posta para todos.

Não há preferências!

Jesus, pois, falando como falou, tinha em mente a lei da suprema justiça, pela qual a graça é dada na medida do merecimento, sem preferência nem exclusão de ninguém.

E, como bem sabia ele que os sábios, em geral, vivem mais para o orgulho de suas obras do que para a humildade, que glo-

---

contra a interpretação romana do mito, toda literal – entendendo os anjos como seres criados à parte da humanidade, e com a possibilidade de uma rebeldia eterna, a desafiar permanentemente a autoridade divina – e a interpretação espírita, aqui exaltada, compreendendo o mito na profundidade de seu simbolismo, em espírito e verdade, referindo-se à origem do mal e do Universo físico ou material, conforme nos ensina *O Livro dos Espíritos* especialmente nas questões 85, 86, 621 e 621-a, entre outras.

rifica o Senhor; eis porque designou os primeiros como excluídos da revelação superior – e os segundos como dignos de [receberem]<sup>26</sup> uma revelação.

E, pois, a interpretação em espírito e verdade, como a revela e ensina o Espiritismo, magnifica e engrandece tanto o Senhor, quanto a interpretação literal, adotada e animada pela Igreja romana, o torna mesquinho e até odioso.

E aí está porque a Igreja condena o Espiritismo.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 25-12-1897:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1897\\_00168.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1897_00168.pdf)

---

26 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *resolverem*, mas julgamos tratar-se de erro material, pelo que decidimos substituí-la por *receberem*, fazendo, no entanto, esta nota, para registro da alteração.

## Artigo CDXC

### Gazeta da Tarde, 03-01-1898

Há tempos, um dos mais brilhantes astros do nosso firmamento literário, que escrevia no *Paiz*, sob o pseudônimo de N..., suscitou uma questão sobre o livro de Éliphas Levi – *La Science des Sprites*.

Mal aparelhado, por não termos lido aquele livro, cometemos a imprudência de entrar na liça, firmando-nos apenas em alguns trechos escritos pelo ilustrado N..<sup>27</sup>

Desde então preocupou-nos o pensamento de ler e apreciar devidamente o livro que teve o poder de levantar dúvidas na mente iluminada do distinto moço.

Lemos o livro de Éliphas Levi, e temos por dever de consciência expor as impressões que ele nos deixou; mesmo porque o nome do autor podia arrastar a graves erros todo o que mais se deixar levar pela autoridade do que pelo sério exame das opiniões.

As de Levy, no que concerne às questões espíritas, são de uma insubsistência, que não podemos atribuir senão ao espírito de sistema, verdadeiro óbice<sup>28</sup> das mais altas e cultivadas inteligências.

---

27 (Nota do Organizador) Vide a respeito os artigos CCCXXXI, de 05.03.1894 e CCCXXXII, de 12.03.1894, ambos publicados em *O Paiz* e reunidos no 4o. volume desta coleção.

28 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra *observou*, que pareceu-nos um erro material, tipográfico, por não fazer sentido com o restante do parágrafo. Decidimos corrigir o pequeno lapso, substituindo-a por *óbice*, que nos pareceu mais em harmonia com o pensamento de Dr. Bezerra nesse trecho.

Não se avança uma proposição desta ordem, sem fazê-la seguir imediatamente da prova, sob pena de incorrer em suspeita de inconsiderado ou leviano.

Apressamo-nos, pois, em demonstrar os fundamentos de nosso juízo a respeito de Éliphas Levi.

É uma interrupção do estudo que vamos fazer da obra.

Empenhado em combater as manifestações dos Espíritos, Levi vale-se da autoridade do Evangelho, exprimindo-se nestes termos:

“O Evangelho declara que os mortos não podem nem devem jamais voltar, por opor-se à ordem da Providência”.

E, porque previu que perguntar-lhe-iam: onde descobriu isto no Evangelho?, ajunta:

“Eis o texto, que nunca será demais repetir para dissipar os sonhos dos Espíritos: encontra-se no fim do 16º capítulo de Lucas”<sup>29</sup>, e transcreve:

“Segundo a ordem de todas as coisas, entre vós e nós existe um abismo, *que não permite ir daqui para onde vós estais – e vir daí para aqui*” (É Abraão que fala ao mau rico).

“O mau rico responde: eu te suplico, manda Lázaro à casa de meu pai; porque tenho cinco irmãos e ele adverti-los-á porque não venham a ter a este lugar de torturas. E Abraão lhe disse: eles têm Moisés e os Profetas, que os ouçam. E ele replicou: Não, pai Abraão, se alguns dos mortos os visitar, eles se emendarão. Abraão respondeu: se não atenderem a Moisés e aos Profetas, nem mesmo que um morto ressuscitasse, eles o atenderiam”.

Eis os fundamentos, colhidos no Evangelho, na opinião de Éliphas sobre a impossibilidade dos mortos se comunicarem com os vivos.

Apreciemos-lhes o real valor.

O primeiro trecho, o de mais valor para o autor, que é o único escrito em letras maiúsculas – o em que Abraão diz ao mau rico: que não pode Lázaro ir a ele molhar-lhe a língua, porque há um abismo; que não permite nem ir alguém de cá para lá, nem vir de lá para cá; esse trecho não prova nada quanto a ser impossível a comunicação dos mortos com os vivos.

Com efeito, Lázaro estava morto e o mau rico morto estava. O abismo, pois, que os separava, estava lá entre eles e separava

---

29 (Nota do Organizador) Vide Lc. 16:19-31.

mortos de mortos, isto é; os que estavam em penas dos que estavam em bem-aventurança.

Como concluir-se, pois, de tal ordem de coisas, que esse tal abismo separa os mortos dos vivos?

Por mais que procuramos, não pudemos encontrar nas palavras do pai Abraão a mínima relação com as que possam existir entre vivos e mortos.

Porque os mortos, que são condenados, não podem conviver com os mortos que são premiados, segue-se que há impossibilidade de relações entre os que vivem e os que morreram?

Não achamos o fio lógico da [dedução]<sup>30</sup> tirada daquele texto por Éliphas Levi.

Perdoe-nos o ilustre escritor: o texto do Evangelho, de que pretendeu fazer seu chapéu de sol, tem tanto com o sonho dos Espíritos, como Judas com as almas dos pobres.

Nunca vimos tão grande pobreza intelectual!

Mais valor do que seu argumento hercúleo tem o de dizer Abraão: se não atenderem a Moisés e aos Profetas, não atenderão nem a um morto que resuscitasse.

Mais valor, sim; porque, ao menos, pode-se inferir, por uma lógica quebrada, que Abraão declarou: que os mortos só por meio de ressurreição poderão vir comunicar com os vivos.

Mas quem não vê naquela frase exatamente o contrário do que quer Levi – um argumento para provar que, nem mesmo que se desse o impossível, seus irmãos se encaminhariam, se desprezassem Moisés e os Profetas?

Aonde está naquele trecho uma palavra, que diga: *só pela ressurreição os mortos podem comunicar com os vivos?*

*Ainda que um morto resuscitasse, quem disse: só pela ressurreição os mortos podem vir à Terra?*

E notemos: que a Lucas não era dado falar das relações dos vivos com os mortos, uma daquelas verdades que Jesus reservou para ulterior revelação – para quando a humanidade já estivesse em condições de compreendê-las.

E notemos mais, que hoje é mais impossível negar a evidência da manifestação dos Espíritos, do que o movimento da Terra em torno do Sol.

---

30 (Nota do Organizador) A palavra está pouco legível, inserimos aquela que nos pareceu mais em harmonia com o sentido geral do parágrafo.

E, pois, não podemos incorrer em suspeita de inconsiderado ou leviano, avançando que as opiniões de Éliphas Levi, no que concerne às questões espíritas, são de uma insubsistência, que só pode ser atribuída ao espírito de sistema.

E nem é só neste ponto que o ilustrado escritor desfalece até parecer um mendigo do cultivo intelectual.

Sua obra é um repertório de outras questões, a desafiarem a atenção de quem a lê.

Far-lhes-emos a colheita em subseqüentes artigos, para que se convençam os curiosos de novidades, que as de Levi não podem fazer moda – são contrabandos científicos ou com pretensões a científicos, que não podem iludir à fiscalização do simples bom senso.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 03-01-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00001.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00001.pdf)

## Artigo CDXCI

### Gazeta da Tarde, 08-01-1898

Prometemos dizer ao público que nos lê as impressões que nos deixou a leitura do livro de Éliphas Levi: *La Science des Sprites*, de que já demos uma ligeira amostra em nosso passado artigo.

Conquanto tenhamos reconhecido que o livro citado não vale os gastos da crítica, por ser obra de um dominado do espírito de sistema, desempenharemos nossa palavra, dizendo, ainda uma vez, a esse respeito.

Levi é filiado à recente escola, que procura erguer o sudário oposto aos mistérios do Ocultismo, pela mão do progresso, que tem feito a luz, de que já se enobrece o nosso século. Levi é ocultista.

Como tal, ele só reconhece, por Espíritos reais, Deus – a alma humana – e Jesus, em que se consubstanciam Deus e o homem.

O homem, sujeito à lei do progresso infinito, passa por transformações realizadas por intermédio de Jesus, que o aproximam da perfeição absoluta – de Deus.

Mas, assim como não aceita, de acordo com a sua escola, a doutrina da Igreja romana, quanto ao destino humano, circunscrito aos dois absolutos – Céu e Inferno, também não aceita a Doutrina Espírita do progresso do ser humano, por meio de vidas corpóreas sucessivas e solidárias – e pela comunicação dos vivos com os mortos; quer dizer: pelas revelações, feitas aos homens pelos Espíritos do Senhor, por Ele prepostos ou comissionados a

auxiliarem seus irmãos da Terra, no empenho de conhecerem as verdades eternas, que constituem a ciência do mundo espiritual.

Em resumo, é isto o que nos fornece a *Primeira Parte: Espíritos Reais* do livro de Éliphas Levi.

Ficamos em trevas quanto ao modo como os Espíritos realizam as *transformações* para a perfeição – para Deus! Nem uma palavra a respeito desta, a mais importante questão que o livro levanta!

É inexplicável este fato – de uma escola que proclama o progresso infinito do ser humano, não oferecer, ao menos uma teoria, que explique, *sive bene, sive mala*<sup>31</sup>, a marcha ascendente do Espírito para as alturas da perfeição.

Se o livro de Éliphas Levi é verdadeiro transunto da doutrina ocultista, podemos com todo o fundamento avançar; que o Ocultismo não passa de um *castelo de fumaça* ou *de nuvens*, que o vento desfaz.

Jâmblico – Orígenes – Plotino e outros grandes filósofos da antiguidade, iniciados nos altos mistérios, ensinando o progresso infinito do Espírito, compreenderam a necessidade de explicar como realizamos aquele progresso para a perfeição, que é nosso destino. E sua explicação foi a que dá o Espiritismo: as vidas sucessivas e solidárias.

Como, então, à vista das sábias opiniões de tão eminentes vultos dos mistérios ocultistas, classificar Levi de *elocubrações panteístas* os princípios fundamentais do Espiritismo, cuja pedra angular é a *pluralidade de existências*?

A maior concessão que podemos fazer ao díscolo<sup>32</sup> da doutrina sustentada por aqueles eminentes sábios, bebida nos altos mistérios do Ocultismo, é que não leu e se leu não entendeu a doutrina consolidada por Allan Kardec; ou que não conhece, senão pela rama, a grande ciência dos sábios da Antiguidade, seus próceres<sup>33</sup> em ciências ocultas.

---

31 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se por “*seja bem, seja mal*”. (Fonte: Google tradutor)

32 (Nota do Organizador) 1. Que ou quem se rebela contra regras ou hierarquias, desordeiro, insubordinado, rebelde. 2. Que ou quem se separa de um grupo por divergências, dissidente. 3. Que ou quem mostra agressividade ou mau gênio, brigão. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

33 (Nota do Organizador) Grande nome, pessoa importante. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)



Pois que os mistérios consagraram a doutrina das vidas múltiplas – pois que o Ocultismo moderno não é senão um esforço porque se restabelecem os princípios por ela consagrados – pois que o Espiritismo prega o mais importante daqueles princípios; como vir um ocultista repelir a pluralidade das existências da alma, meio de realizar o progresso espiritual, sem oferecer um sucedâneo, que livre o mundo de ficar como uma bolha de sabão, no ar – e por cima de tudo, ridicularizar o Espiritismo, chamando-o doutrina panteísta?

Só mesmo não conhecendo o Ocultismo e o Espiritismo!

Onde divisou, sequer, o Sr. Levi, vislumbre de Panteísmo no Espiritismo?

Como Panteísmo, se a lei do progresso *infinito* do Espírito, que ele ensina, tem como consequência fatal, a aproximação progressiva da perfeição absoluta, sem jamais atingi-la?

Evidentemente, Éliphas Levi escreveu por informações colhidas aliunde<sup>34</sup>. Nunca leu as obras fundamentais do Espiritismo.

E tanto não as leu, que escreveu, atribuindo-lhes falsas consequências, nestas palavras:

“Como! A morte será uma amarga decepção!

“As realidades da outra vida serão uma irrisão de nossas aspirações nesta!”.

Como! exclamamos nós. Será a morte uma decepção para quem vai seguro de receber o salário de seu trabalho nesta vida?

Será uma irrisão de nossas aspirações nesta vida, encontrarmos, na outra, o prêmio do bem que fizemos e o castigo do mau que fizemos do nosso livre-arbítrio?

O que quer o novel oculista? Que, depois da morte, sejam todos felizes, bons e maus?

Desafiamos ao mais intransigente inimigo do Espiritismo dizer, em consciência, se pode-se tirar dele aquelas conclusões.

É o maior extravio da razão que temos visto!

É a prova palpável do que dizemos: o homem falou do que não conhece!

---

34 (Nota do Organizador ) [Direito] Usa-se para indicar que uma citação foi extraída de outro lugar ou de outra fonte (ex.: menção a actos e documentos, produzidos em outro processo). Palavra latina que significa “de outro lugar, de outra parte, de outra coisa, de outra pessoa”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

E, neste caso, porque perdermos tempo discutindo com quem não entende da matéria?

Para nós, Levi está julgado.

Sua obra não paga o tempo de lê-la.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 08-01-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00006.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00006.pdf)

## Artigo CDXCII

### Gazeta da Tarde, 15-01-1898

O sonho, considerado sem preconceitos, à luz da razão fria e calma, como deve-a ter quem procura a verdade e não meio de sujeitar os fatos a teorias preestabelecidas;

O sonho, estudado em tais condições dá luz, a mais não ser, sobre a questão fundamental da divergência entre o materialismo e o espiritualismo.

O corpo repousa enquanto sonhamos.

Mas o sonho revela percepção e memória.

Logo não é o corpo que sonha – logo o homem não é exclusivamente corpo ou matéria – logo existe alguma coisa que não é matéria.

Já o dissemos: isto é argumento decisivo para quem não está possesso do espírito de sistema, [para estes]<sup>35</sup> não há argumento que convença.

É assim que o sistemático arranja sempre uns artificios que, se são ridículos para o que tem livre sua razão, são de grande força de convicção para si.

Convençei, se puderdes, que a neve é branca ao que a encara com óculos verdes ou azuis.

Os olhos intelectuais do positivista e do materialista dão a todos os objetos a cor de suas ideias fixas.

Não há prova que destrua uma convicção fundada em sua própria observação e perde seu tempo quem quiser fazê-lo por em dúvida a verdade daquela observação.

---

35 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade de pequeno acréscimo, para melhor compreensão do sentido do parágrafo.

Fisicamente é fácil convencer do erro ao que se deixa levar pela cor dos óculos; basta retirá-los ou substituí-los por outros de cor diferente.

Moralmente, porém, como destruir a vesânia<sup>36</sup> ou substituí-la por outra?

Não é, pois, para estes monomaniacos incuráveis que faremos as considerações, de que resulta a consequência rigorosamente lógica de ser o homem um composto de duas substâncias, das quais uma dorme, enquanto a outra é ativa, como o prova o fenômeno do sonho.

Nossas considerações se dirigem aos que ainda não estão possessos da monomania materialista, para que não se atirem à voragem deste erro fatal no destino da alma; é um brado de alerta.

Também para estes não há mister de argumento mais valioso que o do sonho, para convencê-los da falsidade do Positivismo e do materialismo, e da verdade do espiritualismo.

O caso, porém, graças ao Espiritismo, difunde mais ampla luz, que consolida as deduções que vimos de tirar.

Antes de tudo, o que é o sonho? É a recordação, quando acordamos, do que viu – ouviu – e praticou nosso Espírito despreendido do corpo, durante o sono.

E tanto é assim, que muitas vezes dormimos firmes numa resolução – e acordamos inteiramente resolvidos ao contrário.

É que nosso Espírito, libertado momentaneamente das prisões materiais, confabula com seus amigos e protetores do Espaço, que lhe mostram a sem razão ou os perigos daquela resolução.

De outro modo, e considerando o fato pelo materialismo, como explicá-lo?

Se conciliamos o sono, na firme resolução de praticarmos um ato – e se, durante o sono, nosso ser repousa; como, no estado de inatividade, mudamos de resolução, que só um profundo estudo poderia alterar?

Fica, portanto, provado que, durante o sono, só o corpo [dorme]<sup>37</sup> em repouso na inatividade, ao passo que o Espírito

---

36 (Nota do Organizador) Nome genérico dado a doenças ou perturbações mentais. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

37 (Nota do Organizador) O texto original tem essa palavra pouco nítida, pelo que inserimos em seu lugar aquela que nos pareceu fazer mais sentido com o conjunto do parágrafo.

trabalha – e melhor, porque está livre e porque ouve opiniões e conselhos, da maior autoridade. Cheque ao materialismo.

Mas, se o sonho é recordação do que viu – ouviu – e praticou o Espírito, desprendido do corpo, por que muitas vezes sonhamos mas não podemos, ao acordar, recordar sempre o que sonhamos?

A recordação deve ser feita, segundo uma lei, pois que tudo é ordenado no Universo; logo ou deve haver sempre a recordação, como temos consciência dos atos do nosso Espírito, quando acordados – ou nunca devemos recordar, de conformidade com a oposição, entre o estado de vigília e de sono.

É mesmo dessa oposição que resulta nem sempre dar-se a recordação dos atos do nosso Espírito, durante o sono.

No estado de vigília, o Espírito age por meio do aparelho corpóreo – e, pois, este é coparticipante da ação.

No estado de sono, o Espírito, livre e apenas ligado ao corpo pelo cordão perispiritual, para não deixá-lo cair em morte, age independente do aparelho corpóreo, que, portanto, não participa dessa ação.

No 1º caso, o corpo recebe diretamente a impressão, que fica, por isto, sendo de todo o ser: corpo e Espírito.

No 2º caso, a impressão é comunicada e, portanto, depende da vontade do comunicante, que, nem sempre, julga conveniente fazê-la. Cheque ao materialismo.

É assim que o Espiritismo explica este fenômeno físico – e, se não estamos obsecados julgamos: que a explicação satisfaz perfeitamente à razão e ao bom senso; tanto que pode-se dizer: se não é assim, devia ser assim – *si non é vero, é biene trovato*<sup>38</sup>.

Max<sup>39</sup>.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 15-01-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00012.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00012.pdf)

---

38 (Nota do Organizador) Provérbio italiano citado quando se ouve contar uma boa história, que traduz-se por: “se não é verdade, é bem achado”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

39 (Nota do Organizador) Sobre o estudo dos sonhos à luz da Doutrina Espírita sugerimos com ênfase ao prezado leitor conhecer o curso do nosso prezado prof. Maurício Crispim, de Goiânia, no canal Youtube do Instituto Brasileiro de Benemerência e Integração do Ser (Ibbis) - <https://www.youtube.com/watch?v=igmXlrkGCBY> realmente o melhor que conhecemos a respeito do tema.

## Artigo CDXCIII

### Gazeta da Tarde, 22-01-1898

Os bárbaros, que constituíram a grande nação, que definiu os direitos do homem e do cidadão, desde o batismo de Clóvis<sup>40</sup>, afeiçoaram-se, de alma e de coração, ao Cristianismo – e, à sombra de sua bandeira, conquistaram tanto progresso que, primeiro entre todos os povos, o povo francês por eles constituído, ergueu o colo contra o despotismo, que reduzia o homem a servo da gleba, e plantou, regando-a com seu sangue, a árvore bendita da Liberdade, cujos preciosos frutos são: a Igualdade e a Fraternalidade, fórmulas sociais do alto princípio moral – o amor do próximo.

E a França, encaminhada pelas vias do progresso, à luz emanada da cruz, subiu àquelas alturas de redentora da humanidade, sob o ponto de vista do pesado jugo de seus tiranos.

A fé, essa que decorre dos sagrados ensinamentos do manso Cordeiro, essa que aquele povo possuía mais que todos, foi a força que lhe deu a coragem de investir contra a instituição que, única, possuía o poder e a sagração dos séculos.

E não há como descobrir, na história do mundo, um povo, desnudado daquela virtude, que tenha dado às gentes um exemplo daquela magnitude, que menos surpreende pela grandeza do resultado, do que pela descomunal afoiteza do empreendimento.

Encontram-se, é certo, na gentildade, rasgos de patente heroísmo; mas fatos que se assemelhem à empresa de lançar por

---

40 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se a Clóvis I (466-511/513 dC), primeiro a unir todas as tribos francas sob um único governante. É considerado o fundador da França. (Fonte: *Wikipedia*)

terra a ordem universal estabelecida, não, não se encontram; só a fé cristã pode produzir – e produziu.

E tanto é assim, que o próprio povo francês, embriagado com o triunfo, que atribuiu à força exclusivamente sua, tomou-se da insânia do orgulho – e, pelo orgulho, da incredulidade, levada até o banimento da religião cristã, pela perseguição aos sacerdotes e destruição dos altares; e o herói do grande feito, transformou-se no bandido sanguinário, que tornou legendária a época do terror – e o glorioso redentor, transformou-se no pobre e mesquinho escravo do despotismo napoleônico.

O que deu, pela fé cristã, a liberdade ao mundo; reduzido<sup>41</sup> pela incredulidade à misérrima condição de autômato, movido pela vontade de um sonho!

E a contraprova de que assim é, aí está palpitante no reerguimento da grande nação, desde que o imortal Chateaubriand<sup>42</sup>, pelo *Gênio do Cristianismo*, falou às consciências adormecidas, e despertou nas almas os sentimentos daquela fé, que os conduziu ao arrojado e glorioso empreendimento de 1789.

É do estudo dos fatos, em suas relações com as causas que os determinam, que se tira a luz para o conhecimento das leis que as regem.

A um espírito desprevenido, o quadro que aí fica descrito ensina positiva e eloquentemente que a fé baseada na moral cristã é a maior e única força que impele os povos ao destino que lhes está marcado, pela liberdade da paz com a ordem.

Crente nesses princípios, que temos visto firmados e confirmados em todo o tempo e em toda a parte, dêi-nos ver a República banir do Estado a religião do Cristo.

Não nos referimos à separação da Igreja, porque sempre abraçamos a fórmula de Cavour<sup>43</sup>, convencido firmemente de que

---

41 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *reduzindo*, mas decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material, posto que deixaria o parágrafo sem sentido.

42 (Nota do Organizador) François-René, Visconde de Chateaubriand (1768 – 1848) – escritor, ensaísta, diplomata, realista e político francês. Sua reputação literária foi-lhe assegurada pelo ensaio *O Gênio do Cristianismo*, de 1802, como também *Os Mártires*, em 1809, um desdobramento daquele volume, mas sua obra-prima foi sua autobiografia, *Memórias de Além-Túmulo*.(Fonte: *Wikipedia*)

43 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra parece referir-se aqui a Camillo Paolo Filippo Giulio Benso, Conde de Cavour (1810 – 1861, primeiro primeiro-ministro da Itália e um dos líderes da unificação italiana. (Fonte: *Wikipedia*)

ambas as partes colhem as maiores vantagens, agindo livremente.

Referimo-nos, sim, ao fato da separação, com o banimento da religião, levado ao ponto de se prescrever das escolas públicas o ensino dessa doutrina, que só ela pode formar o coração do cidadão e da mãe de família, nas condições de concorrer para o bem público e para o engrandecimento da pátria.

Quem mais que os diretores do povo, é empenhado em preparar os bons elementos sociais? E como tê-los, banindo do ensino público aquilo que arruína a fúria das paixões e ativa os sentimentos de respeito à autoridade e à lei – de amor ao próximo – e de dedicação à pátria?

E o banimento mais se caracterizou, pelo fato de tomar-se por símbolo da nação a legenda positivista; aqui, bem entendido, quer dizer: O Brasil, como Estado, afasta de si a cruz e abraça a insígnia da seita positivista.

Jesus posposto a Barrabás! Eis o que é.

Agora, volvamos ao curto passado da nova instituição – e vejamos o que ele nos ensina.

Em nossa bandeira; ordem e progresso; mas em nossa vida social, ausência absoluta de uma e outra coisa.

Será obra do acaso? Não precisamos demonstrar que o acaso nada produz – que tem sua razão de ser.

Qual a razão de ser do nosso viver atribulado destes dez anos?

Nunca vimos melhor fundamento para o *pod hoc, ergo propter hoc*<sup>44</sup>; mas não é isto – não é uma simples coincidência.

Os povos têm os seus titulares, como os têm os indivíduos – e todo o que os procura, navega com ventos e mares propícios – e todo aquele que os enxota, marcha sem apoio, sem luz, sem força, porque de si ninguém a tem, pelos tremendais de suas ambições – de seu orgulho – de seu egoísmo – de todos os sentimentos maus, que se convulsionam – que se chocam – e que produzem a desordem – a anarquia – a ruína final.

---

44 (Nota do Organizador) “*Post hoc ergo propter hoc*” é uma expressão latina que significa “depois disso, logo por causa disso”. Esse é o nome de uma falácia que ocorre quando concluímos existir uma relação causal entre dois eventos pelo fato de geralmente ou sempre ocorrerem em sequência. Essa falácia também é chamada de falsa causa, correlação coincidente ou causa questionável. (Fonte: <https://filosofianaescola.com/falacias/post-hoc>) .



Enquanto mativermos a preferência, uma vez dada a Comte sobre Jesus, [e] nossos titulares não voltarem a Jesus, a cujo seio se recolheram [no passado] – e nós decairemos a mais e mais, até à ruína final. Creiam os que têm ouvidos de ouvir<sup>45</sup>.

Voltemos, pois, e restabeleçamos, não a religião do Estado, mas a veneração pública por suas verdades salvadoras.

Voltemos e desfaçamos<sup>46</sup> a injúria cuspidà à cruz, banindo da nossa bandeira esse símbolo, que não nos têm servido senão de plano inclinado para este abismo a que temos descido.

Seja o exemplo da França, em suas fases de fé e de incredulidade, lição proveitosa.

E, ainda uma vez: sejamos cristãos – e seremos grandes – felizes – e gloriosos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 22-01-1898:

<http://memoria.bn.br/docreader/226688/16945>

---

45 (Nota do Organizador) Este parágrafo pareceu-nos um pouco truncado, pelo que fizemos alguns pequenos ajustes, para sua melhor compreensão.

46 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *disfarcemos*, que pareceu-nos erro material, pelo que decidimos corrigir, substituindo-a por *desfaçamos*, mais consentâneo com o sentido geral do parágrafo.

## Artigo CDXCIV

### Gazeta da Tarde, 29-01-1898

Três doutrinas – três escolas – três filosofias – e, em última expressão, três religiões ou modos de compreender a única e verdadeira religião, se degladiavam pela hegemonia ou domínio moral da humanidade.

São elas: o Positivismo, o Catolicismo romano, o Cristianismo espírita.

A verdade, porém, é uma só; e, pois, não pode bafejar ideias que assentam em princípios antagônicos.

Ao pensador, imparcial e extreme de todo o preconceito, cabe, e só a ele, distinguir qual das três se conforma com o *criterium* absoluto da verdade.

A esse, seja-nos lícito oferecer os elementos para um estudo sério, baseando nosso trabalho nos ditames da razão, sem eira de espírito de sistema – com a mão na consciência.

O Positivismo, sob o ponto de vista religioso, assenta em princípios fantasiosos, como é fantasiosa toda a doutrina, que não aceita senão o que é colhido pela experimentação: a que exclui de sua ciência toda a verdade abstrata: o tempo e o espaço infinitos – e tudo o que é objeto das ciências especulativas, inclusive a Matemática.

O homem nasce, vive e desaparece para sempre, tendo por única missão, no seu rápido pirilampejar de ser vivente, impulsionar o progresso da *humanidade*.

Mas, a humanidade, desde que o homem não é imortal, é uma abstração, um mito, uma palavra oca de sentido ou de realidade.

Trabalhar para a humanidade e gozar pessoalmente dos proveitos colhidos por esta do esforço de todos os seres que a compõem, compreende-se, é mesmo razoável; mas trabalhar – sacrificar-se – expor-se até ao martírio, pelo bem de um ser impessoal, bem que nem de leve partilha, é incompreensível – tem o cunho bem caracterizado de uma vesânia.

Dizem os fanáticos da doutrina, que rivaliza com a imaginosa criação de Dupuis<sup>47</sup>, dizem: que o homem goza as felicidades que dá o verdadeiro altruísmo.

Ainda imaginação!

Altruísmo é o sacrifício que se faz por outrem; mas, aqui, o homem o faz por um ser abstrato, porém verdadeiro mito.

Ao menos, os antigos egípcios faziam sacrifícios humanos a um ser real: o boi Apis<sup>48</sup>!

Custa crer que homens inteligentes e ilustrados, no pleno gozo de sua razão, aceitem uma doutrina – uma religião, que exige toda a atividade da inteligência – todo o movimento sentimental do coração – toda a dedicação até dos puros gozos da vida, por amor de ninguém pessoalmente – por amor de uma coisa abstrata!

Religião da humanidade, que suga todo o esforço de seus crentes, sem lhes dar, mesmo aos seus mártires, a mínima compensação, dando aliás a todos, bons e maus, o mesmo destino!

Isto é uma obstrução moral, que pode ser o que quiserem, menos coisa que tenha o cunho da verdade.

---

47 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se aqui a Charles François Dupuis (1742 - 1809) - sábio francês, professor de retórica e advogado, já citado no 2º. volume desta coleção, à página 37. Desenvolveu junto a Constantin François Chasseboeuf de Volney (1757-1820) a teoria do “mito de Cristo”, argumentando que Jesus seria um personagem lendário, não histórico. (Fonte: *Wikipedia*)

48 (Nota do Organizador) Ápis era a divindade taurina mais importante e altamente considerada do antigo Egito. Acredita-se que seja o primeiro deus de suas tradições ou, pelo menos, entre os primeiros animais associados à divindade e à eternidade. (Fonte: *Portal Alexandria*)

*Nise utile est quod facimus, stulta est gloria*<sup>49</sup>. Eis o que cabe a Augusto Comte por seu trabalho de inventar a sua *religião científica*.

Religião científica já é de si mesmo um paradoxo, pois que a religião é o laço que liga a criatura ao Criador – e ninguém ousará avançar: que o homem tenha o poder de criar qualquer coisa, que se aproxime da criação natural, em que está estampado o selo de uma inteligência e de um poder infinitos.

Tudo, porém – todos estes castelos imaginários, cujas formas, ornamentadas pela arte de ocultar com refolhos a inanidade do âmago, seduzem e arrebatam, unicamente, aqueles que não prescrutam a essência das coisas.

E tal leviandade, sempre e em todos censurável, é até condenável da parte daqueles que têm por lei de sua doutrina nada aceitar, que não passe pela prova experimental.

Nós só queríamos que um positivista nos dissesse: se sujeitou à sua grande prova os princípios fundamentais da sua doutrina – e que provas colheu da sua verdade.

E parece que é razoável a nossa exigência; visto que não tem qualificação: a fé numa doutrina, que tem por dogma – nada dever ser aceito sem a prova experimental, sem que, primeiro que tudo, tenha sido sujeita àquela prova a própria doutrina, em seus fundamentais postulados.

Que experiência, por conta demonstrativa, da verdade provada da sua doutrina?

Como, pois, seus sectários aceitam o princípio, sem o aplicarem à fonte de que ele procede?

Já o dissemos: toda esta história de Positivismo é uma obstrução moral, produzida pela beleza da forma – e que só – não toma a razão dos que têm por norma não julgar sem descerem ao âmago – ao fundo – à essência das coisas.

Estes, embora rendam homenagem à imaginação de Augusto Comte, nem de longe se deixariam seduzir pela ornamentação do Positivismo.

Fique, pois, este exclusivamente para os que lhe aceitam o princípio de só levarem a seu escrínio as verdades provadas pela

---

49 (Nota do Organizador). Expressão latina, que traduz-se por “Se não é útil o que fazemos, a glória é vã”. (Fonte: *Dicionário de Latim* - <https://www.dicionariodelatim.com.br/nisi-utile-est-quod-facimus-stulta-est-gloria/>)

experiência, aceitando, entretanto, sem este sacramento, a doutrina que o prescreve.

É que neste mundo há gente para tudo – e o melhor é que são estes os que qualificam: os espíritos de *desequilibrados!*

Nada mais natural. Os loucos julgam a todos loucos.

Aí fica o Positivismo autopsiado. Julgue o leitor se ele se conforma com o *criterium* da verdade.

No próximo artigo, diremos sobre a doutrina de Roma.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 29-01-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00024.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00024.pdf)

## Artigo CDXCV

Gazeta da Tarde, 12-02-1898

Fizemos, em nosso passado artigo, a autópsia do Positivismo, uma das três doutrinas que se disputam a posse da crença universal – e prometemos igual estudo sobre o Cristianismo romano. É o objeto deste.

O destino do ser humano, encarado pelo prisma do Positivismo, demonstramo-lo, leva à monstruosidade: de trabalharmos para a humanidade, de que só fazemos parte durante a vida corpórea (o tempo do trabalho), pois que o homem acaba com a morte.

E, pois, dissemo-lo, nosso destino é trabalhar para um ser convencional (a humanidade impalpável), sem nenhum proveito para nós, nem para alguém de existência real.

O destino humano, segundo a Igreja romana, é mais positivo, mais curial.

Trabalhamos para nós mesmos – e, segundo fizermos bom ou mau trabalho, teremos a felicidade ou penas eternas – a vida sem fim na glória de Deus ou a vida, também sem fim, nas torturas do Inferno de Satanás.

O homem é feliz ou desgraçado segundo suas obras; e, em todo o caso, ele vê o fruto de seu trabalho, e não o dedica à tal humanidade, nome que não designa individualidade real.

Aqui, porém, embora o princípio seja correto, cada um segundo suas obras, deturpa-o e torna-o repulsivo o modo de compreendê-lo.

Nem é crível que, na curta duração desta vida, possa alguém fazer merecimentos de conquistar a suprema glória de fazer

parte da corte do Infinitamente Perfeito; nem tão pouco é crível que as faltas de um momento, qual é a vida terrestre em relação à eternidade, acarretem castigos eternos.

Num caso, Deus se rebaixa, constituindo sua sociedade com os homens, de que os mais puros, esses canonizados, poderiam fazer a glória da corte dos reis da Terra; nunca, porém, da corte do Senhor de todas as perfeições em grau infinito.

No outro caso, Deus se revela injusto, castigando com penas eternas as faltas temporárias, sendo de simples intuição que, em rigorosa justiça, a pena deve ser proporcional ao grau do delito.

Aqui deve necessariamente haver uma falha, pois que tudo o que fere as atribuições do Altíssimo não tem o critério absoluto da verdade.

Onde a falha?

Evidentemente no modo de compreender a evolução do Espírito, de seu ponto inicial a seu destino.

Se, em vez de provas para a glória ou para o Inferno, como ensina a Igreja, feitas nesta única existência, se admitir o progresso do Espírito em múltiplas existências; nem chegarão à corte celeste Espíritos saídos imediatamente das misérias da Terra – nem serão condenados a penas eternas, no reino de Satanás, os transgressores das leis do Senhor.

O destino posto à humanidade é a perfeição, pelo desenvolvimento intelectual e moral; e pois, só quando tem atingido o máximo grau de perfeição, isto é, a ciência sideral e a virtude angélica, poderá um Espírito subir à celestial morada.

Quanto precisa o nosso santo para subir a tal altura! E, desde que lá chegar, não terá mais por vestes os farrapos da imperfeição, mais ou menos lavados por virtudes e saber, quais se pode conseguir na Terra; mas chegará revestido da nívea túnica dos puros, túnica tecida de todas as excelsas virtudes e da ciência quase infinita da criação, que só se pode conseguir mediante trabalhos sucessivos e múltiplos, na Terra e em mundos superiores – superiores – superiores, até que mais se aproxima do sólio sacratíssimo do Criador.

E aqui, na Terra, tantas existências quantas forem precisas, para conseguir-se o grau do progresso, que habilita a subir aos mundos superiores.

E, para cada Espírito, segundo o bom ou o mau uso que fizerem de sua liberdade, mais rapidez ou mais demora em sua ascensão.

Esta é a lei ensinada e provada pelo Espiritismo – e, indubitavelmente, esta lei fala eloquente à razão – e é verdadeira, porque engrandece, em vez de rebaixar, como o ensino romano, os excelentes atributos do Criador.

Isto pelo lado da teoria romana, da elevação do homem até à corte celeste.

Quanto à sua descida ao Inferno, por efeito das transgressões da lei ainda é mais palpável a superioridade do ensino espírita sobre o romano – e, portanto, sobre o positivista.

Uma vez que o Espírito (consideramo-lo ainda na Terra) marchou, rápida ou lentamente mas, como todos os seres, progressivamente, para seu destino, que é a perfeição ou a suprema felicidade, é intuitivo que não pode ser afastado da lei universal do progresso, para estacionar eternamente ao Inferno, burlando o destino posto à toda a humanidade.

O castigo ao transgressor da lei é de palpitante necessidade, em bem dele próprio, para se corrigir – e, limpo, subir para Deus; esse castigo, porém, é temporário, como foi a falta – e passa tão depressa o transgressor se arrepende do mal que fez, e pede o perdão ao Senhor.

Esses desvios, mais ou menos frequentes, determinam e explicam a lentidão da marcha de outros Espíritos, que, consequentemente, precisam, mais do que outros, de maior número de existências corpóreas, para lavarem-se, pela prática do bem, do mal que praticaram.

E aí está como o Espiritismo concilia a justiça de Deus: o castigo do mau, com o amor de Deus; a salvação de todos os seus filhos.

Acabe Roma com a sua vida única e com o seu Inferno; e terá a justa compreensão de Deus.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 12-02-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00036.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00036.pdf)



## Artigo CDXCVI

### Gazeta da Tarde, 21-02-1898

No jornal vespertino *A Notícia* de 1 de Fevereiro do ano corrente, vêm estampados, sem apreciação daquele órgão da nossa imprensa, inúmeros fatos de cura produzidos pelo Dr. Eduardo Silva<sup>50</sup>, em S. Paulo, mediante a simples aposição das mãos.

O jornal citado, pelo título do artigo: *Curioso, curas maravilhosas*, faz bem patente sua convicção de que os fatos, que transcreveu de um opúsculo, não podem ser impugnados. E, de fato, como impugnar-se o que é praticado *coram populo*<sup>51</sup>, ainda mais sendo atestado por numerosos cavalheiros, médicos, advogados, juizes, gente da melhor sociedade de S. Paulo?

É, pois, verdade reconhecida: que o Dr. Eduardo Silva cura toda a moléstia, ainda mesmo as reputadas incuráveis, pela simples aposição das mãos.

---

50 (Nota do Organizador) Eduardo Silva nasceu em Gibraltar, em 12 de dezembro de 1843. Era engenheiro de minas e fortificações. Trabalhou no norte da África e na Europa. Chegou ao Brasil em 1891, e estabeleceu-se em São Paulo. Começou a realizar a cura a partir da imposição das mãos nos idos de 1897, em São Paulo, e no começo de 1898 virou notícia alardeando a imprensa do Rio de Janeiro. (Vide A NOTÍCIA, 1898, p. 1-2, exatamente o artigo citado por Dr. Bezerra, acima). Há mais detalhes sobre o caso no artigo do Dr. Rafael Rosa da Rocha, *Eduardo Silva : Os “Doutores” e a Leitura de seu Processo Curativo* (Recife, 2019), publicado por ocasião do 30º Simpósio Nacional de História: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564356108\\_ARQUIVO\\_texto-ANPUH.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1564356108_ARQUIVO_texto-ANPUH.pdf), como também a foto do Dr. Eduardo, e relatos de algumas de suas curas, na edição da *Gazeta da Tarde* de 11-03-1898, no link [https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00058.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00058.pdf).

51 (Nota do Organizador) Em público, em voz alta e sem receio. Locução latina que significa “em frente do povo”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*) .

Como explicar tão maravilhoso fenômeno?

A *Notícia* sugeriu a ideia de ser tudo aquilo efeito da sugestão; mas parece-nos que andou mal avisada.

Sugestão pode influir sobre o que depende da vontade do sugestionado. Pode fazer que este tome uma resolução ou que abandone a que havia tomado.

Sugestão, porém, sobre o que não depende da vontade é tão incapaz de resultado como cataplasma<sup>52</sup> em perna de pau.

Suponhamos o caso de uma catarata, que se forma de conformidade com certas leis, inteiramente fora da ação voluntária do homem, pois que se assim não fôra, ele paralisar-lhes-ia a ação delas.

Como fará a sugestão sobre o doente suspender o curso daquelas leis e destruir seus efeitos já produzidos? É o mesmo que fazer, pela sugestão, que um indivíduo que tomou veneno, [não]-<sup>53</sup>sinta os efeitos naturais.

A sugestão pode sustar a resolução de tomar o veneno, porque isto depende de sua vontade, não, porém, sustar a ação do veneno ingerido, porque isto se apura de conformidade com leis independentes da vontade humana.

E, demais, se a sugestão fosse o móvel das curas produzidas pelo Dr. Eduardo Silva, tendo todos, ou pelo menos uma grande massa de homens, o direito de sugestionar; porque qualificar-se de maravilhoso o fato de um homem curar por sugestão?

Se, pois, não é comum o que faz Eduardo Silva, é que o seu meio não é a sugestão, que é comum a todos – é que o homem dispõe de um meio especial, de que nem todos, e porventura só muito poucos, podem dispor.

No mesmo caso está a explicação pelo magnetismo, um fluido natural à disposição de todo o mundo.

Nem todos, é certo, possuem grande força magnética; mas possuem-na milhares de homens; e, se fosse o magnetismo o meio curador de Eduardo Silva, milhares de pessoas deveriam produzir curas maravilhosas.

---

52 (Nota do Organizador) Substância medicamentosa, geralmente pastosa, aplicada sobre a pele, numa zona do corpo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

53 (Nota do Organizador) Faltou essa negativa, no texto original, pelo que decidimos corrigir, por tratar-se de simples erro tipográfico, material.

Em todo o caso, mais difícil é explicar o fenômeno, principalmente pela sugestão, e ainda pelo magnetismo, do que deixá-lo sem explicação, o que felizmente não acontecerá.

O Espiritismo, esta ciência que, na opinião dos nossos sábios desequilibra a quem o estuda e que, pelo nosso código criminal, é equiparado à bruxaria, explica perfeitamente o caso.

No grande fluido cósmico existem os princípios elementares de todos os seres e os que dão a cada um suas propriedades especiais.

È nesse infinito oceano fluídico, que os minerais, os vegetais, e os animais, absorvem os princípios, que lhes dão as propriedades medicinais, empregadas pela ciência na cura das moléstias.

Cada espécie, pelas disposições especiais de sua organização, absorve e integra em seu ser, certas e determinadas propriedades, ou antes; princípios aproveitados pela Medicina.

Nós pedimos ao tártaro seu princípio emético<sup>54</sup> – ao acônito seu princípio sudorífico<sup>55</sup> – ao carvão animal seu princípio reconstituente<sup>56</sup>; mas todos estes princípios os exemplares escolhidos dos três reinos da natureza bebem no fluido universal, que envolve nosso planeta e todos os que ocupam o espaço infinito.

Se houvesse, pois, um meio de pedi-los diretamente à fonte donde decorrem para os organismos de que os extraímos, esse meio deve dar-nos coisa muito superior às de que dispomos, por assim dizer, em segunda mão.

Pois bem, o meio existe; é a mediunidade curadora, que possuem certos indivíduos por disposição de seu organismo, como por sua disposição orgânica, o cão tem apurado o faro – o gato tem a propriedade de ver nas trevas – o ofídio tem a de secretar o veneno.

Por esta mediunidade, que também depende de certas condições do Espírito, o que a possui atrai do fluido cósmico, pelos

---

54 (Nota do Organizador) O tártaro emético consiste em uma substância branca e cristalina, formada de tartarato de potássio e antimônio. Em pequenas doses, tem propriedades diaforéticas (causa sudorese) e expectorantes e, em doses maiores, tem propriedades emetizantes (provoca vômitos). (Fonte: *Infopedia*)

55 (Nota do Organizador) Planta venenosa, pertencente à família *Ranunculaceae*, muito utilizada em fármacos homeopáticos. (Fonte: *Wikipedia*)

56 (Nota do Organizador) Carvão de osso, também conhecido como negro animal ou carvão animal, é um material granular produzido a partir da combustão de ossos de origem animal. Tem propriedades Medicinais, na forma de carvão ativado, e também muitas aplicações industriais. (Fonte: *Wikipedia*).

passes, robustecidos pela fé, os princípios ou elementos fluídicos debelatórios da moléstia que se pretende curar.

Pela fé, sim; porque foi por ela que Jesus curou, com a simples aposição das mãos, cegos, surdos, mudos e doentes de toda a espécie; dizendo que outro tanto faria o que fé tivesse.

Pela fé, sim; porque o médium, tendo o poder de atrair os elementos cósmicos, precisa escolher deles os convenientes, segundo os casos mórbidos – e não consegui-lo-ia sem o auxílio de altos Espíritos, que são prestes a concedê-lo a quem tem fé e o desejo do bem.

Bem sabemos que isto destoa aos ouvidos dos que tudo querem explicar pela ciência humana; mas nosso fim não é favorecer crenças, senão descortinar a verdade.

E, de como isto é uma verdade, daremos a prova em nosso próximo artigo, em que mais amplamente desenvolveremos a matéria, que não é de causar mais admiração do que o Raio X.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 21-02-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00043.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00043.pdf)

## Artigo CDXCVII

Gazeta da Tarde, 28-02-1898

Prometemos estudar mais largamente o caso do Dr. Eduardo Silva<sup>57</sup>; e eis-nos com a mão no arado.

Que há pessoas dotadas de qualidades excepcionais, pelas quais produzem-se fenômenos verdadeiramente surpreendentes, não é mais lícito pôr em dúvida, depois dos trabalhos de William Crookes – de Lombroso – de Aksakof – e de muitos outros sábios de todos os países do mundo.

Essas pessoas são denominadas *Médiuns*, na fraseologia espírita, aceita pela alta ciência – e a propriedade especial, que possuem, é, na mesma fraseologia, designada pelo nome de *mediunidade*.

Há variadíssimas espécies de mediunidade, como pode-se conhecer pela leitura do *Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec; aqui, porém, não trataremos senão das que entendem com a cura das moléstias.

Há os médiuns de mediunidade receitista – e os de mediunidade curadora.

Os primeiros recebem, pelo lápis, de médicos, que já deixaram o corpo, pela morte, receitas que são aviadas com os medicamentos farmacêuticos, alopáticos ou homeopáticos.

Esses médiuns são muito comuns entre nós, tendo conquistado celebridade pela multidão de curas produzidas; o finado Dr.

---

57 (Nota do Organizador) Vide nota 50, acima.

Bittencourt Sampaio, formado em direito – e o negociante João Gonçalves do Nascimento<sup>58</sup>.

Cada médium receitista é assistido por um Espírito, que, em vida, foi médico; o que não impede-o de receber ensinamentos sobre o diagnóstico – prognóstico – e tratamento de doentes, da parte de outros, que não são seus assistentes.

É *curioso*, dizia *A Notícia*, ver um advogado ou um negociante ou um engenheiro, tomar o lápis e escrever o que sofre a pessoa, que o consulta, e o que deve fazer, para curar sua moléstia.

Mais *curioso* ainda é ver essa espécie de médiuns determinar as lesões orgânicas de uma pessoa, a milhares de léguas de distância, verificando-se a exatidão do seu dizer, e efetuando a cura por obra de suas prescrições, mesmo a tais distâncias.

É realmente *curioso*, mas os fatos aí estão, aos milhares, para confirmarem estas verdades.

Como explicar tais fatos? Entra em cena o *maravilhoso*, que só o é para aqueles que, não conhecendo a totalidade das leis naturais, julgam impossível – maravilhoso – imaginativo – fantástico, tudo o que não é explicável pelo pugil<sup>59</sup> das que lhes são conhecidas.

O Espiritismo dissipa o *maravilhoso* – e reduz o fato em questão, e todos os fatos inexplicáveis pelas leis conhecidas, à condição de fatos *naturais*, produzidos por causas e regidos por leis conhecidas e desconhecidas.

Dá-se um fenômeno, que a ciência humana não pode explicar? Em vez de repeli-lo, por isto, procurai a lei que o rege, certos de que ela existe, embora desconhecida.

O médium receitista, completamente ignorante de Medicina, diz o que tem o doente – aplica os remédios que o curam, não por

---

58 (Nota do Organizador) A figura admirável e inspiradora de Bittencourt Sampaio dispensa apresentações para os espíritas brasileiros, mas fizemos uma nota em sua homenagem, como também ao próprio Dr. Bezerra, às páginas 257 e 258 do terceiro volume desta coleção, nota 210, à qual remetemos o prezado leitor. Sobre João Gonçalves do Nascimento, outro dos grandes nomes do Espiritismo nascente, do Brasil do Século XIX, sugerimos a leitura da nota 397, à página 441, também do terceiro tomo deste conjunto de artigos. Suas biografias são igualmente peças de destaque na obra *Grandes Espíritas do Brasil*, de Zêus Wantuil, ed. FEB.

59 (Nota do Organizador) Pugil vem de punho. Parece-nos que Dr. Bezerra serviu-se do termo em sentido figurado, como que a dizer “pelo punhado de leis conhecidas”.

si, que ninguém dá o que não tem; mas como instrumento, que é, por sua mediunidade, de um ser invisível, que conhece a ciência médica – e que pela lei da rápida translação dos Espíritos livres, vai a muitas léguas fazer o exame – e dá, pelo médium, o resultado de seu exame e de seu saber.

É um Espírito livre que receita pelo médium – e prova-se, não só porque ele assina o nome que teve na Terra, como porque médiuns videntes o veem e reconhecem.

Um médium receitista, o Sr. Pedro Richard<sup>60</sup>, caráter sisudo e honesto, referiu-nos o seguinte fato.

Uma filhinha sua chorava com dor de dentes – e ele, sem outros meios, recorreu aos passes, tendo feito a devida prece a Jesus.

O resultado foi pronto – e a menina, olhando para o retrato do finado e inolvidável Dr. Dias da Cruz<sup>61</sup>, pendente da parede, riu para ele, dizendo: foi aquele homem quem me curou.

A menina é vidente, como quase todas as crianças – e tem três para quatro anos de idade, o que remove todo o pensamento de artimanha.

Do receitista passamos ao curador, que bem o foi, no caso, o Sr. Pedro Richard.

---

60 (Nota do Organizador) Outra das mais fortes e atraentes personalidades do movimento espírita brasileiro. Sua vida foi de testemunho em favor do Evangelho deixado pelo Divino Mestre Jesus. Nasceu a 09 de setembro de 1853, na cidade de Macaé (RJ) e regressou à Espiritualidade no dia 25 de outubro de 1918, no Rio de Janeiro. Foi um dos grandes discípulos de Max, Dr. Bezerra, e Indalício Mendes chamou-o de “Peregrino do Evangelho”. Vide mais detalhes sobre sua biografia no site da Federação Espírita do Paraná, no endereço <http://www.feparana.com.br/topico/?topico=700>, que assim o descreve: “Era companheiro de Bezerra de Menezes, dos irmãos Sayão, de Maia de Lacerda, Leopoldo Cirne e outros. Foi um dos fundadores do “Grupo Ismael”. Sua fé em Deus, Jesus e Maria Santíssima não tinha limites, e sua palavra tinha o poder de deixar na lembrança daqueles que o ouviam o alento da fé. Era a transmissão simples da mensagem encorajadora, com a seiva da verdade cristã. Foi um Semeador”.

61 (Nota do Organizador) Francisco de Menezes Dias da Cruz nasceu no Rio de Janeiro em 10 de fevereiro de 1826. Foi médico formado em Patologia Geral pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Vereador e deputado pelo município neutro (e colega de Dr. Bezerra, nessas funções), faleceu em 26 de maio de 1878, em consequência de um golpe de baioneta, após invasão da Igreja do Sacramento, quando presidia uma sessão eleitoral. Seu filho, Francisco Menezes Dias da Cruz, que também se tornou médico, nasceu em 27 de fevereiro de 1853 e faleceu em 30 de setembro de 1937. (Fonte: <https://avozdosuburbio.blogspot.com/p/meier.html>)

O médium curador<sup>62</sup> não recebe o pensamento de Espíritos livres, como o receitista; mas sim os fluidos medicamentosos apropriados ao mal, como Dias da Cruz fez ao médium Richard.

Como isto se apura, já o explicamos em nosso passado artigo, de que este é o desenvolvimento.

Os bons Espíritos, cuja missão é fazer o bem a seus irmãos, desde que o médium tem fé e quer aliviar as dores do próximo, vem auxiliá-lo, escolhendo na massa cósmica, os fluidos apropriados à cura de cada enfermidade, e, servindo-se de sua ação medianímica, transmitem ao corpo mórbido aqueles fluidos.

O curador não concorre, pois, senão com sua mediunidade – seus desejos caridosos – e sua fé; do mesmo modo como o receitista.

Tire-se a qualquer desses médiuns a fé – e os fatos *curiosos*, que produziam, cessarão. É de observação.

Eduardo Silva é medium curador – e faz prodígios porque tem fé – e a prova de sua fé está patente no quadro que tem em sua sala, na qual têm-se, diz-nos respeitável cavalheiro, estas palavras:

“O trabalho é meu – a virtude que cura vem de Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Enquanto aquele apóstolo da caridade, por amor de Deus e do próximo, mantiver-se fora do círculo do interesse material, terá a assistência dos bons Espíritos e fará *curas maravilhosas*.

Se, porém, o que não é de esperar, da elevação de seu Espírito, fizer da mediunidade meios especulativos, perderá a assistência dos bons e, porventura, perderá a mediunidade.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 28-02-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00048.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00048.pdf)

---

62 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *amador*, mas decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro tipográfico, material.



## Artigo CDXCVIII

### Gazeta da Tarde, 05-03-1898

Vamos dizer hoje sobre um fato, que afeta à nossa individualidade, mas que não nos ocuparia, se não tivesse um caráter genérico.

De um cavalheiro, que ocupou, em nossa sociedade, lugar proeminente, conquistado por sua inteligência e por serviços reais ao país, disse alguém, que se achava em posição elevada, há bem pouco tempo: *é um desequilibrado*.

Ora, o tal assim qualificado nem sofreu moléstia que lhe quebrantasse as forças intelectuais, nem praticou ato algum, que desse motivo a suspeitar de seu reconhecido critério.

Leva a vida como dantes, e os produtos de sua inteligência em nada desmerecem do que sempre valeram.

Por que então, é hoje um desequilibrado?

A razão fundamental de tão cruel juízo, disse-nos quem nos referiu o fato, é que o homem, sempre estimado e considerado, aceita e estuda a alta filosofia espírita – é espírita!

Na opinião do *sábio* julgador, todo o espírita é desequilibrado.

Em verdade, parece-nos carecer de exame de sanidade quem agasalha semelhante juízo.

Que um ignorante avance tal bernardice<sup>63</sup> tolera-se, porque não dá luz quem não a tem; mas que um homem cultivado em letras e ciências, emparelhe com aquele coitado, digno é de compaixão.

---

63 (Nota do Organizador) Sinônimo de: parvoíce, asneira, dislate, tolice. (Fonte: Dicio - *Dicionário Online de Português*)

Este, se conhece o Espiritismo, é forçado em ciência a confessar: que é ele a mais alta filosofia do mundo – e aí, se não o conhece, forçado é ainda a confessar: que desequilibrado é quem julga sem conhecimento de causa.

Este, quer conheça, quer não, o Espiritismo, ou sabe que os maiores vultos científicos do mundo se dedicam ao estudo dos seus fenômenos – ou ignora-o; e, neste caso, sua ilustração é firmada em bulas falsas.

Em que pode o estudo da filosofia ou ciência espírita prejudicar intelectual ou moralmente?

Se os que se dedicam a esse estudo ficassem desequilibrados, que seria hoje dos maiores sábios da Inglaterra, da França, da Alemanha, da Rússia, da Itália, da Espanha, da América do Norte e mesmo do Brasil, cujos principais estadistas, embora não o proclamem, são espíritas?

E quando esses grandes vultos, sem desmerecerem no conceito de seus compatriotas, dão o exemplo de prescrutarem os segredos da nova ciência, não é vergonha para nós, vermos um dos nossos pró-homens, qualificar de desequilibrado quem faz o aqui o que eles fazem?

Como brasileiro sentimo-nos dolorosamente com a ciência daquele fato, por nos ele revelar o baixo nível dos nossos grandes homens, tal que lhes dá para avaliarem os méritos de alguém pela escola científico-literária-filosófica ou religiosa que abraça.

Quem está nesse nível é que não possui o mérito que se requer para ter parte na gestão da causa pública.

Por que é desequilibrado o espírita – e, como tal, incapaz de uma posição social, quando não o é o positivista?

Dizendo – o espírita – não nos referimos aos estrujões, que exploram aquela Doutrina, como charlatães exploram a Medicina; mas sim, referimo-nos aos que estudam-lhe os fundamentos morais, filosóficos e científicos.

Porque são esses incapazes, e não os positivistas, como o tal sábio, que nos tem dado matéria para este artigo?

Doutrina por doutrina, não vemos, ninguém verá, numa o que degrade – noutra o que exalte.

Ah! é verdade: os espíritas conversam com as almas do outro mundo, o que rebaixa, ao passo que os positivistas rendem culto de latria à amásia<sup>64</sup> de Comte, o que exalta!

---

64 (Nota do Organizador) Amásia é o mesmo que amante, Dr. Bezerra parece

Mas, falando sério, em que pode a comunicação com as almas, mesmo que fosse este o objetivo do Espiritismo, perturbar às faculdades mentais?

Em 1º lugar, o hábito mata a sensação – e, portanto, a prática de falar com as almas torna-se tão indiferente, como se desde o berço nos tivesse sido ensinada tal crença.

Em 2º lugar, o Espiritismo não é exclusivamente a comunicação com as almas ou com essas forças inteligentes, reconhecidas e proclamadas por W. Crookes – por Lombroso – por Aksakof – e por uma falange quase inumerável de sábios daquela elevação.

Em 3º lugar, se o trato com essas forças, que nós temos a certeza de serem as almas dos mortos, produzisse perturbação mental, todos aqueles sábios estariam inutilizados.

Entretanto, eles deixam o estudo espírita, e vão para seus laboratórios, estudar altíssimas questões científicas e resolver problemas da sua profissão.

E ninguém, lá na terra deles, principalmente os que ocupam altas posições sociais conquistadas por merecimentos reais, se lembrou jamais de considerá-los desequilibrados – incapazes de qualquer mister sério.

E o positivista? Ah! este bebe na doutrina de um pobre louco, por tal reconhecido, a ciência impura, que o torna apto para todas as posições, menos para aquelas que *lhes rendam mais do que o exatamente necessário à subsistência*.

E, diante desse *spécimen sublime*, haverá quem recuse preito de entusiástica admiração a uma tal doutrina?!

E os grandes talentos, que, só eles, são capazes de compreender e praticar a ciência que assenta, de chapa, num princípio arqui-sesqui-multi grandioso, quando se trata da eterna questão do *motu contínuo*<sup>65</sup>?

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 05-03-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00053.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00053.pdf)

---

ter-se servido do termo em sentido figurado, como que a dizer “a paixão de Comte”, ou algo assim. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

65 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se por movimento perpétuo. Dr. Bezerra refere-se aqui ao estudo da Evolução. (Fonte: [www.dicionario-delatim.com.br](http://www.dicionario-delatim.com.br))

## Artigo CDXCIX

### Gazeta da Tarde, 12-03-1898

Os maiores sábios da Europa, sem receio de passarem, aos olhos dos nossos, por *desassisados*<sup>66</sup>, dedicaram-se ao estudo do Espiritismo – e, com raríssimas exceções, chegaram à convicção de que os fenômenos espíritas são uma realidade – de que são devidos à uma força desconhecida – de que essa força é inteligente.

Não há, pois, divergência no mundo científico, quanto à realidade daqueles fenômenos, mas sim, unicamente, quanto a seu princípio causal, que uns atribuem ao Espírito humano, libertado corpo pela morte; outros, repelindo sistematicamente tal explicação, recorrem a várias hipóteses, qual mais incongruente – mais gratuita – mais irrisória mesmo.

Desde que, por concurso quase unânime dos homens da ciência, a força que produz os fenômenos espíritas é inteligente, fica, *ipso facto*<sup>67</sup>, excluída a hipótese do materialismo; pois que, por mais se sublime a matéria, nunca chegará ela a demonstrar inteligência.

E tanto é assim, que os próceres dessa doutrina embarravam no pensamento que, embora dessem por secreção do cérebro, nunca se animaram a dar-lhe caráter material, como outras secreções: a bilis, por exemplo.

---

66 (Nota do Organizador) Com falta de siso, desatinado, tolo. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

67 (Nota do Organizador) Locução latina que significa “pelo próprio facto”, usada para indicar algo que é consequência de algo referido anteriormente (ex.: o abandono do posto de trabalho implicou ipso facto a demissão do funcionário). (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Releva, no entanto, ponderar que seus sucessores não serão tão escrupulosos e que, mediante uma palavra campanuda, cuja significação ninguém, nem eles, possa compreender, terão transposto a dificuldade, até mesmo a de ser filha legítima da matéria, a força inteligente, que determina os fenômenos espíritas.

Tudo serve, contanto que não vingue a Doutrina Espírita; de serem aqueles fenômenos produzidos pelos Espíritos livres!

É verdade que, na Europa, por isso mesmo que os estudos dessa matéria são feitos mais sob o ponto de vista científico do que moral, os que os fazem não têm, como nós, aqui no Brasil, campo vasto para as mais amplas observações.

Efetivamente, as manifestações provocadas jamais ofereceram ao observador a quase infinita variedade, que colhemos pelas manifestações espontâneas, que são quase que exclusivamente a matéria de nossos estudos.

A nossos olhos de observador, o princípio causal dos fenômenos espíritas se apresenta por inúmeras faces, que permitem reconhecer sua identidade, com as faculdades e modos de ser do Espírito humano.

Assistir às variadas manifestações espontâneas da força que produz os fenômenos espíritas é ver as várias modalidades de que conhecemos dotado o Espírito humano.

É como descobrir-se nas brenhas dos nossos sertões variadas espécies de ninhos de aves conhecidas, que, entretanto, se acham refugiadas das vistas humanas, no mais cerrado do bosque ou mata.

Quem, conhecedor do modo porque as aves fabricam seus ninhos, descobrindo-os, com sua estrutura própria, poderá ter dúvida de que são obra delas – e ainda mais, pela raridade da obra, deixar de reconhecer a variedade dos fabricantes?

Se, pois, eu vejo manifestar-se, hoje, uma força inteligente, discorrendo sobre alta ciência – vejo, amanhã, outra discorrendo sobre religião – vejo terceira discorrendo sobre futilidades – e assim outra – outra – outras, todas patenteando inteligência – todas discorrendo, mais ou menos elevadamente, sobre coisas humanas; que dúvida posso ter de que essa força inteligente tem conhecimento, em graus diferentes, das coisas humanas – de que, portanto, ela é uma força humana?

Qual, porém, a força humana, que possui a inteligência e o conhecimento de tudo o que o homem sabe, sente e age?

Outra não conhecemos, ninguém conhece, a não ser o Espírito ou a alma do homem.

E, ainda mais, a força que se apresenta com o nome de um padre, manifesta conhecimento de Teologia – a que descortina os segredos da Astronomia, dá o nome de um astrônomo – a que vem ensinar o caminho do bem foi, em vida, um homem virtuoso – a que vem cheia de ódios e maldades, foi um conhecido fascínora.

Quem, diante destas provas, pode deixar de reconhecer um Espírito naquela força?

Quem, encontrando no deserto um ninho de canário, pode ter dúvida de que no deserto habitam os canários?

Duvidar da identidade do Espírito humano e da força produtora dos fenômenos espíritas, em face das múltiplas manifestações, que muito perfunctoriamente aqui temos exposto, é o mesmo que duvidar, por sistema de negação, que a água resultante da fusão de uma pedra de gelo, tenha sido gelo, embora esteja ali visível transformação.

Quiséramos que os sábios conhecedores da verdade dos fenômenos espíritas, mas ainda não de seu princípio causal, tivessem assistido às nossas variadíssimas experiências – e, após elas, se decidissem.

No próximo artigo, oferecer-lhes-emos a prova cabal de que a sua força é o Espírito humano, estudando o fato da cura das obsessões.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 12-03-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00059.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00059.pdf)

## Artigo D

### Gazeta da Tarde, 26-03-1898

Em nosso passado artigo, revistando os caracteres com que se apresenta a força inteligente, reconhecida pela ciência como causa dos fenômenos espíritas, prometemos mais positiva demonstração de ser ela o Espírito humano, bem patente nos casos de obsessão.

Obsessão é a atuação sobre os vivos por Espíritos, seus inimigos, que fluidicamente produzem perturbações orgânicas e dominação da vontade de seus perseguidos, ao ponto de torná-los seus títeres, obedientes às suas determinações.

O obsessor atua principalmente sobre o cérebro do obsedado, donde o desarranjo funcional do organismo corpóreo e a perturbação mental, até à loucura.

Aí temos a tal força inteligente, cuja natureza procuramos conhecer, produzindo fenômenos espíritas, esses que a ciência reconhece – e que, na obsessão, se confundem com os patológicos.

Diante de um louco destes, o médico declara, certo de estar com a verdade: loucura por moléstia do organismo; mas o espírita, por seus processos, que não vem ao caso expender aqui, declara, com igual convicção: loucura por obsessão; isto é por ação de um Espírito malfazejo, e que produz as perturbações orgânicas que se observam.

Qual dos dois terá razão? Di-lo-ão os fatos, que vamos apreciar.

Em primeiro lugar, consideremos a questão pelo lado médico: moléstia.

Esta espécie de loucura, que alguns médicos têm tido a intuição de que pertence a uma ordem especial, embora se manifestem nela todos os fenômenos da verdadeira loucura, nunca foi nem será jamais curada, pelos meios terapêuticos. Em milhares, nem um só caso de cura!

É que a causa não está no organismo – não pode, conseqüentemente, ser removida pela ação dos medicamentos.

Em toda a moléstia, propriamente dita, a ciência médica consegue curas mais ou menos vezes; na loucura por obsessão, nem um caso.

Há, pois, uma espécie de loucura, que não tem vulnerável à ação medicamentosa, nem o tendão de Aquiles.

Consideremos, em segundo lugar, a questão pelo lado espírita; influência de Espíritos.

Aqui, aqueles casos que zombaram da ciência dos mais notáveis médicos, ainda mesmo dos especialistas, nem sempre porém inúmeras vezes, passam da categoria de “incuráveis” para a de “curados”. Os loucos cobram a razão.

Para prová-lo, em vez de entrarmos em largas dissertações mais ou menos científicas, recorramos a fatos de observação, cuja veracidade possa ser provada, sempre que exigido.

Louco, havia dois anos atrás, estava Raul Couto, estudante de Medicina e morador à Praia Formosa ou próximo desta localidade.

Inúteis foram os esforços da ciência oficial, sequer para fazê-lo melhorar dos acessos, que obrigavam a família a tê-lo enclausurado em um quarto da casa. Tinha a mania do suicídio e já uma vez se atirara do sobrado, quebrando um braço.

Nestas condições, foi-nos trazido a estudo este caso, declarado incurável pela ciência.

Chamamos a confabular conosco o Espírito obsessivo, causa de todo o desconcerto mental do pobre moço – e ele veio a nós coagido pela vontade de Espíritos superiores, que auxiliam sempre aos que se empenham em fazer o bem.

Veio, porém, furioso e ameaçador, declarando que não havia poder capaz de fazê-lo desistir de seu intuito contra Raul, que, em passada existência lhe causara danos de não poder ser jamais esquecido.

Eis, pois, como se nos manifestou a tal força inteligente, produtora dos fenômenos espíritas, reconhecidos pelos sábios.



Travamos com ela larga discussão, encarando-a como Espírito imortal, dotado de liberdade e, portanto, responsável.

Respondia-nos como poderia fazê-lo um homem, manifestando sua natureza humana – referindo-nos peripécias de sua vida terrena – e firmando-se no direito que tinha de vingar-se de quem o perseguira cruelmente, na duração daquela vida.

A força inteligente confessava e dava provas de ser um Espírito – de ter sido um homem.

Levamos alguns meses na luta com esse Espírito: força inteligente dos cientistas, para fazê-lo desistir de seus maus instintos, conferenciando com ele uma vez por semana. E o doente, Raul, manifestava, por esse tempo, grande agitação.

No fim de tantos meses, eram 10 horas da noite, o obsessivo furioso tornou-se no arrependido – e o arrependido, perdoou a seu inimigo – e pediu perdão a Deus.

Àquela mesma hora, Raul, que desde que enlouquecera, havia dois anos e meses, nenhum caso fazia da mãe e das irmãs, chamou-as – expandiu os mais afetuosos sentimentos – volveu, enfim, ao seio da família, mostrando-se tal qual sempre fôra: amoroso – alegre – e expansivo.

Dobrou a razão ao tempo em que o Espírito Félix, seu perseguidor, suspendeu a mão que o oprimia!

Pode haver dúvida de que era um Espírito, que viveu na Terra, a força que produziu todos aqueles fenômenos?

Raul voltou a seus estudos – e publicou apostilas sobre Anatomia.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 26-03-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00071.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00071.pdf)

## Artigo DI

### Gazeta da Tarde, 02-04-1898

Como se precisássemos de mais provas de que os fenômenos espíritas, que os próprios sábios, adversos ao Espiritismo, foram obrigados a confessar, como fizeram especialmente Crookes e Lombroso, são produzidos pelos Espíritos – Espíritos dos mortos, como vulgarmente se diz; eis que nos chega às mãos alguns números do *Correio Paulistano*, importante jornal político da capital de S. Paulo, nos quais temos longa e bem desenvolvida narração de um fato, que agita a população da grande e adiantada cidade.

Sob a epígrafe:

CASA ASSOMBRADA  
PROJETIS MISTERIOSOS  
*Será mistificação?*

a reportagem do grande jornal, e um de seus redatores, gente estranha à grei *desassisada* dos [espíritas]<sup>68</sup>, expõe minuciosamente o que colheram, por informações *de visu*<sup>69</sup>, sobre os fenômenos que se deram na casa da rua dos Estudantes n.º 22.

Moravam ali, ainda em fevereiro último, quando se deram aqueles fenômenos, uma velha beata, cuja principal ocupação era rezar em um grande oratório, que trazia ricamente adornado e

---

68 (Nota do Organizador) O texto original traz a palavra *espíritos*, mas não faria sentido ao conjunto da frase, pelo que decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro material, tipográfico.

69 (Nota do Organizador) Locução latina. Por ter visto, de vista. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

repleto de imagens; juntamente com uma crioulinha de 10 anos, que lhe faz companhia e lhe serve de criada.

Sem causa apreciável, começaram a aparecer fenômenos físicos de pedra – pedaços de tijolos e de telhas, que caíam do forro, mesmo achando-se a casa fechada.

Esses projetis não feriam a quem quer que fosse – e, porque caíam, estando a casa fechada, muitos os atribuíram à maldade da crioulinha, o que, diz o redator do *Correio Paulistano*, foi fácil verificar nenhum fundamento ter.

Aquele ilustrado observador, desejoso de penetrar o mistério de tais fatos, que profundamente o intrigavam, por todas as pesquisas imagináveis, sem outro resultado que vir ao conhecimento de que aquelas manifestações davam-se em toda a casa habitada pela velha e sua criadinha; de modo que uma casa ficava assombrada, desde que se elas ali estabeleciam com seu altar e suas rezas fanáticas – e se desassombrava logo que a deixavam aquelas duas criaturas.

Evidentemente, os projetis não eram jogados por mão humana, pois que caíam no meio dos assistentes, estando a casa literalmente fechada e sendo forrada e assoalhada, tudo verificado pela reportagem e pelo redator do *Correio Paulistano*.

Quem, pois, é o autor de tão inexplicável fenômeno? Certamente uma força – força inteligente, que por tal se revela produzindo a queda dos corpos sólidos, sem a ninguém tocar.

Mais do que *força*, no sentido da Mecânica, adubada com o tempero da inteligência, é causa que só acha agasalho no cérebro de certos cientistas que, não sabendo explicar um fenômeno natural, inventam uma palavra, cujo sentido é mais incompreensível do que a que se quer, por ela, explicar.

O ilustrado redator do *Correio Paulistano*, não pertence a esta classe de zangões científicos; e pois, sem se ater à palavra, procurou investigar a natureza de tal força.

Veio-lhe em auxílio o distinto redator do jornal espírita, que se publica em S. Paulo, o que se propôs procurar a explicação do mistério fora do círculo de função dos vivos.

Ligaram-se para este fim o redator do jornal político – o redator do jornal espírita – e um cavalheiro, professor do Ginásio Nacional e membro da Sociedade Psíquica de Londres, em excursão científica por aquelas paragens, além de mais três, que não vêm designados na exposição do *Correio Paulistano*.

Reunidos na casa assombrada, um dos pesquisadores pediu a manifestação dos fenômenos misteriosos, se ali estivesse seu autor.

Imediatamente caiu um casco de telha e mais outro, a segundo pedido.

Então, um médium sonambúlico, que fazia parte do grupo, recebeu um Espírito, que declarou: ter sido padre na vida corpórea – padre sem fé e de vida desregrada.

Disse: que era o autor daqueles fenômenos, e que, vendendo-se no Espaço repellido dos que eram bons e tinha fé, procurava aquele meio, onde não havia religião, mas sim superstição, porque aquilo casava com seus sentimentos.

Após veio outro Espírito, de elevada categoria, que confirmou o que disse o primeiro – e deu a todos os mais salutares conselhos, aproveitando o fato para moralizar os presentes.

Quem expõe tudo isto, não é um espírita, e consequentemente um *desequilibrado*, na frase de um equilibradíssimo positivista.

Quem expõe é cavalheiro, estranho às cogitações dos espíritas – é o ilustrado redator do *Correio Paulistano*, qjue o fez larga e profundamente, na parte editorial do seu jornal, ressaltando a responsabilidade da redação do mesmo.

A origem, pois, não é suspeita – e a consequência deduzível da exposição é clara – simples – e positiva.

Ou a Lógica tem valor para a inteligência ou não passa de ornamento inútil da razão humana.

Se tem valor, a consequência do que fica exposto é que a força inteligente, que produz os fenômenos espíritas, mostra-se inquestionavelmente com o caráter de Espírito de um morto.

Se é simples ornamento, em que se basear a razão humana, para determinar dos fatos a verdade?

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 02-04-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00077.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00077.pdf)

## Artigo DII

### Gazeta da Tarde, 09-04-1898

Extraímos do *Debate* de 29 de março deste ano:

“O *D. Viçoso*, órgão oficial do clero de Minas, diz o seguinte do Dr. Eduardo Silva<sup>70</sup>, no seu número de 22 de março:

“Está em S. Paulo, onde reside há oito anos, um certo Dr. Eduardo Silva, engenheiro inglês, natural de Gilbratar, que tem dado ultimamente que falar de si. Esse engenheiro é nada mais nada menos que médico espírita, médium extraordinário, que cura todas as moléstias com a maior facilidade.

“Os livros de Görres<sup>71</sup> – de Mirville<sup>72</sup> – de Gougenot des Mousseaux<sup>73</sup> estão cheios de fenômenos idênticos aos que se dão com

---

70 (Nota do Organizador) Já citado, vide nota 50, acima.

71 (Nota do Organizador) Johann Joseph von Görres (1776 – 1848) – escritor e jornalista alemão, católico, com diversas obras publicadas sobre fenômenos espíritas, que denominava “misticismo”... (Fonte: *Wikipedia*)

72 (Nota do Organizador) Jules Eudes de Catteville de Mirville, Marquês de Mirville, nasceu em 24 de abril de 1802 no Château de Filières em Gommerville, França, e morreu lá em 11 de setembro de 1873. Escritor erudito, iluminista e médium, é autor de inúmeras obras sobre Espiritismo. Kardec faz uma avaliação respeitosa sobre estas últimas no seu *Catálogo Racional das Obras para se fundar uma Biblioteca Espírita*. (Fonte: *Wikipedia* e *Catálogo Racional das Obras para se fundar uma Biblioteca Espírita*)

73 (Nota do Organizador) Roger Gougenot des Mousseaux, também conhecido como Chevalier Gougenot des Mousseaux (1805 – 1876) – jornalista e escritor polemista francês. Católico ultramontano, é autor de diversas obras sobre a história da magia e do esoterismo, como também à perseguição às sociedades secretas, à maçonaria e ao povo judeu. (Fonte: *Wikipedia*)

esse novo instrumento dos espíritos de [nequícia]<sup>74</sup>. O Dr. Eduardo Silva nada tem de extraordinário para quem conhece os fatos da mística diabólica, e os faquires da Índia fazem coisas mais admiráveis.

“Nós declaramos daqui às famílias e aos católicos incautos que não é permitido utilizar-se das artes do Dr. Silva.

“Esses médiuns, a antiguidade chamava-os nigromantes e feiticeiros.

“Às pessoas cultas, que se deixam facilmente iludir pela narração de tais maravilhas, aconselhamos que leiam os autores que tratam da ciência demonológica, para se orientarem sobre um fato tão comum e de que tanto se admiram”.

Ora, louvado seja Deus, que ainda nos é dado ver, depois do 19 século, erguer o colo a impiedade dos escribas – dos fariseus – e dos sacerdotes hebreus, que levaram o Justo ao suplício da cruz!

Quem, lendo o que se passou com Jesus, e o que agora dizem sobre o Dr. Eduardo Silva, os pretendidos ministros de Jesus, poderá furtar-se à convicção de que isto é a reprodução daquilo?

Jesus curava os doentes – e o sacerdócio bradava: é por artes do diabo!

Eduardo Silva cura os doentes – e os ministros do alta bradam: é por artes do diabo!

Pois estes não aprenderam nas lições do Divino Mestre – nesse exemplo de atribuírem os escravos do mal à Satanás, o bem que Ele fazia?

Pois estes preferem imitar o sacerdócio hebreu, atribuindo a Satanás o bem que um médium espírita faz!

Pobres infelizes! Não vêdes que, declarando ser obra do diabo os benefícios que o Espiritismo espalha por toda a parte e a toda hora, fazeis procurar e amar Satanás?

A encarnação de todo o mal espalhando o bem!

Mas quem nos diz – quem diz aos que recebem o bem dos médiuns espíritas, que não sois vós os inspirados pelo diabo, precisamente como se deu com o sacerdócio hebreu?

---

74 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui *nequícia*, mas decidimos corrigir, por verificar tratar-se de simples erro tipográfico, material. *Nequícia* não existe. Nequícia é sinónimo de maldade, malícia, ruindade, perversidade. (Fonte: *Dicio - Dicionário online de Português*)

Mostrai, primeiro, que estais com o Evangelho, para poderdes exigir que se creia na vossa palavra.

Vós, porém, o que mostrais, é que nunca lestes o Evangelho – ou, se o lestes, não o entendestes.

Jesus disse – é do Evangelho: que todo o que tivesse fé nele, faria o mesmo que ele – e ainda maiores coisas<sup>75</sup>.

Como, pois, atribuir ao diabo a realização das promessas de N. S. Jesus Cristo?

Se não é suprema a vossa ignorância, dolosa é a vossa má fé!

Jesus ensinou – é do Evangelho: que é pelo fruto que se conhece a árvore<sup>76</sup> – e vós, infelizes padres, diante dos frutos do bem, dizeis: obra de Satanás!

O que quereis que se julgue de vós, que vos dizeis ministros de Jesus, vendo-se que ides de encontro às promessas e aos ensinamentos de Jesus?

Certamente não estranhareis, que se julgue, com o melhor fundamento, que instrumento de Satanás sois vós, que quereis tolher o bem, insinuando que os que [o]<sup>77</sup> fazem são influenciados por danadas sugestões.

Ah! *D. Viçoso*; sob teu glorioso nome se encandaliza assim a razão – a consciência – a verdadeira Doutrina ensinada pelo que foi vitimado por quejandos sacerdotes!

Rogai a Jesus que lhes perdoe, porque eles não sabem o que fazem<sup>78</sup> – e para que nos dê, a nós espíritas – e, como tais, humilíssimos discípulos seus, a precisa humildade, de sofrer com paciência as fraquezas desses nossos pobres irmãos, que, porventura foram dos que bradaram: *crucifige – crucifige – crucifige*<sup>79</sup>.

A eles, que ofereciam os livros de Görres – de Mirville – e de outros cegos fanáticos, nós oferecemos, por caridade, o do Abade Almignana<sup>80</sup>, notável ilustração clerical, que verificou por si

---

75 (Nota do Organizador) Jo. 14:12.

76 (Nota do Organizador) Vide Mt. 7: 16 e 20, como também Lc. 6:43 e 44.

77 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade desse pequeno acréscimo, para melhor compreensão do trecho.

78 (Nota do Organizador) Lc. 23:34.

79 (Nota do Organizador) “Crucifica-o, crucifica-o” - referência a Lc. 23:21.

80 (Nota do Organizador) João Batista Almignana, Doutor em Direito Canônico, teólogo, magnetizador e médium. Sua obra “Du somnambulisme, des tables

mesmo, pois que desenvolveu-se-lhe a mediunidade espírita, a origem divina das manifestações espíritas, todas minuciosamente descritas no seu livro.

Este padre, que compreendia o dever de ter sua fé raciocinada – e a abjeção de crer o que se lhe manda crer, procurou, com ânsia, descobrir a verdade entre a afirmação e a negação de ser o Espiritismo obra de Satanás – ou uma Nova Revelação divina: a que Jesus prometeu para o ensino das verdades, impossíveis em seu tempo, por causa do atraso humano<sup>81</sup>.

Fez seus estudos, sempre precedidos de ardentes preces, e convenceu-se de que Mirville sacrificou a verdade a preconceitos – e de que nenhuma parte tinha o demônio nas manifestações espíritas, que revelavam uma origem divina.

Nesse sentido, colecionou todas as suas experiências – e remeteu-as ao arcebispado de Paris, pedindo-lhe, pelo amor de Deus, que o esclarecesse, se julgasse haver falha em suas conclusões.

O arcebispo não respondeu; pelo que dirigiu a mesma petição ao Papa Pio IX, que igualmente encerrou-a no silêncio.

Leiam os padres do *D. Viçoso* este trabalho – e bem assim o do [...] do México, *D. Orisondo*<sup>82</sup>, que da tribuna sagrada, com a autoridade do mais ilustrado bispo da América, declarou: que o Espiritismo era verdadeira Doutrina de Jesus, interpretada em espírito e verdade.

Eis o que oferecemos aos sacerdotes hebreus, reencarnados em Minas.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 09-04-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00082.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00082.pdf)

---

tournantes et des médiums, considérés leurs rapports avec la théologie et la physique” (Paris: Dentu et Germer-Baillièrre. 1854) é comentada no volume “As Mesas Girantes”, de Zêus Wantuil, ed. FEB. Já citado alhures, ao longo desta coleção.

81 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13.

82 (Nota do Organizador) Infelizmente esta pesquisa ainda não localizou informações sobre D. Orisondo...



## Artigo DIII

### Gazeta da Tarde, 16-04-1898

Ainda uma palavra aos ilustres redatores de *D. Viçoso*, órgão do clero católico mineiro.

Em quase todos os nossos trabalhos experimentais, que fazemos no intuito de verificar a verdade ou falsidade dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, saem-nos ao encontro, manifestando-se por diferentes médiuns sonambúlicos, Espíritos que foram padres na sua existência corpórea.

Esses atacam violentamente os Espíritos e o Espiritismo – e exaltam os padres e a Igreja romana.

Do fato destas manifestações não há mais hoje quem duvide, porque elas se dão aos milhares e são patentes a quem quiser vê-las.

A dúvida subsiste, apenas, sobre a natureza da força que as produz, pensando os cientistas que é psíquico – pensando a gente católica que é diabólica, em completa oposição ao que pensam os espíritas: que é o Espírito dos seres humanos, que viveram na Terra, donde se foram pela morte.

A primeira hipótese não resiste às experiências científicas dos sábios Akzakof, Zöllner, e, principalmente de Crookes, que surpreendeu em flagrante o Espírito de Katie King, produzindo os mais notáveis fenômenos espíritas.

Se, ainda assim, o grande sábio invoca a imaginária força psíquica, é porque faltou-lhe a coragem de afrontar os preconceitos gerais, proclamando a verdade que não podia deixar de estar gravada em sua consciência.

Pois se ele tomou nos braços o Espírito materializado de Katie King – examinou-o como faria a uma pessoa viva – e viu que era ele que produzia aqueles fenômenos, como ter dúvida sobre a causa deles?

Crookes transigiu com a consciência declarando verdadeiros os fenômenos espíritas e, ao mesmo tempo esquivando-se de fazer a declaração de serem eles produzidos pelo Espírito humano desencarnado, o que aliás ele confessa ter verificado, em presença de numerosas testemunhas, tão competentes quanto respeitáveis.

A hipótese do clero romano, de ser obra do demônio, toda a manifestação espírita, além de firmar-se na existência de um ser, que nulifica a de Deus, vai ferir, de frente, a de seus próprios sustentadores.

Com efeito, se é o demônio quem se manifesta, quem produz os fenômenos espíritas, é ele quem se nos tem apresentado, quase sempre, em nossas investigações experimentais.

Mas, quem se nos apresenta naqueles casos, combate o Espiritismo e exalta o Catolicismo.

Logo, o demônio é antiespírita e é católico.

Ora, se o Espiritismo é obra do demônio, como vir este senhor combatê-lo ferozmente em público e raso?

É tão incompreensível esse procedimento do famoso inimigo do Onipotente, com quem luta, sem jamais se render, desde o princípio do mundo, quanto o de vir sustentar, franca e entusiasmaticamente, as obras do clero da Igreja romana!

Combate a sua obra – e sustenta a de seus inimigos!

O que dizem a isto os ilustre redatores do *D. Viçoso*?

Só lhes vemos uma saída; é darem por falso o fato que acima enunciamos: de virem manifestantes aos nossos trabalhos experimentais, atacar o Espiritismo – e defender a Igreja romana.

Estão no seu direito, principalmente sendo esta a sua única tábua de salvação; mas o caso vale bem a pena ser tirado a limpo – e os ilustres sacerdotes devem ser, pela natureza de seu ministério, os mais empenhados em fazerem a luz, para difundí-la por suas ovelhas.

Provocamos, pois, os ilustres redatores do órgão do clero católico mineiro, e seus dignos representantes do catolicismo nes-

ta Capital, especialmente ao Exmo. Revmo. Monsenhor Brito<sup>83</sup>, a quem tanto respeitamos por suas virtudes – ilustração – provocamos a virem ver o fato por nós denunciado.

E, depois, se continuarem a dar ao demônio as honras de ser o motor das manifestações espíritas, causas que não podemos atribuir ao nobre caráter de SS. RR.<sup>84</sup>; ficará patente: que não por convicção, mas por zelo farisaico, é que sustentarão aquela ideia extravagante, e até blasfema.

Ao notável pregador, Monsenhor Brito, cujo nome respeitável trouxemos à arena, em razão de haver S. Exma. Revma., em seus sermões, na última quaresma, levantado uma *delenda Carthago*<sup>85</sup> contra o Espiritismo, não podemos opor mais reverente contradita.

Um homem de sua estatura moral nunca pode contrariar: dá-se-lhe ensejo de conhecer a verdade.

Tão convencido, como o clero católico, era o sacerdócio hebreu, quando zelou pela religião de seus pais, [e]<sup>86</sup> repeliu a luz.

Por que não acontecerá o mesmo aos que, por falso zelo, repelem o Espiritismo?

Dizemos *falso zelo*, porque é evidente: que as verdades são reveladas ao mundo progressivamente e na medida do progresso humano – e porque uma Nova Revelação de verdades, que não puderam ser ensinadas por Jesus, em razão do atraso humano, foi por Ele prometida<sup>87</sup>.

Será o Espírito Santo o Consolador prometido?

---

83 (Nota do Organizador) Luiz Raymundo da Silva Brito (1840 - 1915) foi um prelado e político brasileiro, primeiro Arcebispo de Olinda, como também, mais tarde, reitor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. (Fontes: *Wikipedia* e *O Album*, edição de Fevereiro de 1803 - [https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6826/8/Ano.1\\_n.07\\_45000033188\\_Output.o.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6826/8/Ano.1_n.07_45000033188_Output.o.pdf)).

84 (Nota do Organizador) Abreviatura de Sua Reverendíssima.

85 (Nota do Organizador) Frase célebre da oratória latina, que traduz-se por “Cartago deve ser destruída”), cujo uso se popularizou na República Romana, no século II a.C.. Simboliza uma política de aniquilação dos inimigos. (Fonte: *Wikipedia*)

86 (Nota do Organizador) Permitimo-nos esse pequeno acréscimo, para melhor compreensão do sentido geral do parágrafo.

87 (Nota do Organizador) Referência a Jo. 16:12-13.

Se fosse, a Igreja teria recebido verdades novas, não contidas no Evangelho.

Será o Espiritismo um ensino daquelas verdades trazidas pelos Espíritos do Senhor, sob a denominação de – Consolador? Estudai e verificai, para que não procedais como o sacerdócio hebreu.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 16-04-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00088.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00088.pdf)

## Artigo DIV

### Gazeta da Tarde, 25-04-1898

Está na ordem do dia o Dr. Eduardo Silva – e, pois, seja-nos, mais uma vez, concedida a palavra para discutí-lo<sup>88</sup>.

Na *Cidade do Rio* de 15 do corrente, vem transcrita do *Estado de S. Paulo*, uma carta àquele jornal, dirigida por um escritor, que se oculta sob o pseudônimo de *Theriaga*.

*Theriaga* cita o art. 157 do nosso código penal, que impõe pena de prisão celular e de multa a quem “praticar o Espiritismo, a magia e seus sortilégios, usar de talismãs e cartomancias, etc, etc e inculcar cura de uma moléstia...”

Ora, diz o missivista: “em meio mais civilizado, qual o nosso, vive um homem, tido e reputado um taumaturgo<sup>89</sup>. É o Dr. Eduardo”.

Contra este infeliz, que faz o bem, dando alívio aos que sofrem, *Theriaga* clama às autoridades, para que o encarcerem, como a Cúria Romana encarcerou Galileu, pelo crime de haver arrancado do ignoto verdades, que são luz – luz, que os morcegos aborrecem.

Antes de mais, perguntamos: Eduardo cura? Este é o fato essencial.

---

88 (Nota do Organizador) Esse é já o quarto artigo de Dr. Bezerra em defesa do médium Eduardo Silva, vide também, acima, os artigos CDXCII, de 21-02-1898, CDXCIII, de 28-02-1898 e CDXCVIII, de 09-04-1898, todos nesse mesmo volume.

89 (Nota do Organizador) Que ou aquele que opera milagres, milagreiro. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

Homens de elevada posição social e de caráter tão respeitável quanto possa ser o Sr. *Theriaga*, o afirmam *de visu*<sup>90</sup> e por experiência própria. Nós lhes temos ouvido a afirmação – e temos visto muitos doentes de nosso conhecimento, cansados de se tratarem inultamente com os médicos, recorrerem ao Dr. Eduardo, e virem curados.

Eduardo cura, tem curado a inúmeras pessoas; negá-lo é mais ridículo do que parece escândalo a *Theriaga* o que se passa na casa do *taumaturgo*.

Se o homem cura – e cura sem empregar drogas, que possam danificar, parece-nos: que é indigno de uma sociedade civilizada castigá-lo pelo bem que faz.

Mas em que basear-se para castigá-lo?

Na disposição do Código, diz *Theriaga*.

É outro ponto para estudo.

Quem possuir ligeira compreensão do movimento que se opera em todo o mundo civilizado, se for brasileiro, envergouhar-se-á do ridículo papel que representa a pátria apresentando às nações seu código, em que pune-se com prisão celular quem pratica o Espiritismo, por confundi-lo com a magia – com a cartomancia – com a feitiçaria.

Quando os países mais adiantados veem seus filhos mais distintos, sábios de primeira ordem, dedicarem-se ao estudo e prática do Espiritismo, reunindo-se, até, em congressos, a que concorrem as maiores notabilidades do mundo; que triste papel representa o Brasil, considerando, em seu código, uma feitiçaria o Espiritismo e feiteiros, mercedores de calceta<sup>91</sup>, os homens que estudam e praticam aquelas mágicas!

Mas, enfim, temos a ignomínia do artigo invocado por *Theriaga*, como um padrão de nossa glória, e, pois, sujeite-se a ele o homem que envergonha o Brasil, praticando em seu seio a caridade!

Mas, *Theriaga* parece que não é muito lá entendido em coisas desta nossa boa terra; pois que mostra ignorar: que acima do

---

90 (Nota do Organizador) Vide nota 69, acima.

91 (Nota do Organizador) Argola de ferro que, cingindo a perna dos condenados a trabalhos públicos, remata o grilhão que os prende, grilheta. Referência à pena de trabalhos forçados. (Fonte: Dicionário Priberam online)

Código está a Constituição – e que a nossa Constituição, sobre o Dr. Eduardo, desfaz o que dispõe o adorável artigo 157<sup>92</sup>.

Aqui é que cabe dizer: ou César ou João Fernandes – ou a Constituição é a lei das leis, e o Dr. Eduardo não é passível de pena – ou o Dr. é passível de pena e a Constituição é um papel sujo – um nariz de cera<sup>93</sup> que presta ao *pro* e ao *contra*, segundo as conveniências do momento, apreciadas ao sabor das paixões dos que fazem dela seu cavalete.

Eduardo cura – Eduardo não pode ser alcançado pelo vergonhoso artigo 157, tão amado de *Theriaga*, para quem, pois, recorrer? Só para as terras, que são o paraíso dos morcegos.

Eduardo, queira ou não – queiram ou não, é um médium curador – e os médiuns curadores, já explicamos cientificamente, operam por influxo superior, mediante leis naturais que o Espiritismo vem revelar.

Nem deve causar surpresa a nossa expressão de “influxo superior”; pois que até ela está ela escrita no Livro da Verdade, o Evangelho, pois que Jesus, vendo seus discípulos se admirarem das curas que fazia, pela simples aposição das mãos, lhes disse: “todo o que tiver fé, fará o que eu faço – e ainda mais, porque eu vou para meu Pai”<sup>94</sup>.

Se *Theriaga* não conhece o Evangelho ou não lhe dá valor, tanto que chama *escândalo* o cumprimento de uma promessa de N. S. Jesus Cristo, melhor é que vá aprender ou que deixe em paz os que os que têm a luz de conhecerem a verdade.

Admira-nos, entretanto, ver o ilustrado redator da *Cidade do Rio*, acolher com satisfação as indigestas ideias do autor da carta, que teve o feliz impulso de esconder seu nome.

Admira-nos, porque conhecemos os pensamentos elevados da águia da nossa imprensa, que sublima-se constantemente às regiões da luz, para colher o que há de mister, para fazer rebrilhar suas ideias.

Admira-nos tanto mais, que sabemos quanto é ele versado nas letras evangélicas.

---

92 (Nota do Organizador) O texto original ficou aqui um pouco truncado, fizemos pequenos ajustes, para melhor compreensão do sentido geral do parágrafo.

93 (Nota do Organizador) Expressão típica do jornalismo. Parágrafo introdutório que retarda a entrada no assunto específico do texto. É sinal de proximidade. (Fonte: Manual de Redação do jornal Folha de São Paulo)

94 (Nota do Organizador) Jo. 14:12, já citado.

Como, pois, que um tal qualifique de *justo* o movimento contra quem realiza uma das promessas do Redentor!

Creia esse nosso amigo: coisas mais extraordinárias verá em breve, porque os tempos são chegados!

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 25-04-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00095.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00095.pdf)



## Artigo DV

### Gazeta da Tarde, 30-04-1898

Não o Espiritismo, sublime repertório dos mais altos princípios morais e científicos; mas, sim, a sua mais ou menos grosseira contrafação, obra da ignorância filauciosa<sup>95</sup>, senão da especulação condenável; é a quem a responsabilidade de fatos lamentáveis, que outra tanta ignorância ou outra tanta especulação dolosa, levam à conta da Doutrina, que só de nome conhecem.

Não conhecem; mas bem que sabem que os maiores vultos das nações civilizadas se preocupam quase que exclusivamente com ela.

É, pois, de simples bom senso, reconhecer: que não pode ser coisa dispensável, a que prende a atenção e toma o tempo precioso aos luzeiros da ciência do mundo.

E basta o senso comum, para distinguir o que procede da boa Doutrina – e o que tem sua origem no abuso ou contrafação da Doutrina.

Responde a Medicina pelos desmandos dos charlatães?

Responde a verdadeira religião pelos falsos ensinamentos – pelos falsos dogmas – pelos falsos profetas?

Não há quem ignore que há, mesmo aqui na Capital, um enxame de infelizes, que se dizem espíritas e dirigem trabalhos espíritas, sem possuírem noção da filosofia – da ciência – e da moral espírita.

Há mesmo alguns, bem conhecidos, que ousam, mal sabendo ler e escrever, fazer Espiritismo científico; com a mesma com-

---

<sup>95</sup> (Nota do Organizador) Filáucia é excessiva confiança ou orgulho exagerado em si próprio, jactância, presunção. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

petência com que um servente de necrotério se metesse a descobrir, num cadáver, a causa que determinou a morte.

O que se pode esperar de tais farsistas do Espiritismo, bem o sabem os que se aproveitam deles para atacarem a Doutrina; assim como fazem os inimigos da religião, condenando-a pelos abusos de padres corrompidos.

E quem os ouve falar, chega a crer: que eles estão convencidos do que dizem – e que a verdade é o que eles dizem.

Vem daí – dessa má fé dos inimigos do Espiritismo, a *delenda Carthago*<sup>96</sup>: *mais um fruto do Espiritismo*, que se lê quase todos os dias, em nossos jornais, desde que uns tantos intrujões produzem escândalos em seus Centros de Espiritismo científico ou em seus antros de espiritismo de carregação.

Bem conhecem os da *delenda* que são obras de Alquimia a que apregoam como de Química ou de Astrologia a que empregam como meio de desfazerem da Astronomia.

Para eles, porém, o fim justifica os meios – e seu fim é fazer odiosa e desprezível essa Doutrina, que eles, com seu espírito de sistema ou com seu fanatismo, não podem tolerar, porque leva a luz a suas ideias ou crenças, que só nas trevas se podem manter.

Eles bem a conhecem, mas o dominado de espírito de sistema e o fanático são obcecados, que julgam poder traçar um círculo, fora do qual, tudo é falso – tudo é imaginário – tudo é mistificação. Para eles, a verdade está toda dentro do círculo de seus conhecimentos e de suas crenças – só eles possuem a verdade.

É a monomania do que julga possuir toda a ciência – do que julga encerrar em si toda a virtude.

É o eterno reflexo daquela obstinação, que condenou Galileu – da maior de todas, que condenou o divino Jesus; um, porque derrocava os fundamentos da ciência astronômica daqueles tempos – outro, porque colocava sobre seu legítimo pedestal, a revelação das verdades eternas, mal compreendidas pelo sacerdócio hebreu.

Não refletem esses infelizes orgulhosos sobre a necessidade, para a realização da lei do progresso infinito, de ideias novas – de novas descobertas – de alteração, moral e científica, da ordem estabelecida, para se firmar uma mais adiantada.

---

96 (Nota do Organizador) Vide nota 85, acima.

Orgulhosos, sim; porque querem por limites ao progresso, para que os que vierem na onda mais alta não lhes fiquem so-branceiros.

Debalde aí está a história da humanidade ensinando: como a oposição de todas as potências do mundo não tem logrado – nunca logrou apagar a verdade, que à semelhança da luz solar, pode ser temporariamente [obnubilada]<sup>97</sup> por densa nuvem; mas que brilhará, um dia marcado no quadrante da eternidade, removida a nuvem pelo vento soprado por vontade do Altíssimo.

E Galileu é proclamado – e Jesus adorado!

E a *santa* Inquisição é desprezada – e sacerdotes, escribas e fariseus são recalçados no abismo de todas as ignomínias!

Se os que atiram ao Espiritismo os erros dos intrujões, não fossem obcecados – monomaniacos, aqueles exemplos bastariam para descerem ao fundo da nova Doutrina, a fim de colherem aí a pérola preciosa da sua verdade ou o grosseiro calhau de sua falsidade.

Isto, porém, exige maior ou menos trabalho – e muito mais cômodo é sentenciar sem conhecimento de causa – e, para dar cor de verdade à sua sentença, atribuir ao Espiritismo os escândalos dos seus misticadores.

Sejam, porém, quanto quiserem, Inquisição ou sacerdócio, que o dia raiará, que brilhará no firmamento da humanidade o sol da verdade, que cercará de luz a frente dos que têm dedicado seus esforços, afugentando para os antros tenebrosos os notívagos que cerraram os olhos à luz.

Será, então, o juízo – e a Terra recolherá em seu seio os filhos da luz – e os intrujões e seus consócios<sup>98</sup> terão o choro e o ranger de dentes.

Alerta, pois, oh! voz que dormis à sombra da morte!

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 30-04-1898

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00100.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00100.pdf)

---

97 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra *afincada*, que não conseguimos localizar nos dicionários atuais, pelo que decidimos substituí-la pelo termo que nos pareceu mais consentâneo com o sentido geral do parágrafo.

98 (Nota do Organizador) Colega, companheiro. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

## Artigo DVI

### Gazeta da Tarde, 14-05-1898

Em seu número 16, a *Mocidade*, opúsculo que se publica mensalmente em Juiz de Fora, dedica a combater o Espiritismo o melhor de seus esforços.

Convencido de que há ignorância na matéria, porém não má fé, vamos nós fazer outro tanto, por combater-lhe os falsos conceitos em que se firma.

W.B.Lee, autor do artigo que vamos analisar, formulou seu ataque com o seguinte plano:

“Não podemos fechar os olhos ao fato de que o Espiritismo está se enraizando no solo brasileiro.

“É uma questão que todos que amam a Cristo têm de enfrentar com seriedade.

“Os espíritas dizem ser cristãos; que amam a Cristo fervorosamente; que a sua Doutrina dá mais honra a Deus do que a de qualquer outra seita; que a sua moral é a mais simples e pura que há. Sendo assim, não podia haver nada melhor. Mas será isto verdade?”

Para que haja ordem na discussão, examinemos por partes o trabalho adverso.

Do que aí fica transcrito resulta a confissão insuspeita de que o Espiritismo propaga-se ao ponto de Lee bradar alerta aos que amam a Cristo.

Os que amam a Cristo, mas amam-no como ele quer ser amado, ou confessam a fraqueza de seu amado, se houver alguma seita humana que o possa destronar – ou confessam sua

falsa apreciação, respeito àquela que avassala a humanidade, na hipótese de ser contrária ao Cristo.

Se é certo que o Espiritismo tem feito tão rápido quanto avantajado proselitismo, de duas, uma: ou ele é a expressão da verdade, porque só esta tem semelhante poder – e, neste caso, ele está com Cristo e o Cristo está com ele, porque a verdade é o Cristo; – ou, se não é ele a expressão da verdade, aí temos a mentira crescendo tanto sobre a verdade do Cristianismo que já põe em sustos aos que amam a Cristo.

Lee não refletiu quando escreveu aquelas linhas, que são a apoteose do Espiritismo, como repositório da verdade, harmônicas com as que Jesus ensinou ao mundo; salvo se admitir que Jesus pode ser destruído em sua obra, por obra de homens.

E, pois, à pergunta de Lee: – Mas será isto verdade? – responderemos: vós mesmos destes a prova irrecusável de que isto é verdade.

E, pois, que o Espiritismo oferece o critério absoluto da verdade, porque discutir com quem, embora inconscientemente, o demonstrou, os capítulos de acusação que levantou contra ele?

Se, porém, assim é; se, em rigor, provada a tese, estão removidas as hipóteses, apraz-nos descer a todos os argumentos de Lee, porque não lhe fique sombra de dúvida sobre a falsidade da que abraçou como verdade.

“Em primeiro lugar, negam a Santíssima Trindade (assim simplificando a nossa doutrina). Portanto, para eles, não existe o Espírito Santo. Daí segue-se que as Escrituras Sagradas não foram inspiradas por Ele, e portanto, não têm a autoridade divina.”

Na *Gênesis*, cap. XVIII, lê-se que o Senhor apareceu a Abraão – e lhe disse: “Eu sou o Deus todo Poderoso” – e em nenhum lugar da Bíblia se encontra coisa diversa disto.

Deus – Deus Uno – Deus Criador; nunca, porém, Deus Trino.

Deus Trino – Trindade divina, é fermento do Politeísmo, aproveitado pela Igreja romana, para não ferir de face às crenças pagãs dos seus primeiros tempos. Trindade divina é paganismo.

Deus é o Senhor – é o Pai. É uno, porque, se fosse múltiplo, seria comparável – e se fosse comparável não seria infinito.

O Espírito Santo é a legião dos puros Espíritos, mensageiros do Senhor.

O Espírito Santo falou a Adão – falou a Caim – falou a Noé – falou a Abraão – falou a Lot – falou à Virgem Santíssima – inspirou a Moisés, a quem falara na sarça ardente e no Sinai – inspira e inspirará todos os que tiverem missão de propagar a verdade.

Não é Deus, porque Deus é uno; mas, sim, divino instrumento do Deus uno.

O que fazem, fazem por Deus; donde a autoridade divina das Sagradas Escrituras.

Passemos à 2<sup>a</sup>. acusação:

“Negam categoricamente a divindade do Cristo e a propiciação que este fez na cruz. Negando a obra redentora de Cristo, estão logicamente obrigados, como fossem a negar o perdão dos pecados...”

Negar a divindade do Cristo, quis Lee dizer: negar que seja Cristo Deus com o Pai e com o Espírito Santo – negar, portanto, a Trindade.

Sim, senhor, o Espiritismo nega que o Cristo, o enviado de Deus, seja o próprio Deus – e se não fosse claro, como a luz meridiana, que não se pode confundir o enviado com aquele que o envia, aí está o Evangelho, que em mil passagens denuncia categoricamente essa distinção.

No cap. XII, v. 18 de S. Mateus, está escrito: “Eis aqui o meu servo que eu escolhi, o meu amado em quem a minha alma tem posto a sua complacência. Terei o meu Espírito sobre ele e ele anunciará às gentes a justiça”.

O Evangelho fala assim clara e positivamente; mas os padres da Igreja dizem o contrário. Segui vós os padres, que o Espiritismo seguirá o Evangelho, sem deslustrar a Jesus, porque Jesus é a verdade<sup>99</sup>.

Onde está a negação da altíssima e divina missão de Jesus: de abrir à humanidade terrestre o caminho da salvação? Ao contrário; o Espiritismo, com o Evangelho na mão, sustenta a lei de perdão dos pecados a todos os que se arrependeram, anunciando a salvação universal, por N. S. Jesus Cristo.

---

99 (Nota do Organizador) O texto original traz ao final deste parágrafo mais algumas palavras – *e que era a verdade* – que pareceram-nos truncadas, fora de contexto, por algum erro material, tipográfico, pelo que decidimos tirá-las, fazendo aqui o registro da exclusão.

Lee não tem e, se tem, não compreendeu a Doutrina Espírita, acusando-a de sustentar precisamente o que ela combate.

Fica para outro artigo o exame de outros pontos do escrito de Lee, a quem cordialmente saudamos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 14-05-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00112.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00112.pdf)

## Artigo DVII

### Gazeta da Tarde, 21-05-1898

O prometido é devido.

Vamos, pois, continuar o exame do escrito de Lee, no opúsculo que tem por título *A Mocidade*.

Lee acusa o Espiritismo de substituir a revelação do Espírito Santo pelas comunicações dos mortos, chamando a estes mortos Espíritos Santos, e as suas comunicações – novas revelações – necessárias para estabelecer a fé dos homens.

Ainda uma vez: Lee não leu ou não entendeu a Doutrina Espírita, neste ponto.

Certamente ela não admite um Espírito Santo e Deus, porque só admite a Deus Uno e não um Deus da Fábula, com duas caras ou com três pessoas.

E a pretendida Trindade, que confunde a razão com sua metafísica: de “três pessoas distintas num só Deus verdadeiro”, desaparece da mente do mais beato dos homens, desde que se arrancar dela o Filho.

E o Filho não pode fazer parte dela, desde que o Senhor disse: “Eu o escolhi dentre os meus servos – e minha alma pôs nele suas complacências”.<sup>100</sup>

Poderia Deus chamar a Deus “seu servo”?

Se o Espiritismo erra, erra com o Evangelho – e S. Mateus é o responsável por seu erro.

---

100 (Nota do Organizador) Vide Mt. 12:18, como também Is. 42:1.



Assim, portanto, se o Evangelho ensina que Jesus não é Deus, desaparece a polítrica<sup>101</sup> Trindade – e com ela o Espírito Santo, para estabelecer a fé, única racional, do Deus Criador, único em infinitas perfeições.

O Espírito Santo não é uma individualidade, porém, sim, uma coletividade. Todo o Espírito puro, a quem Deus confia altas missões de justiça ou de misericórdia, é Espírito Santo.

Assim, pois, os Espíritos que são enviados por Jesus, a quem Deus concedeu todo o poder sobre nosso planeta, para virem a nós ensinar aquelas coisas que Ele prometeu revelar-nos a seu tempo, são Espíritos Santos – e suas revelações são o cumprimento da promessa do Senhor.

E estes Espíritos Santos foram Espíritos humanos, que se almagaram<sup>102</sup>, por seu saber e por suas virtudes, às condições angélicas, a que chegarão; mais cedo ou mais tarde, todos os filhos de Deus.

Porque anjos, criados tais, é pura imaginação humana, que ataca a justiça de Deus e que patenteia sua falsidade, diante do fato do que acompanhou o filho de Tobit, o qual declarou ter sido Azarias e ser filho de Ananias, isto é, ter sido um homem<sup>103</sup>.

---

101 (Nota do Organizador) Não localizamos nos dicionários atuais a palavra *polítrica*, mas *trica* vem do latim, e traduz-se por *ninharias*. A palavra *trica* é modernamente associada a sutileza falaciosa na argumentação, artifício, subterfúgio, intriga, tramaioa... Temos então a hipótese de Dr. Bezerra ter cunhado um pequeno neologismo, juntando a *trica* o prefixo *poli* – que exprime a ideia de vários, grande número, muitos – para exatamente criticar a ideia de um Deus plural. Ou, outra possibilidade, sempre presente, a de ser *polítrica* um termo da época, que apenas não conseguimos recuperar. (Fonte: *Infopédia*)

102 (Nota do Organizador) Só localizamos o verbo *almar* em dicionários online informais, de contribuição livre. No Dicionário *InFormal*, atribui-se ao verbo *almar* o sentido de “ato ou ação de ser piedoso, sensível, humano, compadecedor, comiserador, benéfico, piedoso, etc”. No *The Free Dictionary* já o temos com outro significado: “O mesmo que *almário*, tenda, quitanda”, mas desta vez cita-se como fonte o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de 1913. Parece-nos que Dr. Bezerra se serviu então do termo em seu sentido figurado, para dar uma ideia de elevação ou evolução.

103 (Nota do Organizador) Houve aqui um erro tipográfico no texto original, em que *Tobit* aparece como *Fabios*. Dr. Bezerra faz nesse caso referência ao anjo Rafael, personagem de um livro bíblico, o *Livro de Tobias*. Rafael, um “anjo”, materializado, aparece a Tobit e a seu filho, Tobias, e quando se apresenta a ambos indica ter sido (ele, Rafael) Azarias, “filho do grande Ananias”, pessoa conhecida na comunidade. Tratava-se, pois, de um Espírito desencarnado, “anjo” apenas no sentido de já ter alcançado grande nível de evolução ou progresso espiritual.

O Espírito Santo, pois, foi um homem, filho de Deus, como todos, mas que já se elevou ao mais alto grau da pureza moral, nunca, porém, igual à de Jesus, como a de Jesus não será igual à de Deus.

São as revelações desses altos Espíritos, enviados por Jesus para completarem sua santíssima obra de regeneração da humanidade, que constituem a Doutrina Espírita.

Esta Doutrina, pois, é obra de Jesus, por seus enviados.

Diz: Lee: que o Bendito Salvador proveniu-nos contra esta doutrina, na Parábola de Lázaro e o Rico – que o rico, depois de morto, provando as terríveis realidades da vida futura, pediu que alguém d'além-túmulo fosse a seus irmãos na Terra, para aconselhá-los a procederem bem, a fim de que não viessem a sofrer como ele – que os Espíritos acham conveniente este pedido; mas que Jesus respondeu ao rico: eles têm lá Moisés e os Profetas, que os ouçam e que, tendo o Espírito sofredor redarguido, não; se algum dos mortos fosse a eles, arrepender-se-iam, Jesus respondeu: se não dão ouvidos a Moisés e aos Profetas, tampouco deixar-se-ão persuadir, ainda que alguns dos mortos ressuscite.

E conclui dessa parábola, que é apócrifa<sup>104</sup>, porque não está [assim] no Evangelho, que Jesus revelou ser bastante a revelação feita pelo Espírito Santo – e que tudo o que não for com ela está perdido, irremediavelmente perdido.

Lee leu em Êliphaz Levi a tal história que deu por Parábola do Cristo; mas não se lembrou de recorrer ao Evangelho, fonte de toda a verdade, para ver se lhe tinham pregado algum logro, como de fato.

E, menos pensadamente conclui: que Jesus ensinou, pela tal Parábola, que os ensinamentos de Moisés e dos profetas são tudo em matéria de fé.

Se fosse assim o ensino de Jesus, que excede muito aqueles, não passaria de uma grande *inutilidade*.

Já vê, pois, o ilustre escritor que sua conclusão está errada.

---

104 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se à transcrição feita por Lee da Parábola do Rico e Lázaro (Lc. 16:19-31) e não a ela mesma. Esse erro advém da leitura de Êliphaz Levi, que mal interpretou o texto bíblico, conforme explicado por Dr. Bezerra no seu artigo CDLXXXVI, de 03-01-1898, acima, como também no artigo DX, de 23-07-1898, ambos neste volume. Tomamos a liberdade de incluir o *assim*, para deixar isso mais claro. Na Parábola quem responde ao rico é Abraão, e não Jesus, que é o autor dela.

Quando ao que se refere aos espíritas neste episódio, não pode ser tomado em consideração, porque ocupa-nos assunto muito sério.

Para concluirmos, perguntamos a Lee: onde encontrou, nas obras fundamentais do Espiritismo, que “para crer é preciso ver”?

Imaginando – e atribuindo ao adversário as partes de sua imaginação, fácil é, mas não regular, conquistar a palma do triunfo.

É como atribuir a Jesus a conversa com o homem rico, quando, segundo o Evangelho<sup>105</sup>, em que se encontra o caso, quem falou com o pobre sofredor foi Abraão.

Lee deve tomar mestre entendido no assunto, para não dar tão feias cincadas<sup>106</sup>, de atribuir ao Evangelho o que nunca lá existiu – de atribuir a Jesus o que nunca de seus lábios partiu – de atribuir ao Espiritismo o que nunca ninguém encontrou em suas obras fundamentais.

Sobre estes pontos Lee perdeu excelente ocasião de nada dizer – e nós, sem queremos magoá-lo, vamos dar-lhe por caridade um conselho.

Não continue a escrever sobre o que não sabe, para não fazer feio diante dos entendidos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 21-05-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00118.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00118.pdf)

---

105 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade de tirar do texto original a palavra “falso”, antes de Evangelho, que nos pareceu equivocada, talvez fruto de algum erro tipográfico. A verdadeira Parábola do Rico e Lázaro encontra-se em Lc.16:19-31.

106 (Nota do Organizador) Cincado refere-se a erro, no seu sentido figurado. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

## Artigo DVIII

### Gazeta da Tarde, 04-06-1898

Em nosso passado artigo emitimos um conceito, que a muitos parecerá arrojado e que não estará longe de nos acarretar a excomunhão maior de Roma.

Dissemos que a Trindade Divina era uma concessão ao politeísmo dos romanos e, portanto, um enxerto, todo humano, na pura e verdadeira religião cristã.

Depois de publicado o nosso artigo, encontramos no cap. do Evangelho de Roustaing, que vem no Reformador de 31 de março deste ano e que passamos a transcrever, como a confirmação mais completa do que dissemos.

Roustaing escreveu sua obra monumental sob a inspiração dos Espíritos Santos, dos Apóstolos e dos Evangelistas, e, pois, o que se vai ler tem o cunho das verdades evangélicas – e confirma o que nós mesmos dissemos.

“Não o esqueçais; os judeus estavam em contato direto com os romanos; as ideias e costumes dos conquistadores infiltraram-se sempre nas ideias e costumes da nação conquistada; as ideias politeístas estavam em presença do monoteísmo; a vida e os atos de Jesus, durante sua missão terrestre – a sua morte e a ressurreição – os fatos que seguiram-se – a interpretação humana dada a suas palavras – a divulgação depois do cumprimento dessa missão, feita por seus discípulos, do que tinha sido anunciado pelo anjo ou Espírito de Maria, e depois a José, sobre esta concepção, esta gravidez, obra do Espírito Santo no seio de uma virgem, e assim consideradas como sobrenaturais – miraculosas – divinas; fizeram nascer, para os judeus, a necessidade de multiplicar a

sua divindade, tentando reter a unidade na pluralidade. Daí o que os homens chamam o dogma das três pessoas”.<sup>107</sup>

É, por outras palavras, o que se encontra em nosso passado artigo, com a diferença única de que nós falamos a *ratione*<sup>108</sup> e Roustaing falou por inspiração.

É a prova de que a razão não nos foi dada como adorno, mas sim como instrumento de discernir entre a verdade e a falsidade.

É a prova de que o indigesto preceito da Igreja romana – de deverem todos crer o que ela crê e manda crer – é flagrante violação da lei e da vontade de Deus.

Para que a razão, dom do Criador, se outrem é que deve pensar – discernir – e resolver em matéria de fé? Só se nos foi ela dada unicamente para nos dirigirmos em matéria da vida temporária!

E a consequência do preceito da Igreja é: nenhum merecimento fazemos no descobrimento da verdade divina, pois que, será o mínimo trabalho, recebemo-la já feita e preparada – vestida e adornada pela Santa Sé.

O simples bom senso, e até o senso comum, escandaliza-se do tal mandamento. Jesus ensinou e exemplificou. Justo é que seus discípulos ensinem e exemplifiquem; mas, assim como o Enviado do Senhor ensinou-o, dentro da Lei, que não veio destruir, porém sim fazer cumprir em sua pureza; assim, seus discípulos

---

107 A tradução de *Os Quatro Evangelhos* citada por Dr. Bezerra deve ser a do Marechal Ewerton Quadros, primeiro presidente da Federação Espírita Brasileira, a Casa de Ismael. Transcrevemos a seguir a tradução mais recente, de Guillon Ribeiro, publicada pelo Instituto Ibbis ao final do ano passado, em belíssima edição: “Não esqueçais que os judeus se achavam em contato direto com os romanos; que as ideias e costumes dos conquistadores se infiltram sempre nos da nação conquistada. Assim, as ideias politeístas vieram a encontrar-se em face do monoteísmo. A vida e os atos de Jesus durante a sua missão terrena; sua morte e sua ressurreição; os fatos que se seguiram; a interpretação humana dada às suas palavras; a divulgação feita pelos discípulos, uma vez terminada essa missão, do que o Anjo ou Espírito anunciara a Maria, depois a José, acerca daquela concepção, daquela gravidez, obras do Espírito Santo no seio de uma virgem e como tal consideradas, sobrenaturais, miraculosas, divinas, criaram para os judeus a necessidade de multiplicarem a Divindade, tentando manter a unidade na pluralidade. Daí o que os homens chamaram o dogma das três pessoas” (*Os Quatro Evangelhos*, Tomo I, item 14, parágrafo 14, Ed. Ibbis, Brasília, 2022)

108 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se por “pela razão”. (Fonte: [www.dicionariodelatim.com.br](http://www.dicionariodelatim.com.br))

não devem ensinar senão dentro do ensino messiânico do Evangelho.

Ora, além de que Roma perdeu o título de Igreja de Jesus, porque, aos olhos do mundo, tem desprezado a humildade – a caridade – a mansidão – o desprendimento das coisas mundanas – todas as sublimes virtudes com que se adornava a verdadeira Igreja, nos primeiros tempos do Cristianismo; acresce que Jesus não mandou que se impusesse a fé.

O Espiritismo, que, por vontade divina, está destinado a substituir a Igreja romana, divorciada do Evangelho, como a doutrina de Jesus substituiu o sacerdócio, divorciado da Lei – ensina o que é racional e conforme com a lei e com o ensino messiânico – ensina o absoluto uso do livre-arbítrio, em matéria de fé, sendo cada um responsável pelo uso que dele fizer.

A luz foi posta bem alto, para que todos a possam ver. Que a vejam e a recolham os que têm olhos de ver e coração aberto à verdade.

E faça cada um de sua parte por conhecer a verdade, porque a luz não foi dada, em privilégio, a ninguém, mas foi dada a todos, sem preferências nem exclusões, como são todos os dons do Pai.

Os que já chegaram, por um esforço, ao grau de poderem vê-la e abraçá-la, que conquistem o alto merecimento, que é o salário do seu trabalho.

Os que ainda não chegaram àquele grau que trabalhem por lá chegar, certos de que lá chegarão, porque nenhum dos filhos é deserdado.

Aqueles, mesmo, que, tendo a precisa capacidade, cerram os olhos propositalmente, esses serão, um dia, tocados em sua cega obstinação, que lhes acarretará longos e dolorosos sofrimentos – e abrirão os olhos – e terão a luz, em jorros; porque Deus *não quer a morte do ímpio*<sup>109</sup>, e a Parábola do Filho Pródigo é formal promessa da salvação universal.

O Espiritismo não condena o ensino divino, mas sim a imposição de crenças, como faz a Igreja romana – e que crenças! – umas coisas antagônicas com o senso comum e com os supremos atributos de Deus, como é, por exemplo, a Trindade politeica, que dá ao Criador um caráter de um Deus trifronte, como o politeísmo teve um Deus bifronte.

---

109 (Nota do Organizador) Referência a Ez. 33:11.

Deus uno – Jesus, *um servo*, como é escrito no Evangelho, mas servo cujo valor intelectual e moral excede, infinitamente, ao de toda a humanidade – Espírito Santo, Espíritos puros, mensageiros do Senhor, para a execução de suas santíssimas volições.

Esses Espíritos, Espírito Santo, inferiores a Jesus, que recebeu do Pai todo o poder sobre a Terra, são, igualmente, mensageiros de Jesus na grande obra da regeneração humana.

No próximo artigo responderemos a Lauresto<sup>110</sup>.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 04-06-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00130.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00130.pdf)

---

110 Relativo ao artigo de 27 de maio deste mesmo ano, publicado na primeira página da *Gazeta da Tarde*. É possível acessar e consultar o mesmo, no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, através do link a seguir: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&pagfis=17364>

## Artigo DIX

### Gazeta da Tarde, 11-06-1898

Já estava em via de publicação nosso artigo passado quando nos veio às mãos o de Lauresto<sup>111</sup>, contrariando o que havíamos dito no anterior.

Ainda bem que alguém lembrou-se de levantar discussão sobre um assunto que interessa a todo o mundo: as verdades eternas.

Disse nosso contendor: que fácil é contestar o que escrevemos – e, começando pelo nosso argumento de não poder ser falsa a Doutrina Espírita, que os próprios seus inimigos confessam espalhar-se por toda a sociedade, oferece-nos o Positivismo, que pela mesma razão pode ser considerado verdadeiro.

Procederia o argumento se o Positivismo pudesse, mesmo de longe, competir com o Espiritismo em proselitismo.

Aqui, na Capital, por um único centro positivista, há mais de cem grupos espíritas, e nos Estados o Espiritismo está generalizado, contando grupos com seus jornais, ao passo que o Positivismo só é conhecido de nome.

Para quem argumenta seriamente, a contestação fácil, à vista desta simples consideração, não passa de uma alegação aérea.

---

111 (Nota do Organizador) Pseudônimo de Nicolau Soares do Couto Escher (1867-1943), formado pelas últimas sílabas de seu nome. Escreveu no jornal *Estandarte* contra o Espiritismo. O objetivo de seus artigos eram as ações policiais contra os centros espíritas. (Fonte: *Tese Por Cristo e Pela Pátria Brasileira: Abolicionismo, Laicidade e Conservadorismo na Imprensa Protestante Oitocentista (1880-1904)*, de Pedro Henrique Cavalcante de Medeiros, UFRRJ Instituto de Ciências Humanas e Sociais Curso de Pós-Graduação em História - 2020).



Basta-nos que o contestante aponte um – um só jornal positivista no Brasil, enquanto que nós apontaremos muitos espíritas, aqui e nos Estados.

Já vê Lauresto que não é tão fácil como lhe parece contestar um argumento firmado em fatos incontroversos, por argumentos sem consistência.

Passemos à questão da Trindade.

Dissemos: que a Trindade era criação humana, espécie de transações com o politeísmo romano – e o artigo, que já estava na tipografia quando apareceu a contestação, transcreveu a exposição de Roustaing, que a recebeu mediunicamente do Espírito Santo ou Espírito superior, em missão de Jesus, para trazer à Terra as verdades que Ele prometeu. Essa exposição explica a transformação do monoteísmo hebraico na Trindade católica, precisamente, como dissemos, por influência dos romanos.

Lauresto contestou nossa asserção de não haver na Bíblia ensino algum de um deus trino ou trifronte – por várias citações, que acompanharemos.

Cita nosso contentor a 1<sup>a</sup> Epístola de S. João, cap. V, verso VII, que diz: “Três são os que dão testemunho no céu, o Pai, o Verbo e o Espírito Santo, e estas três são uma mesma coisa”.

Se são a mesma coisa, conclui, são todos três Deus; mas tão contente ficou com o achado que não leu para adiante: “e três são os que dão testemunho na Terra: o Espírito e a água e o sangue, e estes três são uma mesma coisa”.

Agora, concluímos nós: pelo dizer da Epístola de S. João, tão um são os três que dão testemunho no Céu como são um os três que dão testemunho na Terra. Mas alguém poderá admitir que o Espírito seja o mesmo que a água ou o mesmo que o sangue – ou que o sangue seja o mesmo que o Espírito ou o mesmo que a água?

Pois, assim como é impossível que o apóstolo confundisse três coisas tão distintas, assim pode-se dar com as três que dão testemunho no Céu.

Há, pois, evidentemente, nestas palavras do grande apóstolo – “e todas três são uma mesma coisa” – sentido que precisa ser tirado de sob o véu da letra, a não se querer atribuir a João mais

que um absurdo, uma necedade<sup>112</sup>, pelo menos no que entende com a identidade do Espírito – d'água – e do sangue.

Bastaria esta consideração para convencer a Lauresto de que sua citação não derroga nossa asseveração: não há na Bíblia uma afirmação da Trindade. O caso, porém, é tão importante, que não nos devemos limitar ao exposto.

No Evangelho de S. João, cap. X, v. 30, esta o que disse Jesus: “Eu e o Pai somos uma mesma coisa”.

Logo, concluirá Lauresto: melhor prova do que Jesus se declarou Deus.

Aceitemos o argumento – e leiamos o mesmo João, invocado por Lauresto.

O Evangelho de S. João, cap. XVII, vv. 11, 20, 21, 22 e 23, diz, em nome de Jesus:

“Guarda em teu nome aqueles que me deste, para que eles sejam *um*, assim como também nós, Pai”. (11)

“Eu não rogo somente por eles (os Apóstolos), mas também pelos que hão de crer, por meio de sua palavra”. (20)

“Para que eles sejam todos *um*, como tu Pai, *o és em mim e eu em Ti* – para que *eles sejam um em nós*”. (21)

“Eu lhes dei a glória que tu me havias dado, para que eles sejam *um*, como também *nós somos um*. (22)

“Eu estou neles e Tu estás em mim, para que eles sejam *consumados na unidade*, e para que o mundo conheça que Tu me enviaste e que Tu os amaste, como amaste também a mim”. (23)

Eis aí, não a opinião de S. João, mas a do próprio Cristo, que torna bem clara a significação dessa expressão – serem um – serem a mesma coisa.

Evidentemente essa expressão não significa identidade de naturezas, pois que, em tal hipótese, nós homens seríamos deus com Deus e com Jesus, desde que o Divino Verbo, cujo saber é infinito, nos declara capazes de sermos *um* com Ele e com Deus.

E agora, diga Lauresto: que fica valendo o texto da Epístola de S. João, diante destes versículos do Evangelho do mesmo João?

---

112 (Nota do Organizador) Qualidade do que é néscio, o mesmo que tolice, estultícia, baboseira ou parvoíce. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

O erro de Lauresto é o da Igreja romana: interpretar os livros sagrados pela letra, que mata, e não pelo espírito, que vivifica.

Recolha-se a seu gabinete e concentre-se em si mesmo – peça luz a seu guia – e estude a questão, que eu mal esbocei aqui; e reconhecerá que a expressão evangélica não entende com a *identidade de natureza*, mas sim com a *consumação da unidade*.

Continuaremos a análise das outras citações de Lauresto, para provarmos: que a Bíblia não autoriza o dogma da Trindade, que é um verdadeiro politeísmo de caráter especial – e, depois daquela análise, demonstraremos, com o Evangelho em mão, como Jesus repeliu sempre a ideia de ser um Deus, proclamando o monoteísmo absoluto ou Deus uno: o Deus dos judeus, que nunca teve pessoas distintas<sup>113</sup>.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 11-06-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00136.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00136.pdf)

---

113 (Nota do Organizador) Vale lembrar aqui a série de 20 artigos que Dr. Bezerra escreveu no *Jornal do Brasil*, especificamente sobre esse tema – o da Trindade – relacionados no volume 4 desta coleção. Esse material o nosso prezado amigo, o escritor e conferencista Jorge Damas Martins, o enfeixou também no volume *Jesus não é Deus*, edição do autor, cuja leitura sugerimos com ênfase ao prezado leitor.

## Artigo DX

### Gazeta da Tarde, 18-06-1898

Não tomamos em grande consideração as citações das palavras de S. Paulo, citadas por Lauresto, porque nada provam quanto à Trindade, senão por uma ginástica de lógica impossível<sup>114</sup>.

“A graça de N. S. Jesus Cristo e a caridade de Deus e a comunicação do Espírito Santo sejam com todos vós”<sup>115</sup>.

Em que e por que prova isto a Trindade, que a Nova Revelação veio desfazer, como enxertos humanos, ao puro ensino de N. S. Jesus Cristo?

A caridade de Deus, ninguém contesta – a graça de Jesus pelo mesmo modo – a comunicação do Espírito Santo igualmente.

O Espiritismo não recusa a influência benéfica e amorosa do Pai – do Redentor – e dos Espíritos puros que se compreendem na expressão: Espírito Santo; mas Deus, um único: o Pai.

Nós, os espíritas, recorremos, em nossas aflições, ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, porque sabemos que Eles são *um*, no amor, na misericórdia e na caridade, para com os homens, que sofrem as consequências de seus erros.

Nós recorremos ao Pai porque é Pai, – ao Filho, porque recebeu do Pai todo o poder, e aos puros Espíritos, porque, na prática da caridade, eles a recebem do Pai e do Filho, como acontece a qualquer de nós que tem fé.

---

114 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência ao anterior, de número DV, de 11-06-1898, à pág. 120, acima. À mesma página há também a nota 111, com algumas referências sobre Lauresto.

115 (Nota do Organizador) 2 Coríntios 13:14 - as traduções podem variar.

Nada, pois, adianta Lauresto com a citação das palavras de S. Paulo, cuja interpretação, *em espírito e verdade*, é perfeitamente acorde com a concepção espírita.

Por aí pode-se chegar à conclusão de que o Pai, Jesus Cristo e o Espírito Santo são *uma mesma coisa*, em pensamento e desejos ou volições; nunca, porém, o são em naturezas.

São como por exemplo: o Rei, o Ministro, a quem o Rei deu plenos poderes, e os altos funcionários da mais inteira confiança do Rei e do seu Ministro; não são, porém, todos Reis.

Os súditos recorrem ao Rei, ou ao Ministro, ou aos altos funcionários, certos de serem atendidos, se tiverem merecimentos; mas bem sabem que, sendo todos *um* no pensamento de fazerem justiça, e que, se forem ao Rei, ele os envia ao seu Ministro, e se recorrerem a este, ele manda seus emissários fazerem-lhes no que for de direito – recorrem ao Ministro ou aos altos funcionários, não é a reis que recorrem.

Deus é o Senhor de todas as coisas e de todos os seres, aos quais vota amor infinito; mas Deus confiou o governo do mundo a Jesus, a quem revestiu de toda a autoridade – e Jesus, como Deus, exerce seu poder pelos puros Espíritos ou Espíritos santos.

Recorrermos, pois, ao Espírito Santo, é recorrer a Jesus e recorrer a Jesus é recorrer a Deus – todos uma mesma coisa, porém de naturezas diferentes, como provaremos em subsequentes artigos, não com palavras, mas com o Evangelho.

Tanto valor têm as palavras de S. Paulo como provas da Trindade, quanto as palavras do Cristo: “Ide, pois, e ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”<sup>116</sup>.

É uma fórmula – e, porque envolve os três nomes, segue-se que todos três são Deus?

Realmente, não há como o espírito de sistema ou o fanatismo para obcecar os homens!

Que é o batismo senão o sinal do cristão – e que é ser cristão senão abraçar a lei de Deus, ensinada pelo Cristo?

Seria justo que recebesse aquele sinal só em nome de Deus quem se fez credor dele pelo ensino de Jesus, o Enviado de Deus?

Dizer, pois, em nome do Pai e do Filho, não significa senão uma invocação ao que criou e ao que remiu o pecador.

---

116 (Nota do Organizador) Mt. 28:19.

Por que não aceitar isso, quando Jesus deu mil provas de que não é Deus, mas criatura de Deus, por ele glorificada, segundo seus altíssimos merecimentos?

E o Espírito Santo? Que vem fazer no batismo?

O batizado, não este que por aí dão a crianças inconvenientes, mas o do tempo de Jesus e dos Apóstolos, requeria, da parte do batizado, confissão pública de suas faltas e do seu arrependimento.

O batizado, pois, recebia, pelo batismo, a graça de ser admitido ao Aprisco do Senhor.

São os Espíritos do Senhor (Espírito Santo) os enviados a ungirem a alma dos batizados, para que perseverem na fé que abraçaram – na humildade, de que deram provas – e na caridade, que é a porta de salvação.

São, pois, participantes com o Pai e com o Filho, ou, por outra, são *um* com Eles, na graça que reveste aquele ato; e pois, não há por que excluí-los da fórmula da invocação.

Que não seja, porém, assim; uma questão como a da Trindade não pode ser definida por simples indução; precisa de afirmação clara e positiva.

Onde, na Bíblia, tal afirmação? Em vez dela, uns vagos dizeres, que se amoldam, por arte farisaica, ao pensamento raquítico de uns tantos homens, que se atribuem a *infallibilidade* na apreciação das verdades eternas – e que as queiram de modo a cingirem a fronte com uma coroa de rei, quando Jesus disse, formalmente: “O meu reino não é deste mundo”<sup>117</sup> – de modo a darem o pé a beijar, quando Jesus lavou os pés a seus discípulos, dizendo-lhes: “Eu vos dou o exemplo (humildade), para que façais o mesmo”<sup>118</sup> – de modo a habitarem o mais rico palácio do mundo; quando Jesus recomendou a seus discípulos “que fossem pregar a boa nova, sem sapatos, sem bolsa”<sup>119</sup> – de modo que ensinam a morte eterna, quando Jesus, pela Parábola do Filho Pródigo, prometeu a salvação universal; corroborando a promessa com estas divinas palavras: “Das ovelhas que me confiaste, nem uma se perderá”<sup>120</sup>.

---

117 (Nota do Organizador) Jo. 18:36.

118 (Nota do Organizador) Jo. 13: 13 e 14.

119 (Nota do Organizador) Lc.9:3, 10:4 e 22:35; Mt.10:9; Mc.6:8

120 (Nota do Organizador) A citação aqui não é literal, mas atende ao espírito

Lauresto parece-nos mais dominado dos preconceitos, inquinados no sangue da humanidade pela Igreja romana, do que um filósofo cristão, que procura a razão das coisas, em vez de marchar *servum pecus*<sup>121</sup>, tangido pela gaita do pastor.

Não, amigo, Deus não nos há de ter dado a razão para desprezarmos sua luz no que entende com o nosso único real interesse: a nossa marcha para a perfeição, que é a glorificação do ser humano.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 18-06-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00142.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00142.pdf)

---

de diversas passagens de Jesus, sobre o zelo sagrado que tem com o seu rebanho: Jo. 6:39 - "E esta é a vontade do Pai, o qual me enviou: que Eu não perca nenhum de todos os que Ele me deu"; Jo.18:9 - "Não perdi nenhum de todos os que me deste."; e Jo.10:11- "Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor dá a sua vida pelas ovelhas", entre muitas e muitas outras...

121 (Nota do Organizador) Locução latina que significa "rebanho servil". Assim Horácio qualifica os imitadores em literatura; aplica-se igualmente aos bajuladores, aos plagiários, etc. (Vide Horácio, *Epístolas*, I, 19, 19).(Fonte: *Dicionário Priberam online*)

## Artigo DXI

### Gazeta da Tarde, 27-06-1898

“É que Jesus Cristo era filho de Deus, e Deus também, di-lo Ele próprio”. Últimos argumentos de Lauresto<sup>122</sup>. “Não credes que eu estou no Pai e o Pai está em mim? Crede-o, ao menos por causa das minhas obras”<sup>123</sup>. “E tudo o que pedires ao Pai, em Meu nome, Eu vo-lo farei”<sup>124</sup>. “Eu e o Pai somos uma mesma coisa”<sup>125</sup>.

A quem estudasse essa passagem do Evangelho, sem preconceito, ocorreria certamente perguntar a quem lha quisesse impingir como prova de ser Jesus Deus: mas por que, em vez de claramente dizer: não credes que eu seja Deus com o Pai, Ele diz: não credes que eu estou no Pai? Por que uma fórmula ambígua, se Ele queria que o reconhecessem por Deus com o Pai, visto que o revela pela frase: ao menos, crede-o pelas minhas obras?

Lauresto responderá: Ele iniciou, por aquelas palavras, a declaração, que fez completa pelas palavras: “Eu e o Pai somos a mesma coisa”.

Sim, senhor. Aqui, sim; mas aqui, também, há fino anfibolismo<sup>126</sup>, como já demonstramos; pois que S. João diz: que são uma mesma coisa o Espírito, a água e o sangue; o que implica

---

122 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos dois anteriores.

123 (Nota do Organizador) Jo. 14: 10-11.

124 (Nota do Organizador) Jo. 14: 13-14.

125 (Nota do Organizador) Jo. 10:30.

126 (Nota do Organizador) Anfibólico, em Medicina, refere-se a incerto, duvidoso, vacilante. (Fonte: *Dicionário Priberam Online*)



uma significação que não pode ser no sentido de identidade de natureza.

É, pois, insólida a base do edifício, que rui ao sopro da mais corriqueira lógica.

Jesus Cristo não se declara Deus dizendo aquelas palavras, salvo aos olhos dos que as leem como seu *parti pris*<sup>127</sup>.

É como a prova tirada do próprio Deus Pai: “Este é o meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacência”<sup>128</sup>.

De ter Deus chamado a Jesus filho – e filho em quem tem posto suas complacências, qualquer pessoa, despida de preconceito, tiraria prova de Jesus não ser Deus. Pois Lauresto conclui o contrário.

Deus é incriado – e, a não ser por uma hermenêutica especiosa<sup>129</sup>, um filho não pode ser incriado – não pode ser, portanto, Deus.

Dizendo, pois: – Este é meu filho, Deus disse positivamente: Este não é Deus.

Filhos de Deus somos todos nós, porque fomos por Ele criados – e parece que Lauresto não levará o politeísmo romano até a deificação de todos os homens, porque são filhos de Deus.

Jesus, filho de Deus como nós, mereceu, por sua excelsa perfeição, todas as complacências do Senhor.

Para nós, esta declaração do próprio Deus é prova manifesta de Jesus não ser Deus, pois que não compreendemos um Deus que precisa das complacências de Deus.

Se ambos são Deus, são iguais ou idênticos em tudo – e, desde que são iguais, como fazer-se que um ponha no outro suas complacências?

Lauresto não pesou devidamente este trecho que citou e que tem uma significação esmagadora da opinião que quis, com ele, firmar.

---

127 (Nota do Organizador) Locução francesa que significa “resolução tomada”, que remete-nos à uma opinião ou ponto de vista preconcebido e inflexível. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

128 (Nota do Organizador) Mt. 3:17; Lc. 3:22.

129 (Nota do Organizador) Que parece ser verdadeiro, mas não o é; enganoso; que induz em erro (parecendo verdadeira). (*Dicionário Priberam online*)

Filho de Deus é Deus, conclui nosso contendor, como diz-se: filho de peixe é peixe!

Infeliz recurso! E, ainda mais, por envolver os nomes sagrados de Deus e de Jesus!

Se de ter dito o próprio Deus: – Este é o *meu filho* bem amado – conclui Lauresto que o filho é Deus, o que concluirá destas palavras do próprio Deus: “Eis aqui o *meu servo*, que eu escolhi; o meu amado, em quem a minha alma tem posto toda a sua complacência?”

Será possível que Deus chame a Deus seu servo? Pois aí está em S. Mateus, cap. XII, v. 18.

Filhos de Deus e seus servos somos todos nós – mas Jesus é filho e servo, que mereceu todas as complacências do Senhor. É Espírito puríssimo, que fez sua evolução, desde que foi criado, sem jamais cair<sup>130</sup> – que, por isso, nunca precisou do esmeril da carne, como os que se afastam da Lei – que, portanto, mereceu as complacências do Pai, o qual lhe deu todo o poder sobre a Terra, da qual o constituiu Senhor.

É filho porque foi por Ele criado, e servo porque o são todas as suas criaturas; mas filho e servo infinitamente superior a nós, que também o somos, porque nunca infringiu a Lei, como nós, o que o constitui nosso Guia, nosso Pastor, nossa via e nossa vida.

Se o Evangelho o declara servo de Deus, quem pode ter o direito de o declarar Deus? Só os desatinados pelo fanatismo;

---

130 (Nota do Organizador) Vide a respeito a questão 243 do volume *O Conso-lador*, de Emmanuel, psicografia de Francisco - sempre ele - Xavier: “Todos os Espíritos que passaram pela Terra tiveram as mesmas características evolutivas, no que se refere ao problema da dor? – Todas as entidades espirituais encarnadas no orbe terrestre são Espíritos que se resgatam ou aprendem nas experiências humanas, após as quedas do passado, com exceção de Jesus Cristo, fundamento de toda a verdade neste mundo, *cuja evolução se verificou em linha reta para Deus*, e em cujas mãos angélicas repousa o governo espiritual do planeta, desde os seus primórdios”. O mesmo ensino o temos também em *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing, ainda mais desenvolvido: “Jesus é um Espírito que, puro na fase da inocência e da ignorância, a da infância e da instrução, sempre dócil aos que tinham o encargo de o guiar e desenvolver, seguiu simples e gradualmente a diretriz que lhe era indicada para progredir; que, não tendo falido nunca, se conservou puro, atingiu a perfeição sideral e se tornou Espírito de pureza perfeita e imaculada”. (Tomo I, item 56, parágrafo 72, Ed. Ibbis, Brasília, 2022)

– nunca, porém, quem respeita à palavra sagrada, impressa no Evangelho.

E nem é somente nesta fonte infalível da verdade que se bebe a luz para o conhecimento da verdadeira natureza de Jesus.

“Moisés disse a nossos pais: O Senhor, vosso Deus, vos suscitará, *entre vossos irmãos*, um profeta como eu”. (*Atos dos Apóstolos*, cap. III, vv. 22, 23 e 26).

“David disse: que saiba toda a casa de Israel, que Deus fez Senhor e Cristo a este Jesus, que sacrificastes na cruz”. (*Atos dos Apóstolos*, cap. II, v. 34 a 36<sup>131</sup>)

Depois da palavra de Deus, a dos apóstolos a confirmar: que Jesus, criatura de Deus, foi elevado a Senhor e Cristo<sup>132</sup>.

Os fanáticos, por verem tal elevação, tão acima da nossa humanidade – por verem as obras miraculosas do Cristo – e, mesmo, por saberem que Este está com o Pai, concluem: que Ele é Deus – e daí a Trindade.

Mas, o que admirar de ter o filho e servo entrada na casa do Pai – e gozar de toda a glória d’Este, desde que é Ele mesmo cheio das virtudes celestes, que lhe conquistaram *todas as complacências* do Pai?

O Espiritismo – e, por ele, o pobre Max – não se deixa levar pelos ensinamentos dos homens de Roma, uma vez que tais ensinamentos contradigam, como no caso vertente, a palavra de Deus expressa no Evangelho – e ainda a palavra autorizada da dos apóstolos, que, vivendo com Jesus, melhor que ninguém lhe conheciam a natureza.

E, pois, apesar da *fácil* contestação de Lauresto, nossa afirmação – de não haver na Bíblia prova da Trindade politeica de Roma – mantém-se inabalável.

---

131 (Nota do Organizador) Fizemos aqui pequeno ajuste da citação original, quanto aos versículos.

132 (Nota do Organizador) Na obra de Roustaing temos também o ensino de que são estes Espíritos, os que evoluem em linha reta, como Jesus, os Cristos de Deus, governadores planetários: “Cada mundo, qualquer que ele seja, tem por Protetor e Governador um Espírito, um Cristo de Deus, cuja perfeição se perde na noite das eternidades, infalível, que nunca faliu, que, tendo-lhe presidido à formação, se acha encarregado do seu desenvolvimento e do seu progresso, assim como dos de todos os Espíritos que o habitam, a fim de os conduzir à perfeição”. (Fonte: *Os Quatro Evangelhos*, Tomo I, item 1, Item 60, parágrafo 12. Ed. Ibbis, Brasília, 2022).

Lauresto pode encontrar palavras que lhe pareçam provar sua fanática compreensão; mas essas palavras, retirado o véu da letra, desfazem-se como o fumo.

Falta-nos dizer sobre as manifestações do próprio Jesus.  
Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 27-06-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00149.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00149.pdf)

## Artigo DXII

### Gazeta da Tarde, 02-07-1898

Conjuntamente com o o segundo artigo de Lauresto<sup>133</sup>, publicado na *Gazeta da Tarde* de 23 do mês passado, recebemos uma carta do nosso ilustrado contendor, declarando-nos que se retira da arena, por não ter uma coluna daquele jornal, em que publique, sem longas demoras, os seus artigos.

Grato à gentileza de Lauresto e sentido por perder a vantagem de aprender em seus escritos, nós temos ainda a esperança de vê-lo continuar a discussão, agradável por acreditarmos que não se desviará do terreno em que tem corrido, do respeito que se devem homens de boa educação.

A se realizarem, porém, nossas esperanças, devemos em bem da boa ordem na discussão estabelecer como regra: esperar cada um que o outro conclua sua argumentação.

O contrário será um charivari<sup>134</sup> e não uma discussão proveitosa.

Dando por aceita esta norma, que julgamos não poder ser repelida por nosso contendor, por ser curial e conveniente a ambas as partes, continuaremos a análise do primeiro artigo de Lauresto, que nos tem ocupado – e passaremos ao segundo, já no domínio do público.

---

133 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos três anteriores, acima.

134 (Nota do Organizador) Gritaria, vozeria, algazarra, desordem, tumulto, confusão. (Fonte: *Dicionário Aulete Digital*)

Terminando este trabalho, aguardaremos a réplica de Lauresto, pondo termo a toda a discussão, se o ilustrado cavalheiro mantiver este propósito de não continuá-la.

E, pois, com a devida vênia, entremos em matéria.

Conclui o ilustrado Lauresto pelas palavras do próprio Jesus, que dizem: estar Ele no Pai e o Pai n'Ele<sup>135</sup> – e serem Pai e Filho a mesma coisa.

Já demonstramos, com o Evangelho, que Jesus pediu ao Pai: que fizesse os que lhe deu (os homens) um com Ele e com o próprio Pai<sup>136</sup>. E, pois, repetiremos: se Jesus é Deus, por ser um com o Pai, os homens serão Deus, visto que serão um com o Pai e com o Filho.

Não há como ladear.

Aquelas palavras, pois, não provam que Jesus se tenha declarado Deus; nem podiam provar, quando o Evangelho está repleto de opostos dizeres do mesmo Jesus.

São inúmeras as passagens em que o Senhor se exprimiu por estas palavras: “Aquele que me enviou”<sup>137</sup>.

Ora, estas palavras, tantas vezes repetidas por Jesus, revelam, não somente a dualidade d'Ele e de Deus, como ainda excluem a igualdade de sua pessoa em Deus; porque o enviado é necessariamente subordinado ao que o envia e, obedecendo, faz ato de submissão.

A diversidade de posição de Jesus e de Deus e a inferioridade da de Jesus ressaltam ainda positivamente destas outras passagens:

“Também por isso, eu vos prepararei o reino, como meu Pai o preparou para mim, a fim de que possais comer e beber à minha mesa, em meu reino...”<sup>138</sup>

A dedução deste trecho é que o Deus trino tem um reino para cada uma de suas pessoas, ou, pelo menos, que o Filho tem o seu, preparado pelo Pai!

---

135 (Nota do Organizador) Jo. 14:20.

136 (Nota do Organizador) Jo. 17:21.

137 (Nota do Organizador) A lista completa seria mesmo bastante extensa, mas podemos aqui trazer algumas: Mt.10:40; Lc. 10:16; Jo.7:28; Jo.7:33; Jo.8:26; Jo.8:29; Jo.12:45; Jo.13:20; Jo.15:21; Jo. 16:5; etc, etc, etc...

138 (Nota do Organizador) Lc. 22: 29-30.

Aonde levar-nos-á a mitologia católica, se não lhe for oposta a barreira da verdade?

Nós, os espíritas, temos a revelação de que Jesus, o filho de Deus, que mereceu todas as complacências, foi constituído Senhor e Governador deste planeta, que será seu reino, pelo aperfeiçoamento de seus habitantes – reino de luz, de amor e de justiça – reino de pureza, que há de ser<sup>139</sup>.

Mas, continuaremos a mostrar que Jesus não se deu por Deus.

“Eu não falo senão do que vi em casa de meu Pai”<sup>140</sup>.

Deus, que só fala do que viu!

“Meu Pai é maior do que eu”<sup>141</sup>.

Se o Pai é maior que o Filho, como arranjar-se com eles uma trindade de pessoas iguais?

Cada vez complica-se mais a máquina montada pelos “infa-líveis” de Roma!

“Só Deus é bom, respondeu Jesus ao moço, que o chamou bom mestre”<sup>142</sup>.

Deus é bom, porém uma das pessoas que o compõe, não!

De modo que as partes não são boas, porém o todo, por elas constituído, é bom!

É uma urdidura, que oferecemos a Lauresto.

A nós o que nos parece é: que não pode ser Deus quem se declara inferior a Deus, em poder e bondade.

“O que eu digo, eu digo de conformidade com o que meu Pai me prescreveu”.<sup>143</sup>

Deus, que não diz o que pensa mas só o que lhe é prescrito!

---

139 (Nota do Organizador) Esse ensino é repetido muitas e muitas vezes, em Roustaing, conforme a passagem seguinte, entre tantas outras: “Curvai-vos diante da Sabedoria infinita que preside ao vosso progresso e o dirige por intermédio do Cristo, vosso Mestre, Protetor e Governador do vosso planeta e da sua humanidade, dando-vos pouco a pouco a luz e a Verdade, conduzindo-vos gradualmente, através dos séculos, para a perfeição”. (Fonte: Os Quatro Evangelhos, Tomo I, item 14, parágrafo 3, Ed. Ibbis, Brasília, 2022)

140 (Nota do Organizador) Jo. 8:38.

141 (Nota do Organizador) Jo. 14:28.

142 (Nota do Organizador) Lc. 18:19; Mc. 10:18.

143 (Nota do Organizador) Jo. 12: 49 e 50.

"Minha Doutrina não é minha, mas sim d'Aquele que me enviou"<sup>144</sup>.

Se a Doutrina não é de Jesus, como é que o Deus filho diz que não é sua? Ê, então, só de uma parte de Deus!

"A palavra que tendes ouvido não é minha, mas sim de meu Pai, que me enviou"<sup>145</sup>.

Sempre coisas de Deus, que não são de Jesus!

"Quando será o dia e a hora, ninguém o sabe, nem os anjos, nem mesmo o filho, mas somente o Pai".<sup>146</sup>

Uma parte de Deus sabe o que a outra não sabe!

"De mim mesmo nada posso fazer. Julgo como entendo, e meu juízo é justo, porque "eu não me levo por minha vontade, mas pela d'Aquele que me enviou".<sup>147</sup>

Quem não vê nestas palavras a formal declaração de sua natureza inferior à de Deus?

"As obras que meu Pai "me deu o poder de fazer" dão testemunho de mim."<sup>148</sup>

Aí estão explicados os milagres de Jesus, sem ser preciso que Ele seja Deus!

Desde que Ele nada diz de si – que a Doutrina que ensina não é sua, mas de Deus – que não fez senão o que Deus lhe deu o poder de fazer – que a verdade por Ele ensinada lhe foi revelada por Deus – é claro, diz Allan Kardec, que não é Deus, mas sim seu enviado e subordinado.

Ê impossível recusar-se de um modo mais positivo toda a assimilação com a pessoa de Deus – e determinar-se em termos mais precisos o próprio papel.

Não são pensamentos ocultos sob o véu da alegoria, que só à força de interpretações se possam descobrir; é o sentido expresso, sem ambiguidades.

Pode-se dizer que Deus quis encobrir sua individualidade em Jesus; mas em que firmar-se tal opinião – e quem tem autoridade para prescrutar os pensamentos divinos e dar às palavras do Senhor um sentido diferente do que naturalmente têm?

---

144 (Nota do Organizador) Jo. 7:16.

145 (Nota do Organizador) Jo. 14:24.

146 (Nota do Organizador) Mt. 24:36 e Mc. 13:32.

147 (Nota do Organizador) Jo. 5:30.

148 (Nota do Organizador) Jo. 5:36.



Além de que, ninguém, considerando Jesus um Deus, durante sua vida, mas sim um profeta, não precisava Ele, se queria ocultar sua divindade, senão calar-se; afirmar, porém, que não era Deus valia por provocar o exame de seu incógnito.

Tínhamos, para nunca acabar, citações do Evangelho em sentido contrário a Lauresto; não é possível, porém, vazar aqui quase todo o Livro Sagrado.

O que não podemos deixar de fazer é declarar ao nosso contendor que as citações aqui feitas são tiradas do Evangelho, onde seu saber na matéria verificará a exatidão.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 02-07-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00153.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00153.pdf)

## Artigo DXIII

### Gazeta da Tarde, 09-07-1898

Jesus<sup>149</sup>, dizendo a seus discípulos: “eu vou para Meu Pai e vosso Pai – para meu Deus e vosso Deus”<sup>150</sup> teria dito palavras vãs, quando ensinou: que nenhuma de suas palavras passaria, embora passassem o céu e a Terra<sup>151</sup>?

Um Espírito que está acima de toda a humanidade, infinitamente acima – e que, no dizer de Roma, é uma das pessoas do seu Deus trino, jamais, em decair das excelsas alturas no terreno comum do ser imperfeito, fará ou dirá coisas vãs. Supô-lo capaz de tal é negar o que dele se afirma – é nivelá-lo aos homens – e nem mesmo a todos os homens.

Aquelas palavras, pois – meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus – dirigidas a homens, dizem, clara e positivamente, que Jesus quis ensinar a seus discípulos – e, por eles, ao mundo, que sua natureza é humana – que, embora superior ao homem, por sua ciência e por sua virtude sem par, obra de suas próprias energias inquebrantáveis, é, como o homem, criatura do Senhor – e, conseqüentemente, seu filho, como aqueles a quem falava, porque todos somos filhos de Deus.

E Jesus, que nada disse ou fez sem altíssima razão, deu aquele ensino, na previsão de que o fanatismo rasteiro proclamava-lo Deus, como proclamou o Buda – como proclamou Maomé, não falando das mais grosseiras deificações.

---

149 (Nota do Organizador) Esse artigo dá seqüência aos quatro anteriores.

150 (Nota do Organizador) Jo. 20:17.

151 (Nota do Organizador) Mt. 24:35; Lc. 21:33.

E, como ele previu, assim foi, porque ele já era de ler no livro dos tempos futuros.

E seus discípulos, inspirados por seu santo Espírito, escreveram no Evangelho as palavras de Isaías, em nome de Deus, que lhe disse: “Eu escolhi este, dentre *meus servos*, e minha alma pôs nele todas as minhas complacências”.<sup>152</sup>

Aqui, como ali, não há sentido parabólico – há sentido positivamente afirmativo – e é bem para notar-se que as palavras de Jesus casam perfeitamente com as de Deus, por Isaías.

Mas Roma, que consagrou e santificou as mais satânicas torturas infrigidadas ao próximo, *ad majorem Dei gloriam*<sup>153</sup>, fez o que fôra previsto e prevenido pelo Redentor, transformando o Cordeiro de Deus em próprio Deus e o servo predileto em Senhor Onipotente – a criatura em Criador.

Nem colhe dizer-se: que Tomé, o apóstolo, reconhecendo a ressurreição de Jesus, exclamou, inflamado: “meu Mestre, e meu Deus”<sup>154</sup>.

Não colhe, *primeiro*, porque Tomé não era infalível, não tendo ainda recebido a luz trazida ao cenáculo pelo Espírito Santo.

Não colhe, *segundo*, porque no entusiasmo de ver realizado o que tivera por impossível, era natural uma explosão, levada até ao absurdo, que devia ser para ele a deificação de Jesus, depois do que ouvira da boca do Mestre.

Foi como a erupção do entusiasmo de quem se vê salvo, como que milagrosamente, da morte – e exclama: “És um anjo! És um Deus!”

O essencial é a palavra de Deus, transcrita do Evangelho de S. Mateus: *Dentre os meus servos escolhi este*; pois que Deus não havia de chamar a Deus *um servo*.

Tudo que, em contrário, cita-se; *1ª Epístola de S. João – Epístola de S. Paulo aos Coríntios* – e a fórmula do batismo ensinada por Jesus, traz sentido oculto pela letra, em razão do atraso humano naqueles tempos.

---

152 (Nota do Organizador) Isaías, 42:1.

153 (Nota do Organizador) Expressão latina já citada alhures nesta coleção. *Ad maiorem Dei gloriam* ou *ad majorem Dei gloriam* (“para maior glória de Deus”, em latim), também conhecido pelo acrónimo AMDG, é o lema da Companhia de Jesus, cujos membros são comumente conhecidos como jesuítas. Infelizmente foi utilizada muitas vezes durante as barbaridades da Inquisição...

154 (Nota do Organizador) Jo. 20:28.

A verdade absoluta não cabe ao homem, nem mesmo aos Espíritos muito mais adiantados que o homem. É objeto de estudo para inúmeras vidas, se não para toda a eternidade.

O Supremo Dispensador de todas as graças não [oferece]<sup>155</sup> ao ser perfectível, cujo destino é a perfeição, pelo saber e pela virtude, senão o que é compatível com seu progresso realizado.

Não cabe, pois, à grande imperfeição do homem terreno receber de Jesus, que é o pensamento de Deus em ação, mais do que uma grosseira fórmula da verdade.

É por isto que Jesus falou, quase sempre, por parábolas, um meio de conciliar o ensino com os pensamentos e sentimentos do tempo, sem prejudicar o mais que se possa dele tirar em tempos de mais apurada compreensão – de maior progresso – de luz mais pura.

A letra, para saciar a sede de saber dos atrasados – o espírito, para esses mesmos, quando, pelo correr dos séculos, já se acham preparados para suportarem mais intensa luz.

Assim, pois, os trechos bíblicos que são invocados como provas de que Jesus é Deus, não dão senão pela letra fundamento aos que assim os compreendem.

O espírito diz o contrário – e o contrário harmoniza-se perfeitamente com as passagens em que Jesus fala claramente de Deus como Pai e Senhor, tão pai Dele como dos homens – tão Senhor Dele como destes.

Quando temos uma passagem como a de Isaías, em que Deus chama a Jesus seu *servo*;

Quando temos aquela em que Jesus diz positivamente: Ide dizer a meus *irmãos* que eu vou para meu Pai e *seu Pai*, para meu Deus e *seu Deus*;

Quando temos ainda precisa e terminantemente definidas as relações entre Deus e Jesus; que valem interpretações e sutilezas de deduções?

A verdade está acima de tudo, porque a verdade é Deus. E, pois, se o próprio Deus, diz: que Jesus é seu *servo* e, se este o confirmou em mil passagens do Evangelho, – como colocar-se fora daí Aquele a quem devemos o ensino da verdade e que é o

---

155 (Nota do Organizador) O texto original traz aqui a palavra *rouba*, que nos pareceu completamente fora de propósito, para o sentido geral do parágrafo. Decidimos, por isso, substituí-la pela que nos pareceu mais em sintonia com a intenção de Dr. Bezerra no trecho em pauta, por entender que o erro deveu-se a algum problema material, tipográfico.

que é, a despeito de todo o fanatismo e que mais nos prezará, se mais amarmos à verdade?

Não, mil vezes não; não há na Bíblia, senão em falsas interpretações, causa que autorize a crença na Trindade, que é a anulação da Unidade de Deus.

A Trindade católica acaba com o monoteísmo, que foi sempre o símbolo dos verdadeiros crentes, e estabelece um politeísmo incompreensível, híbrido e repulsivo à razão, verdadeiro simulacro do politeísmo dos povos pagãos da Antiguidade.

Este tem desaparecido dentre todas as gentes; aquele quer, por força, a Igreja plantar no seio do Cristianismo!

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 09-07-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00159.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00159.pdf)

## Artigo DXIV

### Gazeta da Tarde, 23-07-1898

O 2º artigo de Lauresto, com que nos vamos ocupar, causou-nos uma grande surpresa!

A questão cardial, levantada pelo 1º, a que estávamos respondendo, e só em nosso passado artigo<sup>156</sup> acabamos de responder, foi a existência da Trindade divina, que a Igreja romana sustenta e que o Espiritismo combate, como resto do politeísmo da Roma dos Cônsules e dos Césares.

Lauresto assestou toda a sua artilharia sobre aquele ponto – e nós empenhamos a luta em torno dele.

Quando era de esperar que o nosso valente opositor, reaparecendo na imprensa, viesse reforçar seus argumentos e rebater os nossos, sobre a existência da Trindade; eis que, em seu segundo artigo, nem uma palavra diz sobre a magna questão, ocupando-se com o que, em anteriores artigos, avançamos sobre outros muito diferentes assuntos.

A conclusão lógica de semelhante fato é que Lauresto julgou procedente a nossa argumentação sobre a não existência da Trindade – e, homem de boa fé e sinceridade, não quis empregar sofismas contra a verdade demonstrada.

Resulta, pois, do ligeiro tiroteio – que ficou em pé a nossa asserção: a Trindade é a fórmula católica do politeísmo romano, não havendo senão o Deus *uno*, em substância e em pessoa; o Criador.

Terminada assim a questão levantada por Lauresto, em seu 1º artigo, pedimos vênias ao respeitável impugnador das ideias

---

156 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos cinco anteriores.

espíritas para ocuparmo-nos com o seu 2º artigo, no que se encontra aí de mais importante.

Comecemos pela Parábola do Rico e do Lázaro, que Lauresto diz termos negado, com o maior desembaraço, existir tal no Evangelho.

Confessamos que fomos incorreto no nosso dizer, não traduzindo nossas palavras o pensamento que tínhamos.

A Parábola do Rico e do Lázaro é tão conhecida que realmente seria triste sermos dela ignorante.

O que quisemos dizer, foi que tal como a citou Lee, era apócrifa – não estava no Evangelho – era tirada de Êliphaz Levi, que a citou com o mesmo intuito. E isto é verdade fácil de verificar, pois que Lee dá o fato passado entre o Rico e Jesus, quando o Evangelho o dá entre o Rico e Abraão.

Passemos a coisas mais importantes:

“Em que passagem da Bíblia encontra Max bases para a doutrina que o Espírito Santo são os bons Espíritos dos que morreram e passaram por diversas transformações?” perguntou Louresto.

Respondemos ao ilustre contestante: não na Bíblia, mas na cosmogonia espírita, e desenvolvidamente em Roustaing, que o recebeu dos Evangelistas.

A questão, aqui, é toda de fé sobre ser ou não uma Revelação o Espiritismo.

O judeu, diante do ensino ou Revelação Messiânica, perguntaria, com o mesmo firme fundamento com que pergunta hoje Lauresto, em que passagem da Lei escrita encontrou Jesus bases para insinuar: que João Batista fôra Elias e, pois, que existe a lei da reencarnação?

É que o judeu ignorava, como ignora Lauresto, que a revelação das verdades eternas é progressiva, na medida do desenvolvimento da capacidade compreensiva do homem – e, portanto, que a última é a mais compreensiva; donde a dedução lógica; de conter novos princípios e de explicar, em espírito, o que, nas anteriores, foi ensinado sob o véu da letra.

Se, pois, o Espiritismo é a Revelação, como creem os seus sectários, sólidas são as bases em que nos firmamos para dizer: que o Espírito Santo não é um ser especial, porém sim todo o Espírito que tem atingido a pureza angélica, constituindo a Superior

Legião, de que o divino Enviado se serve para a execução das leis divinas<sup>157</sup>.

Convidamos a Lauresto para, despido, como nós outrora o fizemos, dos preconceitos de uma crença inalterável, que vai de encontro à lei do progresso universal, a bem apreciar os caracteres essenciais do Espiritismo, por firmar juízo sobre a questão do ser ou não uma Revelação, como a Moisaica – como a Messiânica, a Doutrina que se denomina Espiritismo.

Se lhe reconhecer o cunho divino, *tollitur quaestio*<sup>158</sup>; pois que ela ensina o novo princípio, que não se encontra na Bíblia, o de ser a denominação do Espírito Santo aplicável a todo o Espírito que tem chegado a alto grau de pureza. Se não o reconhecer, não perdemos o direito de assim julgar – e a questão será da natureza da que sustentamos contra o materialista, sobre a existência do Espírito – e da que sustentamos contra o padre, sobre a existência do demônio pessoal.

Por não serem o que cremos, não se segue que tenhamos menos certeza de que estamos com a verdade, quer contra o materialista, quer contra o padre.

Porque o sacerdócio hebreu não aceitou o ensino de Jesus, não foi este menos divino – e só perderam os que não aceitaram.

O essencial, pois, para resolver-se a questão é decidir-se se o Espiritismo é ou não uma Revelação – e será este o assunto do nosso próximo artigo.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 23-07-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00171.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00171.pdf)

---

157 (Nota do Organizador) Vide *Os Quatro Evangelhos*, de Roustaing, Tomo I, item 9, parágrafos 6 e 7, transcritos a seguir, e seguintes: “Do ponto de vista espírita e conforme à Verdade que a Nova Revelação vem pôr em foco aos olhos de todos, o Espírito Santo, de modo geral, não era e não é um Espírito especial; mas, uma designação figurada, que indicava e indica o conjunto dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos. É a falange sagrada, instrumento, na ordem hierárquica da elevação moral e intelectual, e ministra de Deus, uno, indivisível, eterno, infinito, que irradia por toda parte sem jamais se fracionar e cujas inspirações e vontades só os Espíritos puros recebem diretamente, para as transmitir aos Espíritos superiores, e, por meio destes, aos bons Espíritos, que, através da escala espírita, as fazem chegar até vós”. (Ed. Ibbis, Brasília, 2022)

158 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se por “não se fala mais nisso”. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)



## Artigo DXV

### Gazeta da Tarde, 13-08-1898

“Onde encontrastes na Bíblia fundamento para dizerdes: que o Espírito Santo é uma coletividade de puros Espíritos?” Foi a pergunta, feita n’outras palavras, mas restritamente neste sentido, que nos dirigiu o ilustrado Lauresto<sup>159</sup>.

Já lhe dissemos: que não na Bíblia, porque ela não encerra todas as verdades eternas, como positivamente o declarou o divino Mensageiro<sup>160</sup>; mas no Espiritismo, cuja origem divina prometemos demonstrar.

Antes, porém, de entrar em causa, perguntaremos a Lauresto: o que se educou na Lei Mosaica, andaria bem inspirado repelindo do ensino de Jesus tudo o que não estivesse no Velho Testamento?

Pois é essa a posição de quem repele do Espiritismo tudo o que não está determinado positivamente na Bíblia; *silicet*<sup>161</sup>: Velho e Novo Testamento.

Se a Revelação Messiânica, para ter autoridade, precisasse limitar-se ao que foi ensinado pela Mosaica, confessemos: que não passaria de uma bem ridícula inutilidade!

Assim, também, se o Espiritismo, para ter autoridade, precisasse restringir-se ao que está na Bíblia, como a entendem os

---

159 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos seis anteriores.

160 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13.

161 (Nota do Organizador) Locução latina equivalente a *isto é*, em português. (Fonte: *Dicionário Priberam online*)

padres da Igreja, seria tão ridículo, na hipótese, como a Revelação Messiânica.

Entretanto, o Evangelho promete mais ampla revelação que as de Moisés e de Jesus, para quando a humanidade, por seu progresso realizado, já puder compreender aquelas verdades, que Jesus não ensinou, “por não ser oportuno”, isto é; porque o homem de então ainda não podia compreendê-las<sup>162</sup>.

Há, pois, para os que acatam a Bíblia, uma promessa de Jesus: de uma Nova Revelação, complementar à sua – e, portanto, mais compreensiva – revelação daquelas verdades que Ele ensinou e que, conseqüentemente, não podem ser encontradas na Bíblia.

Será o Espiritismo essa prometida Revelação?

É o que todo o que ama a verdade pela verdade deve procurar penetrar, para não incorrer na falta dos que repeliram a Doutrina de Jesus, por não se conformar literalmente com os princípios da Lei de Moisés.

Como os hebreus esperavam a vinda do Messias, anunciada pelos profetas, os cristãos deviam, devem esperar a vinda do Espírito da Verdade, prometida por Jesus, para a revelação das verdades que Ele não pôde revelar, por causa da incapacidade compreensiva da humanidade de seu tempo.

E note-se: que o Messias era anunciado como homem, da casa de Davi, ao passo que o anunciado por Jesus, para completar sua obra, só como Espírito: Espírito da Verdade.

Daí uma grande diferença entre a Revelação Messiânica e a prometida.

O homem desenvolveu sua doutrina em face dos homens. O Espírito como fará, para que seu ensino chegue aos homens?

Felizmente esta questão não é nova – já de há muito foi resolvida pela Igreja, que atribui ao Espírito Santo todos os seus atos e decretos por inspiração.

O Espírito, pois, pode transmitir ideias aos homens, por inspiração, isto é: indiretamente; diz a Igreja infalível, que neste ponto o é.

Se, pois, o Espírito Santo pode inspirar a verdade aos homens, por que não o Espírito da Verdade, que santo é?

A Nova Revelação, portanto, essa prometida por Jesus, não podia ter o caráter da Mosaica e da Messiânica, quanto a ser tra-

---

162 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13, já citado.

zida por uma pessoa visível, pois que foi anunciada como obra do Espírito da Verdade, causa pelo modo das obras atribuídas pela Igreja ao Espírito Santo.

E, com efeito, a Doutrina Espírita é toda dada ou editada pelos Espíritos – e ainda hoje é explicada por eles, indiretamente, por comunicações feitas a favor de médiuns, que surgem espontaneamente por toda a parte – a cada hora – e no seio de todas as famílias.

O Espiritismo, pois, sob o ponto de vista de sua comunicação aos homens, tem o caráter que Jesus prefixou a Revelação que prometeu, para complemento da sua.

Convém lembrar: que a Igreja, para evitar que se espere uma nova revelação e que se considere como tal o Espiritismo, confunde o Espírito Santo com o Espírito da Verdade, sustentando que este não baixou agora, mas sim logo após a Ascensão do Senhor, donde a falsidade da pretensão dos espíritas: de ser este uma Revelação trazida ao mundo pela Espírito da Verdade.

Para ela, o revelador das prometidas verdades é o Espírito Santo, que lhe assiste, desde o princípio; e, por conseguinte, os princípios espíritas não são aquelas verdades, só agora dadas, quando o revelador já baixou há 19 séculos.

Não é preciso alto quilate intelectual para reconhecer o grosseiro sofisma clerical.

Em 1º lugar, se Jesus disse: que não ensinava muitas verdades, por não poder o mundo compreendê-las, como as daria 50 dias depois o que, em seu lugar, devia vir ensiná-las? Em tão curto prazo, o mundo habilitou-se para compreender o que há dias passados não podia?

O revelador prometido não pode, pois, ser o Espírito Santo, mas sim outro, que baixará quando o mundo tiver adquirido um grau de progresso necessário à compreensão da alta revelação. O Espírito da Verdade não é, portanto, o conhecido por Espírito Santo.

Em 2º lugar, o Espírito Santo, é da Bíblia, não baixou sobre o mundo, como seria mister se fosse o revelador das novas verdades, mas sim baixou sobre o colégio Apostólico, para o fim especial e designado de iluminar os apóstolos na missão de propagarem o que fôra ensinado pelo Redentor.

Como confundir o particular com o geral – a missão de iluminar os apóstolos com a de fazer uma Nova Revelação – e isto quando o mundo estava tão apto quanto no tempo de Jesus?

Em 3º lugar, dado que o Espírito Santo, que desceu logo após a Ascensão de Jesus, seja o prometido Espírito da Verdade, designado para fazer a nova Revelação; dado que ele que ficou permanentemente assistindo à Igreja, apresentam os que isto sustentam uma única verdade nova ensinada por ele, no decurso dos 19 séculos decorridos?

Ou não é ele o prometido revelador ou é quem fez a Revelação Espírita – ou continua dormindo até... até à eternidade.

A Igreja pode sofismar tudo isto, mas faremos a Lauresto a justiça de acreditar que, refletindo sobre estes ligeiros argumentos, não repeli-los-á caprichosamente.

E, pois, cremos ter mostrado ao nosso ilustre contendor: que o Espiritismo, sob o ponto de vista do modo de sua manifestação, tem o caráter prescrito por Jesus à Revelação que prometeu – e que não pode ser obra do chamado Espírito Santo, designado por Jesus com o nome de Espírito da Verdade.

O assunto é da maior importância – e, pois, continuaremos a demonstrar; que o Espiritismo tem outros caracteres de uma Revelação divina.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 13-08-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00189.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00189.pdf)

## Artigo DXVI

### Gazeta da Tarde, 20-08-1898

Pelo modo de sua manifestação, demonstramo-lo, o Espiritismo tem o caráter essencial da Revelação prometida por N. S. Jesus Cristo<sup>163</sup>.

Examinemo-lo em sua substância – em seu caráter moral.

É de simples intuição – é de razão e de consciência: que o ensino messiânico, tendo por único fim o bem da humanidade, não pode deixar de ser uniforme e homogêneo em todas as suas partes – em seus elementos – em seus princípios.

Assim, pois, aquilo que, por superior à capacidade humana do tempo, não pôde o divino Mestre explicar, é necessária e rigorosamente da natureza moral do que constitui o seu Evangelho – do que julgam oportuno ensinar, por estar na altura da capacidade da geração presente, isto é, do seu tempo<sup>164</sup>.

Se uma parte não casasse perfeitamente com a outra, não haveria a uniformidade indispensável em qualquer obra humana, quanto mais em obra divina.

Se, pois, um novo ensino aparecer destoando, embora em mínima circunstância, do que foi dado ao mundo pelo Salvador, não há vacilar: este tal é obra de falso profeta ou, como ensina a Igreja, do famoso e nunca assaz decantado Satanás.

Estabelecida essa premissa, que só a ignorância invencível ou a invencível má-fé podem recusar, nada mais simples e mais

---

163 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos sete anteriores.

164 (Nota do Organizador) Referência a Jo. 16: 12 e 13.

fácil do que determinar a natureza divina ou diabólica do Espiritismo.

Falamos da moral espírita e não da cosmogonia, que reclamará, da nossa parte, uma análise especial.

Quem se der ao trabalho de prescrutar os fundamentos da moral espírita, sem a vesgueira do fanatismo ou do espírito de sistema, duas invencíveis monomanias, e comparar, com perfeita isenção, aqueles fundamentos com os do Evangelho, reconhecerá a mais perfeita identidade.

Uma e outra doutrina moral assentram no amor de Deus e do próximo – recomendam fé e humildade – amor e caridade – todas as virtudes, em suma, que o divino Mestre assinalou como flores dos célicos jardins.

Se, pois, são idênticas, quanto ao ponto essencial – sua moral – como julgá-las adversas, emanadas de opostas fontes – filha do céu, uma – filha das trevas infernais, a outra?

Só um cego ou louco poderá formar, e, pior ainda, sustentar semelhante conceito!

Por sua moral, que é a base essencial de uma e de outra, a Doutrina Evangélica e a Doutrina Espírita são como dois galhos de um mesmo tronco, que se nutrem da mesma seiva – que se cobrem das mesmas flores – que dão de si os mesmos frutos.

E ainda por outro caráter se confundem e se completam.

Triste da humanidade se não tivesse, para os casos morais, uma prova provada, como a experiência lhe é para os casos materiais.

Felizmente existe essa prova, que salva a criatura humana de perder-se pelos tortuosos caminhos do erro.

Jesus a ensinou nestes termos: “Pelo fruto se conhece a árvore”<sup>165</sup>, o que vale por dizer: Procurai sempre o *criterium* da verdade.

O critério absoluto da verdade é a conformidade de uma coisa com os atributos de Deus.

Tudo o<sup>166</sup> que exalta e engrandece as infinitas perfeições de Deus, tem o *criterium* da verdade; e, por conseguinte, é verdade.

---

165 (Nota do Organizador) Lc. 6:44, Mt. 7:16, 7:20 e 12:33.

166 (Nota do Organizador) O texto original traz neste ponto a palavra *aquí*, mas preferimos substituí-la pelo pronome *o*, para tornar mais claro o conceito desse critério, tão importante na obra de Dr. Bezerra.

Tudo, ao contrário, que rebaixa e amesquinha qualquer daquelas perfeições, tem o característico do erro; não pode ser verdade.

Tanto a Doutrina Evangélica ou do Evangelho, como a Espírita, que não é senão a explicação e a explanação da primeira, oferecem ao simples bom senso o *criterium* da verdade; e, pois, são homogêneas, sob o ponto de vista mais essencial de seus fundamentos.

Se o mesmo não se dá entre os princípios espíritas e os da Igreja romana, é porque estes não são homogêneos com os do Evangelho, como à saciedade temos demonstrado na longa série destes artigos.

Um simples exemplo tornará patente a verdade desse nosso asserto.

Jesus disse: “Do rebanho, que me confiaste, nem uma ovelha perder-se-á”<sup>167</sup>, o que quer dizer positiva e terminantemente: a salvação é universal.

Entretanto, a Igreja romana ensina a perdição da máxima parte da humanidade.

Assim, pois, o Espiritismo restabelece a verdade evangélica, deturpada pela Igreja.

Como aqui, um sem número de casos se dão, em que o Espiritismo explica e desenvolve o ensino evangélico, que a Igreja não compreendeu, segundo o *criterium* absoluto da verdade, que acima expusemos.

Logo, o Espiritismo, que não a Igreja, é quem compreende em espírito e verdade o ensino de N.S. Jesus Cristo.

Logo, o Espiritismo compreende e explica o Evangelho, em espírito e verdade e de conformidade com o *criterium* absoluto da verdade, só a vesgueira do fanatismo ou do espírito de sistema, qual mais caracterizada loucura, pode recusar-lhe o cunho de uma Revelação; da Revelação prometida por N. S. Jesus Cristo, para explicar da Lei o que Ele não pôde, por causa do atraso humano, em seu tempo<sup>168</sup>.

Se é assim e se o Espiritismo ensina: que o Espírito Santo não é um ser individual, mas uma plêiade de Espíritos puros a

---

167 (Nota do Organizador) Vide nota 120, acima.

168 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13.

serviço do Senhor, na infinita projeção dos seres pelas vias do progresso, está respondida a pergunta de Lauresto: onde, na Bíblia, encontramos tal novidade.

Ainda aqui não encerraremos este capítulo.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 20-08-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00195.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00195.pdf)



## Artigo DXVII

### Gazeta da Tarde, 27-08-1898

Continuando<sup>169</sup> nosso estudo sobre a autenticidade da Revelação Espírita, diremos com o Mestre: que o caráter essencial de toda a Revelação deve ser a verdade – e a verdade não pode ser reconhecida e recebida pelo homem, cercada de uma atmosfera de erros, senão pela confirmação da causa revelada pelos fatos, que não pela autoridade de quem quer que seja.

Um dogma, que se impõe à fé, não contrabalançará jamais um princípio firmado na prova irrecusável dos fatos.

O próprio Jesus exemplificou seu ensino!

É que a fé *passiva*, que ninguém como o divino Mensageiro, podia exigir do mundo, nulifica a razão, que é luz dada ao homem para discriminar a verdade do erro; e, portanto, é derrogação da Vontade Suprema.

Fé deve ter todo o crente, mas, para que se ela firme na alma é mister que esta faça trabalhar sua razão, para que lhe possa ser atribuída a responsabilidade.

Fé *raciocinada* – fé cimentada pela criteriosa apreciação da verdade revelada; em suas relações com os fatos da nossa observação: – eis o que é a verdadeira fé – a que Deus exige do ser, que Ele criou racional – eis a que Jesus recomendou, quando ensinou: que muitos Cristos e profetas apareceriam<sup>170</sup>.

---

169 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos oito anteriores.

170 (Nota do Organizador) Vide Mt. 24:24.

Se assim é, quem possui autoridade para impor a fé passiva? O que se diz “infalível”, quando infalível só Deus, menos que ninguém.

E, pois, toda a doutrina científica ou moral que requer do homem não a fé passiva, mas a raciocinada, tem, *ipso facto*<sup>171</sup>, o critério da Revelação, no sentido que damos a esta palavra.

E, se os fatos confirmam seus princípios fundamentais, aquele critério sobe à ordem das verdades provadas – e a doutrina se impõe, racionalmente, à crença, como verdadeira Revelação.

Este é o caso do Espiritismo, cujos princípios fundamentais rebrilham à luz da observação e da experiência rigorosamente científicas, como o provam os trabalhos dos mais eminentes sábios do mundo – e como pode, por si mesmo, verificar todo o que for S. Tomé, todo o que quiser ver por seus olhos.

Como se fez a Revelação Espírita, perguntar-nos-ão, se não se manifesta um revelador, como teve a Mosaica e a Messiânica?

Já em anterior artigo fizemos patente a confirmação deste fato, com a natureza da Revelação prometida por N. S. Jesus Cristo.

Jesus, cujas palavras tinham o cunho da sua infinita sabedoria e da sua virtude sem par, prometendo a nova Revelação, determinou que seria ela feito pelo *Espírito da Verdade*<sup>172</sup> – Espírito – que nos parece ser o seu próprio<sup>173</sup>, visto como disse Ele aos seus discípulos: que era mister deixar a Terra, para que viesse o prometido.

Ora, estando Jesus em constante comunicação com Deus, é óbvio: que não precisava deixar a Terra para pedir a Deus que enviasse o Espírito da Verdade; tanto mais que a vinda deste – e portanto, a época da Nova Revelação, não eram imediatas, porém,

---

171 (Nota do Organizador) Vide nota 67, acima.

172 (Nota do Organizador) Jo. 14: 17 e 26.

173 (Nota do Organizador) Vide *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. I, item 7: “Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que ensinou o Cristo; mas desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica. Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. *Ele é, pois, obra do Cristo*, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o Reino de Deus na Terra”.

sim, quando a humanidade, por seu progresso, pudesse receber a mais intensa luz.

Em todo o caso, a prometida Revelação devia ser feita com o caráter espiritual – e não com o humano, como foram as anteriores. Isto é positivo, está claro no Evangelho salvo para os vespigos da Igreja, da ciência.

Ora, que outro caráter tem o Espiritismo, senão de uma Revelação espiritual?

No próximo artigo e sem interromper a série destas considerações, mostraremos: como Allan Kardec, a quem, de má fé, se atribui a autoria do Espiritismo, não foi senão um preposto para formular o trabalho espiritual.

É, pois, o Espiritismo, não obra de homens, mas de Espíritos, comunicando às gentes os novos ensinamentos, que Jesus não lhes pôde dar, por não lhes achar a precisa capacidade para compreendê-los.

E, se assim é, como todo o mundo sabe, este fato lhe dá o caráter de Revelação, porque este caráter lhe foi anunciado por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Mas, perguntar-nos-ão, ainda, como é que Jesus fala de um Espírito único: Espírito da Verdade, e o Espiritismo, em vez de ser obra de um único Espírito, procede de inúmeros Espíritos, como o afirma a própria Doutrina?

É o caso da questão, que nos trouxe a este terreno da discussão; é o fato da multiplicidade de Espíritos, sob a denominação de Espírito Santo; aqui, sob a de Espírito da Verdade.

Os Espíritos, que se purificam e elevam à categoria de anjos, não vivem em ociosa contemplação, como ensina a Igreja romana; o que seria o maior ridículo para o progresso moral.

Eles vivem em infatigável atividade, tanto maior quanto mais sobem, promovendo, com amoroso empenho, o movimento progressivo do Universo – e especialmente o da humanidade.

E, porque o progresso humano se opera por mil modos, que constituem outras tantas ordens ou classes, os Espíritos se dividem por estas classes, a que são prepostos como executores das leis, que são a vontade de Deus.

Estas falanges ou coletividades operam em unidade de vistas, como é uno o seu intento; de modo que são conhecidos por um nome comum, embora constituam individualidades distintas.

É assim que são Espírito da Verdade os que se ocupam em fazer conhecidas dos homens as verdades prometidas por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Há, pois, completa uniformidade entre o fato e a promessa – entre o modo por que foi feita a Revelação Espírita e o que foi pronunciado por Jesus.

Ainda diremos sobre a autenticidade da Revelação Espírita.  
Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 27-08-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00201.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00201.pdf)

## Artigo DXVIII

Gazeta da Tarde, 03-09-1898

Em nosso passado artigo, dissemos<sup>174</sup>:

“No próximo artigo, e sem interrompermos a série destas considerações, mostraremos como Allan Kardec, a quem, de má fé, se atribui a autoria do Espiritismo, não foi senão um preposto para formular o trabalho espiritual”.

Vimos hoje cumprir essa promessa.

O notável filósofo nunca cogitou de ser criador de doutrina alguma – e muito menos da espírita, que lhe parecia inaceitável, pelo modo como era manifestada: pelas mesas falantes; ao ponto de dizer a quem lhe referiu os fatos de manifestações por aquele modo:

“Se me provarem que uma mesa tem cérebro, então – e só assim – eu aceitarei os fatos que me referis”<sup>175</sup>.

Entretanto, tendo sido provincialmente testemunha da produção daqueles fatos, considerou-os tão importantes que dedicou-se ao estudo de suas causas – de suas leis – e de seu fim.

Ao mesmo tempo em que empreendia o importante trabalho, rompia nos Estados Unidos da América do Norte o movimento que abalava a população da grande nação – e daí comunicou-se a todo o mundo.

Por motivos até agora envoltos no véu do mistério, de todos os pontos onde se deram comunicações espíritas, enviaram-nas

---

174 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos nove anteriores.

175 (Nota do Organizador) Kardec, Allan. *Obras Póstumas*. Cap. *A minha primeira iniciação no Espiritismo*, ed. FEB)

a Allan Kardec, já então bem adiantado no conhecimento das novas ideias, que lhe eram particularmente reveladas, a favor de médiuns, de que se cercara, para o estudo que empreendera.

Foi sobre o acervo de tais comunicações, fornecidas pelos Espíritos, em todos os pontos do globo, que o filósofo exercitou sua possante e lúcida inteligência, por modos de arrancar delas a sublime Doutrina que, em menos de meio século, já preocupa, por sua parte moral e por sua parte filosófico-científica, a grande massa das superiores mentalidades de todo o mundo civilizado.

Apesar, porém de serem todas as ideias comunicadas pelos Espíritos, Allan Kardec não lhes prestou a mesma fé.

Foi um trabalho insano, que lhe minou as fontes da vida, discriminar a verdade da impostura, recolhendo as comunicações que conferiam com o *criterium* da verdade: os excelsos atributos do Criador – e desprezando as que não tinham esse caráter.

E o mestre julgou necessário esse trabalho, por compreender que os Espíritos desencarnados têm os mesmos defeitos e boas qualidades dos encarnados; donde a regra de nada se lhes aceitar sem maduro exame, por evitarem-se as fraudes dos enganadores, como fazemos com as obras dos homens, se queremos andar com segurança.

No exame do valor de cada comunicação, certamente Kardec seria muitas vezes iludido, se não fosse auxiliado por Espíritos superiores, enviados do Senhor, para fazerem que saísse escoimada de falsidades a Nova Revelação – a Revelação prometida por Jesus, das verdades que Ele disse não poder ensinar, por não se achar a humanidade de seu tempo em condições de compreendê-las<sup>176</sup>.

E ele refere como muitas vezes aqueles altos Espíritos o advertiram, por mediunidade, de seus erros de apreciação, fazendo-o retocar o trabalho feito.

O estudo, pois, embora feito por um homem, suscetível de errar, saiu limpo de falhas, a favor da luz superior que foi ministrada ao missionário incumbido do trabalho, pode-se dizer, material – e, quando muito, de codificação.

Allan Kardec foi escolhido e veio à vida corpórea com a missão de sistematizar os ensinamentos dos altos Espíritos, enviados para dá-los; e, assim como os Profetas eram inspirados pelos Espíritos

---

176 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13.

do Senhor, assim o foi o encarregado de fazer conhecida do mundo a Nova Revelação.

O pensamento divino não pode ser transmitido diretamente aos homens; precisa ser revestido das fórmulas humanas – e assim como Moisés foi transmissor da primeira Revelação – e Jesus baixou a fazer a segunda, igualmente Allan Kardec mereceu a glória de ser o incumbido da terceira; da Revelação das Revelações; pois que o Espiritismo não é senão o complemento e a explicação em espírito e verdade da Revelação Messiânica.

Nem deve causar estranheza o fato da intervenção dos Espíritos na obra de Kardec, pois que qualquer homem, desde que se propõe a fazer trabalho que concorra para o progresso e o bem da humanidade, é assistido pelos que a Igreja chama Espírito Santo e nós chamamos Espíritos puros ou angélicos.

Em nossos próprios trabalhos espíritas pedimos sempre a assistência de um desses – e sempre aquele, cujo auxílio invocamos se manifesta, psicográfica ou visivelmente.

Com quanto mais razão deviam eles auxiliar a Allan Kardec, de cujos esforços dependia a unidade da Doutrina regeneradora, que o amor de N.S. Jesus Cristo fez baixar à Terra?

Aí está a obra de Roustaing, explicação do Evangelho, inspirada àquele jurisconsulto sob a assistência dos Evangelistas e dos Apóstolos;

E aí está, ultimamente publicada, uma obra ditada do mundo dos Espíritos por Bittencourt Sampaio – editada com a assistência daqueles luminares da eternidade<sup>177</sup>.

Do exposto resulta: que o Espiritismo não é criação do homem – e, se dependeu de um, é porque, para ser dado a homens, precisa se revestir da fórmula humana.

Quem tiver olhos de ver, veja – quem tiver ouvidos de ouvir, ouça – e quem tiver inteligência de compreender – compreenda.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 03-09-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00207.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00207.pdf)

---

177 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se ao volume *De Jesus perante a Cristandade*, de autoria espiritual do grande Bittencourt Sampaio e psicografada pelo admirável Frederico Pereira da Silva Jr., cuja primeira edição foi lançada exatamente neste período, em agosto de 1898.

## Artigo DXIX

### Gazeta da Tarde, 10-09-1898

Temos demonstrado, a propósito da questão levantada por Lauresto<sup>178</sup>; onde na Bíblia algo que autoriza dizer-se: que o Espírito Santo é uma falange de Espíritos puros? Temos demonstrado: que, não na Bíblia, mas na Revelação Espírita, tão autorizada como a Bíblia, se consagra aquela interpretação, que excitou os escrúpulos religiosos do nosso distinto contendor.

E, neste intuito, demonstramos mais: que o Espiritismo não é obra do homem e sim a Revelação prometida pelo divino Jesus; d'onde sua autoridade, tão divina como a da Bíblia.

E demonstramo-lo: 1º, pelo modo como foi dado ao mundo o Espiritismo – e 2º pela conformidade de seu ensino com o do Evangelho, em todo o campo da Moral – e 3º, pelo caráter absoluto da verdade, que oferece o ensino espírita, exaltando e não amesquinhando os excelsos atributos da Perfeição infinita.

Inúmeras outras provas nos acodem em prol do caráter divino do Espiritismo e, portanto, da verdade de seus conceitos, entre os quais o que está em causa: Espírito Santo é todo o que, purificado de todas as imperfeições, merece a incumbência das mais altas missões, que entendem com o progresso dos mundos e das humanidades: físico, intelectual e moral.

Deixamos, porém, de exhibir mais provas, porque a um espírito esclarecido e sincero, como julgamos o de Lauresto, as que temos exposto, bem ponderadas, bastam para firmar reto juízo.

---

178 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos dez anteriores.



Poremos, pois, remate à questão transcrevendo a esplêndida revelação, a respeito, feita à Roustaing – revelação que compreende a própria questão da Trindade.

“Da mesma maneira que a era hebraica preparou a chegada da era cristã, da mesma maneira a era cristã, sob o império e o véu da letra, preparou a chegada da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita.

“O reino da letra preparou a chegada do reino, futuro ainda para vós, do espírito, que vem começar a Revelação nova – a Revelação da Revelação.

“Sim; *toda a planta que o Pai celeste não plantou, será arancada.*

“Vós estais prevenidos, pelo Mestre, de que seja qual for o motivo de escândalo que daí tomem os fariseus dos vossos dias, tudo o que não vem da fonte pura será rejeitado, a fim de que o homem recomece sua marcha e avance, guiado pela fé, a esperança e o amor – e nós, diremos como Jesus e em seu nome; que aqueles que têm ouvido de ouvir, ouçam; porque chegaram os tempos em que devem cumprir-se estas palavras: a letra mata e o espírito vivifica – o Espírito da Verdade vem começar a conduzir a obra de luz, de progresso, de regeneração – vem destruir as doutrinas humanas – os mandamentos humanos – vem reconduzir os homens ao Cristianismo do Cristo – fazê-los lembrar do que Jesus disse, explicando-lho e desenvolvendo-lho, segundo o espírito e em verdade – vem ensinar-lhes, progressivamente e à proporção que eles puderem compreender, toda a verdade – vem conduzir os homens à unidade das crenças, e o tempo não está longe, em que as opiniões diversas deverão fundir-se n’uma só e única verdade: Deus *uno, único e indivisível*, Criador incriado de tudo o que é – Jesus, *puro Espírito, Espírito puro e perfeito*, Protetor e Governador do vosso planeta e de sua humanidade – e os *Espíritos do Senhor, Espíritos purificados*, submissos à doce e bem amada potência do nosso chefe recebendo d’Ele as ordens do Pai comum, e servindo de instrumentos devotados à vossa geração e à vossa felicidade. E é isto o que designam, sob o véu da letra, estes termos da palavra evangélica: Pai – Filho – Espírito Santo”<sup>179</sup>.

---

179 (Nota do Organizador) *Os Quatro Evangelhos*, psicografia de Émilie Collignon e organização de Jean Baptiste Roustaing. Tomo II, item 176, parágrafos 14 a 16. Dr. Bezerra serviu-se da tradução do Marechal Ewerton Quadros, a

Eis aí, para os que creem que o Espiritismo é a Revelação prometida por Jesus e não querem ser os fariseus dos nossos dias, a explicação da Trindade – a explicação de Jesus – e a explicação do Espírito Santo.

Deus *uno* – Jesus, Espírito criado, como nós, mas impoluto, a quem Deus chama *seu servo*, como está escrito no Evangelho de S. Mateus, cap. 12 – e Espírito Santo: a congregação dos Espíritos purificados e já elevados às alturas angélicas, como serão todos os filhos de Deus.

“Bem aventurados os que acolhem os divinos ensinamentos, tirados do véu da letra”.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 10-09-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00213.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00213.pdf)

---

disponível, na época. Tomamos a liberdade de trazer também ao nosso prezado leitor a tradução mais recente, do gigante Guillon Ribeiro, que serviu de base para a edição do Ibbis: “14. Assim como a era hebraica preparou o advento da era cristã, também esta, sob o império e o véu da letra, preparou o advento da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. O reinado da letra preparou o reinado do espírito, ainda para vós futuro, que se inicia com a Nova Revelação, com a Revelação da Revelação. 15. Sim, toda planta que o Pai celestial não plantou será arrancada. Estais pelo Mestre prevenidos de que, seja qual for o motivo que daí tirem os fariseus de hoje para se escandalizarem, tudo o que não provier da fonte pura será rejeitado, a fim de que o homem recomece a sua trajetória e avance, guiado pela fé, pela esperança e pelo amor. Em nome de Jesus e repetindo-lhe as palavras, nós vos dizemos: Que os que têm ouvidos de ouvir ouçam, porquanto chegaram os tempos de se cumprirem estas palavras: a letra mata, o espírito vivifica. 16. O Espírito da Verdade vem começar e levar por diante aquela obra de luz, de progresso, de regeneração. Vem destruir as doutrinas humanas, os mandamentos humanos e reconduzir os homens ao Cristianismo do Cristo; vem recordar-lhes, explicando-o e desenvolvendo-o em espírito e em verdade, tudo o que Jesus disse; vem ensinar-lhes toda a Verdade, progressivamente, na medida do que puderem ir suportando; vem encaminhá-los para a unificação das crenças. E não está longe o tempo em que as diversas opiniões se congregarão ao redor de uma só Verdade, esta: Deus, uno, único e indivisível, Criador incriado de tudo que é; — Jesus, puramente Espírito, Espírito puro e perfeito, Protetor e Governador da Terra e da humanidade terrena; e os Espíritos do Senhor, Espíritos purificados, submetidos ao suave e bem-amado poder do nosso Chefe, recebendo Dele as ordens do Pai comum e servindo de instrumentos da vossa regeneração e da vossa felicidade. É o que a palavra evangélica, sob o véu da letra, designa por: Pai, Filho e Espírito Santo”.

## Artigo DXX

### Gazeta da Tarde, 17-09-1898

As conclusões de Lauresto chamam-nos, agora, a estudar nossa divergência, por seus fundamentos<sup>180</sup>.

“1º. Há Céu e Inferno, sem lugar ou estado intermediário, portanto não há Purgatório, nem escalas de planetas para aperfeiçoamentos”;

Fazemos a Lauresto a justiça de não lhe atribuir a pretensão de ser infalível em seus juízos; e, pois, tomamos a liberdade de dizer-lhe: se entendermos por Céu, não um lugar determinado, mas o estado de alegrias e felicidades dos Espíritos, que conquistaram, por suas boas obras, aquele grau de elevação – há Céu.

Se, porém, entendermos que o Céu é um sítio – um jardim – um espaço limitado, diremos: isto é criação do homem, que bem o revela o caráter finito de tal concepção.

Limitar a morada do Senhor e Criador do Universo, é amesquinhá-lo – é negação do critério de toda a verdade.

Deus é infinito; e, pois, está em toda a parte – e, desde que o Céu é morada de Deus, o Céu está em toda a parte.

O Espírito que cumpre a Lei e que, pelo cumprimento da Lei, está limpo de todo o mal, tem o Céu em si – está no Céu.

O Céu, pois, em relação ao homem (Espírito) é a pureza de sua alma, com as consequentes alegrias e felicidades (venha a nós o vosso Reino<sup>181</sup>).

Se não fosse como dizemos, a expressão seria outra – seria: chamai-nos ao vosso Reino ou coisa semelhante.

---

180 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos onze anteriores.

181 (Nota do Organizador) Mt. 6:10.

Os que chamamos santos e, conseguintemente, estão no Céu, correm em nosso socorro, quando os chamamos em fé e humildade.

Afirmamo-lo, não baseado em textos bíblicos, mas firmado em fatos experimentalmente passados.

E se eles acodem instantaneamente à nossa evocação, para nos ajudar na obra do bem – e se estão no Céu, é que o Céu está em toda a parte – é que eles tem em si o Céu.

Não está assim na Bíblia? Mas a Bíblia não é a última palavra da verdade e foi Jesus que o disse ao mundo, quando fez a promessa de mandar ensinar *muitas coisas* que, em seu tempo, não era oportuno fazê-lo<sup>182</sup>.

Nem a Bíblia pôde encerrar toda a verdade, nem o homem terreno pôde jamais compreendê-la; pois que muito estreita e limitada seria se a fraca criatura pudesse assimilá-la toda.

Também, se não há senão este mundo – se somente nele é que temos de encher nosso farnel para a viagem do Céu – e se o Céu é dos nossos sábios e santos que é habitado, cumpre reconhecer que a côrte do Rei dos reis não excede em grandezas e majestades às que pode alcançar nossa estreita concepção!

Não; para chegar à altura de possuir toda a ciência e toda a virtude, é preciso passar por muitas classes, onde se fazem estudos mais e mais elevados – por um crisol superior, onde se depura de todas as máculas humanas.

É essa escala de planetas ou mundos, de graus diferentes na ordem do progresso, que a ciência reconhece hoje como habitações humanas – e que a Bíblia designa com o nome de – moradas da Casa do Pai – o que ainda prova que a casa do Pai é o Universo<sup>183</sup>.

Há Inferno! Mas quem só crê no que está na Bíblia – e, portanto, crê em tudo o que na Bíblia está escrito, como afirmar a existência do Inferno, lugar de penas eternas, diante da Parábola do Filho Pródigo<sup>184</sup>, que é clara e positiva expressão da – salvação universal?

É certo que Jesus fala do Inferno e do fogo eterno; mas que queriam? Que Ele fosse de encontro ao que era crença geral, sem

---

182 (Nota do Organizador) Jo. 16: 12 e 13.

183 (Nota do Organizador) Jo. 14:2.

184 (Nota do Organizador) Lc. 15: 11-32.

poder ensinar a verdade, que [só hoje]<sup>185</sup> varre tal crença, por ser incompreensível à humanidade daquele tempo?

A prova de que a Bíblia sancionou, por aquele motivo, falsidades, que já foram por terra, é a passagem em que se descreve Josué fazendo o Sol parar, versão que escandalizaria hoje a um estudante de preparatórios<sup>186</sup>.

O Inferno é como o Céu, está no coração do próprio homem, é o sentimento íntimo de ter infringido a Lei – é a consciência do mal que praticou – é a dor pungente que o próprio mal praticado produz, em cumprimento da Lei de justiça eterna.

O fogo eterno é a expressão do castigo do mal, que eterno é, porque a humanidade não cessa de praticá-lo, contendo sempre em seu seio Espíritos atrasados; mas por ser eterno não se segue que abra-se eternamente a determinadas pessoas.

Imaginai uma fogueira em que se tem de assar um feixe de canas, passando pelo calor cada uma sucessivamente.

Todas passam pelo fogo, mas nenhuma fica sujeita a ele por todo o o tempo da duração da fogueira.

O exemplo é baixo, mas é expressivo.

Assim, os Espíritos são condenados ao fogo, que dura eternamente; mas, à medida que cada um se arrepende do mal que fez e o arrastou a tão lastimosa condição, fica livre do fogo – e o fogo continua e continuará eternamente.

Fogo eterno não equivale a castigo eterno, coisa que rebaixa a suprema bondade, e, portanto, não pode ser verdade.

Em conclusão: há Céu e Inferno; mas não no sentido de lugares determinados a que vão os habitantes da Terra, logo que deixam a vida.

Céu e Inferno é a paz ou a perturbação da alma, quer antes, quer depois de morto.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 17-09-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00219.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00219.pdf)

---

185 (Nota do Organizador) O texto do parágrafo pareceu-nos um pouco truncado, tomamos a liberdade desse pequeno acréscimo, na tentativa de torná-lo mais claro.

186 (Nota do Organizador) Js. 10: 12-13. Para compreensão desse estranho episódio, à luz da Doutrina Espírita, sugerimos a leitura do volume “De Jesus para as Crianças”, de Bittencourt Sampaio por Frederico Pereira da Silva Jr., Ed. CRBBM, 2015, às páginas 48 e 49.

## Artigo DXXI

### Gazeta da Tarde, 24-09-1898

A 2<sup>a</sup>. conclusão de Lauresto é a seguinte<sup>187</sup>:

“Há uma só morte corporal, depois da qual cada um tem de comparecer ao julgamento final, para dar conta dos seus atos; portanto, não pode haver reencarnações de Espíritos, nem melhoramentos”.

Há uma só morte corporal – e, portanto, não pode haver reencarnação; eis o ponto cardinal da 2<sup>a</sup>. conclusão.

Quem afirma ao nosso ilustre contendor que só há uma morte corporal, para concluir que não pode haver reencarnação?

A conclusão é lógica, porque é filha da primeira; mas o concludente é falso, porque falsa é a primeira.

A quem limita toda a verdade ao que está na Bíblia, embora em contradição com o ensino de Jesus, que disse haver muitas verdades reservadas para mais tarde serem dadas ao mundo – a quem só admite o que está nos livros sagrados da Bíblia, é mais que suficiente para derrocar a 2<sup>a</sup>. conclusão, apontar o Evangelho, na parte que refere à conversa do Mestre divino com Nicodemos.

Nessa confabulação, Jesus disse: “Em verdade e verdade vos digo: que não entrará no reino do Céu, senão o que renascer”<sup>188</sup>.

Não pode haver nada mais positivo em favor da lei das reencarnações; mas, porque Nicodemos perguntou se podia um homem voltar ao seio maternal, para nascer de novo, prova de que

---

187 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos doze anteriores.

188 (Nota do Organizador) Jo. 3:3.

o mestre em Israel compreendeu as palavras de Jesus no sentido do renascimento carnal – e o Mestre divino redarguiu, dizendo: “Não entrará no reino do céu senão o que renascer da água e do Espírito”, os teólogos católicos acharam ensejo de explicar o renascimento pelo batismo d’água, alterando o texto primitivo “da água e do Espírito” por este que corre: “da água e do Espírito Santo”.

Jesus não podia explicar a Nicodemos o que não julgou oportuno explicar ao mundo: a lei das vidas múltiplas, que apenas indicou, para ser desenvolvida no futuro, quando o homem já tivesse desenvolvimento para compreendê-la; e, pois, aqui, como em muitos outros casos, empregou palavras misteriosas.

Se, porém, a interpretação dada por Nicodemos às suas palavras não fosse a verdadeira, por que não dir-lhe-ia: não é como pensas, mas sim é: renascer pela água do batismo e pelo Espírito Santo?

Sua resposta é afirmativa da interpretação dada por Nicodemos – e pensar o contrário é fazer injúria ao caráter do divino Mensageiro.

Naquele tempo, a ciência considerava a água o símbolo da substância material; e, conseguintemente, dizer: renascer na água e no Espírito era, de acordo com a ciência de então, o mesmo que dizer: renascer [em]<sup>189</sup> um corpo material (água) e em alma (Espírito).

Roma não atendeu a esta circunstância de suma importância – e, levada por suas ideias sistemáticas, recorreu à tábua de salvação do batismo, que ilude, com ares de razão, aos fáceis de receber tudo sem exame.

Nós, que escrevemos estas linhas, podemos opor nossa opinião à de Lauresto; não por nos julgarmos mais competente ou tão competente, mas porque ele não tem prova experimental de que não há reencarnação, e nós temo-la de que há. É o fato infirmando uma e confirmando a outra opinião – e contra fatos não há argumento.

---

189 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade desse pequeno acréscimo, para melhor compreensão do sentido geral do parágrafo.

Em nossos trabalhos científicos-experimentais sobre a loucura por obsessão, isto é, por influência de Espíritos malévolos, temos chegado, vinte e tantas vezes, ao conhecimento da causa por que aqueles malévolos fazem tanto mal a seus irmãos da Terra.

É sempre uma questão de existências passadas, em que o perseguido de hoje foi algoz de seu perseguidor.

Temos intervindo em questões odientas de três a quatro séculos passados – e, para nos convenceremos de que não somos vítima de uma ilusão, temos o resultado de nosso trabalho, que nos desfaz toda a dúvida.

Em variado número de sessões com o Espírito obsessivo ou perseguidor, se conseguimos, como quase sempre o temos conseguido, abrandar a fúria do ódio e da vingança do Espírito e reconciliar os dois inimigos, um do Espaço, outro da Terra, temos observado e testemunhado o fato seguinte:

No dia e à hora em que o Espírito, arrependido do mal que faz, desiste da perseguição, o indivíduo perseguido, quase sempre reduzido ao estado de loucura, cobra, como por encanto, sua razão, lá onde se acha, com grande surpresa dos que lhe assistem.

Não descemos, aqui, a dar provas da verdade desses fatos, com suas especificações, não só porque os limites deste artigo o não permitem, como porque breve daremos à luz um livro, que denominamos – *A Loucura por Novo Prisma* – em que autenticamos os mais notáveis deles<sup>190</sup>.

Até lá, contente-se o leitor com a autoridade do nosso caráter, incapaz de empregar sofismas ou falsidades para dar razão a qualquer de suas opiniões.

Assim, pois, racional e experimentalmente está derrocada, salvo recurso ou expedientes, a doutrina da vida única, mesquinha concepção humana, que não explica nenhum fenômeno humano e compromete o amor e a justiça de Deus; ao passo que a doutrina das vidas múltiplas solidárias e reparadoras, explica todos aqueles fenômenos – e exalta o amor e a justiça do Criador.

---

190 (Nota do Organizador) Infelizmente esse grande clássico da literatura espírita só teve sua 1ª edição bem tardiamente em relação à desencarnação de seu autor, Dr. Bezerra – em 1920 – quando ele partiu para a espiritualidade em 11 de abril de 1900, como se sabe.



Não há, portanto, uma só morte corporal; mas sim, quantas cada Espírito precisar para fazer seu progresso, enquanto estiver ligado a um mundo, em que exista o mal, que é a obra de seu atraso e causa de seus sofrimentos.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 24-09-1898:

[https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688\\_1898\\_00225.pdf](https://memoria.bn.br/pdf/226688/per226688_1898_00225.pdf)

## Artigo DXXII

### Gazeta da Tarde, 08-10-1898

A 3<sup>a</sup>. conclusão de Lauresto é esta<sup>191</sup>:

“Após a morte corporal, cada alma segue seu destino; e, portanto, são inúteis preces, missas, orações em intenção de mortos; e mais não pode haver comunicação ou manifestações de Espíritos, porque são proibidas por Deus”.

Após a morte corporal, a alma tem seu destino definido – vai para o Céu ou para o Inferno por toda a eternidade; donde a inutilidade das preces pelos mortos e a impossibilidade dos mortos comunicarem-se com os vivos.

Ainda um caso de ser legítima a consequência, mas não o consequente.

Se o destino humano se define pela morte, aquela inutilidade e aquela impossibilidade são a consequência lógica de tal premissa; se porém, a morte não fecha o ciclo evolutivo do Espírito (alma) humano, tem todo o valor a prece pelos mortos – e estes podem comunicar com os vivos.

Vejamos qual das duas hipóteses assenta em real fundamento.

Em nosso passado artigo, tratando da conversa de Jesus com Nicodemos<sup>192</sup>, demonstramos: que o divino Mestre lançou, simbolicamente embora, os fundamentos da lei das reencarnações; donde a falsidade da premissa de Lauresto e, conseguintemente, das respectivas consequências.

---

191 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos treze anteriores.

192 (Nota do Organizador) Jo. 3: 1-12.

Não é uma afirmação vulgar: é a palavra da verdade, recolhida pelos evangelistas, o que serve de base ao nosso conceito.

E, demais, se a morte definisse nosso destino, como exercer-se a justiça indefectível nos casos de morte de um velho e de uma criança de horas, de dias, de meses, ou de anos de vida, antes de ter consciência e livre-arbítrio?

Ou Deus não é justiça indefectível – ou o homem não é um ser perfectível – ou não pode a morte corporal definir terminantemente o destino humano, impossibilitando todo o aperfeiçoamento do ser perfectível.

Não. É absurdo – é até blasfemo dizer: que após a morte corporal, cada alma vai a seu destino eterno. O contrário disso é o ensino evangélico.

É, pois, falso ou não lógico o que daquela falsa premissa se deduziu.

Examinemos, porém, cada uma das deduções.

Sobre as preces pelos mortos, nada diremos, porque o que lh'as recusa por inúteis, na crença de irem eles, após a morte, para o Céu ou para o Inferno, será o primeiro a fazê-las, desde que se convencer da falsidade de seu postulado premissal – e admita a verdadeira interpretação das palavras de Jesus, que ensinam a luta após a morte e as mortes até à conquista do reino de Deus; a pureza do Espírito.

Vamos à comunicação dos mortos, cuja impossibilidade é ser *proibida por Deus*.

Não conhecemos nenhum mandamento do Senhor a tal respeito; mas isto por ser efeito da nossa ignorância dos ensinamentos bíblicos.

Entretanto, conhecemos, na Bíblia, inúmeros casos de comunicação de habitantes do mundo invisível com os do nosso mundo.

Os que visitaram Abraão e lhe anunciaram o nascimento de Isaque<sup>193</sup> – os que vieram a Lot e o preveniram da ruína das cinco cidades malditas<sup>194</sup> – e muitos outros foram Espíritos que comunicaram com os vivos.

Dir-nos-ão que são anjos – e, portanto, fora do nosso caso.

---

193 (Nota do Organizador) Gn. 18: 1-15.

194 (Nota do Organizador) Gn. 19: 1-26.

Anjos não são uma criação especial, como ensina a lenda bíblica, quando era impossível dar ideia clara da evolução dos Espíritos.

Anjos são Espíritos humanos ou purificados, até possuírem a maior pureza e purificação, de que é capaz o ser humano.

Se assim não fôra, ou o Espírito humano não poderia entrar no Céu, ou no Céu os anjos curvariam a cabeça antes os bem-aventurados, como puros por Decreto, ao passo que os outros o seriam por conquista – por seu esforço, o que lhes dá maior merecimento.

E, tanto o anjo é a sublimação do ser humano, que aquele que acompanhou o filho de Tobit descobriu-se, dando seu nome e genealogia terrenos: Azarias, filho de Ananias<sup>195</sup>.

É que este não era anjo, poder-nos-ão dizer.

Pois bem: se não era anjo, se era um simples Espírito humano, aí temos um caso bíblico de comunicação de mortos com os vivos.

E nem é o único, pois que a Bíblia fala da conversa do rei Saul com a alma de Samuel, por intermédio da profetiza de Endor<sup>196</sup>.

A Igreja, não podendo negar as comunicações, atribui-as ao demônio – e explica o caso de Endor por uma graça especial de Deus.

Se as manifestações fossem demoníacas, elas insinuariam sempre o mal e nunca o bem, entretanto é o inverso o que geralmente se dá.

E, quanto ao caso de Endor, Deus não resolve casos ocasionalmente. Ele pôs leis eternas que resolvem todos os casos. Do contrário, não chegaria para o turbilhão de fenômenos que revolvem no Universo, a todo o instante.

Tudo pela vontade de Deus, porque tudo por suas leis, que exprimem sua vontade.

---

195 (Nota do Organizador) Referência ao *Livro de Tobias*, dos cânones católicos. *Rafael* é o nome com que inicialmente se apresenta o anjo, mas depois, questionado por Tobit, pai de Tobias, informa ser na verdade *Azarias*, filho de Ananias, um antigo conhecido da família. Vide mais a respeito em <https://www.paulus.com.br/portal/19-livro-de-tobias/>

196 (Nota do Organizador) 1 Samuel 28.

Deus não faz graças por favor, o que O levaria a ter preferências e exclusões; mas fá-las de conformidade com a lei, que é cega como a justiça, que é alma de toda a lei divina.

Se, pois, Samuel veio ao chamado de Saul, é a lei que o permitia – e, se a lei permite um caso, permite todos os casos, porque Deus não faz lei casuística.

E, pois, a Bíblia, com o caso de Endor, revela a lei da comunicação entre mortos e vivos, em que pesa à Igreja e a todos que a negam.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 08-10-1898:  
<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=17821>

## Artigo DXXIII

### Gazeta da Tarde, 22-10-1898

A 4<sup>a</sup>. conclusão de Lauresto é esta<sup>197</sup>:

“Há ressurreição de mortos e juízo final; e, segundo a infinita justiça de Deus, incompreensível à razão humana, condenação eterna e vida eterna; o que destrói, pela base, todo o edifício espírita”.

Se, com efeito, há juízo final e condenação eterna e vida eterna, todo o edifício espírita está destruído. Haverá, porém, juízo final, para condenação eterna?

Na 2<sup>a</sup>. conclusão, diz o autor, a quem temos a honra de combater: que, depois da morte corporal, cada um tem de comparecer ao julgamento, para dar contas de seus atos.

É o julgamento *post mortem*<sup>198</sup> – julgamento parcial, individual.

Na 3<sup>a</sup>. conclusão, diz: que, depois da morte, cada alma segue o seu destino; *ergo*<sup>199</sup> depois do julgamento.

Este julgamento não é o final, de que fala a 4<sup>a</sup>. conclusão; pois que este requer a ressurreição, quando o outro requer a morte corporal.

Temos, pois, segundo Lauresto, de pleno acordo, neste ponto, com a Igreja romana, que a alma humana passa por dois jul-

---

197 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos quatorze anteriores.

198 (Nota do Organizador) Depois da morte; que ocorre em um período posterior ou após a morte; póstumo: exame *post mortem*. (Fonte: *Dicio - Dicionário Online de Português*)

199 (Nota do Organizador) Palavra latina que se traduz pela conjunção *logo*.

gamentos ou juízos: o que se segue à morte corporal, em virtude do qual “segue o seu destino”, pelo que “são inúteis preces, missas, orações em intenção de mortos” – e o chamado final, a que concorrem todos os mortos, pela ressurreição.

Causa dó ver homens de larga esfera intelectual acolherem contrasensos do quilate deste!

Se as almas são julgadas por suas obras, logo que deixam a vida corpórea;

Se, *ex-vi*<sup>200</sup>, desse julgamento, vão a seu destino, que não pode ser senão o Céu e o Inferno, tanto que não podem de lá sair para comunicarem com os vivos, nem lhes aproveitam as preces destes;

Se o primeiro juízo define, assim categoricamente, o destino humano; a que vem o segundo – o final?

Ou vem designadamente para aprovar o que foi feito no primeiro – e, em tal caso, não passa de uma grande inutilidade, que fere as infinitas perfeições do Senhor! – ou vem sem aquele caráter – e, em tal caso, pode dar-se o caso de virem para o Inferno uns que estão no Céu e para o Céu uns que estão no Inferno!!

Ora, se é com arietes<sup>201</sup> desta qualidade que se quer demolir o edifício espírita; não há glória, para este, em afrontar, impávido, como tem feito, os golpes de seus inimigos!

O Espiritismo, que nada incomodaria se fosse um simples sistema filosófico de origem humana – que não se propagaria tanto e tão rapidamente se não fosse de origem divina: revelações, “Espiritismo”, porque vem do mundo espiritual, diz melhor que todos os sábios da Terra, incluindo neste número os *infalíveis* de Roma, o que entende com a alma depois da morte corporal, de sua entrada no mundo espiritual.

Ele ensina que a alma, desprendida do corpo, sente-se, por juízo de sua própria consciência, culpada ou não.

Ele ensina que, por lei eterna e imutável de justiça, que determina as penas proporcionais às culpas e os prêmios proporcionais aos méritos, a alma culpada recebe, *ex-vi* daquela lei, a sua pena, no espaço, como a boa recebe o seu galardão.

---

200 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se como “por força”. (Fonte: *Dicionário Priberam Online*)

201 (Nota do Organizador) Máquina de guerra para arrombar portas e desconjuntar muralhas. Celindro robusto, geralmente manobrado por duas ou mais pessoas, destinado a arrombar portas. (Fonte: *Dicionário Priberam Online*)

Ele ensina que, sendo universal a salvação e indefinido o progresso dos Espíritos, nenhuma deixa de ir à perfeição, que é o destino humano, prosseguindo a boa no caminho encetado do bem, e procurando-o o mau, mais cedo ou mais tarde, pelo arrependimento.

Ele ensina que o mau, arrependido, e mesmo o bom, que ainda não está completamente limpo de culpa, voltam à vida corpórea, para, nas condições em que delinquiram, se lavarem de todo, por boas obras, das máculas do passado, sendo essencial que sofram, mas que sofram resignadamente, o que fizeram outros sofrerem.

Se n'uma reencarnação conseguem aquele fim, deixam a Terra, mundo de expiação, e sobem a outro mundo, mundo de gozo, donde por seu progresso realizado, vão subindo a outros de maior felicidade – e sempre assim ao infinito, porque infinito é o progresso humano.

Se não conseguem, porém, limpar-se n'uma reencarnação, Deus, infinitamente dadivoso, concede quantas forem precisas, porque Deus “não quer a morte do ímpio”<sup>202</sup>.

Ele ensina, finalmente, que chegado o tempo deste nosso mundo, por sua evolução, aproximar-se de sua transformação, para o mundo de gozo, começa a depuração de sua humanidade, vindo os Espíritos mais adiantados reencarnar na Terra e indo os refratários encarnar em outros planetas (separação dos bodes dos carneiros); de modo que, ao tempo da transformação, todos os habitantes da Terra estão em condições de acompanhar o planeta transformado.

É isto o que a Bíblia chama, figuradamente, juízo final – final para o mundo de expiações.

Aqui não há dois juízos; um para definir o destino das almas, outro para confirmar ou reformar o primeiro; monstruoso absurdo, que se modela pelos tribunais humanos.

Aqui não se altera a ordem estabelecida desde o princípio – e assim se opera, paralelamente, a evolução do planeta e a da sua humanidade, sem que acabe o mundo, como pensam ingênuos – sem que se perca *nem um* de seus habitantes, como prometeu Jesus; pois que os refratários, que são transladados para outros planetas, nesses mesmos fazem aperfeiçoamento – e, mais cedo

---

202 (Nota do Organizador) Ez. 33:11, já citado.



ou mais tarde, vão reunir-se a seus irmãos nos mundos de felicidades, porventura na própria Terra, elevada a essa categoria.

Isto, que ensina a Revelação Espírita, fala à razão – ao bom senso – ao próprio senso comum, tanto quanto lhes é repulsiva a interpretação da Igreja romana; a história dos dois juízos – e principalmente do final.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 22-10-1898:  
<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=17869>

## Artigo DXXIV

### Gazeta da Tarde, 05-11-1898

A 5<sup>a</sup>. e última conclusão de Lauresto é<sup>203</sup>:

“Há remissão de pecados e salvação de graça sem necessidade de obras meritórias, de penitências, de missas, de sofrimentos mundanos corporais, sem necessidade de santos intermediários entre Deus e os homens ou de remunerações aperfeiçoadoras – salvação oferecida por Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, cuja morte gloriosa nos braços de uma cruz redimiu a humanidade pecadora”.

Que há remissão de pecados, di-lo o Símbolo dos Apóstolos e é de simples intuição, porque, se assim não fora, a perdição seria universal.

Que, porém, haja remissão ou salvação *de graça*, sem necessidade de obras meritórias, é o que atenta contra a justiça de Deus.

Se a salvação é dada por graça, que não por merecimento, temos, em primeiro lugar, que Deus tem preferências e exclusões – dá a uns o que não a a todos os seus filhos; e, em segundo lugar, que tanto vale fazer boas obras como fazê-las más, o que escandaliza o simples bom senso, além de invalidar os mandamentos e leis do Senhor.

Se Deus é justiça, justiça indefectível, suas graças não podem ser favor, mas sim conformes aos merecimentos do agra-

---

203 (Nota do Organizador) Esse artigo dá sequência aos quinze anteriores, à pág. 120, acima, e conclui a série. À mesma página há também a nota 111, com algumas referências sobre Lauresto.

ciado – não podem cair sobre quem não faz obras meritórias. O contrário disso é, até, blasfemo.

A salvação ou remissão dos pecados é conquista do pecador, segundo a lei posta para todos – e essa conquista faz-se pelas obras meritórias.

Deus faz graças a todo o que o provoca por suas boas obras, coerentes com a Lei – e faz graças a cada um segundo suas obras.

Assim, a justiça de Deus é indefectível, o que nunca será se for feita por favor, sem merecimento do agraciado.

Não tem, pois, razão nosso distinto contendor em atribuir a Deus uma justiça parcial, que mancharia suas infinitas perfeições.

Justiça e favor são inconciliáveis; portanto, se Deus faz graças ou favor, Deus não é indefectivelmente justo; o que vale por dizer: Deus não é Deus.

A Revelação Espírita, fazendo a salvação dependente do esforço do pecador, por conciliar suas obras com a Lei, coloca a justiça soberana na condição do fiel da balança, que pende necessariamente para o lado da concha mais pesada.

Se mais pesa a das boas obras, o prêmio; se mais pesa a dos erros e más obras, o castigo.

Do uso que fizermos do nosso livre-arbítrio depende, exclusivamente, o maior peso de uma das duas; mas, se numa existência corpórea fazemos mau uso daquele sublime dom e carregamos-nos de responsabilidades, embora soframos a consequência de nossas faltas, não somos, por isto, condenados à perdição impossível, desde que o Pai é amor infinito.

O castigo ou pena das faltas tem a duração do endurecimento do pecador, ao qual é dado resgatar as responsabilidades contraídas e entrar no gozo da felicidade, que cresce de grau à medida que cresce o aperfeiçoamento da alma.

O mal nos vem do mau uso que fazemos da nossa liberdade. A felicidade nos é outorgada pelo bom uso dessa mesma liberdade.

A responsabilidade é nossa – a justiça é de Deus, que pune, por lei invariável, nossas faltas; mas que, por seu amor, não nos condena *in aeternum*<sup>204</sup>, irremessivelmente; mas tem sempre

---

204 (Nota do Organizador) Locução latina, que traduz-se por “para sempre, eternamente”. (Fonte: *Google tradutor*)

aberta ao filho pródigo a porta da regeneração, que é a do perdão e da felicidade.

É a *porta estreita*<sup>205</sup> de que fala o Evangelho figuradamente – e consiste em fazer o pecador tanto em boas obras quanto por esse mal.

E, porque as más foram feitas nas condições da vida corpórea, a reparação, para ter valor, em justiça, precisa ser feita nas mesmas condições, a fim de vencermos os arrastamentos da carne, que nos assoberbaram na existência passada.

É daí, dessa lei incontestavelmente racional, que deriva a das reencarnações, verdadeiro presente do amor paternal, de conformidade com a indefectível justiça.

A salvação, pois, não é presente de Deus, senão conquista do pecador – é justiça e misericórdia, atributos inseparáveis do Ser dos seres.

Quanto a ter Jesus remido a humanidade pecadora, expressão de Lauresto, precisamos entender-nos.

Jesus não alteriou a Lei, como Ele mesmo o declarou<sup>206</sup>; mas sim esclareceu-a, para que a humanidade a compreendesse e cumprisse, para conquistar a salvação.

A Lei é a que deixamos exposta; e, pois, se Jesus, por sua morte na cruz, tivesse remido de culpas a humanidade, teria destruído a Lei.

Além do que ninguém mais se perderia se fosse verdadeira a interpretação de Lauresto – se Jesus tivesse tirado os pecados do mundo.

Jesus, por seu amor à humanidade, desceu das alturas para ensinar o caminho da felicidade eterna. Deu os exemplos das virtudes salvadoras. Levantou bem alto a luz, para que a vissem os que tivessem olhos de ver.

Jesus, porém, não tirou os pecados do mundo, como o prova a existência do pecado no mundo – e o prova, ainda, esta sua frase: quem tiver olhos de ver, que veja.

Pomos, aqui, ponto final ao ligeiro estudo a que nos chamou o artigo de Lauresto.

---

205 (Nota do Organizador) Mt. 7:13 e 14; Lc. 13:24.

206 (Nota do Organizador) Mt. 5:17.

Diz-nos a consciência que não faltamos às considerações devidas ao nosso distinto contendor; se, porém, alguma palavra nos escapou, que o molestasse, foi sem intenção – e retiramo-nos com as mais sinceras escusas.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 05-11-1898:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=17913>

## Artigo DXXV

### Gazeta da Tarde, 12-11-1898

Já de há muito nos era anunciado que nuvem carregada de electricidade pairaria sobre nossas cabeças – e despejaria formidáveis raios, para ferir os que estivessem fora da Lei – e para por em prova a fé dos que estivessem abraçados com a Lei.

Riam quanto quiserem os que não creem na comunicação dos vivos com os mortos; mas desses os que forem criteriosos podem reconhecer a verdade daqueles anúncios, confirmados pela perseguição infame que se tem, neste últimos dias, levantado contra os espíritas da Capital Federal.

Podem reconhecer, diremos, porque as atas dos trabalhos de grupos, muito antes da tormenta, não serão recusadas aos que procuram sinceramente a verdade.

Nós não fomos surpreendidos pela tempestade, porque fomos dos que receberam aquele aviso – e nos aparelhamos para receber, firme em nossa crença, os golpes dos incrédulos infelizes, que prestarão contas de sua obra, como aqueles que levaram os primeiros cristãos ao circo das feras.

Aparelhamo-nos, porque temos certeza inabalável de que o Espiritismo não é doutrina imaginada por homens, mas sim a realização da promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo, consignada no Evangelho; e assim crendo, viva e firmemente, baseando nossa fé em longa série de estudos experimentais, réprobro seríamos e mais desgraçado do que os perseguidores da verdade divina, se recuássemos diante das ameaças dos homens, quando estamos trabalhando na seara do Bendito Jesus.

Os espíritas convencidos e que fazem da bandeira branca do amor e da caridade símbolo da regeneração da humanidade, não recuarão em seus trabalhos, certos de que Jesus não abandona seus trabalhadores.

Quanto aos que se cobrem com o manto do Espiritismo, para o explorarem torpemente, esses sim, tremam da justiça dos homens, muitas vezes instrumento da justiça de Deus.

Também acreditamos que, no caso vertente, a autoridade, a quem o verdadeiro espírita, mais do que ninguém, deve obediência e respeito, está, bom ou malgrado seu, servindo aos Decretos da Providência, nessa varredura que está fazendo dos elementos deletérios para a humanidade e conspurcadores da límpidez da pura linfa espírita.

E tanto mais razão temos para assim pensar quando sabemos que o distinto promotor da perseguição aos médiuns que curam mediunicamente, teve em sua família doentes incuráveis pela Medicina oficial, que se restabeleceram por obra da Medicina fluídica, aplicada por um médium – e que o respeitável chefe de polícia, que acedeu a reclamações daquele, tem no seio de sua família quem exerce a mediunidade, em sessões privadas<sup>207</sup>.

Podem estes ilustres cavalheiros alimentar dúvidas sobre a verdade da mediunidade, que implica a comunicação dos Espíritos?

E, se não podem duvidar da existência dessa lei, por que excluir dela os Espíritos dos que foram médicos, na vida terrena?

E, se estes podem se comunicar pelos médiuns, por que recusar-lhes o livre-arbítrio de fazê-lo para o bem – para aliviarem, senão curarem, os males físicos de seus irmãos da Terra?

O médium, pois, melhor que o médico, pode preencher a função de curar; porque o Espírito de que ele é instrumento passivo, mesmo que não saiba mais, como médico que foi, do que o médico vivente, tem sobre ele a vantagem inapreciável de julgar da moléstia, não como o médico vivente, por conjecturas, mais ou menos científicas, porém *de visu*<sup>208</sup>; pois que ao Espírito a matéria é transparente e permeável; donde ver ele, através do corpo, o órgão ou órgãos doentes – e a natureza e extinção de sua lesão.

---

207 (Nota do Organizador) Tomamos a liberdade de pequenos ajustes na redação deste parágrafo, para torná-lo mais claro, pareceu truncado em razão de alguns tropeços tipográficos.

208 (Nota do Organizador) Vide nota 69, acima.

A questão científica resolve-se, lógica e fatalmente, a favor do médium; mas há ainda a considerar a questão moral.

Nem todos os médiuns receiptistas e curadores cingem-se à lei da sagrada Doutrina de Jesus: “dar de graça o que de graça recebemos”<sup>209</sup>; mas, sim, fazem muitos do dom, que lhes foi confiado para bem da humanidade, meio especulativo de colher vantagens pecuniárias, a favor do trabalho caridoso do Espírito que lhe assiste.

Estes infelizes, como os infelizes padres, que fazem outro tanto, são verdadeiros prevaricadores, ante a lei de Deus – e não é justo que a autoridade humana os ligue, na repressão de seus abusos, àqueles que fazem o trabalho santo de acudir aos que sofrem, sem lhes aceitar remuneração, contentes por terem exercido a caridade, a mimosa flor dos jardins celestiais.

Entre os que foram na lista apresentados ao Sr. chefe de polícia, estão alguns destes, principalmente um, que abnegadamente sacrifica todos os seus cômodos ao amor do próximo – e do qual o promotor da perseguição diz, ou fizeram-no dizer: “*é o que mais curas faz*”.

Louvado seja Deus, que nesta terra de cristãos castiga-se a quem mais curas faz – e faz de graça!!

É a manifestação incontestável de que, não o bem público, mas o interesse material de uma alma, a que pertence o promotor, foi a causa real da perseguição aos médiuns.

Eles roubam muita clientela, fazendo muitas curas, aos médicos que, nada valendo por seu saber, acolhem-se à fatal necessidade de serem chamados.

Estes, porém, exigem, geralmente, dos que recorrem à sua sapiência, carro, se é um pouco distante – e alta remuneração à visita, para acudirem ao enfermo, salvo o caso de ser o doente pobre, que deixam para...

Já se vê que a concorrência dos que curam de graça é um escândalo – e até um crime, que deve ser punido severamente, “por bem da humanidade”.

Façam, porém, como entenderem, que jamais vencerão a verdade – e que, assim como a Homeopatia conquistou, em toda a parte, o direito de cidade, a despeito da guerra que lhe fizeram, assim, e principalmente por ser baseada na caridade, a Medicina medianímica há de suplantar todas as perseguições.

---

209 (Nota do Organizador) Mt. 10:8.



Quanto à guerra ao Espiritismo, que muitos querem ver, injustamente, no atual movimento policial contra os intrujões, afirmamos, sem receito de errar, que ele sairá mais forte e mais brilhante.

Obra de Jesus não pode ser destruída pela autoridade humana!

Sejamos espíritas, como é da santa Doutrina, e obedeçamos e respeitemos à autoridade constituída; mas não abandonemos o trabalho da vinha do Senhor, que nos cobrirá com o manto de sua misericórdia, não permitindo que sofra senão o que de espírita só tiver o rótulo – e que pertencer ao *espiritismo canalha*<sup>210</sup>.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da *Gazeta da Tarde* de 12-11-1898:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=17937>

---

210 (Nota do Organizador) - Referência ao título dos artigos publicados na ocasião na *Gazeta de Notícias*, com noticiário de escândalos envolvendo grupos espíritas e pseudoespíritas...

## Artigo DXXVI

### Gazeta da Tarde, 03-12-1898

A Revelação Espírita é, para os que a consideram realização das promessas de N. S. Jesus Cristo, o ensino evangélico em espírito e verdade – e, neste caso, tem o caráter da Revelação Messiânica, é um complemento do Evangelho.

Do seio do Espiritismo surge, como sói acontecer sempre, o elemento especulativo, que aproveita os fenômenos, chamados erroneamente sobrenaturais, para colher meios fáceis de passar a vida folgada.

Para os especuladores, a prática do Espiritismo é a mesma que usam os incrédulos, revestidos com a capa de qualquer religião; são espíritas, mas debatiam os princípios mais sagrados da Doutrina.

E, para não perderem o concurso dos fregueses pelo ridículo de seu procedimento, inventam um *paliu*<sup>211</sup> respeitável, a cuja sombra se acolhem, julgando com isto se remirem, perante o público, da responsabilidade de não praticarem o Evangelho, em espírito e verdade entendida, como é supremo dever de todo o que quer ser verdadeiro espírita.

Esse *paliu* é a ciência – e eles proclamam o Espiritismo pura ciência, sem cheiro de religião – ou ciência sem Deus – ou, mais positivamente, ciência-Deus.

A esses tais, compreende-se, tudo é lícito, uma vez que se evitem as penas do código criminal; ao passo que ao verdadeiro

---

211 (Nota do Organizador) Palavra latina, relativa a capa ou manto que cobre os ombros. (Fonte: *Wikipedia*)

espírita nada que seja contrário ao ensinamentos evangélicos é lícito praticar, dizer ou pensar.

A imprensa da Capital Federal, providencialmente inspirada, qualificou o espiritismo dessa grei, dirigida por infelizes possesores, de espiritismo *canalha*.

E foi inspirado porque, sem estudo acurado da augusta Doutrina, discriminou sabiamente o verdadeiro Espiritismo do que não tem dele senão o nome.

Se o Espiritismo não é a Revelação prometida por N. S. Jesus Cristo e portanto, não tem caráter sagrado como é de rigor que tenha aquela Revelação, ele não passa de uma doutrina de invenção humana, caso em que caber-lhe-á o caráter de pura ciência, ciência sem religião.

Quem é, porém, o homem, inventor da Doutrina Espírita?

A esta pergunta, volvem todos o pensamento para Allan Kardec, cujas obras são os fundamentos do Espiritismo.

Efetivamente, o grande filósofo francês conglobou<sup>212</sup> os elementos substanciais da sublime Doutrina – e procurou espalhá-la por toda a Terra, na superior Codificação que lhes deu.

Ele mesmo, porém, foi o primeiro a escusar-se à honra da altíssima concepção, em cumprimento do dever de declarar a verdade<sup>213</sup>.

E a verdade, por ele proclamada, foi: que seu trabalho nada criou – nada inventou; limitou-se a dar cumprimento ao que lhe foi ordenado por meios que desconhecia – que procurou conhecer – e que o puseram em relação com os habitantes do mundo espiritual, invisível.

Não é, pois, criação humana esta Doutrina, que revolve as entranhas de toda a humanidade – e, portanto, ela emana de um

---

212 (Nota do Organizador) Conglobar é reunir, concentrar, sintetizar: conglobar teorias diversas. (Fonte: Dicio - *Dicionário Online de Português*)

213 (Nota do Organizador) Kardec é muito claro a esse respeito, basta ver esse pequeno trecho da obra *O Que é o Espiritismo*, de sua autoria: “Há entre o Espiritismo e outros sistemas filosóficos esta diferença capital; que estes são todos obra de homens, mais ou menos esclarecidos, ao passo que, naquele que me atribuí, eu não tenho o mérito da invenção de um só princípio. Diz-se: a filosofia de Platão, de Descartes, de Leibnitz; nunca se poderá dizer: a doutrina de Allan Kardec; e isto, felizmente, pois que valor pode ter um nome em assunto de tamanha gravidade? O Espiritismo tem auxiliares de maior preponderância, ao lado dos quais somos simples átomos”. (Ed. FEB, 37ª edição, pág. 120)

poder mais alto, que lhe dá um caráter extra-humano – que lhe tira o caráter de uma simples escola filosófica.

Quem dirá que a Revelação Mosaica é obra de Moisés? Pois assim como o Patriarca só foi dela o instrumento, assim, também, do Espiritismo o instrumento foi Allan Kardec.

Nesta, a ciência vem de par com a religião, porque uma e outra são condições essenciais do aperfeiçoamento do ser humano; saber e virtude.

O progresso da humanidade explica o fato de já poder o ensino divino compreender aqueles dois superiores elementos, quando, até aqui, por causa do atraso humano, só desciam separadamente: a revelação religiosa por um ministro da fé – e a científica pelos do saber.

Há, pois, no Espiritismo a parte moral e a científica; mas o que é incontestável é: que a primeira é a mais recomendável, porque dela é que procede o verdadeiro bem, que esclarece a segunda.

Ciência sem religião, ciência que não conduz a Deus, origem e fim da criação humana, é como palha seca, que se reduz a pó e não fornece alimentação.

Ciência iluminada pelas claridades da fé, é a água viva, que sacia, para sempre, toda a sede – a sede de progredir – de conhecer toda a verdade, de praticar a lei, posta à evolução dos Espíritos para seu destino.

Que sábios, de reconhecida competência, procurem, nos fenômenos espíritas, as leis naturais, que as regem, pelo prisma da ciência, é tolerável, embora seja caso para lamentar-se.

Que homens, porém, sem noções ainda, mesmo das ciências da matéria, cerrem os olhos à parte moral do Espiritismo e se proponham a desenvolver a sua parte científica, dessa ciência superior a todas as conhecidas, porque é a ciência de todas as fases do Espírito, desde seu início até seu altíssimo destino, causa é de escandalizar ao simples senso comum.

Pois é nesta classe que, atrevidamente, se incluem os intrujões do Espiritismo e da própria ciência, com cujo *pallium* se cobrem, não para descortinar-lhe os segredos, mas para a coberto explorar, em próprio proveito, a credulidade pública.

Intrujões, sim, que fazem sua mercancia ignóbil, à sombra do Espiritismo, que bem qualificado foi de – canalha – pelos que compreendem a distinção profunda que vai do Espiritismo em

seus elevados princípios do espiritismo a que recorrem os especuladores.

Não se escandalizem, pois, os espíritas, com aquela baixa qualificação, porque ela não compreende o Espiritismo sério – o Espiritismo moral – o Espiritismo codificado por Allan Kardec.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da Gazeta da Tarde de 03-12-1898:  
<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=18009>

## Artigo DXXVII

### Gazeta da Tarde, 19-12-1898

Nos números de 23 a 26 de outubro do ano corrente, o *Apóstolo*, órgão da Igreja romana, no Brasil, deu uma cincada<sup>214</sup>, só desculpável em quem cerra ouvidos à razão e à lógica, para somente ouvir as vozes de um fanatismo cego.

Aproveitando o lamentável fato de serem alguns espíritas levados à polícia por atos que ferem as leis sociais e morais, o órgão romano, sem dizer uma palavra que inspirasse piedade para com os infelizes, em todo o caso seus irmãos em Deus, levantou, voz em grito, o costumado anátema contra todos os espíritas e contra o Espiritismo.

Dissemos “alguns espíritas” porque eles por tais se davam; visto como, já de há muito, o órgão do Espiritismo nesta capital acusava-os de serem antiespíritas, por suas ideias da mais acentuada contravenção aos princípios fundamentais da Nova Revelação.

Mesmo, porém, que assim não fosse – que aquele grupo não tivesse sido declarado afastado da grei pelos órgãos espíritas daqui e dos Estados, em que suas obras podem lesar a pureza e a santidade da Doutrina, uma vez que não se conformam com as normas por ela traçadas?

O ilustrado padre Scaligero Maravalho<sup>215</sup>, proprietário e redator do *Apóstolo*, compreende perfeitamente a distinção entre a lei e sua execução.

---

214 (Nota do Organizador) Vide nota 106, acima.

215 (Nota do Organizador) Padre João Scaligero Augusto Maravalho (1844 – 1905), editor-chefe do jornal católico O Apóstolo, alhures citado nestes artigos.

Pode a lei ser boa – ótima – divina, e sua execução ser ruim – péssima – diabólica; e, porque os que a executam mal o fazem, não é isto razão para se condená-la.

A Igreja romana ainda seria nomeada, a não ser como uma cruz de tosca madeira, levantada à beira do caminho, para dizer aos transeuntes: que ali dorme o sono eterno um desconhecido, se prevalecesse a lógica do padre João Scaligero?

Desde o papado até à baixa cleresia, quantas vezes tem a polícia entrado na Igreja – e quantas tem deixado de lá penetrar por considerações que anulam a execução das leis?

É por isto que dissemos: o *Apóstolo* deu uma cincada.

A arma, tão encaridosamente levantada contra os espíritas, é do mesmo aço que podem os espíritas erguer contra o clero romano – e não é de bom aviso atirar pedradas quem tem telhados de vidro.

Não queremos, porque não é do cristão e ainda mais espírita, retaliar, em terreno que arrasta à violação da lei das leis: o amor do próximo, sem a qual é impossível o amor a Deus.

Se isto não fora, aplicaríamos ao clero romano a medida que o padre do *Apóstolo*, com a mais singular das lógicas, aplicou aos espíritas – e, então, veríamos, em sua maior nitidez, a realização da Parábola; da trave e do argemino<sup>216</sup>.

E, com efeito, enquanto o clero romano, em sua quase totalidade, sacrifica aos gozos mundanos os ensinamentos do Cordeiro Imaculado para a conquista do Reino de Deus – sacrifica e arrasta as almas devotas a igual delíto; ei-lo aí condenando o Espiritismo, porque um grupo, infinitésima parte da grei, cai sob a ação da polícia!

Ou é lógico e tem razão o padre João Scaligero, quando, pelo fato do grupo espírita, quem nem espírita é, condena a Doutrina; e, em tal caso, a Igreja está mais que condenada, pelas obras de seus ministros, que pecam por não cumpridores de seus deveres de homem e de sacerdote<sup>217</sup>; ou não é lógico e não tem razão o padre, e, em tal caso, só ele perde, quer como homem, quer como padre.

---

216 (Nota do Organizador) A referência é à Parábola do Argueiro e da Trave, que consta em Mt. 7: 1-5.

217 (Nota do Organizador) Esse trecho pareceu-nos um pouco truncado, no original, tomamos a liberdade de pequenos ajustes, para deixá-lo mais claro.

Perde como homem, porque revelou fraqueza intelectual, concluindo da parte, e mínima parte, para o todo – e inquinando a lei dos vícios de seus maus executores.

Perde como padre, porque expôs o clero a ser condenado por sua lógica e suas por suas próprias palavras.

E não só o clero foi condenado pela lógica e pelas palavras do Sr. Scaligero, como desgraçadamente é a santíssima Doutrina ensinada pelo Redentor do mundo.

Sim; e isto não é lógica da Igreja, se o Espiritismo é *canalha* porque alguns de seus sectários fazem obra de canalha, que será a Doutrina de Jesus, desde que os sucessores dos Apóstolos fazem obras piores que os tais espíritas?

Felizmente não prevalece a lamentável argumentação do padre do *Apóstolo* – e não prevalece porque uma coisa é a lei e outra coisa é a execução ou prática da lei.

E, assim, se a religião do Cristo nada sofre em sua verdade e em sua excelsa grandeza, por causa das torpezas de seus ministros; nada sofre por idêntica razão a Revelação Espírita por causa das torpezas de falsos e mesmo de verdadeiros sectários.

Perdeu, portanto, o ilustrado padre do *Apóstolo* o seu tempo e o seu latim, e, mais que isto, deu em espetáculo a sua falta de caridade, levando alegremente sua acha de lenha para a fogueira, que, à falta da “Santa” Inquisição, o *Apóstolo* acende, para incinerar aos espíritas, que ousam dizer: Roma não é infalível!

Procure o Sr. Scaligero sonhar com seus amigo e companheiro, tão cedo roubado às lutas desta vida, e, em sonho, ouça-o – e, ouvindo-o, não se admire se lhe escapar esta frase, que ser-lhe-á grandíssima lição: “*Quantum mutatus ab illo!*”<sup>218</sup>

Padre, pelo Bezerra de Menezes dá-lhe o beijo fraternal, sem o mínimo ressentimento,

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da Gazeta da Tarde de 19-12-1898:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=18060>

---

218 (Nota do Organizador) Expressão latina que traduz-se por: *quão mudado (está) do que era!*; *como mudou de então para cá* [palavras de Eneias ao ver em sonhos Heitor coberto de feridas, constantes na *Eneida*, de Virgílio, tomo 2, parágrafo 274]. (Fonte: *Infopédia*)



## Artigo DXXVIII

### Gazeta da Tarde, 24-12-1898

Sem pretensão de discutirmos o que sobre o Espiritismo avançou o ilustrado Monsenhor Lustosa<sup>219</sup>, em uma série de cartas publicadas no *Jornal do Comércio*, pois que valentemente as tem analisado um ilustrado espírita, que se assina *Urias*<sup>220</sup>, não queremos, contudo, deixar de dizer uma palavra a respeito, *por amor da arte*, como vulgarmente se diz.

Monsenhor Lustosa dividiu seu trabalho em duas partes, que parecem, à primeira vista, ligadas pelos laços da lógica, mas que, bem analisadas, convencem, à luz da razão livre de preconceitos, que se deluem, como o ácido sulfúrico delui certas matérias orgânicas desfeita n'água.

A primeira parte: demonstração da verdade dos fenômenos espíritas, destrói radicalmente a hipótese, que forma a substância da segunda: demonstração de que tais fenômenos são obras

---

219 (Nota do Organizador) Manuel Fernando Lustosa de Lima (1846 – 1900), ou apenas Monsenhor Fernando Lustosa, foi sacerdote da Igreja Católica no Brasil. Presbítero do clero secular, atuou em diversas cidades do nordeste e no Rio de Janeiro, especialmente em Barra Mansa. (Fonte: *Wikipedia*)

220 (Nota do Organizador) Pseudônimo de Luiz de França de Almeida e Sá (1807-1903), um dos valorosos nomes de nosso movimento, no século XIX. O prezado amigo Luciano Klein Filho, historiador, dedicado biógrafo de Dr. Bezerra e presidente da Federação Espírita do Ceará, faz-lhe merecida homenagem em um artigo publicado para celebrar os 120 anos do primeiro centro espírita cearense - vide <https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPo-Ano/2015/2015-6-luizdefrancadealmeidaeos120anosdogrupoespiritaceara.pdf>.

do demônio, cuja existência a razão esclarecida do ilustre sacerdote aceita como verdade.

Demonstraremos:

Na primeira parte, S.Rvma., mais obediente à razão que ao fanatismo de seita, depois de ter provado, com a autoridade de centenas de vultos, cuja respeitabilidade não pode ser posta em dúvida, a verdade do Espiritismo, sob o ponto de vista de sua objetividade, quer dizer, dos fenômenos por ele produzidos, esqueceu-se de seu caráter de sacerdote romano – e atirou por sua conta, aos ventos da publicidade, esta significativa e preciosíssima confissão; tal é a força da verdade para uma consciência que pode estar obliterada pelo erro, mas não pela má fé:

“O Espiritismo demoliu os fundamentos da ciência e da filosofia materialista”.

Se não foi dito nestas palavras, foi rigorosamente neste sentido.

Ora, quem emite um tal juízo, a menos que seja um parvo, o que está muito longe de ser o ilustrado Monsenhor Lustosa, não tem absolutamente o direito, perante os homens e perante sua própria consciência, de, logo em seguida, dizer: os fenômenos espíritos são obra de Satanás.

E é por isso que dissemos: a primeira parte foi a mais plena refutação da segunda.

Com efeito: se a Igreja, assistida como dizem os padres, pelo Espírito Santo, não teve o poder de demolir os fundamentos da ciência e da filosofia materialistas, e o Espiritismo, que, dizem os mesmos padres, e Monsenhor Lustosa confirma, ser assistido por Satanás, teve-o; de duas uma: ou a Igreja não é assistida pelo Espírito de Deus ou o Espiritismo não o é pelo de Satanás.

Em rigor, tínhamos aqui o direito de concluir, em face da confissão de Monsenhor Lustosa, que quem é assistido pelo Espírito Santo é o Espiritismo; pois que foi quem teve o poder de aniquilar o maior inimigo das divinas verdades.

E, ao contrário, quem está sob a influência de Satanás é a Igreja, que não tem poder para bater o terrível inimigo.

Se há lógica, se a razão é submissa ao seu rigor, isto que aí fica é rigorosamente lógico e a razão humana não lhe pode fugir, por mais que tergiverse.

Seria isto o que teve em mente o ilustrado Monsenhor Lustosa, quando fez a famosa confissão?

Não certamente, mas é que aqui S. Rvma. representou o papel de mula de Balaão<sup>221</sup>; querendo amaldiçoar, abençoou; querendo abençoar, amaldiçoou, sem consciência do que fazia; porque poder mais alto serviu-se dele como instrumento, médium, da verdade, superior a todas as concepções humanas.

E tanto é assim que o ilustrado sacerdote não viu o que qualquer homem, dotado do simples bom senso, descortinaria: que, se o Espiritismo destruiu os fundamentos do naturalismo, que a Igreja sustenta ser uma doutrina de perdição, jamais poderá ser obra daquele que só trabalha para a perdição – e, portanto, que, evidentemente é obra de quem quer salvar as almas da perdição.

Monsenhor Lustosa, queira perdoar-nos a ousadia de lembrar-lhe o que devia sempre estar em sua mente, especialmente quando atirou-se a estes mares, em que se chocam, a cada instante, as trevas do passado com a luz do futuro: Igreja romana e Espiritismo.

Jesus, quando os inimigos da luz, o sacerdócio do seu tempo, procurou explicar as maravilhosas obras que fazia por obras de Satanás, disse: “Todo o reino dividido se destrói; e, pois, se eu lanço fora os demônios, em virtude do príncipe dos demônios, dividido está o reino dos demônios”<sup>222</sup>.

Não temos à mão o Evangelho, para citarmos textualmente esta passagem; mas é isto o que nela se contém.

Ora, semelhantemente: se o materialismo é a mais preciosa arma do demônio – e se o Espiritismo o combate até arrancar-lhe os fundamentos, como ser ele também obra do demônio?

Padre de Deus, escapou-te a palavra que consagra a verdade, não somente objetiva, mas principalmente subjetiva do Espiritismo que, se quiseres ter olhos de ver, reconhecerás que seus frutos são de salvação – e, portanto, que a árvore de que procedem é boa.

Deixa a cegueira dos que estão ligados à doutrina de Roma – não seja mais um a seguir os passos, não dos Apóstolos, mas do infeliz sacerdócio hebreu.

---

221 (Nota do Organizador) Nm. 22:21-31.

222 (Nota do Organizador) Mt. 12: 25-27, Mc. 3:22-25.

Lê o Evangelho sem a vesgueira da Igreja romana e lá descobrirás, entre as promessas de N. S. Jesus Cristo, a Revelação do Espírito da Verdade – revelador em espírito – verdadeira encarnação do Espiritismo.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da Gazeta da Tarde de 24-12-1898:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=18081>

## Artigo DXXIX

### Gazeta da Tarde, 31-12-1898

Quiséramos ver sempre a justiça em nossa terra na altura em que a colocou o digno juiz que julgou o curandeiro, como dizem, mas um médium receitista, como é de fato, o Sr. Nascimento<sup>223</sup>, do morro de S. Antônio.

Não por ter inocentado um espírita, que nem sabemos se o é ou se pertence ao número dos que se dizem espíritas sem o ser; mas por firmar-se a notabilíssima sentença em princípios que falam à razão e traduzem as disposições das leis, é que manifestamos, aqui, todo o nosso respeito ao ilustre Sr. Viveiros de Castro<sup>224</sup>.

---

223 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra refere-se a João Gonçalves do Nascimento, um dos grandes nomes do Espiritismo nascente, do Brasil do Século XIX. Para saber um pouco mais acerca de sua biografia, sugerimos a leitura da nota 397, à página 441 do terceiro tomo desta coleção de artigos.

224 (Nota do Organizador) Dr. Bezerra provavelmente alude aqui ao juiz Francisco José Viveiros de Castro (1862-1906). A historiadora Adriana Gomes tem uma tese publicada em 2017 a seu respeito e acerca de seus pareceres sobre casos espíritas: *Um “crime indígena” ante as normas e o ordenamento jurídico brasileiro: a criminalização do espiritismo e o saber jurídico na Nova Escola Penal de Francisco José Viveiros de Castro (1880-1900)*. (Doutorado em História Política e Cultura – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017), onde o descreve nos seguintes termos: “O juiz maranhense não se furtou de emitir inúmeras vezes aos seus pares os seus pareceres sobre casos polêmicos e controversos da esfera criminal da sociedade de sua época. Tanto que ele se tornou uma das principais referências em nossa jurisprudência nas interpretações dos artigos relacionados à criminalização do Espiritismo no Código Penal de 1890”. (Fonte: <https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/13036/1/Adriana%20Gomes.pdf>)

Certamente não é ele um sectário da Doutrina Espírita, que possa ser, por aí, acimado de parcialidade; ao contrário, supomos que é infenso, por suas crenças, a essa *lamentável* novidade, que *leva ao hospício, passando pelo ridículo*, como disse um dos nossos mais bem preparados espíritos; ou, como julga um dos altos figurantes atuais, *meio de desequilibrar os homens*.

Tão pouco não era o acusado um nome conhecido na alta sociedade; ou, pelo menos, um feliz protegido por grão senhor.

Para Viveiros de Castro, está evidente, um acusado não tem nome nem posição – é um caso de Direito, como para o médico, digno deste título, um doente é simplesmente um caso patológico, quer seja homem ou mulher – mulher velha ou moça – moça feia ou bonita.

É assim que deve ser o médico – é assim que deve ser o juiz – é assim que se ostentou Viveiros de Castro.

Honra lhe seja feita, em nome da sociedade, que sem justiça, igual para todos, não passa de uma horda acampada num país.

E, porque admiramos a isenção do Sr. Viveiros de Castro, pedimos-lhe permissão para dizer-lhe:

Sua sentença, assim como foi conforme com o Direito e com a Justiça, o foi, por igual, com a vontade e com a lei divina.

Tudo o que não depende da vontade do homem, que é livre, regula-se por leis postas pelo Supremo Criador e Regulador dos mundos.

Mesmo a vontade humana é sujeita à lei da responsabilidade. Se é livre em sua ação, é sujeita a penas e recompensas, segundo o mau ou bom uso que fizer de sua liberdade.

A mediunidade, receitista ou curadora, não é obra da nossa vontade, mas sim uma faculdade, que opera segundo leis naturais, o que quer dizer: leis estabelecidas por Deus.

O médium, pois, não o é porque queira ser; mas sim porque sua organização e seu progresso espiritual o fazem apto – lhe dão as disposições em que se desenvolve a distinta faculdade.

Dizer, porém, médium receitista ou curador não é o mesmo que dizer que ele receita ou cura por si.

A palavra – médium – o diz claramente.

O médium é simples instrumento de Espíritos, que possuem mais – muitíssimo mais que os mais distintos médicos da Terra – a ciência de curar.

E é por isto que vemos doentes desenganados pelas sumidades médicas curarem-se com as prescrições dos chamados “curandeiros”.

Estes, em geral, nada conhecem de Medicina – e são, muita vez, ignorantes de qualquer ramo dos conhecimentos humanos; mas que importa, se quem age não é ele – e sim outro que serve-se dele, como nós nos servimos de uma pena para estampar no papel nossos pensamentos?

É certo que uma pena mal aparada não dá beleza à escrita; mas o essencial é gravar o pensamento – e isto se colhe tanto com a bem aparada como com a péssima.

Assim é com o médium. Quer seja ignorante, quer instruído, o que se requer é que receba a prescrição – e isto todos o fazem.

E a melhor prova de que eles, os médiuns, não agem por si, consite em que, por eles, podemos saber o que sofre uma pessoa doente na Europa, sem outros elementos além do nome, idade e da residência.

E de que é verdadeiro o diagnóstico assim feito, dá a prova a cura do doente, mediante o tratamento pelo mesmo processo prescrito.

Destes fatos conhecemos inúmeros exemplos, que não passaram, como os milagres, mas podem ser renovados onde e quando se quiser.

Só não os terá quem não quiser – e desafiamos ao maior adversário do Espiritismo que, à vista deles, ainda continue a considerar reles curandeiro o médium que tem o poder de produzi-los.

Quer queiram, quer não os Srs. médicos, sua ciência não equivale à de que os médiuns são todos os dias vibrantes provas.

Quer queiram, quer não, assim como a claridade das estrelas amortece à luz do astro do dia, assim a Medicina oficial há de ceder lugar à fluidica, à medida que a humanidade for subindo na escada do progresso.

Tudo a seu tempo – e quanto este chegar inútil será todo o esforço, porque nunca jamais prevalecerá a vontade humana contra a soberana vontade.

O que se passa naturalmente é apenas o ensaio – a aurora do grande dia, em que os médicos, em Espírito, espalharão por toda a superfície da Terra a ciência incomparável dos que já veem as coisas sem o véu da carne, que nos estreita o horizonte – e nos tolhe o desenvolvimento das faculdades anímicas.

Ria-se quem quiser, especialmente o médico, hoje nas cumiadas do poder, que nos qualifica de desequilibrado.

Ria-se, que nós lhe retribuímos com sincero pesar por sua ignorância.

E, no fim, saberemos qual dos dois terá razão: um em rir – o outro em ter pena.

Max.

Reproduzido conforme texto original.

Confira na edição da Gazeta da Tarde de 31-12-1898:

<https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=226688&Pesq=lauresto&pagfis=18105>



## Nota Especial

Nossa jornada em busca da recuperação e restauração de TODOS os artigos da série *Estudos Filosóficos* infelizmente interrompe-se aqui, provisoriamente, por motivo completamente alheio à nossa vontade: a Hemeroteca da Biblioteca Nacional não tem disponíveis os exemplares da *Gazeta da Tarde* de 1899, último ano de atividade de Dr. Bezerra, antes da síncope que levou à sua desencarnação, em abril de 1900.

Dizemos interrompe-se, e não encerrada, ou concluída, porque prosseguiremos na busca desse material, até ter tudo devidamente registrado e completo, como planejado.

Para compensar, em parte, nossa frustração com o obstáculo imprevisto, segue a transcrição do último artigo publicado por Dr. Bezerra, conforme reprodução do mesmo divulgada em *O Reformador* de abril de 1901, para celebrar um ano de sua desencarnação. Material gentilmente cedido pelo amigo de fé e irmão camarada, o escritor e conferencista Jorge Damas Martins.



## Apêndice:

### O último artigo de Bezerra de Menezes

Em outubro de 1894<sup>225</sup>, quando se completaram sete anos de sua coluna semanal nas páginas de *O Paiz*, Bezerra fez uma ligeira análise e reflexão acerca do trabalho de Max. Era, pois, uma análise dele próprio sobre a evolução do trabalho que conduzia, sem precedentes na história de nosso movimento. Atentemos à autoavaliação que faz dessa missão e que merece ser aqui documentada. Costumeiramente referindo-se a Max, como se fosse outra pessoa, enuncia:

*“[...] Seu esforço tem sido inquebrantável, de não ter, até hoje, deixado de publicar um artigo, no dia destinado para tal fim. Quanto, porém, ao êxito do afanoso trabalho, quem o poderá determinar? Uma pena bem aparada já teria dado inequívocos sinais dos traços de luz rasgados o seio da nossa sociedade. Max não pode aspirar tamanha felicidade, contentando-se com a consciência de ter feito o que pôde – e com a esperança de que “tanto pinga a água na rocha até que a fura” [...] Aqui, é pouco provável o resultado, por não poder Max contar mais com tanto tempo; mas a obra não é dele – e o dono da vinha encontrará, entre os que fazem por merecer, muito quem o substitua. E Max, se não puder chegar ao termo da viagem, cairá com a ferramenta na mão, cheio do gáudio que sente a alma fiel a santa lei do Pai celestial. Em todo caso, bem ou mal, a discussão de princípios,*

---

225 (Nota do Organizador) *O Paiz*, 22 de outubro de 1894, artigo CCCLXIII. É possível acessar esse texto completo a partir da página 161 do quarto volume desta coleção.

*que tem sido o objetivo desses artigos, já teve tempo suficiente para implantar a doutrina no terreno que esteja preparado para recebê-la. Se muitos, se a maior parte dos que leem estes artigos não lhes têm prestado atenção; não será pela continuação deles que virão a colher-lhes o fruto, rompendo com o fanatismo ou com a incredulidade dos obsedados pelo espírito de sistema” [...]*

Um ano após o desenlace de Bezerra, em abril de 1900, o *Reformador* noticiou algumas ações promovidas no intuito de re-reverenciar sua memória. Entre essas ações, duas merecem destaque. A primeira, uma cerimônia para a fixação do seu retrato na sala de sessões do prédio onde funcionava a FEB<sup>226</sup>; a segunda, a que mais nos interessa – e com a qual encerramos esse item – a transcrição do último e desconhecido artigo de Max da série *Estudos Filosóficos*.

Pelo ineditismo desse derradeiro texto, optamos por transcrevê-lo integralmente. Reparando no primeiro parágrafo, constatamos que Max parecia estar começando uma nova série de artigos, prosseguindo suas discussões em torno do Positivismo, móvel de alguns artigos seus, veiculados na *Gazeta da Tarde*. Ao que parece, ele estaria iniciando essa nova série noutro jornal, informação que, por enquanto, não temos condições de aferir.

“Convidado a tomar parte entre os trabalhadores desta oficina, darei princípio à minha tarefa, cuja natureza transparece do simples enunciado: “Espiritismo”, expondo sucintamente meu programa, nesta minha nova série, sobre momentosa espécie. Até hoje tenho-me ocupado, quase que exclusivamente com questões de princípios, considerados sob o ponto de vista filosófico, ou antes, sob o ponto de vista especulativo. Agora vou encaminhar meus estudos – os estudos do Espiritismo – pela senda do Positivismo, não do Positivismo ciência, que recuso aceitar, por ser contrário à razão, mas do Positivismo-método para toda espécie de indagações que abraço; porque toda indagação requer a base sólida dos fatos – e o exame dos fatos, se reclama a análise filosófica, não dispensa a observação experimental. Análise filosófica e

---

226 Referindo-se ao retrato de Bezerra, descreve o *Reformador* que era um “excelente trabalho de ampliação em busto quase ao natural, enfaixado em uma larga moldura, devido ao nosso confrade Elias da Silva, sobejamente reputado nesse gênero [...]”.

estudo experimental são, pois, os dois instrumentos que se ligam e se completam, para o alto fim da descoberta da verdade, que deve ser o principal objetivo de todo esforço humano. Eu disse que não aceito o Positivismo-ciência porque a ciência tem por alvo a descoberta do ignoto; porque, enquanto houver uma partícula do ignoto a descobrir, a ciência não será completa. Nem se considere absurdo semelhante postulado, desde que absurdo é por limites ao progresso, lei universal que impera sobre todos os seres e sobre todas as coisas, desde o átomo até os mundos – desde o animálculo até ao rei dos seres viventes. Se, pois, tudo progride no Universo, como admitir que a inteligência humana, a maior grandeza da criação, pare, seja tolhida diante de qualquer muralha, enquanto houver progresso a fazer – enquanto algo houver do ignoto a descobrir? O que concluir disto, que é rigorosamente lógico e incontroverso? o que é de rigor concluir é que a Inteligência, a ciência, pode, em seu movimento progressivo e infinito, pelas vias do progresso, não ter alcançado em certos pontos de sua marcha, o conhecimento acabado de todas as leis da criação; nunca, porém, que não tenha mais que andar, ou que não possa andar para diante. O progresso é infinito – e, pois, infinita é a ascensão da inteligência e da ciência. Quando uma e outra tiverem alcançado o último grau da infinita escala, o homem pode dizer, e só então dirá com verdade: alcancei as alturas angélicas – considerando o anjo a mais alta transformação da espécie humana. Antes de chegar a esse grau, por muito alto que se ache, ela – a inteligência, a ciência – ainda precisará derrubar muralhas para chegar ao fim. Chegará? A eternidade, condição do progresso ilimitado, que responda. Parecerá uma blasfêmia acreditar que Deus criou o homem para a mais alta perfeição – e que ele não a possa alcançar! Será assim, meu Deus! Mas eu humildemente observarei a mim mesmo: o que eleva e engrandece o Senhor, aos meus olhos, é precisamente ter Ele colocado o ponto culminante da projeção do Espírito humano tão alto que este, progredindo, progredindo, progredindo, pelos séculos sem fim, ganhando a luz e a grandeza quase infinitas, não pode chegar ao fim; porque essa é a perfeição absoluta – e essa só o Criador pode possuir – e o Espírito equiparar-se-ia ao Criador, se a possuísse. Descendo dessas ofuscantes iluminárias às brumas das pretensões humanas na Terra, seja-me lícito dizer: a nossa consciência não nos dá ainda para conhecermos as relações de causa e efeito, quanto mais para alcançarmos a causa das causas – a causa primária!

O sistema positivista francamente confessa-o, colocando uma interrogação onde se lhe oferece uma daquelas teses, que confessa insolúvel. O que mais preciso dizer para justificar minha preposição: não aceito o Positivismo como ciência? Como método, meio ou instrumento de que se aproveita nossa inteligência para a descoberta da verdade, sim – eu o aceito; porque os métodos não impõe soluções – auxiliam a inteligência e, se quiserem, a ciência, para alcançá-la. Do exposto, resulta que os meus estudos sobre Espiritismo firmar-se-ão na especulação e na experimentação – na análise e na observação, tanto dos princípios como dos fatos.

Sobre estes dois alicerces, erguerei meu edifício, que entrego à apreciação dos competentes, sem a pretensão de haver levantado uma estátua, como de Nabucodonosor, sem os pés de barro.

Max<sup>227</sup>.

---

227 (Nota do Organizador) *Reformador*, 15 de abril de 1901.

## Listagem Completa dos Artigos & Síntese de seus Conteúdos





ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
I	O PAIZ	23/10/1887	1	19	Ciência - Misoneísmo - Oposição enfrentadas pelas novas ideias, em todos os tempos - Resistências enfrentadas pelo Espiritismo, seja no âmbito da ciência como no da religião
II	O PAIZ	30/10/1887	1	23	Reencarnação e Justiça Divina - Provas racionais das vidas sucessivas
III	O PAIZ	06/11/1887	1	26	Reencarnação e Justiça Divina - Provas racionais das vidas sucessivas (Cont.) - Progressividade da revelação
IV	O PAIZ	13/11/1887	1	30	Progressividade da revelação - o Espiritismo como revelação científico-religiosa
V	O PAIZ	20/11/1887	1	34	Espiritismo - fé racional - ciência experimental - a experimentação espírita ao alcance de todos
VI	O PAIZ	27/11/1887	1	38	Provas experimentais da sobrevivência da alma e da comunicabilidade dos Espíritos - estudo de casos
VII	O PAIZ	04/12/1887	1	42	Espiritismo e Diabolismo - Demônio, Inferno e Penas Eternas
VIII	O PAIZ	11/12/1887	1	46	Espiritismo e Diabolismo - Demônio, Inferno e Penas Eternas (Cont.)
IX	O PAIZ	18/12/1887	1	49	Comprovação experimental da sobrevivência da alma, da comunicabilidade dos Espíritos e da vidas sucessivas através do estudo das obsessões
X	O PAIZ	25/12/1887	1	53	Anúncio de uma série de artigos para comparação das cosmogonias católica e espírita, enfatizando especialmente as teorias da vida única e das vidas sucessivas ou reencarnação.
XI	O PAIZ	01/01/1888	1	57	Início da referida série

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
XII	O PAIZ	08/01/1888	1	61	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XIII	O PAIZ	15/01/1888	1	64	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XIV	O PAIZ	22/01/1888	1	68	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XV	O PAIZ	29/01/1888	1	71	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XVI	O PAIZ	05/02/1888	1	75	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XVII	O PAIZ	12/02/1888	1	78	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XVIII	O PAIZ	19/02/1888	1	81	Pausa da Série: Artigo sobre o Suicídio
XIX	O PAIZ	26/02/1888	1	85	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XX	O PAIZ	04/03/1888	1	88	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXI	O PAIZ	11/03/1888	1	91	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXII	O PAIZ	18/03/1888	1	94	Pausa da Série - Artigo dedicado ao Sr. D. Pedro de Lacerda, Bispo do Rio de Janeiro, em resposta à sua prédica em domingo quaresmal, combatendo o Espiritismo com a tese do Diabolismo
XXIII	O PAIZ	26/03/1888	1	98	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXIV	O PAIZ	01/04/1888	1	102	Nova interrupção da série: artigo sobre a Páscoa
XXV	O PAIZ	08/04/1888	1	106	Outra pausa da série: Mediunidade receiptista e curativa
XXVI	O PAIZ	15/04/1888	1	110	Mediunidade e ciência
XXVII	O PAIZ	22/04/1888	1	114	Continuação da série - análise da cosmogonia católica

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
XXVIII	O PAIZ	29/04/1888	1	118	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXIX	O PAIZ	06/05/1888	1	122	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXX	O PAIZ	13/05/1888	1	126	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXXI	O PAIZ	20/05/1888	1	130	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXXII	O PAIZ	27/05/1888	1	134	Continuação da série - análise da cosmogonia católica
XXXIII	O PAIZ	03/06/1888	1	138	Continuação da série - conclusão da análise da cosmogonia católica
XXXIV	O PAIZ	10/06/1888	1	141	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XXXV	O PAIZ	17/06/1888	1	144	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XXXVI	O PAIZ	24/06/1888	1	148	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XXXVII	O PAIZ	01/07/1888	1	151	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XXXVIII	O PAIZ	08/07/1888	1	154	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XXXIX	O PAIZ	15/07/1888	1	158	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XL	O PAIZ	22/07/1888	1	162	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XLI	O PAIZ	29/07/1888	1	166	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XLII	O PAIZ	05/08/1888	1	170	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XLIII	O PAIZ	12/08/1888	1	173	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XLIV	O PAIZ	19/08/1888	1	176	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita
XLV	O PAIZ	26/08/1888	1	179	Continuação da série - análise da cosmogonia espírita

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
XLVI	O PAIZ	02/09/1888	1	183	Fim da série (total de 31 artigos)
XLVII	O PAIZ	09/09/1888	1	186	Jesus e a liberdade de pensamento e de culto - universalismo do ensino crítico
XLVIII	O PAIZ	18/09/1888	1	190	Espiritismo, Materialismo e Catolicismo
XLIX	O PAIZ	23/09/1888	1	194	Progressividade da revelação
L	O PAIZ	30/09/1888	1	198	Infalibilidade papal e o progresso das ideias
LI	O PAIZ	07/10/1888	1	201	Nota sobre notícia de jornal que vinculou a separação de um casal ao interesse da mulher pelo Espiritismo
LII	O PAIZ	14/10/1888	1	205	Demônio, Inferno e Penas Eternas
LIII	O PAIZ	21/10/1888	1	208	Continuação do artigo anterior
LIV	O PAIZ	28/10/1888	1	212	O espírito de sistema, inimigo do progresso - Destaque para João Huss, como precursor das ideias da pluralidade das existências e da comunicabilidade dos Espíritos - Hussismo e Espiritismo - Espiritismo e Hipnotismo
LV	O PAIZ	04/11/1888	1	216	Espiritismo e Hipnotismo
LVI	O PAIZ	12/11/1888	1	219	Ciência / Misoneísmo / Oposição enfrentadas pelas novas ideias
LVII	O PAIZ	18/11/1888	1	223	Necessidade do exame das comunicações recebidas - Análise da obra de J.Rose - <i>Revelações do Mundo dos Espíritos</i>

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
LVIII	O PAIZ	26/11/1888	1	227	Continuação do artigo anterior
LIX	O PAIZ	02/12/1888	1	231	O sobrenatural e o maravilhoso - considerações sobre artigo de Pinheiro Chagas
LX	O PAIZ	10/12/1888	1	235	Resposta a artigo do jornal <i>O Apóstolo</i> , contra o Espiritismo.
LXI	O PAIZ	16/12/1888	1	239	Continuação do artigo anterior
LXII	O PAIZ	23/12/1888	1	245	Continuação do artigo anterior
LXIII	O PAIZ	30/12/1888	1	249	A Igreja e o Consolador Prometido
LXIV	O PAIZ	06/01/1889	1	253	Resumo das considerações sobre o artigo d' <i>O Apóstolo</i>
LXV	O PAIZ	13/01/1889	1	257	Criação dos Espíritos - Anjos e Demônios
LXVI	O PAIZ	20/01/1889	1	261	A Igreja Romana e seus desvios / causa do materialismo
LXVII	O PAIZ	27/01/1889	1	266	Estudo de caso publicado na obra de J. Rose
LXVIII	O PAIZ	03/02/1889	1	270	Transcrição de trecho de <i>Roma e o Evangelho</i>
LXIX	O PAIZ	10/02/1889	1	274	Gozos terrenos x gozos futuros - estudo sobre o destino e as teorias da vida única e das vidas múltiplas.
LXX	O PAIZ	17/02/1889	1	278	Espiritismo, Materialismo e Catolicismo - Anúncio de nova série de artigos para demonstração da ancianidade da doutrina das vidas múltiplas, para os sábios da ciência, e da verificação de seu ensino nas sagradas escrituras, para os religiosos, tendo por base a obra de André Pezzani, <i>A Pluralidade das Existências</i>

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
LXXI	O PAIZ	24/02/1889	1	282	Início da nova série
LXXII	O PAIZ	10/03/1889	1	286	Interrupção da série para esclarecimento de notícia mal fundamentada sobre o escritor Victorien Sardou e sua relação com o Espiritismo
LXXIII	O PAIZ	11/03/1889	1	290	Continuação da série
LXXIV	O PAIZ	17/03/1889	1	294	Continuação da série
LXXV	O PAIZ	24/03/1889	1	298	Continuação da série
LXXVI	O PAIZ	31/03/1889	1	302	Continuação da série
LXXVII	O PAIZ	07/04/1889	1	306	Continuação da série
LXXVIII	O PAIZ	14/04/1889	1	310	Continuação da série
LXXIX	O PAIZ	21/04/1889	1	314	Conclusão da primeira parte da série sobre a reencarnação e extensão da mesma, para abordar também a questão da existência do Diabo, do Inferno e das Penas Eternas, à luz das Sagradas Escrituras
LXXX	O PAIZ	28/04/1889	1	318	Comentário sobre o encontro de Jesus com a Samaritana - Culto interior e exterior - dogmatismo - futuro das religiões
LXXXI	O PAIZ	05/05/1889	1	322	Continuação da série anterior, mas agora focada na questão da existência do Diabo, do Inferno e Penas Eternas
LXXXII	O PAIZ	12/05/1889	1	326	Continuação da série
LXXXIII	O PAIZ	19/05/1889	1	330	Continuação da série
LXXXIV	O PAIZ	26/05/1889	1	334	Continuação da série

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
LXXXV	O PAIZ	02/06/1889	1	338	Pausa na série - Estudo de caso de feitos físicos em casa da rua Barão de Mesquita
LXXXVI	O PAIZ	09/06/1889	1	342	Continuação da série
LXXXVII	O PAIZ	16/06/1889	1	346	Continuação da série
LXXXVIII	O PAIZ	23/06/1889	1	350	Continuação da série
LXXXIX	O PAIZ	30/06/1889	1	354	Continuação da série - Transcrição de mensagem de Maria Santíssima da obra <i>Roma e o Evangelho</i>
XC	O PAIZ	07/07/1889	1	358	Continuação da série
XCI	O PAIZ	14/07/1889	1	362	Continuação da série
XCII	O PAIZ	21/07/1889	1	366	Continuação da série
XCIII	O PAIZ	28/07/1889	1	370	Continuação da série
XCIV	O PAIZ	04/08/1889	1	374	Continuação da série
XCV	O PAIZ	11/08/1889	1	377	Continuação da série
XCVI	O PAIZ	18/08/1889	1	381	Continuação da série
XCVII	O PAIZ	25/08/1889	1	385	Continuação da série
XCVIII	O PAIZ	01/09/1889	1	389	Continuação da série
XCIX	O PAIZ	08/09/1889	1	393	Continuação da série
C	O PAIZ	16/09/1889	1	397	Continuação da série
CI	O PAIZ	22/09/1889	1	401	Extensão da série, para tratar também da Salvação Universal

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CII	O PAIZ	29/09/1889	1	405	Continuação da série
CIII	O PAIZ	06/10/1889	1	409	Continuação da série
CIV	O PAIZ	13/10/1889	1	413	Continuação da série
CV	O PAIZ	21/10/1889	1	417	Nova extensão da série, para demonstrar também que as comunicações espíritas não têm relação com diabolismo
CVI	O PAIZ	27/10/1889	1	421	Continuação da série
CVII	O PAIZ	03/11/1889	1	425	Continuação da série
CVIII	O PAIZ	11/11/1889	1	429	Continuação da série
CIX	O PAIZ	25/11/1889	1	433	Continuação da série
CX	O PAIZ	01/12/1889	1	437	Conclusão da 1ª. parte da série, voltada aos religiosos, e anúncio da sua 2ª. parte, filosófica, voltada aos homens do saber, com base da obra de André Pezzani, <i>A Pluralidade das Existências</i>
CXI	O PAIZ	08/12/1889	2	15	Início da 2ª. parte da série, referida acima.
CXII	O PAIZ	15/12/1889	2	22	Introdução da série - abordagem filosófica sobre a sobrevivência da alma - crítica dos métodos então adotados para estudo científico desse fenômeno
CXIII	O PAIZ	22/12/1889	2	25	Continuação da série - prosseguimento da crítica dos métodos adotados então para estudo científico desse fenômeno
CXIV	O PAIZ	29/12/1889	2	28	Continuação da série - análise crítica do Positivismo
CXV	O PAIZ	05/01/1890	2	32	Continuação da série - ensaio sobre a ciência humana e seus limites



ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CXVI	O PAIZ	12/01/1890	2	36	Continuação da série - universalidade da crença em Deus e na sobrevivência da alma
CXVII	O PAIZ	19/01/1890	2	41	Continuação da série - estudo sobre a imortalidade da alma
CXVIII	O PAIZ	26/01/1890	2	45	Continuação da série - prosseguimento do estudo sobre a sobrevivência da alma vis a vis o conservadorismo de científicos, materialistas e positivistas - Início de estudo histórico sobre a crença na imortalidade/sobrevivência da alma e na reencarnação, a partir dos Vedas.
CXIX	O PAIZ	02/02/1890	2	49	Continuação da série - estudo em torno do Bhagavad Gita
CXX	O PAIZ	09/02/1890	2	53	Continuação da série - Literatura e Filosofia Greco-Romana - Budismo e Bramanismo
CXXI	O PAIZ	16/02/1890	2	58	Continuação da série - Masdeísmo, Zoroastrismo
CXXII	O PAIZ	23/02/1890	2	63	Continuação da série - Heródoto e a Cosmogonia Egípcia
CXXIII	O PAIZ	03/03/1890	2	67	Continuação da série - o Helenismo e suas origens egípcias - Pitágoras - Platão - Metempsicose - Virgílio e Ovídio, grandes poetas romanos
CXXIV	O PAIZ	09/03/1890	2	71	Continuação da série - imortalidade/sobrevivência da alma e a reencarnação na filosofia pagã - Platão, Porfírio, Plotino, Jâmblico
CXXV	O PAIZ	17/03/1890	2	75	Continuação da série - Estudo de Platão
CXXVI	O PAIZ	23/03/1890	2	78	Continuação da série - Estudo de Plotino e Porfírio
CXXVII	O PAIZ	30/03/1890	2	82	Continuação da série - Estudo de Jâmblico

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CXXVIII	O PAIZ	06/04/1890	2	86	Continuação da série - estudo dos Mistérios e as Doutrinas iniciáticas da antiguidade
CXXIX	O PAIZ	13/04/1890	2	90	Pausa na série - Comentário sobre caso policial da época, com parecer discriminatório e preconceituoso do delegado acerca do Espiritismo - prosseguimento do estudo dos Mistérios e Doutrinas iniciáticas da antiguidade
CXXX	O PAIZ	20/04/1890	2	94	Continuação da série - Estudo do Druidismo
CXXXI	O PAIZ	27/04/1890	2	98	Continuação da série - Estudo do Druidismo (Cont.)
CXXXII	O PAIZ	04/05/1890	2	101	Continuação da série - Espiritismo e metempsicose animal
CXXXIII	O PAIZ	11/05/1890	2	104	Continuação da série - Espiritismo e metempsicose animal (Cont.)
CXXXIV	O PAIZ	18/05/1890	2	108	Continuação da série - Estudo da Antiguidade Sagrada
CXXXV	O PAIZ	26/05/1890	2	112	Continuação da série - Resposta à crítica feita ao estudo em andamento, no sentido de desqualificar o Espiritismo, já que não traz verdades novas, posto que sintetiza e confirma ensinamentos ancestrais
CXXXVI	O PAIZ	01/06/1890	2	116	Continuação da série - Considerações sobre a progressividade da Revelação
CXXXVII	O PAIZ	08/06/1890	2	119	Continuação da série - Estudo da Revelação Mosaica
CXXXVIII	O PAIZ	15/06/1890	2	123	Continuação da série - Novas considerações sobre a cosmogonia Mosaica
CXXXIX	O PAIZ	22/06/1890	2	127	Continuação da série - Estudo do Antigo Testamento
CXL	O PAIZ	29/06/1890	2	131	Continuação da série - Considerações sobre reencarnação e Justiça Divina

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CXLI	O PAIZ	07/07/1890	2	135	Continuação da série - Análise do ensino do Cristo sobre a reencarnação de Elias como João Batista (Jo.:1: 19 e 21).
CXLII	O PAIZ	13/07/1890	2	139	Continuação da série - Prosseguimento da análise do ensino do Cristo sobre a reencarnação de Elias como João Batista
CXLIII	O PAIZ	21/07/1890	2	143	Continuação da série - Estudo dos ensinos de Jesus sobre a reencarnação, a partir do caso do Cego de nascença (Jo.9:2)
CXLIV	O PAIZ	27/07/1890	2	147	Continuação da série - Estudo do Zohar
CXLV	O PAIZ	04/08/1890	2	152	Continuação da série - Estudo do Zohar (Cont.)
CXLVI	O PAIZ	11/08/1890	2	155	Continuação da série - Estudo do Zohar (Cont.)
CXLVII	O PAIZ	18/08/1890	2	159	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria
CXLVIII	O PAIZ	25/08/1890	2	163	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CXLIX	O PAIZ	31/08/1890	2	167	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CL	O PAIZ	07/09/1890	2	171	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CLI	O PAIZ	16/09/1990	2	175	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CLII	O PAIZ	21/09/1990	2	179	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CLIII	O PAIZ	28/09/1890	2	183	Continuação da série - Estudo de Orígenes da Alexandria (Cont.)
CLIV	O PAIZ	06/10/1890	2	187	Continuação da série - Conclusão do Estudo de Orígenes da Alexandria

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CLV	O PAIZ	13/10/1890	2	191	Continuação da série - Conclusão do estudo sobre os autores e doutrinas da Antiguidade
CLVI	O PAIZ	19/10/1890	2	194	Continuação da série - Estudo de Cirano de Bergerac
CLVII	O PAIZ	26/10/1890	2	198	Continuação da série - Estudo de Cirano de Bergerac (Cont.)
CLVIII	O PAIZ	02/11/1890	2	202	Pausa na série - Comentário acerca do novo Código Penal, então aprovado, que criminalizava o Espiritismo
CLIX	O PAIZ	09/11/1890	2	206	Pausa na série - Mais notas sobre o novo Código Penal
CLX	O PAIZ	17/11/1890	2	210	Pausa na série - Novas notas sobre o novo Código Penal
CLXI	O PAIZ	23/11/1890	2	214	Pausa na série - Novas notas sobre o novo Código Penal (cont.)
CLXII	O PAIZ	30/11/1890	2	218	Pausa na série - Novas notas sobre o novo Código Penal, especialmente sobre as mediunidades curativa e receiptista
CLXIII	O PAIZ	07/12/1890	2	221	Pausa da série - Mais considerações sobre a mediunidade de cura
CLXIV	O PAIZ	15/12/1890	2	225	Pausa da série - Considerações sobre a progressividade da Revelação
CLXV	O PAIZ	21/12/1890	2	229	Pausa da série - Outras considerações sobre o novo código penal
CLXVI	O PAIZ	29/12/1890	2	233	Pausa da série - resposta ao Dr. Batista Pereira, autor do novo código penal
CLXVII	O PAIZ	05/01/1891	2	237	Pausa da série - Defesa da Medicina mediúnica
CLXVIII	O PAIZ	11/01/1891	2	241	Pausa da série - Espiritismo, Materialismo, Catolicismo - Novo convite aos sábios da época para a experimentação dos fenômenos espíritas

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CLXIX	O PAIZ	18/01/1891	2	245	Pausa da série - Novas considerações sobre a Comunicação dos Espíritos
CLXX	O PAIZ	26/01/1891	2	249	Pausa da série - Novas considerações sobre a Comunicação dos Espíritos (Cont.)
CLXXI	O PAIZ	01/02/1891	2	253	Pausa da série - Novas considerações sobre a Comunicação dos Espíritos (Cont.)
CLXXII	O PAIZ	10/02/1891	2	257	Pausa da série - Novas considerações sobre a Comunicação dos Espíritos (Cont.)
CLXXIII	O PAIZ	15/02/1891	2	260	Retomada da série - Estudo de Delormel
CLXXIV	O PAIZ	22/02/1891	2	264	Nova pausa da série - Dr. Bezerra vê-se forçado a sair em defesa da FEB, que tem a sua assistência aos necessitados combatida por alguns padres
CLXXV	O PAIZ	01/03/1891	2	268	Nova pausa da série - Continuação do artigo anterior
CLXXVI	O PAIZ	08/03/1891	2	272	Retomada da série - Estudo de Leibniz
CLXXVII	O PAIZ	15/03/1891	2	276	Continuação da série - Estudo de Carlos Bonnet
CLXXVIII	O PAIZ	22/03/1891	2	279	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours
CLXXIX	O PAIZ	29/03/1891	2	282	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXX	O PAIZ	05/04/1891	2	286	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXXI	O PAIZ	12/04/1891	2	290	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXXII	O PAIZ	19/04/1891	2	293	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CLXXXIII	O PAIZ	26/04/1891	2	296	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXXIV	O PAIZ	03/05/1891	2	300	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXXV	O PAIZ	10/05/1891	2	304	Continuação da série - Estudo de Du Pont de Nemours (Cont.)
CLXXXVI	O PAIZ	17/05/1891	2	307	Continuação da série - Estudo de Ballanche
CLXXXVII	O PAIZ	24/05/1891	2	311	Continuação da série - Estudo de Ballanche (Cont.)
CLXXXVIII	O PAIZ	31/05/1891	2	314	Continuação da série - Estudo de Ballanche (Cont.)
CLXXXIX	O PAIZ	09/06/1891	2	318	Continuação da série - Estudo de Ballanche (Cont.)
CXC	O PAIZ	14/06/1891	2	321	Continuação da série - Estudo de Lessing
CXCI	O PAIZ	22/06/1891	2	325	Continuação da série - Estudo de Frederico Schlegel
CXCII	O PAIZ	28/06/1891	2	328	Continuação da série - Estudo de Frederico Schlegel (Cont.)
CXCIII	O PAIZ	06/07/1891	2	331	Fim da série - Estudo de São Martin
CXCIV	O PAIZ	20/07/1891	2	334	Dr. Bezerra pede desculpas ao público por não ter conseguido publicar na data desejada (13/7) este artigo, em razão de problemas de saúde - e aproveita o ensejo para fazer considerações sobre artigo do padre Sena Freitas, acerca do elogio fúnebre de Camilo Castelo Branco
CXCV	O PAIZ	26/07/1891	2	338	Continuação das notas sobre o artigo do padre Sena Freitas
CXCVI	O PAIZ	03/08/1891	2	342	Novas considerações sobre a progressividade da revelação
CXCVII	O PAIZ	10/08/1891	2	346	Novo convite para que os princípios cardiais do Espiritismo sejam submetidos à prova experimental

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CXCVIII	O PAIZ	16/08/1891	2	350	A comunicação dos Espíritos a reencarnação e sua prova experimental
CXCIX	O PAIZ	24/08/1891	2	354	Ensaio sobre a co-relação entre os fenômenos político-sociais e os fenômenos morais
CC	O PAIZ	31/08/1891	2	358	Novas considerações sobre o confronto entre Espiritismo e Catolicismo, quando da análise das teorias da vida única e das vidas múltiplas - Morte de crianças
CCI	O PAIZ	06/09/1891	2	362	Continuação do artigo anterior
CCII	O PAIZ	13/09/1891	2	366	Continuação do artigo anterior
CCIII	O PAIZ	20/09/1891	2	370	Continuação do artigo anterior
CCIV	O PAIZ	27/09/1891	2	374	Continuação do artigo anterior
CCV	O PAIZ	05/10/1891	2	379	O Espiritismo e a ciência de seu tempo - Infalibilidade papal
CCVI	O PAIZ	11/10/1891	2	383	Fê cega e fê raciocinada
CCVII	O PAIZ	18/10/1891	2	387	O Espiritismo não é fruto de uma concepção individual
CCVIII	O PAIZ	25/10/1891	2	390	Abundância de fenômenos espíritas e o ceticismo da ciência
CCIX	O PAIZ	01/11/1891	2	394	Comentários sobre os Adventistas, que anunciam o fim do mundo e nova vinda do Cristo
CCX	O PAIZ	08/11/1891	2	398	Prosseguimento dos comentários sobre os Adventistas
CCXI	O PAIZ	15/11/1891	2	402	Notícias sobre as experimentações espíritas de César Lombroso
CCXII	O PAIZ	22/11/1891	2	407	Espiritismo, ciência experimental
CCXIII	O PAIZ	29/11/1891	2	411	Promessa de apresentação de estudos de casos experimentais

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCXIV	O PAIZ	07/12/1891	2	415	Considerações sobre novo artigo de Pinheiro Chagas, sobre o fim do século XIX, que se aproximava
CCXV	O PAIZ	13/12/1891	2	419	Dr. Bezerra atende a dúvidas dos leitores, desta vez sobre reencarnação e memórias progressas - influência do corpo sobre o Espírito
CCXVI	O PAIZ	20/12/1891	2	423	Continuação do artigo anterior
CCXVII	O PAIZ	27/12/1891	2	427	Prosseguimento do artigo anterior, desta vez tratando das evocações.
CCXVIII	O PAIZ	03/01/1892	2	430	Apresentação de um primeiro caso experimental
CCXIX	O PAIZ	10/01/1892	2	434	Apresentação de um primeiro caso experimental (Cont.)
CCXX	O PAIZ	17/01/1892	2	438	Transcrição de mensagem das <i>Obras Póstumas</i> , de Kardec, cujo primeiro tradutor para o português brasileiro foi exatamente o Dr. Bezerra
CCXXI	O PAIZ	24/01/1892	2	442	Nova transcrição de trecho de <i>Obras Póstumas</i> - <i>Breve resposta aos detratores do Espiritismo</i>
CCXXII	O PAIZ	31/01/1892	3	17	Dilúvio bíblico / Noé
CCXXIII	O PAIZ	07/02/1892	3	21	Misoneísmo e progressividade da Revelação
CCXXIV	O PAIZ	14/02/1892	3	25	Depoimento público e emocionante de Dr. Bezerra quando da desencarnação de sua filha Carolina, então com 22 anos, e sobre as doces consolações propiciadas pela Doutrina Espírita nesses transe difíceis
CCXXV	O PAIZ	21/02/1892	3	30	Materialismo e responsabilidade moral
CCXXVI	O PAIZ	28/02/1892	3	34	Materialismo e responsabilidade moral (Cont.)



ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCXXVII	O PAIZ	06/03/1892	3	38	Espiritismo e Catolicismo e sua Doutrina moral
CCXXVIII	O PAIZ	14/03/1892	3	42	O Espiritismo e sua contribuição na explicação de muitos fatos e dos chamados milagres da Bíblia - Sodoma e Gomorra
CCXXIX	O PAIZ	20/03/1892	3	46	Cristianismo, Espiritismo e Positivismo, e suas consequências sociais - Crítica à inclusão do dístico positivista na bandeira brasileira (Ordem e Progresso)
CCXXX	O PAIZ	27/03/1892	3	50	Novas considerações sobre as teorias da vida única e das múltiplas existências, e suas consequências - O caso Silva Jardim
CCXXXI	O PAIZ	03/04/1892	3	55	Desenvolvimento da crítica à inclusão do dístico positivista na banderia brasileira
CCXXXII	O PAIZ	10/04/1892	3	59	A dor e a condição humana - Pecado original
CCXXXIII	O PAIZ	17/04/1892	3	63	Resposta de Dr. Bezerra aos que lhe criticaram pelo depoimento público feito, quando da desencarnação de sua filha Carolina
CCXXXIV	O PAIZ	24/04/1892	3	66	Espíritas e Espíritas - Novas considerações sobre o caso Silva Jardim e sobre a publicação de alegadas mensagens suas na imprensa
CCXXXV	O PAIZ	01/05/1892	3	70	O enigma da vida à luz do Materialismo, do Catolicismo e do Espiritismo
CCXXXVI	O PAIZ	09/05/1892	3	74	Mistificações - Necessidade de exame das mensagens recebidas - Novas considerações sobre o caso Silva Jardim - Resposta pública ao artigo do Presidente do Grupo Lealdade
CCXXXVII	O PAIZ	15/05/1892	3	78	Origem do Homem - O Mito de Adão - Paraíso Bíblico - População da Terra

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCXXXVIII	O PAIZ	23/05/1892	3	82	Novo artigo sobre Mistificações - Conclusão do caso Silva Jardim
CCXXXIX	O PAIZ	30/05/1892	3	85	Vida e Morte - Corpo e Espírito - Estudo à luz do Baghavat-Gita
CCXL	O PAIZ	05/06/1892	3	89	Reencarnação e Karma - Estudo à luz do Baghavat-Gita
CCXLI	O PAIZ	13/06/1892	3	93	Criação, Evolução e Povoamento da Terra
CCXLII	O PAIZ	19/06/1892	3	97	Superioridade das novas gerações e o progresso do Espírito
CCXLIII	O PAIZ	26/06/1892	3	100	Estudo do fenômeno da Profecia - Análise da Profecia das Sete Semanas, do Livro de Daniel
CCXLIV	O PAIZ	03/07/1892	3	104	Reencarnação e Karma - Escolha das Provas - Necessidade da resignação
CCXLV	O PAIZ	10/07/1892	3	108	Novas notícias sobre as experiências espíritas de César Lombroso
CCXLVI	O PAIZ	17/07/1892	3	112	Novas notícias sobre as experiências espíritas de César Lombroso (Cont.)
CCXLVII	O PAIZ	25/07/1892	3	116	Novas notícias sobre as experiências espíritas de César Lombroso (Cont.)
CCXLVIII	O PAIZ	31/07/1892	3	120	Morte e fatalismo
CCXLIX	O PAIZ	07/08/1892	3	124	Fotografia espírita
CCL	O PAIZ	14/08/1892	3	128	Celebração da abertura de novo espaço na imprensa fluminense para a Doutrina Espírita
CCLI	O PAIZ	21/08/1892	3	132	Estudo acerca do Suicídio
CCLII	O PAIZ	28/08/1892	3	136	Protesto contra o uso do charlatanismo para ridicularizar o Espiritismo
CCLIII	O PAIZ	04/09/1892	3	140	Espiritismo, Materialismo e a Dualidade Universal - Matéria, Força e Espírito

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCLIV	O PAIZ	11/09/1892	3	144	Ensaio sobre a Guerra
CCLV	O PAIZ	19/09/1892	3	148	Artigo dedicado só aos Espíritas - Transcrição de uma mensagem de Allan Kardec - Importância da União entre os espíritas
CCLVI	O PAIZ	25/09/1892	3	152	Continuação do artigo anterior - Importância de método também no trabalho espiritual
CCLVII	O PAIZ	03/10/1892	3	156	Existência de Deus
CCLVIII	O PAIZ	10/10/1892	3	160	Reconhecimento por parte da ciência da realidade dos fenômenos espíritas - discussão em torno de suas causas
CCLIX	O PAIZ	17/10/1892	3	164	Mais notícias sobre as pesquisas espíritas de César Lombroso
CCLX	O PAIZ	24/10/1892	3	168	Casos de materialistas que buscam conhecer o Espiritismo pela verificação experimental
CCLXI	O PAIZ	31/10/1892	3	172	Existência de Deus ( Cont.) - Perfectibilidade humana - Criação Universal
CCLXII	O PAIZ	07/11/1892	3	176	Notas sobre a Celebração do dia dos mortos
CCLXIII	O PAIZ	13/11/1892	3	180	Espiritismo e Diabolismo - Demônio, Inferno, Penas Eternas - Nova resposta aos ataques da Igreja
CCLXIV	O PAIZ	20/11/1892	3	185	Ensaio sobre a Origem do Espírito
CCLXV	O PAIZ	27/11/1892	3	189	Mensagens de um habitante de Vênus
CCLXVI	O PAIZ	05/12/1892	3	193	Mensagens de um habitante de Vênus (Cont.)
CCLXVII	O PAIZ	11/12/1892	3	197	Caso de jovem materialista que se abriu à experimentação espiritual
CCLXVIII	O PAIZ	20/12/1892	3	201	Análise crítica de artigos publicados em <i>O Paiz</i> sobre as experimentações de Lombroso, assinados por alguém que se servia de pseudônimo

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCLXIX	O PAIZ	25/12/1892	3	205	Desprendimento do Espírito durante o sono - Sonhos
CCLXX	O PAIZ	02/01/1893	3	209	Celebração dos primeiros quatro anos da série <i>Estudos Filosóficos</i>
CCLXXI	O PAIZ	08/01/1893	3	214	Dr. Bezerra responde a questionamentos sobre as mensagens do habitante de Vênus
CCLXXII	O PAIZ	16/01/1893	3	218	Novo artigo dedicado apenas aos espíritas - Nova transcrição de mensagem de Allan Kardec
CCLXXIII	O PAIZ	22/01/1893	3	223	Novo artigo dedicado apenas aos espíritas - Nova transcrição de mensagem de Allan Kardec (Cont.)
CCLXXIV	O PAIZ	29/01/1893	3	228	Análise da mensagem transcrita - Cura das obsessões
CCLXXV	O PAIZ	05/02/1893	3	232	Análise da mensagem transcrita - Cura das obsessões (Cont.)
CCLXXVI	O PAIZ	13/02/1893	3	236	Estudo complementar sobre a Obsessão
CCLXXVII	O PAIZ	20/02/1893	3	240	Hipnotismo e Homeopatia, precursores da aceitação da Medicina Fluidica
CCLXXVIII	O PAIZ	27/02/1893	3	244	O miraculoso, o sobrenatural e as leis imutáveis da Criação
CCLXXIX	O PAIZ	06/03/1893	3	249	Progressividade da Revelação - Amor ao próximo
CCLXXX	O PAIZ	12/03/1893	3	254	Dr. Bezerra responde aos confrades que lhe chamam de místico
CCLXXXI	O PAIZ	19/03/1893	3	259	O miraculoso, o sobrenatural e a progressividade da Revelação
CCLXXXII	O PAIZ	26/03/1893	3	263	Novas considerações acerca do Materialismo e a responsabilidade moral
CCLXXXIII	O PAIZ	02/04/1893	3	267	Novo paralelo entre as doutrinas da vida única e a das múltiplas existências
CCLXXXIV	O PAIZ	10/04/1893	3	271	Análise de caso real: justiça divina e o sofrimento de homens de bem

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCLXXXV	O PAIZ	17/04/1893	3	275	Resposta aos homens de ciência que criticam a explicação que dá dos fenômenos mediúnicos o Espiritismo
CCLXXXVI	O PAIZ	23/04/1893	3	279	Resposta aos homens de ciência que criticam a explicação que dá dos fenômenos mediúnicos o Espiritismo (Cont.)
CCLXXXVII	O PAIZ	30/04/1893	3	283	Novo paralelo entre Espiritismo e Positivismo
CCLXXXVIII	O PAIZ	07/05/1893	3	287	Notas sobre a Eucaristia
CCLXXXIX	O PAIZ	15/05/1893	3	291	Corpos terrestres e Corpos Celestes - Evolução Espiritual
CCXC	O PAIZ	22/05/1893	3	295	Fé passiva e fanatismo
CCXCI	O PAIZ	29/05/1893	3	299	Novas considerações sobre Espiritismo e Diabolismo
CCXCII	O PAIZ	05/06/1893	3	303	Novas considerações sobre a relação entre Materialismo e os descaminhos da Igreja
CCXCIII	O PAIZ	13/06/1893	3	308	Ensaio sobre a Evolução das ideias
CCXCIV	O PAIZ	19/06/1893	3	312	Estudo da "Gênesis" mosaica
CCXCV	O PAIZ	26/06/1893	3	316	Novas considerações sobre a Existência de Deus - Evolução das faculdades humanas
CCXCVI	O PAIZ	03/07/1893	3	320	Racionalismo e materialismo
CCXCVII	O PAIZ	10/07/1893	3	324	Novo estudo sobre o materialismo e a sobrevivência do Espírito depois da morte
CCXCVIII	O PAIZ	17/07/1893	3	328	Interessante parábola, de natureza oriental, proposta por Dr. Bezerra
CCXCIX	O PAIZ	24/07/1893	3	332	Expição, Karma e materialismo
CCC	O PAIZ	31/07/1893	3	336	Dr. Bezerra comenta acerca de estranho episódio ocorrido em Berra, Itália - o esvaziamento da Igreja Católica

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCI	O PAIZ	07/08/1893	3	340	Análise de um outro caso real, ocorrido com uma das netas de Walter Scott
CCCII	O PAIZ	14/08/1893	3	344	O materialista e o espírita diante da morte
CCCIII	O PAIZ	21/08/1893	3	349	Nova resposta a críticas feitas sobre as mensagens do habitante de Vênus
CCCIV	O PAIZ	28/08/1893	3	353	Novo ensaio sobre a progressividade da Revelação e do conhecimento humano
CCCV	O PAIZ	04/09/1893	3	357	Nova resposta aos jornais da época, que associaram Espiritismo e loucura
CCCVI	O PAIZ	11/09/1893	3	361	Estudo sobre o Espiritismo e seus benéficos efeitos nos casos de Obsessão
CCCVII	O PAIZ	18/09/1893	3	365	Comentários sobre a obra <i>O homem através dos mundos</i> , de José Balsamo - Estacionarismo da Igreja - Infalibilidade Papal
CCCVIII	O PAIZ	25/09/1893	3	369	Continuação do artigo anterior - notas sobre a pretensa autoridade da Igreja
CCCIX	O PAIZ	02/10/1893	3	374	Nova resposta aos artigos do padre Sena Freitas
CCCX	O PAIZ	09/10/1893	3	379	Novas considerações sobre a reação da Igreja à obra de José Balsamo
CCCXI	O PAIZ	16/10/1893	3	384	Continuação da análise da obra de José Balsamo
CCCXII	O PAIZ	23/10/1893	3	388	Dr. Bezerra comenta o caso de um padre que reconheceu a realidade da comunicação dos Espíritos, contrariando a ortodoxia da Igreja a esse respeito
CCCXIII	O PAIZ	30/10/1893	3	392	Manifestação do Espírito Charcot - Relato de caso espírita ocorrido com o notável cientista, pouco tempo antes de sua morte
CCCXIV	O PAIZ	06/11/1893	3	397	Nova defesa do Espiritismo, daqueles que o acusam de promover a loucura

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCXV	O PAIZ	13/11/1893	3	401	Perspectivas do século XX e o advento da Era do Espírito - futuro da mediunidade
CCCXVI	O PAIZ	20/11/1893	3	405	Resposta de Dr. Bezerra às críticas sofridas depois de seu último artigo, sobre a marcha evolutiva da humanidade
CCCXVII	O PAIZ	27/11/1893	3	409	Fim do Mundo - Transição Planetária
CCCXVIII	O PAIZ	04/12/1893	3	413	A Geena e seu fogo "eterno"
CCCXIX	O PAIZ	11/12/1893	3	417	Novo ensaio sobre a Existência de Deus
CCCXX	O PAIZ	18/12/1893	3	421	O Espírito da Verdade e o Espírito Santo
CCCXXI	O PAIZ	25/12/1893	3	425	Mensagem de Natal
CCCXXII	O PAIZ	01/01/1894	3	429	Dr. Bezerra atende a dúvidas dos leitores, desta vez sobre mediunidade
CCCXXIII	O PAIZ	08/01/1894	3	433	Continuação do artigo anterior
CCCXXIV	O PAIZ	15/01/1894	3	438	Crescimento do materialismo - Relato de caso de cura obtida pelo médium João Gonçalves do Nascimento
CCCXXV	O PAIZ	22/01/1894	3	442	A Universalidade da dor e seu estudo filosófico
CCCXXVI	O PAIZ	29/01/1894	3	446	Dr. Bezerra atende a novas dúvidas de leitores, desta vez sobre a encarnação
CCCXXVII	O PAIZ	05/02/1894	3	450	Continuação do artigo anterior, desta vez tratando da criação dos Espíritos e a população da Terra
CCCXXVIII	O PAIZ	12/02/1894	4	17	Dr. Bezerra atende a novas dúvidas dos leitores, desta vez sobre a vida errante e a pluralidade dos mundos habitados

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCXXIX	O PAIZ	19/12/1894	4	21	Dr. Bezerra segue atendendo às dúvidas do mesmo leitor, agora tratando da sobrevivência à morte da alma animal
CCCXXX	O PAIZ	26/02/1894	4	25	Prosseguimento do mesmo atendimento, falando acerca do perispirito
CCCXXXI	O PAIZ	05/03/1894	4	29	Dr. Bezerra comenta críticas feitas ao volume <i>A Ciência dos Espíritos</i> , de Éliphas Lévi, no jornal <i>O Paiz</i>
CCCXXXII	O PAIZ	12/03/1894	4	33	Continuação do artigo anterior
CCCXXXIII	O PAIZ	19/03/1894	4	37	Ensaio sobre a perfectibilidade humana e seus dois componentes principais e necessários: a virtude e a sabedoria
CCCXXXIV	O PAIZ	26/03/1894	4	41	Ensaio sobre o homem diante da morte
CCCXXXV	O PAIZ	02/04/1894	4	44	Ensaio sobre a universalidade da dor em nosso mundo - Terra, mundo de expiação e provas
CCCXXXVI	O PAIZ	09/04/1894	4	47	Novos comentários sobre a progressividade da Revelação, dedicado especialmente aos católicos
CCCXXXVII	O PAIZ	16/04/1894	4	51	Novas considerações sobre a obra de Éliphas Lévi, <i>A Ciência dos Espíritos</i> , a propósito da publicação de novos artigos em <i>O Paiz</i> sobre o tema, de alguém que os subscreve como "N" e que os dedicou a "Max"
CCCXXXVIII	O PAIZ	23/04/1894	4	55	Continuação do artigo anterior
CCCXXXIX	O PAIZ	30/04/1894	4	59	Continuação do artigo anterior
CCCXL	O PAIZ	07/05/1894	4	63	Continuação do artigo anterior
CCCXLI	O PAIZ	14/05/1894	4	67	Continuação do artigo anterior - Novo estudo comparativo entre Espiritismo, Catolicismo e Materialismo



ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCXLII	O PAIZ	21/05/1894	4	71	Prosseguimento do estudo iniciado no artigo anterior
CCCXLIII	O PAIZ	28/05/1894	4	75	Conclusão do referido estudo
CCCXLIV	O PAIZ	04/06/1894	4	79	Conclusão das respostas à N - Menção a comunicações mediúnicas de Benjamin Constant, apontado como "Fundador da República" - Notícias de sua condição na vida espiritual
CCCXLV	O PAIZ	11/06/1894	4	83	Considerações sobre caso de policia envolvendo grupos que se apresentavam como espíritas - Distinção dentre Espiritismo e espiritismo - Transcrição de correspondência de Willian Crookes, ratificando as conclusões de suas pesquisas espíritas, anos depois da publicação de seus resultados
CCCXLVI	O PAIZ	18/06/1894	4	87	Novos comentários acerca do Materialismo, a propósito de uma discussão entre o Sr. Xavier de Brito e o jornal <i>O Paiz</i>
CCCXLVII	O PAIZ	25/06/1894	4	91	Dr. Bezerra reforça nesse artigo a conceituação do Espiritismo como religião científica, e brinda-nos com a trascrição de trecho inédito de uma obra sua, a esse respeito.
CCCXLVIII	O PAIZ	02/07/1894	4	96	Espiritismo e Misoneísmo
CCCXLIX	O PAIZ	09/07/1894	4	100	Ensaio acerca das causas dos fenômenos espíritas - sua comprovação experimental - estudo de caso
CCCL	O PAIZ	16/07/1894	4	105	Materialismo e Juventude
CCCLI	O PAIZ	23/07/1894	4	110	Novas observações acerca do Materialismo - defesa da liberdade de pensamento - convite à experimentação mediúnica

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCLII	O PAIZ	30/07/1894	4	114	Novas considerações acerca do Materialismo e a responsabilidade moral
CCCLIII	O PAIZ	06/08/1894	4	118	Ensaio filosófico sobre a essência das coisas e dos fenômenos - registro do contato e das experimentações feitas com o médium americano Henry Slade
CCCLIV	O PAIZ	13/08/1894	4	123	Continuação do ensaio sobre a essência das coisas e dos fenômenos
CCCLV	O PAIZ	20/08/1894	4	127	Registro do contato com dois jovens materialistas interessados em experimentação espiritual
CCCLVI	O PAIZ	27/08/1894	4	131	Novo estudo acerca das consequências do Materialismo na vida pessoal e social
CCCLVII	O PAIZ	03/09/1894	4	135	Novas respostas de Dr. Bezerra a questões de seus leitores - Relação entre corpo e Espírito na infância - Aborto
CCCLVIII	O PAIZ	10/09/1894	4	139	Novas respostas de Dr. Bezerra a questões de seus leitores, agora sobre a proibição das comunicações mediúnicas por parte de Moisés
CCCLIX	O PAIZ	24/09/1894	4	143	Inconciabilidade do amor de Deus e a teoria das penas eternas - Salvação universal
CCCLX	O PAIZ	01/10/1894	4	147	Novo estudo sobre o suicídio, a propósito da proibição decretada pela Igreja de sufragar-se as cinzas de suicidas.
CCCLXI	O PAIZ	08/10/1894	4	151	Continuação do estudo sobre a inconciabilidade do amor de Deus e a teoria das penas eternas
CCCLXII	O PAIZ	15/10/1894	4	155	Transcrição de alentada página de um bispo do México, D. José Maria Gonzales Elisardo, acerca do Espiritismo
CCCLXIII	O PAIZ	22/10/1894	4	161	Celebração dos primeiros sete anos da série <i>Estudos Filosóficos</i>

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCLXIV	O PAIZ	30/10/1894	4	164	Novo ensaio sobre Ciência e Espiritismo - comentários sobre crítica feita pelo <i>Jornal do Comércio</i> acerca de pesquisa feita na Inglaterra sobre fenômenos espíritas - Estudo de caso real
CCCLXV	O PAIZ	05/11/1894	4	169	Novo estudo de caso real
CCCLXVI	O PAIZ	12/11/1894	4	173	Mensagem mediúnica de Camões, através do médium Frederico Pereira da Silva Jr.
CCCLXVII	O PAIZ	19/11/1894	4	177	Novas respostas de Dr. Bezerra a seus leitores, desta vez sobre o tema das obsessões
CCCLXVIII	O PAIZ	26/11/1894	4	180	Transcrição de nova mensagem mediúnica de Camões, obtida por outro médium
CCCLXIX	O PAIZ	03/12/1894	4	184	Novas respostas de Dr. Bezerra a seus leitores, desta vez sobre o fenômeno de transporte
CCCLXX	O PAIZ	10/12/1894	4	187	Continuação do artigo anterior, sobre o fenômeno de transporte
CCCLXXI	O PAIZ	24/12/1894	4	191	Homenagem póstuma ao confrade Manoel Antônio de Mello, patrocinador da publicação da série <i>Estudos Filosóficos</i> , entre outras grandes contribuições ao nosso movimento espírita brasileiro do século XIX - Anúncio da mudança da coluna para o <i>Jornal do Brasil</i> - Estudo de novo caso de fenomenologia mediúnica
CCCLXXII	JB	07/01/1895	4	195	Continuação da pequena série de artigos sobre o fenômeno de transporte
CCCLXXIII	JB	14/01/1895	4	195	Continuação da pequena série de artigos sobre o fenômeno de transporte
CCCLXXIV	JB	21/01/1895	4	195	Conclusão da pequena série de artigos sobre o fenômeno de transporte

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCLXXV	JB	28/01/1895	4	195	Transcrição de bela mensagem do Frei José dos Mártires, protetor de Antônio Luiz Sayão, sobre o dia dos mortos
CCCLXXVI	JB	04/02/1895	4	195	Anúncio de nova série de artigos ,com o tema "Jesus não é Deus"
CCCLXXVII	JB	11/02/1895	4	195	Início da série
CCCLXXVIII	JB	18/02/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXIX	JB	25/02/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXX	JB	04/03/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXI	JB	11/03/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXII	JB	18/03/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXIII	JB	25/03/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXIV	JB	01/04/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXV	JB	08/04/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXVI	JB	15 e 16/04/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXVII	JB	22/04/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXVIII	JB	29/04/1895	4	195	Continuação da série
CCCLXXXIX	JB	09/05/1895	4	195	Continuação da série
CCCXC	JB	13/05/1895	4	195	Continuação da série
CCCXCI	JB	20/05/1895	4	195	Continuação da série

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CCCXCII	JB	27/05/1895	4	195	Continuação da série
CCCXCIII	JB	04/06/1895	4	195	Continuação da série
CCCXCIV	JB	10/06/1895	4	195	Conclusão da série
CCCXCV	JB	17/06/1895	4	195	Notas sobre o Concílio de Niceia e a ortodoxia romana - Arianismo - Divindade de Jesus
CCCXCVI	JB	24/06/1895	4	195	Ensaio sobre a existência da dor no mundo e a Justiça Divina - Pecado Original e responsabilidade individual - Penas eternas e Salvação Universal - Progressividade das revelações
CCCXCVII	JB	01/07/1895	4	195	Reencarnação de Elias como João Batista - divergências entre o Evangelho e os ensinamentos da Igreja
CCCXCVIII	JB	08/07/1895	4	195	O Espiritismo como o Consolador Prometido - Impossibilidade da Igreja receber a Nova Revelação - Parábola do servo infiel
CCCXCIX	JB	15/07/1895	4	195	A ortodoxia dos membros da Igreja e a influência do meio
CD	JB	22/07/1895	4	195	Transição planetária - Os tempos são chegados - A indiferença dos sábios e a atenção dos simples - Relato de novo caso real
CDI	JB	29/07/1895	4	195	Novo paralelo entre Espiritismo, Materialismo e Catolicismo: o destino do homem depois da morte
CDII	JB	05/08/1895	4	195	Continuação do artigo anterior
CDIII	JB	12/08/1895	4	195	Novas considerações acerca dos efeitos do materialismo e do Espiritismo diante das adversidades da existência

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDIV	JB	19/08/1895	4	195	Estudo dos casos de aversão e ódio maternal
CDV	JB	26/08/1895	4	195	Comentários sobre preleção de sacerdote que admitiu comunicações mediúnicas não diabólicas em regime de exceção
CDVI	JB	02/09/1895	4	195	Continuação do artigo anterior
CDVII	JB	09/09/1895	4	195	Continuação do artigo anterior
CDVIII	JB	16/09/1895	4	195	Necessidade de filtro nos ensinos da Igreja - Progressividade das Revelações
CDIX	JB	23/09/1895	4	195	Continuação da conversa com o padre que admitiu as comunicações mediúnicas, desta vez tratando da reencarnação
CDX	JB	30/09/1895	4	195	A perfectibilidade humana frente às teorias da vida única e das múltiplas existências
CDXI	JB	07/10/1895	4	195	Juízo final e o juízo depois da morte
CDXII	JB	14/10/1895	4	195	Espiritismo e Diabolismo
CDXIII	JB	21/10/1895	4	195	Vista rápida da Cosmogonia Espírita
CDXIV	JB	11/11/1895	4	195	Diferenças entre o movimento espírita brasileiro e os do hemisfério norte: ênfase em efeitos morais x ênfase em experimentações científicas
CDXV	JB	18/11/1895	4	195	Continuação do artigo anterior
CDXVI	JB	25/11/1895	4	195	Paralelo do comportamento dos "sábios" locais e os do estrangeiro em relação aos fenômenos espíritas - Anúncio da transferência da coluna <i>Estudos Filosóficos</i> para a <i>Gazeta de Notícias</i>

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDXVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	01/12/1895	4	201	Nova resposta a críticas ao Espiritismo feitas pela Igreja
CDXVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	08/12/1895	4	205	Análise de relatório policial publicado no <i>Jornal do Comércio</i> , sobre o caso da morte de uma mulher em sessão espírita
CDXIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	17/12/1895	4	209	Continuação do artigo anterior
CDXX	GAZETA DE NOTÍCIAS	22/12/1895	4	215	Novo estudo sobre a mediunidade receitista - Destaque para o trabalho do médium João Gonçalves do Nascimento
CDXXI	GAZETA DE NOTÍCIAS	29/12/1895	4	220	Crítica do enxerto inserido na edição de <i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i> , publicada pela Sociedade Acadêmica Deus Cristo e Caridade
CDXXII	GAZETA DE NOTÍCIAS	05/01/1896	4	224	Nova defesa do movimento e spírita em relação ao Código Penal então em vigor, que criminaliza a prática do Espiritismo
CDXXIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	12/01/1896	4	228	Nova resposta a críticas ao Espiritismo feitas pela Igreja
CDXXIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	20/01/1896	4	233	Continuação do artigo anterior
CDXXV	GAZETA DE NOTÍCIAS	28/01/1896	4	237	Nova defesa do movimento espírita, associado a feitiçaria em artigo de jornal
CDXXVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	02/02/1896	4	241	Nova resposta a críticas ao Espiritismo feitas pela Igreja
CDXXVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	09/02/1896	4	245	Transcrição de mensagem mediúnica de um intelectual ultramontano, reconhecendo os erros de sua ortodoxia, quando encarnado, e defendendo agora o Espiritismo
CDXXVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	16/02/1896	4	249	Nova resposta a críticas ao Espiritismo feitas pela Igreja - Transcrição de trecho da obra <i>Roma e o Evangelho</i>

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDXXIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	23/02/1896	4	254	Continuação do artigo anterior, com transcrição de novo trecho da obra <i>Roma e o Evangelho</i>
CDXXX	GAZETA DE NOTÍCIAS	01/03/1896	4	258	Novo estudo sobre as causas dos fenômenos espíritas - crítica ao conceito de Força inteligente, proposto por alguns dos estudiosos da época
CDXXXI	GAZETA DE NOTÍCIAS	08/03/1896	4	262	Hipnotismo e Espiritismo
CDXXXII	GAZETA DE NOTÍCIAS	15/03/1896	4	266	Relato das experiências do Dr. Robert Chambers com os fenômenos espíritas
CDXXXIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	22/03/1896	4	270	Nova defesa do Espiritismo contra a acusação de Diabolismo - Transcrição de relato de fenômeno mediúnico feito pelo Abade Almignana, dedicada aos redatores do jornal católico <i>O Apóstolo</i>
CDXXXIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	07/04/1896	4	275	Continuação do artigo anterior
CDXXXV	GAZETA DE NOTÍCIAS	12/04/1896	4	279	Continuação do artigo anterior
CDXXXVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	19/04/1896	4	283	Breves comentários acerca dos ensinamentos de João Evangelista sobre a diferenciação de bons e maus Espíritos nas comunicações mediúnicas - prosseguimento da transcrição de textos do Abade Almignana
CDXXXVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	27/04/1896	4	287	Mensagem de pesar pela desencarnação do Padre Loreto, um dos proprietários e redatores do jornal <i>O Apóstolo</i> , um dos mais denodados opositores de Dr. Bezerra em sua série de artigos.
CDXXXVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	03/05/1896	4	290	Paulo de Tarso e seus ensinamentos acerca do Perispírito
CDXXXIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	16/05/1896	4	295	Notícias de progresso na aceitação dos retratos de Espíritos, na Europa, em contraposição com precipitada associação de Espiritismo com bruxaria em um caso de polícia, no Brasil



ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDXL	GAZETA DE NOTÍCIAS	27/05/1896	4	299	Novas considerações sobre os retratos de Espíritos
CDXLI	GAZETA DE NOTÍCIAS	31/05/1896	4	303	Críticas ao posicionamento do jornalista Xavier de Carvalho sobre o futuro dos estudos dos fenômenos espíritas
CDXLII	GAZETA DE NOTÍCIAS	07/06/1896	4	307	Prosseguimento da transcrição de trechos de Almignana, dedicados aos diretores do <i>Apóstolo</i>
CDXLIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	14/06/1896	4	311	Novo ensaio sobre livre-arbítrio, responsabilidade moral e os mecanismos de sanção ou prêmio das leis divinas
CDXLIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	25/06/1896	4	315	Comentários sobre um fenômeno mediúnic vivido por Santa Catarina, grande teóloga e filósofa italiana do século XIV
CDXLV	GAZETA DE NOTÍCIAS	28/06/1896	4	319	Novo ensaio sobre a pluralidade das existências, dedicado também aos redatores do <i>Apóstolo</i>
CDXLVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	05/07/1896	4	323	Críticas ao comportamento de um bispo que negou-se a rezar uma missa pela alma de um maçom
CDXLVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	14/07/1896	4	327	Novo relato de caso real de fenômeno mediúnic
CDXLVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	19/07/1896	4	331	Continuação do artigo anterior, com relato de novo episódio
CDXLIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	26/07/1897	4	335	Relato e comentários acerca de fenômenos ocorridos na hora da morte
CDL	GAZETA DE NOTÍCIAS	03/08/1896	4	339	Fê passiva e fê raciocinada
CDLI	GAZETA DE NOTÍCIAS	09/08/1896	4	343	Notícia e comentários sobre o lançamento da obra <i>A Exteriorização da Motricidade</i> , de Albert de Rochas, em Paris
CDLII	GAZETA DE NOTÍCIAS	22/08/1896	4	347	Espiritismo e a Ciência dos Fluidos - Hipnotismo - Sonambulismo - Magnetismo - Sugestão e Obsessão

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDLIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	01/09/1896	4	351	Transcrição de novo trecho da obra <i>Roma e o Evangelho</i> , novamente dedicada aos redatores do Apóstolo
CDLIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	16/09/1896	4	355	Materialismo, Positivismo e Suicídio
CDLV	GAZETA DE NOTÍCIAS	27/09/1896	4	359	Considerações sobre tentativa de ridiculização do Espiritismo publicada no <i>Jornal do Comércio</i> , assinados por alguém com o pseudônimo de G.
CDLVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	04/10/1896	4	363	Continuação do artigo anterior
CDLVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	13/10/1896	4	367	Notas sobre o caso de Professor Alemão que prometeu arrasar com o Espiritismo em sessões públicas, em São Paulo
CDLVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	11/11/1896	4	371	Nova resposta a ataque dos redatores do <i>Apóstolo</i> , assinalando o a extraordinária propagação do movimento espírita à época
CDLIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	17/11/1896	4	375	Novas considerações sobre a crise moral da Igreja e a mercantilização do sagrado - Transcrição de novos trechos de <i>Roma e o Evangelho</i>
CDLX	GAZETA DE NOTÍCIAS	01/12/1896	4	378	Resposta a nova tentativa de ridiculização do Espiritismo, desta vez da parte da redação do <i>Apóstolo</i>
CDLXI	GAZETA DE NOTÍCIAS	06/12/1896	4	382	Continuação do estudo sobre a crise moral da Igreja
CDLXII	GAZETA DE NOTÍCIAS	13/12/1896	4	386	Espiritismo, religião científica - Papel do Espiritismo na aproximação entre Ciência e Religião
CDLXIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	20/12/1896	4	390	Início de série de artigos para responder também a uma sucessão de novos ataques por parte da redação do <i>Apóstolo</i> , na forma de uma coleção de artigos denominada <i>O Espiritismo e o Bom Senso</i>
CDLXIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	27/12/1896	4	394	Continuação do artigo anterior

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDLXV	GAZETA DE NOTÍCIAS	08/01/1897	4	398	Continuação do artigo anterior
CDLXVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	20/01/1897	4	402	Continuação do artigo anterior
CDLXVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	28/01/1897	4	406	Continuação do artigo anterior
CDLXVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	11/02/1897	4	410	Continuação do artigo anterior - inclusão do padre Júlio Maria, de Barbacena, nas respostas dadas à série de artigos <i>Espiritismo e o bom senso</i>
CDLXIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	17/02/1897	4	414	O Espiritismo é o Cristianismo redivivo. Roma, combatendo-o, repete os erros do Sacerdócio hebreu que condenou a Jesus.
CDLXX	GAZETA DE NOTÍCIAS	22/02/1897	4	418	Novas considerações sobre o mito da existência do demônio, desta vez dedicadas ao padre Júlio Maria
CDLXXI	GAZETA DE NOTÍCIAS	09/03/1897	4	422	Crítica à interpretação católica da Queda dos Anjos - Os demônios são apenas Espíritos atrasados - Progressividade da Revelação e o erro da ortodoxia fanática
CDLXXII	GAZETA DE NOTÍCIAS	06/04/1897	4	426	Dr. Bezerra responde a um leitor sobre se deve ou não tomar a obra de Antônio Luiz Sayão como base para seus estudos - Resposta traz o mais belo elogio até hoje recebido pelas obras de Sayão e Roustaing
CDLXXIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	11/05/1897	4	430	Crítica à imprensa e à associação sistemática e maldosa do Espiritismo com problemas que não lhe dizem respeito
CDLXXIV	GAZETA DE NOTÍCIAS	18/05/1897	4	434	Espiritismo e a Ciência - Resistências enfrentadas e avanços obtidos - Relação de grandes vultos da ciência que já o estudaram e confirmaram a sua realidade

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDLXXV	GAZETA DE NOTÍCIAS	24/05/1897	4	438	Manifesto de respeito do Espiritismo à Igreja, apesar das divergências e da perseguição sofrida. Nova transcrição de trecho de <i>Roma e o Evangelho</i>
CDLXXVI	GAZETA DE NOTÍCIAS	08/06/1897	4	442	O Espiritismo e sua comprovação experimental - Mediunidade receiptista
CDLXXVII	GAZETA DE NOTÍCIAS	23/06/1897	4	445	Nova crítica ao dístico positivista de nossa bandeira - Ordem e Progresso
CDLXXVIII	GAZETA DE NOTÍCIAS	12/07/1897	4	449	Novo ensaio sobre as profecias - Estudo de caso
CDLXXIX	GAZETA DE NOTÍCIAS	21/07/1897	4	453	Novas considerações sobre os ensinamentos de João Evangelista sobre como lidar com a comunicação dos Espíritos, e sobre como diferenciar os bons dos maus (I Jo. 4:1)
CDLXXX	GAZETA DE NOTÍCIAS	20/09/1897	4	457	Relato de comunicação mediúnica de Buekner, um dos maiores vultos do materialismo
CDLXXXI	GAZETA DE NOTÍCIAS	15/10/1897	4	460	Transição planetária - O fim do mundo previsto nos Evangelhos é moral e não físico
CDLXXXII	GAZETA DA TARDE	30/10/1897	5	21	Ensaio sobre a Evolução, do átomo ao arcanjo - Crítica ao dogma católico da criação em separado de anjos e humanos
CDLXXXIII	GAZETA DA TARDE	13/11/1897	5	25	Novas considerações sobre o dístico positivista de nossa bandeira
CDLXXXIV	GAZETA DA TARDE	22/11/1897	5	29	Estudo e crítica do dogma das penas eternas
CDLXXXV	GAZETA DA TARDE	27/11/1897	5	32	Ensaio sobre o sofrimento dos bons e a Justiça Divina
CDLXXXVI	GAZETA DA TARDE	04/12/1897	5	35	Comentários sobre o socialismo-anarquista - Roma como a causa de toda a descrença e incredulidade
CDLXXXVII	GAZETA DA TARDE	11/12/1897	5	39	Novo paralelo entre Materialismo, Catolicismo e Espiritismo, desta vez sobre como o homem encara e enfrenta as adversidades da vida

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
CDLXXXVIII	GAZETA DA TARDE	18/12/1897	5	43	Novas considerações sobre o Suicídio
CDLXXXIX	GAZETA DA TARDE	25/12/1897	5	47	Artigo dedicado ao espíritas - Principal diferença entre o Espiritismo e a Igreja - A interpretação literal ou em espírito e verdade dos Evangelhos - Orgulho e humildade
CDXC	GAZETA DA TARDE	03/01/1897	5	51	Complemento das observações anteriores feitas sobre a obra A Ciência dos Espíritos, de Eliphas Levy
CDXCI	GAZETA DA TARDE	08/01/1898	5	55	Continuação do artigo anterior
CDXCII	GAZETA DA TARDE	15/01/1898	5	59	No ensaio sobre os sonhos
CDXCIII	GAZETA DA TARDE	22/01/1898	5	62	Novas considerações sobre o dístico positivista de nossa bandeira
CDXCIV	GAZETA DA TARDE	29/01/1898	5	66	Novo paralelo entre Materialismo, Catolicismo e Espiritismo, desta vez sobre o altruísmo
CDXCV	GAZETA DA TARDE	12/02/1898	5	70	Continuação do artigo anterior
CDXCVI	GAZETA DA TARDE	21/02/1898	5	73	Defesa do médium Eduardo Silva e da mediunidade de cura
CDXCVII	GAZETA DA TARDE	28/02/1898	5	77	Continuação do artigo anterior
CDXCVIII	GAZETA DA TARDE	05/03/1898	5	81	Resposta aos que então consideravam os espíritas pessoas “desequilibradas”
CDXCIX	GAZETA DA TARDE	12/03/1898	5	84	Novo ensaio sobre o princípio causal dos fenômenos espíritas - o Espírito - e as controvérsias em torno do tema
D	GAZETA DA TARDE	26/03/1898	5	87	Continuação do artigo anterior
DI	GAZETA DA TARDE	02/04/1898	5	90	Continuação do artigo anterior - Estudo de caso de efeitos físicos em “casa assombrada”

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
DII	GAZETA DA TARDE	09/04/1898	5	93	Nova defesa do médium Eduardo Silva e da mediunidade de cura
DIII	GAZETA DA TARDE	16/04/1898	5	97	Continuação do artigo anterior
DIV	GAZETA DA TARDE	25/04/1898	5	101	Continuação do artigo anterior
DV	GAZETA DA TARDE	30/04/1898	5	105	Importância da distinção do verdadeiro Espiritismo das suas contrafações, dos que só se servem de seu nome para atender a interesses menores
DVI	GAZETA DA TARDE	14/05/1898	5	108	Resposta às críticas feitas ao Espiritismo por outro órgão de imprensa católico,
DVII	GAZETA DA TARDE	21/05/1898	5	112	Continuação do artigo anterior
DVIII	GAZETA DA TARDE	04/06/1898	5	116	A Santíssima Trindade e o Politeísmo
DIX	GAZETA DA TARDE	11/06/1898	5	120	Início de longa controvérsia com Lauresto - pseudônimo de Nicolau Soares do Couto Escher - que no jornal <i>O Estandarte</i> fomentava a ação policial contra os centros espíritas
DX	GAZETA DA TARDE	18/06/1898	5	124	Continuação do artigo anterior
DXI	GAZETA DA TARDE	27/06/1898	5	128	Continuação do artigo anterior
DXII	GAZETA DA TARDE	02/07/1898	5	133	Continuação do artigo anterior
DXIII	GAZETA DA TARDE	09/07/1898	5	138	Novas considerações sobre a Santíssima Trindade
DXIV	GAZETA DA TARDE	23/07/1898	5	142	Novas respostas a Lauresto
DXV	GAZETA DA TARDE	13/08/1898	5	145	Continuação do artigo anterior
DXVI	GAZETA DA TARDE	20/08/1898	5	149	O Espiritismo é o Consolador prometido

ART.	JORNAL	DATA	VOL.	PÁG.	TEMAS
DXVII	GAZETA DA TARDE	27/08/1898	5	153	Autenticidade da Revelação Espírita
DXVIII	GAZETA DA TARDE	03/09/1898	5	157	Espiritismo e Kardecismo - O Espiritismo não é criação do homem - Anúncio do lançamento da obra <i>Jesus perante a Cristandade</i> , de Bittencourt Sampaio por Frederico Pereira Jr.
DXIX	GAZETA DA TARDE	10/09/1898	5	160	Nova resposta a Lauresto
DXX	GAZETA DA TARDE	17/09/1898	5	163	Continuação do artigo anterior
DXXI	GAZETA DA TARDE	24/09/1898	5	166	Continuação do artigo anterior
DXXII	GAZETA DA TARDE	08/10/1898	5	170	Continuação do artigo anterior
DXXIII	GAZETA DA TARDE	22/10/1898	5	174	Continuação do artigo anterior
DXXIV	GAZETA DA TARDE	05/11/1898	5	178	Continuação do artigo anterior
DXXV	GAZETA DA TARDE	12/11/1898	5	182	Notas sobre o acirramento das perseguições aos centros espíritas
DXXVI	GAZETA DA TARDE	03/12/1898	5	186	A ciência que incha - O Espiritismo cientificista
DXXVII	GAZETA DA TARDE	19/12/1898	5	190	Resposta ao Apóstolo, por crítica oportunista ao Espiritismo, quando do envolvimento de maus espíritas em casos policiais
DXXVIII	GAZETA DA TARDE	24/12/1898	5	193	Artigo em apoio a outro articulista espírita, Urias, pseudônimo de Luiz de França de Almeida e Sá, em sua polêmica com uma das autoridades católicas da época, Monsenhor Lustosa
DXXIX	GAZETA DA TARDE	31/12/1898	5	197	Nova defesa da mediunidade de cura, dessa vez na pessoa do médium João Gonçalves do Nascimento





## Posfácio / Júlio Damasceno

“Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós. [...] Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim. [...] Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade”. (João 17, 11 e 20-23)

“Descerás às lutas terrestres com o objetivo de concentrar as nossas energias no país do Cruzeiro, dirigindo-as para o alvo sagrado dos nossos esforços. Arregimentarás todos os elementos dispersos, com as dedicações do teu espírito, a fim de que possamos criar o nosso núcleo de atividades espirituais, dentro dos elevados propósitos de reforma e regeneração [...] a luta vai ser grande”.

Haverá alguém que ainda leia posfácio? Creio que não...

A página esquecida ao fim do volume parece fazer eco...  
Sabe aquele das salas vazias?

Então...

Se você que me lê, porém, chegou até aqui, se seus olhos chegaram até a esta linha e se estamos juntos nesta exata fração de segundos, peço humildemente um instante a mais de sua atenção. É impossível terminar a leitura dessa MO-NU-MEN-TAL coleção de artigos sem ter vontade de falar, de conversar com alguém sobre ela. Pode ser apenas um ou podem ser muitos os ouvintes desse espontânea manifestação de admiração e encantamento, mas só o fato de poder expressá-la de alguma forma, para alguma alma caridosa que seja, já será suficiente para desafogar o coração.

Aceita um café, uma xícara de chá, um copo d'água? Sente um pouco, descanse da jornada e nos faça companhia por alguns minutos, por favor.

Compreenda o prezado leitor ou leitora que, em nosso caso, não foi simples leitura, mas sim quatro longos anos de convívio diário com os textos de Dr. Bezerra. Exatamente 530 artigos, lidos todos pelo menos três vezes cada: uma para digitação, outra para revisão e finalmente a terceira, para se fazer o índice. Total de mais de 2 mil páginas. De certa forma é como se o conhecêssemos. Sua voz, seu jeito de falar, modo de ser, temperamento... Seus textos são para nós como a fímbria da túnica, o mais perto que conseguimos chegar de sua pessoa, dada a distância evolutiva que nos separa, mas foi também suficiente para iluminar a alma e sarar as chagas do coração....

Ah! Se tivéssemos de fato a sua atenção, por breves instantes que fosse, começaríamos por tentar lhe mostrar em rápidas linhas quantas coisas maravilhosas há nessa coleção. Pediríamos perdão pelo jeito meio atabalhado, no esforço de tudo apontar rapidamente, para não lhe cansar, nem ocupar mais que o devido. Falaríamos ligeiro, em frases curtas, deixando a maior parte do tempo para as citações, para a transcrição dos trechos mais reluzentes, capazes de lhe infundir em simultâneo luz à mente e calor ao coração, assim como fez conosco.

Quer ver?

\*\*\*

### **BEZERRA DE MENEZES ADVOGADO???**

Se Dr. Bezerra não fosse médico talvez fosse advogado, como desejava sua família.

Tinha vocação... Max ergueu sua voz em defesa do Espiritismo e seus princípios, dos espíritas e até de não espíritas, como os maçons e os suicidas, sucessiva, contínua e denodadamente, ao longo dos 12 longos anos em que escreveu seus artigos.

Foi também um pouco a “voz que clama no deserto”. Suas colunas eram a voz de um movimento ainda nascente, tímido, carente de lideranças e de instituições firmes para poder suportar o peso de tempestades com ventos fortes, tanto as vindas dos religiosos como também dos cétricos (materialistas e positivistas), além dos “zangões científicos” ou “sábios de carregação”, como ele mesmo dizia, ou mesmo frente a excessos da parte das au-

toridades governamentais, como a aprovação do código penal de 1890, que criminalizava a prática do Espiritismo...

Vejamos um a um esses embates, pois que deram ensejo a artigos primorosos!

\*\*\*

### **APÓSTOLO DO ESPIRITISMO CRISTÃO:**

No tempo do Império a religião católica era a oficial do Estado. Dr. Bezerra dá início aos artigos de Max a 23 de outubro de 1887, portanto ainda nesse regime.

Os ataques da Igreja ao Espiritismo, aos espíritas e aos diversos grupos então existentes foram constantes e intensos, para dizer o mínimo, tanto os feitos nos púlpitos das missas dominicais, como os publicados nos diversos periódicos católicos, como O Apóstolo, o maior e o mais famoso deles.

Segundo os padres, bispos e arcebispos de então, as comunicações mediúnicas seriam todas diabólicas. Por isso punham em questão os grandes dogmas romanos: a existência do diabo e seu Inferno; o Céu e o Purgatório; as penas eternas, a vida única, a infalibilidade papal! Excomunicação para os hereges era pouco - alguns chegavam mesmo a pedir a prisão dos espíritas!

Nas acirradas contendas que estabeleceu com representantes diversos da Igreja, o Kardec brasileiro sempre serviu-se dos próprios textos bíblicos para defender seus pontos de vista. Procurou a todo esforço demonstrar a diferença de entendimento das Escrituras, quando interpretadas em espírito e verdade ou com o véu da letra, típica das correntes ortodoxas, salientando assim a grande contribuição da Doutrina Espírita - a Revelação da Revelação - para melhor compreensão dos ensinamentos sagrados. E o fez com absoluta MAESTRIA, como nenhum outro de nossas fileiras, até hoje, conseguiu igualar!

Sua posição diante da Igreja foi sempre respeitosa, pelo que de sagrado a instituição representa, principalmente em seus primórdios, mas foi também firme, criteriosa, corajosa e independente no pleno sentido do termo, e no mais alto grau, ao apontar com clareza diamantina todos os desmandos do sacerdócio romano, êmulo do sacerdócio hebreu em sua perseguição a Jesus, bem como a arrogância e vacuidade da infalibilidade papal, sem

usar para tanto de meias palavras, em momento algum de seu abençoado apostolado.

Vejam alguns trechos de suas polêmicas com o clero. Não são preciso muitos para revelar a independência de seu pensamento, ao mesmo tempo em que se confirma a firmeza e a nobreza de sua atitude:

“A Igreja romana, cremo-lo piamente, está de boa fé, sustentando que na arca santa da religião que ensina não se encerram senão verdades emanadas do Céu.

“Cremo-lo piamente, porque levamos à conta da cegueira humana um tal juízo da parte de quem julga interpretar a vontade de Deus, declarando-se infalível e batendo-se pelo reino do mundo.

“Se, porém, a Igreja decreta, em pleno século das luzes, a infalibilidade de um homem, o que vale por nomeá-lo deus, pois que só Deus é infalível, como querer impor seus preceitos à humanidade?

“Aquele escândalo, que é ao mesmo tempo uma blasfêmia inventada pela Igreja, tira-lhe a força moral perante o bom senso universal, e coloca-a nas condições do mentiroso, que não é acreditado nem quando diz verdade.

“Jesus, cuja vida - cujas palavras - e cujas obras a Igreja, com razão, oferece por modelo à humanidade, disse: regnum meum non est ex hoc mundo (o mundo não é o meu reino).

“Entretanto, o vigário de Jesus - o sucessor de S. Pedro, criou um reino neste mundo - e sendo atirado do trono, chora e trabalha por reergue-lo!

“Que força pode ter tal autoridade quando nega seu instituidor, de quem somente lhe vem o poder?!

“Temos conseguintemente o direito de dizer: a Igreja, apesar de ter se coberto com a infalibilidade - e talvez principalmente por isso, é vítima da cegueira humana.

“Ela, pode, pois, enganar-se, quer quando julgue verdade divina um determinado princípio, quer quando condene outro princípio por herético.

“Sua própria fé - fé passiva, é a causa principal de sua cegueira, se não é seu orgulho de atribuir-se o dom da infalibilidade.

“As decretais da Santa Sé não podem ser o critério da verdade, em tempos em que a razão esclarecida já pode recorrer ao verdadeiro e infalível critério, que é Deus - que são os atributos divinos.

“Tudo que exalta as perfeições do Altíssimo, embora condenado pela Igreja, é infalivelmente verdade.

“Tudo que o rebaixa ou fere aquelas perfeições, embora decretado pela Igreja, é infalivelmente falso.

“A humanidade, pois, já tem felizmente o meio de conhecer a verdade e o erro - o Bem e o Mal, sem o concurso da Igreja, aferindo os diferentes princípios pelo critério absoluto da verdade e do Bem.

“Este fato vem revelar bem claro: que a missão da Igreja romana está preenchida, como estava preenchida a do sacerdócio hebreu, quando chegou o tempo da revelação messiânica.

“E a similitude dos dois casos revela ainda: que são chegados os tempos da mais ampla revelação prometida por Jesus Cristo.

“A despeito do emperramento daquele sacerdócio, as novas ideias trazidas do Céu à Terra pelo Filho do Altíssimo, vingaram e esmagaram as víboras que se lhe opuseram.

“A despeito do emperramento da Igreja, as novas ideias trazidas do Céu à Terra pelo prometido Consolador – Espírito da Verdade, hão de vingar - e esmagar os cegos, que não virem a luz.

“O sacerdócio passou - a Igreja passará - e a humanidade adorará o Deus de amor - o Pai de misericórdia do íntimo de seu coração - no grandioso templo da natureza - sem outro intermediário que não seja Jesus, o Redentor”. (Artigo L, 30-09-1888, Vol. I, págs.200/201)

\*

“[...] a Igreja romana, com sua interpretação literal das sagradas letras, é a principal causa do materialismo, que, sob várias formas, arrasta uma grande parte da humanidade para as novas lagoas pontinas da incredulidade”. [...]

“A Igreja pretende eternizar o passado; a razão sonha com as claridades do futuro.

“A Igreja, firmada na letra das Escrituras, consagra as penas eternas; a razão, firmada no espírito das mesmas Escrituras, saúda a sublime lei da salvação universal!

“Será possível vestir o adulto com as roupas da criança? Pois seria assim se a razão humana fosse obrigada a aceitar os moldes impostos pela Igreja.

“O racionalismo, pois, ergueu o brado da revolta contra o obscurantismo, e em nome do progresso, que é a lei de Deus.

“A luta começou sob a bandeira da Cruz, diferindo apenas nas cores; porque uns sustentavam a interpretação literal e outros a espiritual das Escrituras. Surgiram as seitas, desde o Luteranismo até o Jacobismo.

“Quebrada, porém, que foi a autoridade da Igreja, que não quebrou o seu estacionalismo, que não fez a mínima concessão ao espírito do século, que proclamou a incompatibilidade da razão com a fé, resultou daí o que devia resultar: a razão proscrita pela fé, abjurou a fé. Surgiu o materialismo intransigente que, em nome da razão, repele todas as verdades da fé, que arquiteta o seu Universo, que suprime o Espírito e suprime o Criador.

“Eis aonde nos levou o obscurantismo intransigente da Igreja romana!” (Artigo CCLXXXI - O Paiz, 19.03.1893, Vol. III, págs.259)

\*

“O Apóstolo do dia 6 de dezembro começou e continuou a combater o Espiritismo, direito que ninguém nega aos que fazem do ensino sagrado de Jesus meio de vida, contra o preceito: “dá de graça o que de graça recebestes” e meio de dominação, contra o que disse o mesmo Jesus: “o meu reino não é deste mundo”.

“Roma, todos o veem, faz-se pagar o serviço religioso – e emprega todos os meios de conquistar o reino do mundo, colocando o próprio vigário do Cristo uma coroa de rei na cabeça, com a mesma sem-cerimônia com que arranca a Deus o atributo da infalibilidade.

“Contesta o Apóstolo estas verdades? Que conteste; o mundo inteiro é nossa testemunha.

“E são tais obras conformes à doutrina de Jesus? Embora o diga, ninguém dá crédito.

“Logo, ou Jesus preceituou banalidades, que seus discípulos podem dispensar, ou Roma não segue as leis de seu divino instituidor, segundo ela diz.

“O dilema não é dos mais agradáveis ao Apóstolo; mas, agradável ou não, ele assenta em fatos patentes, e não há fugir-lhe. [...]

“As palavras caídas dos lábios do Nazareno não passarão, ainda que passem os céus e a terra; logo, aqueles preceitos encerram mandamentos que não podem ser dispensados por ninguém, e principalmente pela Igreja; logo, Roma, que os tem dispensado, incorre na sanção da transgressão da Lei.

“Se Roma tem incorrido, aos olhos do mundo, na sanção da transgressão da Lei posta pelo divino Missionário de Deus e por Ele ensinada à humanidade, Roma tem rasgado, por interesse material e por ambição de dominação terrestre, as páginas sagradas do Evangelho.

“E, neste caso, cabe-nos o direito de perguntar ao Apóstolo, em nome do Espiritismo, que prega os ensinamentos do Evangelho: qual dos dois, Roma ou o Espiritismo, está mais próximo de Deus ou qual mais próximo de Satanás?

“Quem viola a Lei até a ponto de exigir paga pelo batismo, pela confirmação do matrimônio;

“Quem viola a Lei, colocando na cabeça do vigário do Cristo uma coroa de rei;

“Quem se coloca assim, fora da Lei, com que direito condenará ao que ensina e recomenda a prática da Lei? Um saiu, o outro entrou.

“São estas as posições de Roma e do Espiritismo.

“Dir-nos-eis: foi Jesus quem instituiu a Igreja e não foi Ele quem instituiu o Espiritismo.

“São duas questões que devem ser tratadas separadamente.

“Jesus instituiu a Igreja; mas a instituição tem seguido a norma do instituidor? Eis o essencial.

“Também Saul foi rei por vontade de Deus; mas, porque não reinou segundo a Lei, foi-lhe retirada a graça do Senhor.

“Também o sacerdócio hebreu foi instituído por Deus; mas, porque não seguiu a Lei, foi reduzido ao que sabeis.

“Mesmo por ser instituição divina, maior é a responsabilidade de Roma, por transgredir a Lei de seu instituidor.

“Meditai, Srs. do Apóstolo, para que não vos aconteça o mesmo que ao sacerdócio hebreu”. (Artigo CDXXIII - Gazeta de Notícias, 12.01.1896, Vol. IV, págs.228)

\*

“A lei, disse Jesus ao fariseu, que era doutor, é amar a Deus de todo o coração e de toda a alma e de todo o entendimento – é amar ao próximo, como a si mesmo.

“Desdes dois mandamentos, depende toda a lei e os profetas”.

“Depende, quer dizer: que para cumprir a lei ou o Evangelho de Jesus, é preciso seguir seus ensinamentos e seus exemplos, que são a sublime síntese de todos os princípios de salvação.

“Ora; o divino Mestre ensinou a humildade – e exemplificou-a, lavando os pés a seus discípulos.

“O Papa, porém, que se diz representante do Cristo e seu vigário, dá o pé a beijar a seus irmãos.

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus?”

“O divino Mestre disse a Pilatos, publicamente: meu reino não é deste mundo.

“O Papa, que se diz representante do Cristo e seu vigário, não somente cingiu a fronte com uma coroa de rei do mundo, como fez correr sangue para sustentá-la – não só fez-se rei da Terra, com perturbou a paz dos povos, para exercer mando sobre todos os reis.

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus?”

“O divino Mestre ensinou o desprezo pelo ouro, dizendo ao rico moço que lhe perguntou – qual era o meio de ganhar o céu: – “vende o que possuis; distribui pelos pobres, e terás um trono no céu”.

“O Papa, que se diz representante do Cristo, e seu vigário, acumula o ouro dos pobres fiéis, para viver no fausto e na grandeza, como o mais rico e poderoso príncipe do mundo.

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus?”

“O divino Mestre repreendeu a Pedro por ter derramado sangue em sua defesa.

“O Papa, que se diz representante do Cristo e seu vigário, abençoa os exércitos que vão derramar sangue em catadupas, para resgatarem o Santo Sepulcro, como se o reino de Jesus fosse deste mundo.

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus?”

“O divino Mestre expeliu os vendilhões do templo, com o azorrague de sua palavra divina; mas não os coagiu a abraçarem sua Doutrina.

“O Papa, que se diz vigário do Cristo e seu representante, autoriza o mais ignóbil canibalismo: as impossíveis torturas inflingidas, ad marjorem Dei gloriam, aos que não seguiam a lei doCris-

to – e principalmente aos que possuíam fortuna, que pudesse ser confiscada em bem da Santa Inquisição.

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus?”

“A Igreja segue o Evangelho de Jesus quando vende bulas – quando levanta impedimentos por dinheiro, quando bate moeda ao balcão das sacristias, impondo o preço dos seus ofícios?”

“E são os que assim praticam, que chamam aos espíritos – possessos do diabo!”

“Quem o seria, se o diabo pessoal existisse, os que desprezam todos os ensinamentos de Jesus, fazendo de seu augusto ministério meio de passar vida folgada, ou os pobres espíritos, que, confessando suas fraquezas, pugnam, no entanto, pelo cumprimento da lei?”

“Reveja-se o Apóstolo neste quadro, passe os olhos pela moral espírita, e diga em consciência qual de nós está possesso do diabo!” (Artigo CDLXI - O Paiz, 06.12.1896, Vol. IV, págs.383/84)

E finalmente, um depoimento frisante da posição de Dr. Bezerra frente ao comportamento da Igreja - respeito, mas independência e liberdade de pensamento:

“Já o dissemos: muito embora nossas crenças religiosas, devido às revelações espíritas, sejam para a Igreja romana o que foi para o sacerdócio hebreu a Revelação Messiânica, não recusamos respeito e homenagem àquela Igreja, em cujo seio aprendemos a conhecer a existência de Deus, a maior felicidade que pode ser dada ao homem.

“Nosso respeito, porém, não chega ao ponto de apagarmos a luz de nossa razão, abraçando as impurezas humanas, que Roma tem mesclado com os puros e divinos ensinamentos do Messias, do Senhor Jesus, o Redentor do mundo”. (Artigo CDLXXV, Gazeta de Notícias, 24-05-1897, VOL. 4, pág. 238)

\*\*\*

Incrível, mas o Kardec brasileiro pagou caro pela nobre resistência, defendendo o Espiritismo frente a todo tipo de ataques, e principalmente aos da Igreja: terminou combatido por alguns que se diziam confrades ou irmãos de ideal.

Como nosso Médico dos Pobres aceitava e RECOMENDAVA PUBLICAMENTE a obra Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, e proclamava do alto dos telhados o ESPIRITISMO CRISTÃO - assim como todos os integrantes do Grupo Ismael - os aborrecidos da luz tentaram rotulá-los de “místicos” e atribuir à sua obra influência igrejeira! Isso mesmo conhecendo seus artigos e com sua posição sobre o tema claramente enunciada!!! Mas como, se



basta ler três ou quatro páginas de seus artigos para constatar exatamente o oposto?

Esqueceram-se ou talvez desconhecessem a frase imortal do próprio Kardec, o Codificador: “a bandeira que desfraldamos bem alto é a do Espiritismo Cristão e humanitário” (*O Livro dos Médiuns*, Cap. XXIX, item 350).

Não poucas vezes, Max veio a público para defender sua linha editorial e o norte de sua missão. Seleccionamos, abaixo, trechos de dois dos principais artigos redigidos por Dr. Bezerra exatamente para esse fim. Observe, ao final desse primeiro, como ele tinha clara intuição da missão que lhe fora confiada por Ismael, antes de sua encarnação, como Apóstolo da Unificação e para a transladação da árvore cristã para a Pátria do Evangelho:

“Um dos mais distintos pensadores da nova geração brasileira, que nos honra com sua estima e é nosso irmão em crenças, acusou-nos de misticismo; de não encararmos o Espiritismo senão pelo lado religioso; de perdermos, por essa concentração de nossas forças intelectuais, tudo quanto pudéramos colher, aplicando-as à filosofia e à ciência, que o Espiritismo esclarece tanto como a religião.

“Entende aquele ilustrado amigo que a propaganda espírita deve ser feita em absoluto, desenvolvendo os princípios espíritas, sem cogitar de suas relações com a ciência, com a filosofia e com a religião, ou aplicando-os a todas essas relações, que não somente a uma, como tem feito Max.

“Quiséramos poder executar tão elevado plano: colocar o Espiritismo alto como o Sol, de quem a ciência, a filosofia e a religião procurassem receber luz, a luz que efetivamente, ele possui e lhes oferece a mancheias.

“A tarefa é, porém, superior às forças de um só homem, máxime de quem as tem débeis, como nós - e pois precisa, sem dividida, incumbindo-se cada um da parte que mais se coaduna com sua vocação e aptidões.

“Uns cuidam do Espiritismo sob seu caráter científico, outros, cuidam do Espiritismo em suas relações com a filosofia e terceiros cuidam do Espiritismo por sua face religiosa.

“Esses grupos, creia o amigo a quem nos temos referido, encontrar-se-ão, fatalmente no mesmo ponto: o religioso, por mais distanciados que pareçam seus alvos; pois, di-lo com todo o peso de sua autoridade o sábio Valdegammas, não há questão, de qualquer ordem que seja, que não contenha, em seu fundo, uma questão de caráter religioso.

“Os que estudarem a cosmogonia espírita em suas relações com a ciência ou com a filosofia, ver-se-ão envolvidos, sem o pensarem, nos altos princípios morais, que são a base da religião.

“E, assim, creia-o ainda, todos cairão no misticismo de que nos acusa.

“Em todo o caso a nossa tendência é para o estudo da parte moral do Espiritismo; que outros estudem a científica e a filosófica.

“Só chamamos ao seio do Espiritismo os espiritualistas; pois que chamem outros os materialistas, os ateus, os céticos, os cegos, enfim.

“A luz da verdade é para todos, e pois não é perdido o esforço para dá-la aos espiritualistas, embora estes já estejam em caminho para ela.

“Jesus repartiu a que trouxe ao mundo pelos gentios tanto como pelos crentes nas verdades reveladas por Moisés.

“Max, pois, já se considera muito feliz por inocular na alma dos crentes as verdades reveladas, os princípios espíritas, que lhes serve de farol em seu êxodo para a verdadeira terra da promessa — para seu alto destino.

“O crente já está muito mais no caminho desse destino, do que o materialista, o ateu, o cético; porém, esse caminho desenvolve-se por meio de precipícios, em que facilmente cairá a luz escassa de suas crenças.

“O Espiritismo, animando-lhe as falsidades dessas crenças, que ele tem por verdades eternas, e explicando-lhe quem é, donde vem, para onde vai e qual o caminho reto, e quais os desvios perigosos, dar-lhe-á luz clara para evitar os precipícios, para marchar com passo firme, para abranger de um golpe de vista os perigos e a sublimidade de sua missão na vida corpórea.

“É isto o que temos procurado fazer - e perguntamos: se Deus permitir que consigamos isto, nosso trabalho é somenos aos dos que procurarem plantar o estandarte do Espiritismo nas ameias da negação?

“Demais; se o crer é uma necessidade da natureza humana, como, proficientemente, diz Causette, e tanto que Quattrefage, baseando-se nesse sentimento universal, criou o quarto reino da natureza: o hominal, caracterizado pela faculdade de crer; Se o homem é o animal que tem a faculdade de crer, e se o materialista, o ateu, o cético repelem toda a ideia de religião, porque não creem na alma, nem em Deus; é óbvio: ou que seres infelizes são voluntariamente refratários a toda a luz, e em tal caso é tempo perdido querer convencer a quem não quer convencer-se; ou que caíram na negação de boa-fé, por não poder sua razão aceitar certos dogmas da religião de seus pais; e neste caso provar-lhes que estes dogmas são falsos, estender a seus olhos a sublimidade dos que o Espiritismo coloca em seu lugar, interpretar a religião em espírito e verdade, que não segundo a letra; não é atraí-los, não é dar-lhes o que os arrastou para a negação?

“O misticismo de Max pode, pois, conseguir mais do que convencer os crentes - pode chamar à verdade os descrentes de boa fé. Não elucidada, é certo, as questões científicas, que são o alimento intelectual dos espíritos; mas dá o alimento moral - e entre o intelectual e o moral, ninguém negará a superioridade deste so-

bre aquele, como meios de progresso humano para o destino da humanidade.

“O destino da humanidade é a perfeição - e a perfeição se conquista pelo saber e pela virtude: as duas asas de subir; mas, experimentalmente sabemos que o sábio sem fé, sem crenças, sem moral, sofre duras penas; ao passo que o ignorante dotado de distintas qualidades morais não sabe, porque falta-lhe uma das asas para subir, mas não sofre penas - não é infeliz.

“Qual é, pois, mais importante ao homem: saber muito, sofrendo; ou saber pouco, gozando?”

“Eis porque a religião, irmã da ciência, porque ambas emanam de Deus e ambas são essenciais ao progresso humano, é entretanto mais preciosa.

“Não dispensa sua irmã, que também não a pode dispensar, no desenvolvimento da perfeição humana; mas sua falta, além de produzir atraso, como a da ciência, implica penas, que a da ciência não implica.

“Ainda uma consideração importante: O ensino espírita, ou revelação das verdades espíritas, não é uniformemente dado por todos os pontos do nosso globo; mas varia de nação a nação, cabendo a cada uma missão especial, segundo o caráter de seus habitantes.

“Povos há onde se dão especialmente manifestações científicas, como há outros, onde se dão as de caráter essencialmente moral, e a observação demonstra que à Europa cabe a primeira e a nós a segunda missão.

“Sendo assim, nada mais natural do que repartir-se a missão de cada povo por seus filhos que se dedicam à sua execução.

“Sendo assim, nada mais natural do que, entre um povo cuja missão é moral, ocuparem-se seus filhos especialmente dos princípios espíritas que entendem com a moral.

“Não é somente por esta razão que temos enveredado pelo caminho que nosso amigo condena; é, principalmente porque arrastam-nos para ele disposições inatas do nosso Espírito.

“Não podemos saber, mas acreditamos piamente que agimos naquele sentido por força de compromisso que tomamos, quando para aqui viemos.

“Que nosso bom amigo não perturbe o cumprimento de uma obrigação que contraímos com o Senhor! (Artigo CCLXXX - O Paiz, 12.03.1893, vol. 3, págs. 254-258)

\*

“A religião fala ao coração e a ciência à inteligência.

“Para acolher a primeira, todos estão habilitados, porque Deus plantou no seio da alma o sentimento do bem. “Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino do Céu”.

“Para acolher a segunda, é preciso especial preparo: cultivo metódico da inteligência até certo grau de instrução e de ilustração.

“Quando, pelo progresso da humanidade, a religião passa do sentimento à compreensão nítida dos mandamentos divinos; isto é, quando o homem crê e compreende a razão de sua crença, falam nele o coração e a inteligência – fundem-se nele a religião e a ciência.

“As primitivas relevações foram exclusivamente digiridas ao coração da humanidade; mais tarde outras vieram que, além do sentimento, já requeriam um tal ou qual esforço intelectual e, por fim, chegou o dia dos que vieram iluminar o sentimento pela razão esclarecida – das que vieram ligar a religião e a ciência.

“O Espiritismo é destas últimas – é uma religião científica, em que a fé passiva tem de ser substituída pela fé raciocinada.

“Espiritismo, pois, é religião, porque é a continuação da Revelação Messiânica; e é ciência, porque requer da razão, da inteligência, a compreensão do divino ensino, não mais pela letra, porém em espírito e verdade.

“O fim, o altíssimo fim é, como foi desde o princípio, desenvolver até à maior pureza o sentimento do bem e da verdade, depositada no seio de todas as almas; e eis porque o Espiritismo é essencialmente religião.

“O meio, digno certamente da maior estima, é, como foi desde o princípio, cultivar a inteligência, para a melhor compreensão do bem, da verdade e do dever; e eis porque o Espiritismo é também ciência.

“Religião, fim – ciência, meio!

“O que é essencial, o fim ou o meio?

“Enquanto a religião somente assentava no puro sentimento, a ciência nada tinha com ela – e as duas promoviam, separadamente, o progresso da humanidade, para um sublime destino: a perfeição.

“Chegaram a se considerar incompatíveis e irreconciliáveis inimigos, como, ainda hoje, as considera o obscurantismo romano!

“Jesus, que em si mesmo consubstanciava a maior santidade de sentimentos e a maior sabedoria de conhecimentos, não podia consagrar o divórcio, que a Igreja romana decretou, mal inspirada neste ponto, como em tudo o que saiu dos seus conselhos, que são dos ensinamentos messiânicos puros.

“Se o divino Mensageiro não preceituou a ligação dos dois elementos do progresso humano, foi, certamente porque os tempos ainda não eram chegados, e tudo a seu tempo – foi porque a humanidade ainda não podia compreender aquela ligação natural.

“Muitas outras verdades tinha que ensinar-vos, mas não é oportuno”.

“A prova, porém, de que Ele compreendia a necessidade daquela união, está no Espiritismo, que é sua obra, na qual se unem e se auxiliam religião e ciência.

“É que já passou o tempo do sentimento inato e instintivo – e que a humanidade já não pode contentar-se com o “crê, porque manda crer a santa madre Igreja católica, apostólica, romana”.

“É que o progresso humano já não pode sofrer a fé passiva – e reclama a fé raciocinada.

“É que chegou o dia auspicioso de se ligarem, para o voo altivo do Espírito, as duas asas, que separadamente cresceram, emplumaram e se reclamam, como é da lei posta por Deus à evolução espiritual da humanidade.

“O Espiritismo, pois, veio ligar os elementos criados por Deus, para unidos, determinarem a projeção do ser perfectível através dos séculos e dos mundos até à casa do Pai.

“Veio ligar; mas ligar na ordem que devem guardar o que visa o fim e o que lhe serve de meio; isto é: religião essencialmente – ciência subsidiariamente.

“E nem deve isto escandalizar; quando a religião é ensino divino diretamente dado aos homens, ao passo que a ciência, se bem que de criação divina, como tudo no Universo, é obra do esforço humano. [...]”

“O que nos parece singular é: dizerem uns que o Espiritismo religioso é misticismo – e dizerem outros que este misticismo é diabolismo!

“Amemos as urzes do caminho – e caminhemos”. (Artigo CDLXII, Gazeta de Notícias, 13-12-1896, vol. 4, pág. 386)

\*

Raquíticos de qualidades, frente a um gigante de virtudes, como Dr. Bezerra, míopes de compreensão e muitas vezes desconhecedores mesmo dos mais elementares princípios de nossa Doutrina, tentaram alguns infelizes em sua pequenez atingir ao espírito nobre que de boamente lhes estendia a mão generosa. Fantasiam-se de cientificistas ou científicos, justo diante daquele que tinha toda a formação, o currículo e o reconhecimento para tratar de Ciência com “c” maiúsculo... (vide o item a seguir)

“Quem não pode atacar o argumento ataca o argumentador”, já dizia o célebre poeta, ensaísta e filósofo francês, Paul Valéry (1871-1945).

A Ciência bem que merecia melhores representantes... inchados de orgulho pela ciência liliputiana ao seu alcance, tentaram reduzir a Doutrina à sua altura. O gigante lhes expunha com paciência de Jó o Espiritismo em sua tríplice abrangência - ciência, filosofia e religião: síntese - mas não tinham ouvidos de ouvir, nem olhos de ver, e muito menos coração para entender.

Deus se apiede deles, que talvez igual ou pior já tenhamos feito, também, em outras encarnações. Tenho a certeza de que se encarnados hoje estivessem estariam aqui conosco, pedindo publicamente perdão pelos desatinos do passado, no que seriam generosamente acolhidos pelo Apóstolo da Unificação...

## **O MAIS CIENTÍFICO DOS ESPÍRITAS DE SEU TEMPO**

Outro embate constante de Dr. Bezerra, como dissemos, foi frente aos positivistas e materialistas de plantão. Homens de verdadeira ciência, sábios que se apresentavam como opositores à Doutrina nascente, ridicularizavam-na simplesmente por defender a sobrevivência da alma, a comunicabilidade dos Espíritos e a pluralidade das existências.

Nosso prezado Luciano Klein, historiador e um dos grandes biógrafos de Dr. Bezerra, autor do mais abrangente estudo já feito até hoje sobre sua vida e obra - BEZERRA DE MENEZES, O HOMEM, SEU TEMPO E SUA MISSÃO - definiu muito bem o nosso Kardec Brasileiro como “o mais científico dos espíritas de seu tempo”, revelando seu INVEJÁVEL CURRÍCULO e sua participação direta em algumas das principais sociedades científicas e acadêmicas de sua época, do Brasil e do exterior. Foi portanto com plena autoridade e conhecimento de causa que se posicionou frente aos preconceitos dos “sábios” de seu tempo em relação à novel Doutrina, servindo-se da mais apurada argumentação e do mais refinado bom senso para defendê-la dos pseudo-sábios:

“Nem recusar in limine nem acolher infantilmente, é a regra da verdadeira sabedoria humana, posta por Descartes, que elevou a - dúvida - às alturas do mais fino instrumento da verdade.

Duvidar, não para desprezar, mas para examinar, observar e - experimentar, é obrigação do homem da ciência - e do homem de bom senso”. (Artigo I, O Paiz, 23-10-1887, Vol. I, pág. 21)

\*

“O homem, quer materialista, quer espiritualista, não possui o dom da infalibilidade; logo nós e vós, que acreditamos estar com a verdade, devemos admitir que podemos estar enganados, abraçando o erro por verdade.

“E nem pode ser de outro modo, pois que a verdade é só uma, e dois sistemas opostos a julgam consigo.

“Sendo assim, surja entre nós e para todos nós a dúvida, a dúvida científica, que nos coloque na posição de quem procura a verdade, e nos tire a veleidade de já a possuímos completa e absoluta.

“E, visto que não há divergência sobre a existência do mundo material, apliquemo-nos, com a melhor vontade, ao estudo do ponto sobre o qual divergimos: a existência do mundo espiritual, que vós negais e nós afirmamos.

“Isto é razoável, é lógico, é digno de quem já possui mais ou menos pecúlio intelectual; o que não é razoável, nem lógico, nem digno, é resolver tão alteroso problema pelo riso, e não pelo estudo.

“Não vos pedimos que deserteis do vosso campo, que risqueis do vosso pensamento as ideias que fazem vossa crença, somente porque vos oferecemos o quadro dos que constituem a nossa; pedimo-vos sim que submetais as nossas ao estudo, à observação e à experiência, e que, depois, julgueis como vos ditar a razão, porque, então, se nos combaterdes, combateis com a consciência e com a superioridade do ser pensante.

Este nosso conselho é só em vosso benefício; porque, acreditai: “Deus não deixa de ser, porque o negais; a vossa responsabilidade moral não será menos efetiva, porque não a quereis; o vosso – Nada – não vos salvará.” (Artigo CCCLI - O Paiz, 23.07.1894 - Tomo IV, pág.113)

\*

“Tão ligeiramente quanto permitem os estreitos limites destes artigos, esboçamos no passado o vício de origem dos materialistas-positivistas, que para nós formam, em essência, uma escola única.

“Eles procedem como o anatomista, que procura em todos os recessos do corpo humano, com seus instrumentos de dissecação, qualquer coisa estranha à matéria do mesmo corpo - e, porque não descobre o que procura, afirma com toda a confiança: o homem é somente corpo - é pura matéria.

“Se houvesse um louco - um espírita, que dedicando todas as suas potências intelectuais ao estudo dos fenômenos do mundo espiritual, estabelecesse como único instrumento para descobrir a verdade a mediunidade, esse tal, por aquele meio exclusivo, teria tanta razão para só admitir a verdade do mundo espiritual, como o materialista-positivista para só acreditar na verdade do mundo material.

“O que a razão despida de prevenções e de espírito de sistema compreende intuitivamente é: que, para cada ordem de fenômenos, precisa o homem de ciência recorrer a meios adequados.

“Relevem a comparação grosseira, que é entretanto expressiva para os incultos: quem vai à pesca, não se mune dos instrumentos que são precisos a quem vai à caça.

“Assim, pois, o homem de ciência, que se propõe ao estudo do mundo físico, não deve recorrer aos meios de apreciar os fenômenos do mundo moral; tanto como o que procura estudar estes fenômenos, não deve recorrer a estes de estudar os do mundo físico.

“O que deve cada um deles fazer, se nutre o desejo de conhecer tal ou tal ordem de fenômenos, é aparelhar-se dos instrumentos competentes, sabendo de antemão que só pode surpreender as manifestações da ordem a que se dedica.

“Querer, porém, o que se dedica ao estudo de uma ordem de fenômenos - e para esse fim só se muniu dos aparelhos próprios - concluir: que não existe senão o que lhe deram seus aparelhos, é cegueira imperdoável em quem fala em nome da ciência”. (Artigo CXIII - O PAIZ, 22.12.1889, Vol. 2, págs. 25-26)

Debatendo-se com os que indicavam apenas a sugestão/autosugestão ou misteriosa “força inteligente” como verdadeiras causa dos fenômenos espíritas, Dr. Bezerra não se limitou às argumentações, mas citou igualmente diversos casos reais, de seu conhecimento, para demonstrar, à exaustão, a realidade do Espírito por trás dos fenômenos... espíritas! Trouxemos também alguns trechos desses debates, a título de exemplo.

Primeiro, suas considerações a autoridades policiais, que se precipitaram em associar os fenômenos espíritas à sugestão:

“Sugestão é a imposição da vontade de um indivíduo à vontade do outro, que lhe fica escravizado, por modo de obedecer passivamente ao que lhe ele impõe.

“Se o fenômeno espírita não é senão um produto de sugestão, é de rigor que se amolde sempre à vontade do sugestionador.

“Como então, o eminente Crookes, por exemplo, ou o grande Lombroso, propõem-se a provar que o fenômeno espírita é magiatura grosseira – e têm provas contrárias à sua vontade – provas que os obrigam a confessar, urbi et orbi, que tal fenômeno é uma verdade?

“Citamos duas eminências científicas da atualidade, quando bem podíamos citar dezenas; porque suas provas foram tão cabais, que só os remendões da ciência ousaram recalçar.

“Ninguém nega os fenômenos de sugestão – o que só nega, é que a lei que rege tais fenômenos, compreenda os espíritas – e isto fica evidente, desde que se apresenta uma multidão deles que, nem por pensamento, podem ser produto de qualquer gênero de sugestão.

“Expliquem os ilustres professores da polícia o fato de ir o sugestionador resolvido provar o – não – e não alcançar senão o – sim.

“Como encaixar ali a sugestão?

“A escrita direta, hoje aceita por todos os sábios do mundo, é fácil de ser provada aos remendões que ousarem contestar as experiências daqueles – a escrita direta jamais poderá ser explicada pela sugestão.

“Zöllner, o venerando sábio alemão, acompanhando de três outros sábios professores, todos incrédulos do Espiritismo, tendo chamado o médium Slade a seu gabinete, onde tinha, ele mesmo, preparado duas louças articuladas e fechadas à chave, que guardou consigo, obteve, pela simples aposição da mão do médium, a escrita direta.

“Expliquem os ilustres professores da polícia este fenômeno espírita pela sugestão.

“Crookes obteve de um médium, que lhe dissesse a palavra do Times, que estava em uma mesa atrás de si – e em que pôs o dedo, sem ele mesmo saber qual era.



“Expliquem o caso, se querem salvar a tal sugestão, já hoje – e por obra destes e de outros fatos, desprezada como arma de combate contra o Espiritismo”. (Artigo CDXVIII, Gazeta de Notícias, 08-12-1895. Vol. 4, págs. 206-207)

\*

“Confessais que os fenômenos espíritas são uma realidade – avançais ainda mais: dizeis que são devidos a uma força inteligente – e, porque a Nova Revelação diz: essa força inteligente, que reconheceis como causa dos fenômenos espíritas, é o Espírito humano desencarnado; recuais espavoridos, porque isto contraria vossas ideias, e portanto, é impossível!

“E, porque contraria vossas ideias, imaginais as mais impossíveis explicações, quaisquer que sejam, contanto que não se reconheça a existência do Espírito”.

Agora, algumas notas sobre a tal “força inteligente”:

“A força inteligente, que produz aqueles fenômenos, emana do observador”.

“Nesses casos, o observador concorre com a transmissão do pensamento – noutras com sua vontade”.

“Como, porém, encaixar nestas explicações fatos como o de um homem ver, dormindo, em sonho, uma pessoa amada, ausente, que lhe vem dar o adeus da despedida da vida – e mais tarde saber que uma pessoa morreu àquela hora?

“Como explicar pela tal força psíquica ou por qualquer fórmula materialista, o fato de um médium sonambulizado, dar uma comunicação escrita, em língua que nem ele nem qualquer dos assistentes conhece?

“Como a força psíquica poderá explicar o fato de uma prancheta dizer a palavra do Times que Crookes cobriu com o dedo, ignorando ele mesmo qual era?

“Como o movimento da campanha na experiência de Lombroso?

“Como milhares de manifestações, em que a tal força inteligente dá-se por um morto, em que ninguém pensava – e prova sua identidade por sinais de sua vida, tão particulares, que de seus próprios conhecidos, já eram esquecidos?

“Impossível, ilustres materialistas e positivistas, é resistir, hoje, à evidência das provas experimentais, não só da existência como da comunicação dos Espíritos.

“Está claro que tais provas nunca terão aqueles que, firmados em seus princípios, não se derem ao trabalho de estudar – de observar e de experimentar, para reconhecerem a verdade ou falsidade do Espiritismo.

“Estes, porém, não conseguirão, com sua obstinação, fazer que a verdade não seja, como aqui, ficando um esteio e agarrando-se a ele, não [se] fará com que a Terra fique parada.

“Quando chegar o seu dia, saberá, por experiência própria, se há ou não Espírito, e qual a responsabilidade que acumulou com sua teimosia.

“Quantos, quantos, têm vindo aos nossos trabalhos experimentais, chorar lágrimas de sangue!” (Artigo CDXXX, Gazeta de Notícias, 01-03-1896 - Vol. 4, págs. 260-261)

\*\*\*

Puxa, desculpe, me empolguei e acabamos por nos estender um pouco além do desejado, nesses exemplos.

Para concluir, permita-me pelo menos trazer só mais uns poucos, que seja, para mostrar igualmente com que elegância Dr. Bezerra defendeu o Espiritismo após a aprovação do Código Penal de 1890, que criminalizava suas práticas, como também os maçons, e até os suicidas, quando tiveram a recusa da parte da Igreja de incluir suas almas nos benefícios da prece e das missas:

Primeiro, seu posicionamento quando da publicação do Código Penal:

“Quem tem tido a paciência de acompanhar a longa série destes mal elaborados artigos, deve necessariamente ter firmado o seu juízo sobre o seguinte ponto: O Espiritismo tem preocupado a mente dos maiores vultos acatados pela humanidade.

“Se é assim - e se, em nosso tempo, vemos os Crookes - os Wallace - os Gibier - os Flammarion - os Victorien Sardou, os Zoëllner - os Víctor Hugo - os Lincoln - os Olinda - os Abaeté - os José Bonifácio - e mil outros nomes tão distintos e tão considerados como estes procurarem, nas práticas espíritas, a solução dos problemas da nova ciência, parecerá incrível que ainda haja um homem ilustrado ou com pretensões a isto, que se anime a rebaixá-la, em documento oficial, ao nível da magia e da feitiçaria!

“Vale isto por elevar-se este tal à altura de qualificar aquelas notabilidades na ordem dos feiticeiros: espíritos fracos - atrasados - e dolosos!

“Foi o que, sem nenhuma cerimônia, ousou praticar o incumbido de organizar o nosso código penal que o governo provisório desafortunadamente aceitou, em nome da República dos Estados Unidos do Brasil!

“Terá o autor do código procedido arrogantemente, por filáusia de competência, para julgar na matéria - ou foi por ignorância completa do que seja o Espiritismo, e de quais são os sábios de todos os tempos, que têm prestado seu nome a esta filosofia transcendente - esta ciência, que, em menos de meio século, já possui elementos de avassalar todas as razões e todas as consciências?

“A primeira hipótese é tão arriscada, que exporia ao ridículo o autor do código, se fosse admitida.

“Um homem, que não tem aplicado sua inteligência senão à ciência de convenção, alimentar a pretensão de condenar ao escárnio o fruto das cogitações, dos estudos - das experiências - de notabilidades que têm dedicado sua vida ao estudo das ciências reais!

“Crookes, o sábio que revolucionou a ciência - o que afirma, mediante apurados estudos experimentais, a verdade dos fenômenos espíritas, com a insuspeição de positivista, que era; Crookes qualificado feiticeiro por um advogado - e só advogado no assomo de condenar os espíritas e às práticas espíritas!

“Zöllner, o sábio professor que, com a severidade de um homem de ciência alemão, submete à prova experimental o fenômeno da escrita direta - e confessa a sua realidade; Zöllner reduzido a feiticeiro pelo nosso advogado!

“Gibier, um dos nomes científicos, que mais fulgura hoje na Europa - que escreveu obras sobre o Espiritismo, demonstrando-lhe a verdade dos princípios, pelas provas experimentais que logrou colher; Gibier rebaixado a praticar feitiçarias!!

“Não falaremos de Victorien Sardou, o sábio membro da Academia de Ciências de França, nem de Víctor Hugo, nem das inúmeras personagens da Bélgica, Suíça, Itália, Espanha e Repúblicas da América, porque estes abraçaram o Espiritismo, como filosofia e ciência, que explica todos os fenômenos humanos, tanto do mundo visível como do invisível, sem descerem às tais práticas espíritas, que o ilustrado advogado batiza de feitiçaria e tanto lhe irritam os nervos.

“William Crookes só é quanto bastaria para fazer rir à custa do incomparável advogado, se em sua mente entrou o pensamento de possuir a precisa competência para julgar o Espiritismo.

“Estamos, porém, convencido de que o sábio doutor em leis não se deixou levar por filaiuciosa jactância, senão porque seu Espírito (releve falarmos espiriticamente) é, intelectualmente, muito atrasado - e requer ainda muitas reencarnações para chegar à compreensão das grandes leis do progresso.

“Isto verifica-se, lendo-se o famoso código, onde se reflete, à simples vista, o atraso de seu autor.

“E a prova, entre inúmeras, está em que o ilustre jurisconsulto inquiriu-o da pena de prisão celular, ideia medieval - castigo inquisitorial, que já fez seu tempo, e só um espírito acanhado e retrógrado podia lembrar-se de implantar na legislação hodierna.

“As sociedades modernas procuram, por seus sistemas penais, arrancar do coração do criminoso o sentimento do mal - procuram corrigir, regenerar; e o nosso criminalista só teve em vista, com a tal prisão celular, esmagar o criminoso com o crime.

“Leia-se o famoso código, à luz dos progressos de nosso século - e diga-se conscienciosamente se ele revela ou não da parte de seu autor um espírito imbuído nas ideias dos tempos idos - e refratário às que formam o brilhante acervo da civilização moderna.

“Se, mesmo em matéria jurídica, o autor do código comprometeu os foros do Brasil, como nação civilizada, que aspira sentar-se no convívio dos que se enobrecem com as ideias do século,

quanto mais em matéria científica - de ciência experimental, em que não é, nem sequer neófito!

“Não admira, pois, que a ignorância qualifique de feitiçaria as práticas espíritas!

“E essa ignorância é tão lamentável, que não deu, nem para saber: que ainda o ano passado reuniu-se, em Paris, um Congresso Internacional Espírita, em que tomaram assento verdadeiras notabilidades de todos os países cultos - tantas que a Imprensa parisiense, unânime, falou com os maiores elogios da constituição e dos trabalhos daquela Assembléia.

“Estamos convencidos de que o ilustre autor do código não teria chamado o Espiritismo uma feitiçaria, se tivesse ciência do que disseram os jornais profanos da França, sobre aquela notabilíssima Assembléia - e sobre as altas questões espíritas que ela resolveu.

Em 1888 já se havia reunido, em Barcelona, um outro Congresso Espírita, que causou expectativa - e este ano um terceiro teve lugar em Cuba.

Max não pode concluir estas ligeiras considerações sem pedir ao governo um estudo sério desse trabalho, que vai envergonhar nossa pátria, quando for conhecido pelas nações, que não mais aceitam as ideias dos tempos da Inquisição” (Artigo CLVIII - O Paiz, 02.11.1890 - Vol. 2, págs. 202-205)

\*

### Agora o caso dos maçons:

“Excomungam aos maçons? Pois retirem-se eles da comunhão, visto que para amar-se a Deus e ao próximo não se precisa de procurador.

“Sejam cristãos, sim; porque só o cristão tem a via e a luz para a vida, que é Jesus; mas sejam cristãos à parte da Igreja romana, mesmo porque ela tem adulterado o puro ensino de Jesus.

“O que perde o maçom em não querer a Igreja romana sulfragar-lhe a alma? Jesus não disse jamais que a prece fosse a missa; mas sim que fosse ela feita do íntimo da alma, com todo o respeito e humildade, nos termos da oração dominical.

“Mais vale fechar-se o cristão ao seu quarto e orar, como Jesus ensinou, pelo irmão que deixou a vida terrena, do que mandar dizer missas, rezadas por interesse das pagas.

“E a prece rezada do íntimo d'alma sobe até o Sábio Sacratíssimo - e a missa rezada com a mente na espórtula, só não é inútil pela intenção e bons desejos dos que a ouvem.

“Não se incomodem os maçons com a excomunhão, porque está só os priva dos ofícios remunerados, nunca, porém, dos meios, postos ao alcance de todos, para que os filhos, mesmo os maus, elevem seus pensamentos a Jesus e provoquem as graças que ele não regateia aos que o procuram com fé e humildade.

“Os espíritas, não estamos com a Igreja romana, e nem por isto nos consideramos deserddados do amor do Pai celestial.

“Não estamos com ela, por seus abusos e por sua intolerância, por seu obscurantismo e pela estreiteza de sua cosmogonia; mas respeitamos suas crenças como queremos que respeitem as nossas.

“Venham os maçons para a verdadeira Doutrina de Jesus, que é o Espiritismo, e deixem a Igreja na sua paz sepulcral. (Artigo CDXLVI, Gazeta de Notícias, 05-07-1896 - Vol. 4, págs. 325-326)

\*

E finalmente, a ira santa, a excelência da compaixão, a veemente defesa dos suicidas, com base da Doutrina do Amor...

“O doce, o manso, o bondoso Jesus constituiu pedra angular da sua obra de redenção, o amor – amor levado ao grau de retribuirmos com o bem aos que nos odeiam e nos fazem mal.

“E não foi somente com a palavra, se não com o sacrifício de sua própria vida, que Ele selou esse puro e suavíssimo meio, único meio de elevar-se a criatura da baixa esfera de suas misérias às esferas superiores, infinitas e radiantes de luz, onde lhe seja dado tocar com os lábios, purificados, os pés de seu Criador.

“Do amor, dessa sublime emanção da Pureza infinita, procedem todas as virtudes, de que o Cristo foi o modelo vivo dado à humanidade terrestre; procede principalmente a caridade, a diletta filha do Altíssimo, a mais bela e perfumada flor dos célicos jardins.

“E a caridade, em sua mais pura acepção, está consubstanciada nesta divina palavra do Cordeiro de Deus: não são os sãos que precisam de médico, mas sim os que estão doentes.

“Quis dizer: que Ele não veio pelo amor dos puros, dos limpos de coração, mas sim pelo amor das ovelhas perdidas do rebanho do Amantíssimo Pai, que lh’o confiou.

“E isto consagra a verdade do que foi dito pelo Profeta: Eu não quero a morte do ímpio, mas sim que ele se converta e me procure em amor.

“Se Deus não quer a morte de seus filhos; se, portanto, a salvação é universal, como bem o compreendera São Jerônimo;

“Se Jesus veio fazer efetiva na Terra essa sublime lei dos mundos, ensinando que todos, pelo amor, chegarão ao Pai; ensinando que os doentes se curarão, porque Ele é o médico das almas, e dizendo, coerente com tudo isto: do rebanho que me confiaste não perderei nem uma ovelha.

“Se é assim que nos ensina, a nós outros tão distanciados do divino Modelo, o Evangelho, que é a lâmpada sagrada onde brilha a luz puríssima das verdades eternas;

“Se tudo isto e o mais que escapa à nossa fraca concepção se concatena de modo tão íntimo a nos apresentar em cada criatura humana uma alma remida pelo Imaculado Cordeiro, uma alma que o Pai não quer que morra, mas que vá a Ele em amor;

“Como valerem cânones, para se distinguir o que Deus unificou, para se dividir a humanidade em sã e doente, não para curar-se a doente, mas para jogar-se com ela à gena?”

“Será isto amor – amor que é a lei das leis, amor que é o laço que une a criatura ao Criador, amor que trouxe Jesus a tomar sobre si todas as dores da humanidade?”

“E onde, nesta cruel distinção, cruel pelo modo de tratar os doentes, se verifica, se percebe ao menos a aplicação da divina parábola: Eu não vim a curar os sãos?”

“Onde está o médico das almas, cuja ciência é infalível – o divino Pastor que prometeu não perder nem uma de suas ovelhas?”

“Ou os cânones ou o Evangelho!”

“Passemos a outra ordem de considerações, embora conexas com as que temos feito.

“Jesus, cuja compreensão infinita sabia quais os liames entre o bem, em sua latitude, e o amor, fonte de todas as perfeições, colheu com suas mãos benditas naquela divina fonte a pérola preciosa do perdão.

“O perdão, o mais precioso atributo da Onipotência, procede do amor como o riso da alegria, como a luz terrena procede do Sol e a luz infinita (luz perpétua) procede de Deus.

“Se o amor, o do Pai celestial, não quer a morte do ímpio, não permite que se perca uma só das ovelhas do rebanho de Jesus, é logicamente rigoroso que o perdão, filho divino do médico das almas, é ilimitado e incondicional como a fonte donde emana.

“É assim que Jesus não condenou a adúltera, acolheu a pecadora e rogou ao Pai por seus algozes.

“É assim que Aquele pensamento de Deus o definiu categoricamente na Parábola do Filho Pródigo.

“Aí, nessa promessa feita a toda a humanidade da remissão dos pecados pelo arrependimento não se diz, como em parte alguma dos Evangelhos se diz, que só vale o arrependimento durante a permanência na vida material.

“E se nenhuma das ovelhas do rebanho de Jesus pode perder-se, como limitar-se a condição de salvação, o arrependimento que provoca o perdão, ao tempo da vida material, quando vemos tantos, tantos morrerem impenitentes?”

“Portanto, mais uma vez: ou os cânones, ou o Evangelho!”

“Amor infinito – salvação de todas as ovelhas – perdão em todo o tempo da evolução dos Espíritos, uma vez que se eles arrependam de seus erros, de suas faltas, de seus crimes; eis a sublime trilogia consagrada pelos ensinamentos do Filho do homem, enviado de Deus para ensinar suas leis à humanidade terrestre.

“Tirai ou modificaí qualquer daquelas três peças e a máquina será indigna da concepção de um homem, quanto mais da concepção de Deus.

“A Igreja romana, por seus cânones, estabelece o amor infinito; mas restringe a salvação em oposição à Parábola do Filho Pródigo e às palavras de Jesus: de não se perder nem uma das ovelhas, que lhe foram confiadas.

“E consoante com este ensino que respeitosa-mente qualifi-  
camos de herético, só admite o perdão para o arrependimento  
aquém do túmulo; o que também não se concilia, nem com o amor  
do Pai, nem com o ensino de Jesus, interpretado em espírito e ver-  
dade, nem com a perfectibilidade humana, cujo termo não pode ser  
a da vida corpórea, mas requer uma latitude sem fim.

“Ao que fica reduzida a máquina cosmogônica, admitindo tal  
descompustura de suas peças?

“A um misto horrendo de perfeição celeste e de imperfeições  
humanas!

“E o que disse o Senhor pelo Profeta e Jesus confirmou por  
seu ensino?

Tudo isto a Igreja romana pôs de parte para dar valor sagra-  
do às falsas ideias da vida única – do julgamento post mortem das  
penas eternas, com seus acessórios: o Inferno e os anjos transfor-  
mados em demônios, que Deus ainda não pôde vencer, nem há de  
poder vencer porque, no fim dos tempos, subsistirão somente o im-  
pério do bem, regido por Ele e o império do mal, regido por Satanás!

É desse modo de compreender a sublime obra do Criador  
que procedem os cânones, em que se firmou o nosso Arcebispo  
para condenar o sufrágio pela alma do suicida – alma condenada  
às penas eternas, e portanto indigna da piedade dos cristãos!

E lá vai águas abaixo o esquiife do amor de Deus, porque  
não se o pode compreender, mesmo no homem, sem indulgência  
e sem perdão!” (Artigo CCCLIX - O Paiz., 24.09.1894- Vol. 4, págs.  
143-146)

Pronto, penso que já temos exemplos mais que suficientes  
para ilustrar, como desejado, um pouco dos destaques dessa ma-  
ravilhosa coleção de artigos, tão digna de nosso apreço e admi-  
ração. Muito mais teríamos a mostrar, como as mensagens de  
grandes nomes da cultura e do pensamento, recebidas no Grupo  
Ismael, como as de Charcot, Camões e Benjamim Constant, entre  
outros. Não queremos, no entanto, nos estender mais, e o amigo  
ou amiga tem à sua disposição a tabela que fizemos, publicada  
antes deste posfácio, que traz o tema de todos os artigos e seus  
destaques ... Concluamos.

### **APÓSTOLO DA UNIFICAÇÃO**

A Unificação faz parte das leis da vida. É uma das metas  
da evolução, como também um de seus principais efeitos. O pró-  
prio Cristo a assinalou como tal, em suas palavras de despedi-  
da, imortalizadas no Evangelho de João, conforme destacado na  
epígrafe destas notas, acima: um dia seremos todos “perfeitos na  
unidade”. Não é outro o sentido de uma de suas principais sen-

tenças: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo.13:35).

O sectarismo, o partidarismo, a belicosidade, a propensão à polemização egóica, ao conflito em todas as suas formas, são sintomas típicos de inferioridade espiritual. É o nosso homem velho que se apresenta, o guerreiro. Sua lei é a da força, seu argumento o ataque e, o outro, qualquer que seja, é sempre percebido como um inimigo a ser superado. Seu tempo é o passado.

A compreensão mútua, a unidade, a amorosidade, a propensão ao diálogo, à harmonia em geral, são sintomas de estágio evolutivo superior. É o homem novo que surge, o pacífico. Sua lei é a do amor, seu argumento, a mão estendida, e o outro, qualquer que seja, é sempre visto como um irmão a ser abraçado. Seu tempo é o futuro.

Estamos em meio a essa jornada.

Temos aspiração à harmonia, à paz, à concórdia, mas muitas vezes nos revelamos irritadiços, rixentos, rigorosos mesmo, uns com os outros e frequentemente ainda mais com os companheiros de ideal. É sempre aquela história do cisco e da trave... (Lc. 6:42)

Daí o aviso de Ismael a Bezerra, antes de sua encarnação: “a luta vai ser grande”.

E foi mesmo. Titânica.

Bezerra de Menezes é o Kardec brasileiro, é igualmente o Médico dos Pobres, mas é também o nosso Apóstolo da Unificação. Veio com essa missão, missão de união e de paz, e a desempenhou com raro brilhantismo.

Demonstrou como vive um “homem de bem”, em todos os aspectos da vida: em família, no trabalho, nos negócios, na política e no exercício da cidadania. Não faltou nada! E, para completar, ainda colocou a candeia bem alto, para iluminar a todos, “gritou dos telhados” com toda a força de seus pulmões a verdade que descobrira e que anseava em compartilhar, conforme tão bem demonstra essa impressionante coleção de pérolas, que aqui reunimos - os seus *Estudos Filosóficos*.

“*Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus*”. (Mt.5:9) Bem-aventurado sejas, amigo, porque não há bem-aventurança maior, nem mais bonita, que se possa atribuir a alguém, do que essa, que é justamente a sua. Deus o abençoe para sempre por isso.

*Júlio Damasceno / Páscoa de 2024*



*P.S.: Desculpe, mas não me contive em trazer ainda uma última curiosidade sobre estes artigos de Dr. Bezerra!*

*Você já se deu conta da ERUDIÇÃO do Kardec brasileiro?*

*É algo realmente de impressionar!*

*O(a) amigo(a) fazia ideia de que ao longo desta coleção são citados mais de 450 autores / personagens históricos e bíblicos diferentes? A fina flor da história do pensamento mundial!*

*Se já isso não bastasse, há também a cultura bíblica / evangélica. Ao longo dos cinco volumes temos mais de 250 citações bíblicas distintas, só para ficar naquelas feitas diretamente, com indicação de livro, capítulo e versículos, sem contar as indiretas, apenas mencionadas.*

*E mais: nosso admirável Médico dos Pobres lia os textos bíblicos diretamente na Vulgata Latina, e os traduzia pessoalmente do Latim para o português, sem as inteferências ideológicas típicas das traduções correntes, em sua maioria católicas e protestantes.*

*Só essa última contribuição já seria de inestimável valor!*

*Que outro poderia nos oferecer algo assim? Paz e Bem!*



## Conheça também as demais publicações de nossa Casa:

1. COMECE DO COMEÇO, de Azamor Serrão Filho;
2. HISTÓRIA DE ROUSTAING, de Jorge Damas Martins;
3. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APÓSTOLO DO Espiritismo”, de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros (1a. ed. 2005, 2a. ed. 2016);
4. “CONVERSAS FAMILIARES SOBRE Espiritismo”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
5. “A EDUCADAÇÃO MATERNAL - O CORPO E O ESPÍRITO”, DE ÉMILIE COLLIGNON, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
6. “A EDUCADORA EMILIE COLLIGNON, GRANDE MÉDIUM DA CODIFICAÇÃO ESPÍRITA”, organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;
7. “EM VERDADE VOS DIGO” - ESTUDO COMPARADO DE “O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO”, de Kardec, com “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

8. “EXAMINAI TUDO” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, de Kardec, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

9. “O DOM DE DEUS” - ESTUDO COMPARADO DE “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, de Kardec, COM “OS QUATRO EVANGELHOS”, de Roustaing, organização de Julio Damasceno;

10. “AS VIRTUDES DO CÉU”, organização de Marco Aurélio Assis;

11. “PÃO VIVO” - ESTUDO SOBRE A QUEDA ESPIRITUAL E O CORPO FLUÍDICO DE JESUS. Coleção de artigos de Gilberto-Perez Cardoso, Jorge Damas Martins, Julio Damasceno, Maurício Neiva Crispin, Pedro Silveira Martins e Sérgio Thiesen.

12. “JEAN BAPTISTE ROUSTAING, APOTRE DU SPIRITISME” - VERSÃO EM FRANCÊS DA BIOGRAFIA DE ROUSTAING; organização de Jorge Damas Martins e Stenio Monteiro de Barros;

13. DE JESUS PARA AS CRIANÇAS, DE BITTENCOURT SAMPAIO, organização de Jorge Damas Martins;

14. A QUEDA ESPIRITUAL SEGUNDO O ESPIRITISMO, de J.E. GUILLET, Coordenação editorial de Jorge Damas Martins;

15. SEARA MEDIÚNICA, de Almir Gomes de Souza (médium), pelos Espíritos da Falange Franciscana;

16. ANTENA CELESTE, de Bezerra de Menezes (Espírito), psicografia de Azamôr Serrão;

17. PONTE EVANGÉLICA, DE BORDEAUX A PEDRO LEOPOLDO, de Jorge Damas Martins;

18. OUVISTES O QUE FOI DITO?, organização de Júlio Damasceno;

19. O SOL DE CADA DIA. de Azamôr Serrão e Azamôr Serrão Filho;

20. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume I;

21. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume II;

22. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume III;

23. INÁCIO BITTENCOURT, APÓSTOLO DA CARIDADE, de João Marcos Weguelin;

24. ESTUDOS FILOSÓFICOS, de Bezerra de Menezes - Volume IV.

DOWNLOAD GRATUITO NO SITE  
[www.crbbm.org](http://www.crbbm.org)  
PEDIDO GRATUITO DE VOLUMES PELO  
E-MAIL: [crbbm50@gmail.com](mailto:crbbm50@gmail.com)  
(Envio realizado conforme a disponibilidade  
dos volumes em estoque)



# Índice Remissivo

## A

- abismo [35](#), [44](#), [52](#), [53](#), [65](#), [107](#)  
Abraão [52](#), [53](#), [109](#), [110](#), [115](#), [143](#), [171](#)  
absurdo [32](#), [122](#), [139](#), [171](#), [176](#), [205](#)  
ácido sulfúrico [193](#)  
ações [34](#), [120](#), [204](#)  
acônito [75](#)  
Adão [110](#)  
Agostinho [32](#)  
água [86](#), [121](#), [122](#), [128](#), [167](#), [188](#), [193](#), [203](#)  
Aksakof [77](#), [83](#)  
Alemanha [82](#)  
Allan Kardec [56](#), [77](#), [136](#), [155](#), [157](#), [158](#), [159](#), [187](#), [188](#), [189](#)  
alma [36](#), [39](#), [40](#), [41](#), [44](#), [45](#), [55](#), [57](#), [60](#), [62](#), [86](#), [110](#), [112](#), [126](#), [130](#),  
[139](#), [153](#), [163](#), [165](#), [167](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#), [179](#), [184](#), [203](#)  
almas [40](#), [53](#), [63](#), [82](#), [83](#), [175](#), [176](#), [191](#), [195](#)  
almas do outro mundo [82](#)  
Almignana [95](#)  
Alquimia [106](#)  
altar [91](#)  
alto destino [48](#)  
altos funcionários [125](#)  
Altruísmo [67](#)  
América [82](#), [96](#), [157](#)

América do Norte [82](#), [157](#)  
A Mocidade [112](#)  
amor [24](#), [29](#), [32](#), [33](#), [36](#), [37](#), [40](#), [41](#), [42](#), [45](#), [47](#), [49](#), [62](#), [64](#), [67](#), [72](#),  
[80](#), [96](#), [124](#), [125](#), [135](#), [150](#), [159](#), [161](#), [162](#), [168](#), [179](#), [180](#), [183](#), [184](#),  
[191](#), [193](#)  
amor de Deus [32](#), [37](#), [72](#), [80](#), [96](#), [150](#)  
amor do próximo [62](#), [184](#), [191](#)  
amor infinito [125](#), [179](#)  
Ananias [113](#), [172](#)  
anarquia [26](#), [64](#)  
anátema [190](#)  
Anatomia [89](#)  
animais [67](#), [75](#)  
animal [21](#), [22](#), [23](#), [36](#), [75](#)  
anjo [113](#), [116](#), [139](#), [172](#), [205](#)  
anjos [23](#), [41](#), [48](#), [49](#), [113](#), [136](#), [155](#), [171](#), [172](#)  
anticristã [36](#)  
antiespírita [98](#)  
antiespíritas [190](#)  
aparelho [61](#)  
Apis [67](#)  
apócrifa [114](#), [143](#)  
aposição das mãos [73](#), [76](#), [103](#)  
apóstolo [80](#), [121](#), [139](#)  
Apóstolo [190](#), [191](#), [192](#)  
Apóstolos [116](#), [122](#), [126](#), [131](#), [159](#), [178](#), [192](#), [195](#)  
arcebispo [96](#)  
argumento [53](#), [59](#), [60](#), [120](#), [121](#), [122](#), [167](#)  
arrastamentos da carne [180](#)  
arrependimento [30](#), [126](#), [176](#)  
árvore [26](#), [35](#), [62](#), [95](#), [150](#), [195](#)  
Ascensão de Jesus [148](#)  
Ascensão do Senhor [147](#)  
Astrologia [106](#)  
Astronomia [86](#), [106](#)  
ateus [43](#)  
Atos dos Apóstolos [131](#)



atributos [23](#), [29](#), [34](#), [72](#), [118](#), [150](#), [158](#), [160](#), [180](#)  
atributos de Deus [118](#), [150](#)  
atributos do Criador [34](#), [72](#), [158](#)  
Augusto Comte [68](#)  
autômato [63](#)  
autoridade [27](#), [36](#), [49](#), [51](#), [52](#), [61](#), [64](#), [96](#), [109](#), [110](#), [125](#), [136](#), [145](#),  
[153](#), [154](#), [160](#), [168](#), [183](#), [184](#), [185](#), [194](#)  
Azários [113](#)

## B

baixa cleresia [191](#)  
Balaão [195](#)  
bandeira [62](#), [64](#), [65](#), [183](#)  
Barão de Itapuã [43](#)  
bárbaros [62](#)  
Barrabás [64](#)  
batismo [62](#), [125](#), [126](#), [139](#), [167](#)  
batizado [126](#)  
bernardice [81](#)  
Bíblia [48](#), [109](#), [121](#), [122](#), [123](#), [126](#), [131](#), [141](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#),  
[147](#), [152](#), [160](#), [164](#), [165](#), [166](#), [171](#), [172](#), [173](#), [176](#)  
bispo [96](#)  
Bittencourt Sampaio [7](#), [78](#), [159](#)  
blasfema [99](#)  
blasfemo [171](#), [179](#)  
bom senso [21](#), [22](#), [23](#), [29](#), [54](#), [61](#), [105](#), [117](#), [151](#), [177](#), [178](#), [195](#)  
Brasil [9](#), [26](#), [27](#), [36](#), [43](#), [64](#), [73](#), [78](#), [82](#), [85](#), [102](#), [121](#), [123](#), [190](#), [193](#),  
[197](#)  
brasileiros [26](#), [78](#)  
bruxaria [75](#)  
Buda [138](#)

## C

Caim [110](#)  
calor [31](#), [165](#)  
canalha [185](#), [187](#), [188](#), [192](#)

caridade [41](#), [80](#), [95](#), [102](#), [115](#), [118](#), [124](#), [126](#), [150](#), [183](#), [184](#), [192](#)  
caridoso [184](#)  
carne [130](#), [180](#), [199](#)  
cartomancia [102](#)  
carvão animal [75](#)  
Castellar [26](#)  
castigo [29](#), [31](#), [57](#), [72](#), [165](#), [179](#)  
castigo eterno [165](#)  
Catolicismo [66](#), [98](#)  
católico [41](#), [47](#), [93](#), [97](#), [98](#), [99](#)  
católicos [34](#), [45](#), [94](#), [167](#), [172](#)  
causa [37](#), [43](#), [64](#), [75](#), [82](#), [87](#), [88](#), [91](#), [96](#), [98](#), [106](#), [107](#), [128](#), [141](#),  
[145](#), [146](#), [147](#), [151](#), [153](#), [160](#), [168](#), [169](#), [184](#), [188](#), [192](#), [205](#)  
causas [63](#), [78](#), [99](#), [157](#), [205](#)  
Cavour [63](#)  
cego [150](#), [190](#)  
cegos [33](#), [76](#), [95](#)  
cegueira [195](#)  
Centros de Espiritismo científico [106](#)  
cérebro [46](#), [84](#), [87](#), [91](#), [157](#)  
Céu [23](#), [47](#), [55](#), [121](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [170](#), [171](#), [172](#), [175](#)  
charlatães [82](#), [105](#)  
Chateaubriand [63](#)  
chefe de polícia [183](#), [184](#)  
cidadão [36](#), [62](#), [64](#)  
ciência [21](#), [22](#), [23](#), [32](#), [33](#), [37](#), [38](#), [46](#), [49](#), [56](#), [66](#), [71](#), [75](#), [76](#), [77](#), [78](#),  
[79](#), [82](#), [83](#), [84](#), [85](#), [87](#), [88](#), [94](#), [105](#), [106](#), [138](#), [155](#), [164](#), [167](#), [186](#), [187](#),  
[188](#), [194](#), [198](#), [199](#), [204](#), [205](#), [206](#)  
ciência astronômica [106](#)  
ciência do mundo espiritual. [56](#)  
ciência dos sábios da Antiguidade [56](#)  
ciência do velho mundo [37](#)  
ciência espírita [82](#)  
ciência humana [21](#), [76](#), [78](#)  
ciência médica [79](#), [88](#)  
ciência oficial [88](#)  
ciência sideral [71](#)

científico-religiosa [33](#)  
cientistas [89](#), [91](#), [97](#)  
circo das feras [182](#)  
clero [93](#), [97](#), [98](#), [99](#), [191](#), [192](#), [193](#)  
clero católico [97](#), [98](#), [99](#)  
Clóvis [62](#)  
Codificação [187](#)  
código criminal [75](#), [186](#)  
coincidência [64](#)  
colégio Apostólico [147](#)  
coletividade [113](#), [145](#)  
Comte [26](#), [65](#), [68](#), [82](#), [83](#)  
comunicação com as almas [83](#)  
comunicação de mortos [172](#)  
comunicação dos Espíritos [183](#)  
comunicação dos mortos [52](#), [171](#)  
comunicação dos vivos com os mortos [55](#), [182](#)  
condenação [26](#), [174](#)  
conhecimento [63](#), [82](#), [85](#), [86](#), [91](#), [102](#), [107](#), [131](#), [158](#), [168](#), [205](#)  
consciência [33](#), [36](#), [51](#), [57](#), [61](#), [66](#), [95](#), [97](#), [98](#), [149](#), [165](#), [171](#), [175](#),  
[181](#), [194](#), [195](#), [203](#), [205](#)  
consciências [32](#), [63](#)  
Constituição [103](#)  
contenção moral [36](#), [37](#)  
convicção [30](#), [59](#), [73](#), [84](#), [87](#), [94](#), [99](#)  
cordão perispiritual [61](#)  
Cordeiro de Deus [139](#)  
Cordeiro Imaculado [191](#)  
Coríntios [124](#), [139](#)  
coroa [126](#)  
corpo [41](#), [44](#), [45](#), [59](#), [60](#), [61](#), [74](#), [77](#), [80](#), [84](#), [167](#), [175](#), [183](#)  
corpos [91](#)  
cosmogonia [143](#), [150](#)  
crença [40](#), [45](#), [70](#), [83](#), [141](#), [144](#), [154](#), [164](#), [165](#), [171](#), [182](#)  
crença espírita [45](#)  
crenças religiosas [27](#)  
criação [22](#), [23](#), [25](#), [67](#), [68](#), [71](#), [121](#), [159](#), [163](#), [172](#), [187](#), [188](#), [205](#)

criação do homem [159](#), [163](#)  
criação especial [172](#)  
criação humana [121](#), [187](#), [188](#)  
criação natural [68](#)  
Criador [13](#), [22](#), [23](#), [29](#), [33](#), [34](#), [68](#), [71](#), [72](#), [109](#), [113](#), [117](#), [118](#), [139](#),  
[142](#), [158](#), [161](#), [162](#), [163](#), [168](#), [198](#), [205](#)  
Criador do Universo [163](#)  
Criador incriado [161](#), [162](#)  
criança [171](#)  
crianças [79](#), [126](#)  
criatura [23](#), [68](#), [126](#), [131](#), [138](#), [139](#), [150](#), [164](#)  
crime [101](#), [184](#), [197](#)  
crisol [44](#), [164](#)  
cristão [41](#), [125](#), [127](#), [191](#)  
cristãos [27](#), [34](#), [65](#), [108](#), [146](#), [182](#), [184](#)  
cristãos em Cristo [34](#)  
Cristianismo do Cristo [161](#), [162](#)  
Cristianismo espírita [66](#)  
Cristianismo romano [70](#)  
Cristo [30](#), [34](#), [35](#), [37](#), [63](#), [67](#), [80](#), [95](#), [103](#), [108](#), [109](#), [110](#), [114](#), [120](#),  
[122](#), [124](#), [125](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [135](#), [149](#), [151](#), [154](#), [155](#), [156](#), [159](#),  
[161](#), [162](#), [178](#), [182](#), [186](#), [187](#), [192](#), [196](#)  
critério [29](#), [71](#), [81](#), [109](#), [150](#), [154](#), [163](#)  
critério absoluto da verdade [71](#), [109](#), [150](#)  
criterium absoluto da verdade [66](#), [151](#)  
Crookes [77](#), [83](#), [90](#), [97](#), [98](#)  
cruz [26](#), [27](#), [62](#), [64](#), [65](#), [94](#), [110](#), [131](#), [178](#), [180](#), [191](#)  
culpas [34](#), [175](#), [180](#)  
curandeiro [197](#), [199](#)  
curas [73](#), [74](#), [77](#), [80](#), [88](#), [103](#), [184](#)

## D

David [131](#)  
demônio [40](#), [46](#), [96](#), [98](#), [99](#), [144](#), [172](#), [194](#), [195](#)  
demônios [195](#)  
descrença [27](#), [37](#)

desencarnado [30](#), [98](#), [113](#)  
desencarnados [158](#)  
desequilibrado [81](#), [82](#), [200](#)  
desequilibrados [69](#), [82](#), [83](#)  
desespero [36](#), [39](#), [40](#)  
destino [33](#), [34](#), [44](#), [48](#), [55](#), [56](#), [60](#), [63](#), [67](#), [70](#), [71](#), [72](#), [140](#), [170](#), [171](#),  
[174](#), [175](#), [176](#), [188](#)  
Deus [22](#), [23](#), [24](#), [25](#), [28](#), [29](#), [30](#), [31](#), [32](#), [33](#), [34](#), [36](#), [37](#), [39](#), [40](#), [41](#),  
[44](#), [45](#), [46](#), [47](#), [48](#), [49](#), [55](#), [56](#), [70](#), [71](#), [72](#), [79](#), [80](#), [89](#), [94](#), [96](#), [98](#), [108](#),  
[109](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [117](#), [118](#), [119](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#),  
[127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [134](#), [135](#), [136](#), [137](#), [138](#), [139](#), [140](#), [141](#), [142](#),  
[144](#), [150](#), [153](#), [154](#), [155](#), [161](#), [162](#), [163](#), [168](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [174](#),  
[176](#), [178](#), [179](#), [180](#), [183](#), [184](#), [186](#), [188](#), [190](#), [191](#), [194](#), [195](#), [198](#), [205](#)  
Deus trífrente [118](#)  
Deus Trino [109](#)  
Deus Uno [109](#), [112](#)  
dia do juízo [41](#)  
diagnóstico [78](#), [199](#)  
Dias da Cruz [79](#), [80](#)  
Direito [57](#), [198](#)  
divino Enviado [144](#)  
divino Mensageiro [145](#), [153](#), [167](#)  
divino Mestre [149](#), [150](#), [170](#)  
Divino Verbo [122](#)  
doente [74](#), [78](#), [89](#), [184](#), [198](#), [199](#)  
doentes desenganados [199](#)  
dogma [47](#), [68](#), [117](#), [123](#), [153](#)  
dogma das penas eternas [47](#)  
dogma da Trindade [123](#)  
dores [80](#)  
D. Orisondo [96](#)  
Doutrina [22](#), [34](#), [37](#), [55](#), [61](#), [82](#), [85](#), [95](#), [96](#), [97](#), [105](#), [106](#), [107](#), [108](#),  
[111](#), [112](#), [114](#), [120](#), [136](#), [144](#), [146](#), [147](#), [150](#), [151](#), [155](#), [158](#), [159](#), [184](#),  
[185](#), [186](#), [187](#), [190](#), [191](#), [192](#), [198](#)  
doutrina das vidas múltiplas solidárias e reparadoras [168](#)  
doutrina da vida única [168](#)  
Doutrina de Jesus [96](#), [146](#), [184](#), [192](#)  
doutrina de perdição [195](#)

doutrina de Roma [69](#), [195](#)  
Doutrina Espírita [22](#), [55](#), [61](#), [85](#), [97](#), [111](#), [112](#), [114](#), [120](#), [147](#), [150](#),  
[187](#), [198](#)  
Doutrina Evangélica [150](#), [151](#)  
doutrina ocultista [56](#)  
doutrina panteísta [57](#)  
doutrina romana [37](#)  
Dr. Dias da Cruz [79](#)  
Dr. Eduardo Silva [73](#), [74](#), [77](#), [93](#), [94](#), [101](#)  
drogas [102](#)  
Dupuis [67](#)  
dúvida [26](#), [32](#), [59](#), [77](#), [85](#), [86](#), [89](#), [97](#), [98](#), [109](#), [168](#), [194](#)

## **E**

Eduardo Silva [73](#), [74](#), [77](#), [80](#), [93](#), [94](#), [101](#)  
educação [133](#)  
efeito [30](#), [52](#), [72](#), [74](#), [98](#), [147](#), [171](#), [174](#), [191](#), [194](#), [205](#)  
eletricidade [182](#)  
Elias [143](#), [204](#)  
Éliphas Levi [51](#)  
encarnado [30](#)  
encarnados [158](#)  
Endor [172](#), [173](#)  
entusiasmo [139](#)  
enviado [110](#), [134](#), [136](#)  
escada [22](#), [33](#), [41](#), [45](#), [199](#)  
escala [21](#), [22](#), [23](#), [24](#), [33](#), [34](#), [144](#), [164](#), [205](#)  
escala ascendente [23](#), [24](#)  
escala de planetas ou mundos [164](#)  
escala do progresso [33](#), [34](#)  
escala mineral [22](#)  
escala vegetal [22](#)  
escândalo [102](#), [103](#), [161](#), [184](#)  
escola [36](#), [43](#), [55](#), [56](#), [82](#), [188](#)  
escravidão [26](#)

escribas [94](#), [107](#)  
Escrituras [109](#), [110](#)  
esforço [57](#), [67](#), [118](#), [172](#), [179](#), [199](#), [203](#), [205](#)  
Espaço [45](#), [60](#), [92](#), [168](#)  
Espanha [26](#), [82](#)  
espécie [21](#), [75](#), [76](#), [78](#), [88](#), [121](#), [204](#), [205](#)  
espécies [22](#), [23](#), [77](#), [85](#)  
especuladores [186](#), [189](#)  
espíritas [43](#), [44](#), [47](#), [51](#), [54](#), [69](#), [78](#), [82](#), [84](#), [85](#), [86](#), [87](#), [88](#), [90](#), [92](#),  
[93](#), [94](#), [95](#), [96](#), [97](#), [98](#), [99](#), [105](#), [108](#), [115](#), [120](#), [121](#), [124](#), [135](#), [143](#), [147](#),  
[151](#), [157](#), [159](#), [182](#), [183](#), [185](#), [186](#), [188](#), [189](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#),  
[197](#)  
espiritismo [9](#), [106](#), [185](#), [187](#), [189](#), [197](#)  
Espiritismo [7](#), [9](#), [23](#), [24](#), [30](#), [33](#), [37](#), [41](#), [43](#), [50](#), [56](#), [57](#), [60](#), [61](#), [72](#),  
[75](#), [78](#), [82](#), [83](#), [84](#), [90](#), [93](#), [94](#), [96](#), [97](#), [98](#), [99](#), [100](#), [101](#), [102](#), [103](#), [105](#),  
[106](#), [107](#), [108](#), [109](#), [110](#), [112](#), [115](#), [118](#), [120](#), [124](#), [131](#), [142](#), [143](#), [144](#),  
[145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [154](#), [155](#), [157](#), [159](#), [160](#), [162](#), [175](#),  
[182](#), [183](#), [185](#), [186](#), [187](#), [188](#), [189](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [196](#),  
[197](#), [199](#), [204](#), [206](#)  
espiritismo canalha [185](#), [187](#)  
Espiritismo científico [105](#), [106](#)  
espiritismo de carregação [106](#)  
Espiritismo moral [189](#)  
Espiritismo sério [189](#)  
Espírito [121](#), [130](#)  
Espírito da Verdade [146](#), [147](#), [148](#), [154](#), [155](#), [156](#), [161](#), [162](#), [196](#)  
Espírito desencarnado [113](#)  
espírito de sistema [51](#), [54](#), [55](#), [59](#), [66](#), [106](#), [125](#), [150](#), [151](#)  
espírito e verdade [30](#), [31](#), [41](#), [48](#), [49](#), [50](#), [96](#), [125](#), [151](#), [159](#), [186](#)  
Espírito humano [48](#), [84](#), [85](#), [86](#), [87](#), [98](#), [172](#), [205](#)  
Espírito imortal [89](#)  
Espírito malfazejo [87](#)  
Espírito materializado [98](#)  
Espírito obsessor [88](#), [168](#)  
Espírito puríssimo [130](#)  
Espírito puro [113](#), [161](#), [162](#)

Espíritos [22](#), [31](#), [44](#), [46](#), [48](#), [49](#), [52](#), [53](#), [55](#), [56](#), [71](#), [72](#), [76](#), [79](#), [80](#), [85](#), [87](#), [88](#), [90](#), [97](#), [100](#), [109](#), [112](#), [113](#), [114](#), [116](#), [119](#), [124](#), [125](#), [126](#), [130](#), [131](#), [140](#), [143](#), [144](#), [145](#), [147](#), [152](#), [155](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [163](#), [165](#), [166](#), [168](#), [170](#), [171](#), [172](#), [176](#), [183](#), [188](#), [198](#)

Espírito Santo [32](#), [99](#), [109](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [116](#), [117](#), [119](#), [121](#), [124](#), [125](#), [126](#), [139](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [151](#), [155](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [167](#), [194](#)

Espíritos atrasados [165](#)

Espíritos do Senhor [55](#), [100](#), [126](#), [158](#), [161](#), [162](#)

Espíritos dos mortos [90](#)

Espíritos humanos [113](#), [172](#)

Espíritos puros [119](#), [124](#), [144](#), [151](#), [159](#), [160](#)

Espíritos superiores [88](#), [144](#), [158](#)

Espírito superior [121](#)

espiritual [56](#), [57](#), [113](#), [130](#), [155](#), [157](#), [159](#), [175](#), [187](#), [198](#)

espiritualista [44](#)

essência [68](#)

estadistas [37](#), [82](#)

Estado [26](#), [27](#), [63](#), [64](#), [65](#), [101](#), [197](#)

Estados Unidos [157](#)

estudo experimental [205](#)

eternamente desgraçados [47](#)

eternamente felizes [47](#)

eternidade [29](#), [40](#), [67](#), [71](#), [107](#), [140](#), [148](#), [159](#), [170](#), [205](#)

Eterno [40](#), [48](#)

Europa [73](#), [84](#), [85](#), [199](#)

Evangelho [7](#), [29](#), [30](#), [31](#), [37](#), [41](#), [47](#), [52](#), [53](#), [79](#), [95](#), [100](#), [103](#), [110](#), [112](#), [113](#), [114](#), [115](#), [116](#), [118](#), [119](#), [122](#), [123](#), [125](#), [128](#), [130](#), [131](#), [134](#), [137](#), [139](#), [140](#), [143](#), [146](#), [149](#), [150](#), [151](#), [154](#), [155](#), [159](#), [160](#), [162](#), [166](#), [180](#), [182](#), [186](#), [195](#), [196](#)

evangelistas [171](#)

Evangelistas [116](#), [143](#), [159](#)

evolução do Espírito [71](#)

exame [33](#), [51](#), [79](#), [81](#), [111](#), [112](#), [137](#), [158](#), [167](#), [174](#), [204](#)

exclusão [34](#), [49](#), [110](#)

exclusões [33](#), [47](#), [118](#), [173](#), [178](#)

excomunhão [116](#)



existência [33](#), [36](#), [39](#), [40](#), [44](#), [45](#), [70](#), [71](#), [88](#), [97](#), [98](#), [142](#), [144](#), [164](#), [179](#), [180](#), [183](#), [194](#)  
existência corpórea [97](#), [179](#)  
existência da alma [39](#), [44](#)  
existência de Deus [36](#), [44](#)  
existência passada [180](#)  
existências [33](#), [56](#), [57](#), [71](#), [72](#), [168](#)  
existências corporais [33](#)  
existências passadas [168](#)  
experiência [22](#), [23](#), [27](#), [68](#), [69](#), [102](#), [150](#), [154](#)

## F

faculdades [83](#), [85](#), [199](#)  
faculdades anímicas [199](#)  
faculdades mentais [83](#)  
falange [83](#), [144](#), [160](#)  
falsidade [60](#), [97](#), [107](#), [109](#), [113](#), [117](#), [147](#), [170](#), [171](#)  
falsos profetas [105](#)  
fanático [106](#)  
fanatismo [33](#), [106](#), [125](#), [130](#), [138](#), [141](#), [150](#), [151](#), [190](#), [194](#), [204](#)  
faquires da Índia [94](#)  
fariseus [94](#), [107](#), [161](#), [162](#)  
favor [79](#), [147](#), [158](#), [166](#), [173](#), [178](#), [179](#), [184](#)  
fé [32](#), [40](#), [45](#), [46](#), [62](#), [63](#), [65](#), [68](#), [76](#), [79](#), [80](#), [92](#), [95](#), [96](#), [103](#), [106](#), [108](#), [112](#), [113](#), [114](#), [117](#), [118](#), [125](#), [126](#), [142](#), [143](#), [149](#), [150](#), [153](#), [154](#), [155](#), [157](#), [158](#), [161](#), [162](#), [164](#), [182](#), [188](#), [194](#), [201](#)  
fé cristã [63](#)  
feitiçaria [102](#)  
feiticeiros [94](#), [102](#)  
felicidade [26](#), [31](#), [35](#), [36](#), [39](#), [40](#), [41](#), [45](#), [48](#), [49](#), [70](#), [72](#), [161](#), [162](#), [176](#), [179](#), [180](#), [203](#)  
felicidades [26](#), [34](#), [67](#), [163](#), [177](#)  
fenômenos espíritas [84](#), [85](#), [86](#), [87](#), [88](#), [90](#), [92](#), [93](#), [97](#), [98](#), [188](#), [193](#), [194](#)  
fenômenos físicos [91](#)  
fé passiva [45](#), [153](#), [154](#)

fé raciocinada [96](#)  
Filho de Deus [130](#), [178](#)  
filho pródigo [180](#)  
Filho Pródigo [30](#), [31](#), [118](#), [126](#), [164](#)  
filosofia [36](#), [81](#), [82](#), [105](#), [187](#), [194](#)  
filosofia espírita [81](#)  
física [25](#)  
Física [25](#)  
fluídico [75](#)  
fluido cósmico [75](#)  
fluido natural [74](#)  
fluidos [80](#)  
fluidos medicamentosos [80](#)  
fluido universal [75](#)  
fogo eterno [30](#), [40](#), [164](#), [165](#)  
força [36](#), [37](#), [45](#), [59](#), [62](#), [63](#), [64](#), [74](#), [84](#), [85](#), [86](#), [87](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#),  
[97](#), [136](#), [141](#), [175](#), [194](#)  
força humana [85](#)  
força inteligente [85](#), [87](#), [88](#), [89](#), [91](#), [92](#)  
força magnética [74](#)  
fórmulas humanas [159](#)  
França [62](#), [65](#), [82](#), [93](#), [193](#)  
fraternidade [42](#)  
fruto [70](#), [95](#), [106](#), [150](#), [204](#)  
futuro [27](#), [35](#), [161](#), [162](#), [167](#), [195](#)

## G

galardão [175](#)  
Galileu [101](#), [106](#), [107](#)  
Gênesis [109](#)  
geração [26](#), [149](#), [161](#)  
Gilbratar [93](#)  
glória [49](#), [68](#), [70](#), [71](#), [102](#), [122](#), [131](#), [159](#), [175](#)  
Görres [93](#), [95](#)  
Gougenot des Mousseaux [93](#)

governo [27](#), [35](#), [36](#), [125](#), [130](#)  
governo do mundo [125](#)  
graça [23](#), [30](#), [33](#), [41](#), [49](#), [124](#), [126](#), [172](#), [178](#), [184](#)  
grupo espírita [191](#)  
grupos espíritas [120](#)  
guerra [39](#), [175](#), [184](#), [185](#)

## **H**

harmonia [25](#), [42](#), [51](#), [53](#)  
hermenêutica [129](#)  
hipótese [28](#), [29](#), [84](#), [97](#), [98](#), [109](#), [113](#), [122](#), [146](#), [193](#)  
hipóteses [84](#), [109](#), [170](#)  
História [9](#), [73](#), [120](#), [197](#)  
homem [21](#), [22](#), [23](#), [24](#), [28](#), [29](#), [30](#), [33](#), [36](#), [39](#), [41](#), [44](#), [48](#), [55](#), [57](#),  
[59](#), [60](#), [62](#), [66](#), [67](#), [68](#), [70](#), [72](#), [74](#), [79](#), [81](#), [85](#), [86](#), [89](#), [99](#), [101](#), [102](#), [113](#),  
[114](#), [115](#), [138](#), [140](#), [142](#), [143](#), [146](#), [153](#), [154](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#),  
[163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [167](#), [171](#), [187](#), [191](#), [192](#), [195](#), [198](#), [205](#)  
homem terreno [22](#), [140](#), [164](#)  
Homeopatia [184](#)  
hospício [198](#)  
humanidade [29](#), [30](#), [32](#), [35](#), [37](#), [43](#), [49](#), [53](#), [62](#), [66](#), [67](#), [70](#), [71](#), [72](#),  
[107](#), [109](#), [110](#), [114](#), [119](#), [127](#), [131](#), [135](#), [138](#), [146](#), [149](#), [150](#), [151](#), [155](#),  
[158](#), [159](#), [161](#), [162](#), [165](#), [176](#), [178](#), [180](#), [183](#), [184](#), [187](#), [188](#), [199](#)  
humanidades [36](#), [160](#)  
humildade [48](#), [49](#), [95](#), [118](#), [126](#), [150](#), [164](#)

## **I**

identidade de natureza [123](#), [129](#)  
ignorância [9](#), [22](#), [33](#), [37](#), [95](#), [105](#), [108](#), [130](#), [149](#), [171](#), [200](#)  
Igreja [23](#), [26](#), [29](#), [30](#), [32](#), [33](#), [34](#), [46](#), [47](#), [50](#), [55](#), [63](#), [70](#), [71](#), [79](#), [97](#),  
[98](#), [100](#), [109](#), [110](#), [117](#), [118](#), [123](#), [127](#), [141](#), [142](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#),  
[151](#), [155](#), [159](#), [172](#), [173](#), [174](#), [177](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [196](#)  
Igreja de Jesus [118](#)  
Igreja romana [23](#), [29](#), [32](#), [33](#), [47](#), [50](#), [55](#), [70](#), [97](#), [98](#), [109](#), [117](#), [118](#),  
[123](#), [127](#), [142](#), [151](#), [155](#), [174](#), [177](#), [190](#), [191](#), [195](#), [196](#)  
ilustração [82](#), [95](#), [99](#)

imortal [36](#), [40](#), [63](#), [67](#), [89](#)  
imortalidade [40](#), [44](#)  
impalpável [70](#)  
imparcialidade [33](#)  
imperfeição [22](#), [47](#), [71](#), [140](#)  
imperfeito [21](#), [138](#)  
imprensa [73](#), [103](#), [142](#), [187](#)  
impurezas [44](#)  
imutável [175](#)  
inatividade [60](#)  
incredulidade [40](#), [63](#), [65](#), [204](#)  
incrédulos [182](#), [186](#)  
incriado [129](#), [161](#), [162](#)  
indefectivelmente [34](#), [179](#)  
Índia [94](#)  
individualidade [70](#), [81](#), [113](#), [136](#)  
infalibilidade [126](#)  
infalíveis [45](#), [135](#), [175](#)  
infalível [29](#), [131](#), [139](#), [146](#), [154](#), [163](#), [192](#)  
Inferno [55](#), [70](#), [71](#), [72](#), [163](#), [164](#), [165](#), [170](#), [171](#), [175](#)  
infinito [21](#), [22](#), [29](#), [40](#), [47](#), [55](#), [56](#), [57](#), [71](#), [75](#), [106](#), [109](#), [122](#), [125](#),  
[144](#), [163](#), [176](#), [179](#), [205](#)  
infinito máximo. [22](#)  
infinito mínimo [22](#)  
Inglaterra [82](#)  
Inquisição [107](#), [192](#)  
instintos [36](#), [40](#), [89](#)  
instintos naturais [36](#)  
instrução [130](#)  
intelectualidade [33](#)  
inteligência [23](#), [36](#), [67](#), [68](#), [81](#), [84](#), [85](#), [91](#), [92](#), [158](#), [159](#), [205](#), [206](#)  
interpretação em espírito e verdade [31](#), [50](#)  
interpretação literal [50](#)  
intrujões [188](#)  
inveja [36](#), [41](#)  
invisível [79](#), [171](#), [187](#)  
irreligião [36](#), [37](#)

irreligiosidade [37](#)

Isaías [139](#), [140](#)

Israel [131](#), [167](#)

Itália [63](#), [82](#)

## **J**

Jâmblico [56](#)

Jesus [25](#), [29](#), [30](#), [37](#), [41](#), [47](#), [49](#), [53](#), [55](#), [64](#), [65](#), [67](#), [76](#), [79](#), [80](#), [94](#), [95](#), [96](#), [99](#), [103](#), [106](#), [107](#), [109](#), [110](#), [113](#), [114](#), [115](#), [116](#), [117](#), [118](#), [119](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [126](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [132](#), [134](#), [135](#), [136](#), [137](#), [138](#), [139](#), [140](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#), [149](#), [150](#), [151](#), [153](#), [154](#), [155](#), [156](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [164](#), [166](#), [167](#), [170](#), [171](#), [176](#), [178](#), [180](#), [182](#), [183](#), [184](#), [185](#), [186](#), [187](#), [192](#), [195](#), [196](#)

Jesus Cristo [37](#), [80](#), [95](#), [103](#), [110](#), [124](#), [125](#), [128](#), [129](#), [130](#), [149](#), [151](#), [154](#), [155](#), [156](#), [159](#), [178](#), [182](#), [186](#), [187](#), [196](#)

João [78](#), [103](#), [121](#), [122](#), [123](#), [128](#), [139](#), [143](#), [191](#), [197](#)

João Gonçalves do Nascimento [78](#), [197](#)

João Scaligero [191](#)

Judas [53](#)

judeus [116](#), [117](#), [123](#)

juiz [44](#), [197](#), [198](#)

Juiz de Fora [108](#)

juízo [41](#), [44](#), [52](#), [81](#), [107](#), [136](#), [144](#), [160](#), [174](#), [175](#), [176](#), [194](#)

juízo final [174](#), [176](#)

juízo final [166](#), [174](#), [175](#)

juízo final [166](#), [174](#), [175](#)

justiça [29](#), [30](#), [32](#), [33](#), [34](#), [35](#), [39](#), [40](#), [41](#), [49](#), [71](#), [72](#), [110](#), [113](#), [125](#), [135](#), [148](#), [163](#), [165](#), [168](#), [171](#), [173](#), [174](#), [175](#), [178](#), [179](#), [180](#), [183](#), [197](#), [198](#)

justiça indefectível [171](#), [178](#)

## **K**

Kardec [9](#), [56](#), [77](#), [93](#), [136](#), [155](#), [157](#), [158](#), [159](#), [187](#), [188](#), [189](#)

**L**

Lauresto [119](#), [120](#), [121](#), [122](#), [123](#), [124](#), [125](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [132](#), [133](#), [134](#), [135](#), [137](#), [142](#), [143](#), [144](#), [145](#), [148](#), [152](#), [160](#), [163](#), [166](#), [167](#), [170](#), [174](#), [178](#), [180](#)

Lázaro [52](#), [114](#), [143](#)

lei da reencarnação [143](#)

lei das leis [103](#), [191](#)

lei da suprema justiça [49](#)

lei das vidas múltiplas [167](#)

lei de Deus [44](#), [125](#), [184](#)

lei de perdão dos pecados [110](#)

lei do progresso [55](#), [57](#), [106](#), [144](#)

lei invariável [179](#)

Lei Mosaica [145](#)

leis da criação [205](#)

leis sociais e morais [190](#)

lei universal [72](#), [205](#)

lesão [183](#)

letra [30](#), [31](#), [37](#), [47](#), [121](#), [123](#), [132](#), [139](#), [140](#), [143](#), [161](#), [162](#)

liberdade [25](#), [26](#), [34](#), [39](#), [42](#), [44](#), [45](#), [48](#), [49](#), [59](#), [63](#), [71](#), [89](#), [95](#), [114](#), [162](#), [163](#), [165](#), [167](#), [179](#), [183](#), [191](#), [198](#)

livre-arbítrio [22](#), [31](#), [49](#), [57](#), [118](#), [171](#), [179](#), [183](#)

Livro dos Médiuns [77](#)

lógica [9](#), [53](#), [60](#), [124](#), [129](#), [142](#), [143](#), [166](#), [170](#), [184](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#)

Lógica [92](#)

Lombroso [77](#), [83](#), [90](#)

Lot [110](#), [171](#)

louco [45](#), [83](#), [87](#), [150](#)

loucos [34](#), [69](#), [88](#)

loucura [34](#), [43](#), [44](#), [46](#), [87](#), [88](#), [151](#), [168](#)

loucura por moléstia do organismo [87](#)

Loucura por Novo Prisma [168](#)

loucura por obsessão [46](#), [87](#), [88](#), [168](#)

Lucas [52](#), [53](#)

luz [22](#), [33](#), [37](#), [46](#), [47](#), [49](#), [55](#), [59](#), [60](#), [61](#), [62](#), [63](#), [64](#), [81](#), [98](#), [99](#), [101](#), [103](#), [106](#), [107](#), [110](#), [118](#), [123](#), [127](#), [131](#), [135](#), [139](#), [140](#), [153](#), [154](#), [155](#), [158](#), [161](#), [162](#), [168](#), [180](#), [193](#), [195](#), [199](#), [203](#), [205](#)

## M

magnetismo [74](#), [75](#)

mandamento [117](#), [171](#)

mandamentos [161](#), [162](#), [178](#)

manifestações dos Espíritos [52](#)

manifestações espíritas [96](#), [99](#)

mansidão [118](#)

manso Cordeiro [62](#)

Maomé [138](#)

Maria [79](#), [116](#), [117](#)

Matemática [66](#)

matéria [44](#), [58](#), [59](#), [76](#), [82](#), [84](#), [85](#), [108](#), [114](#), [117](#), [118](#), [134](#), [137](#), [183](#), [188](#)

material [23](#), [25](#), [34](#), [35](#), [36](#), [45](#), [49](#), [50](#), [51](#), [63](#), [65](#), [74](#), [75](#), [80](#), [84](#), [90](#), [94](#), [110](#), [123](#), [140](#), [158](#), [167](#), [184](#), [201](#)

materialismo [59](#), [60](#), [61](#), [84](#), [195](#)

materialista [41](#), [44](#), [59](#), [60](#), [144](#), [194](#)

materialistas [43](#), [194](#)

Mecânica [91](#)

medicamentos [77](#), [88](#)

Medicina [43](#), [75](#), [78](#), [79](#), [82](#), [88](#), [105](#), [128](#), [183](#), [184](#), [199](#)

Medicina fluídica [183](#)

Medicina medianímica [184](#)

Medicina oficial [183](#), [199](#)

médico [43](#), [78](#), [79](#), [87](#), [93](#), [183](#), [198](#), [200](#)

médicos [73](#), [77](#), [88](#), [102](#), [183](#), [184](#), [198](#), [199](#)

médium [76](#), [78](#), [79](#), [80](#), [92](#), [93](#), [94](#), [103](#), [183](#), [184](#), [195](#), [197](#), [198](#), [199](#)

médium curador [80](#), [103](#)

médium receitista [78](#), [79](#), [197](#), [198](#)

médium sonambúlico [92](#)

mediunidade [75](#), [77](#), [79](#), [80](#), [96](#), [158](#), [183](#), [198](#)

mediunidade curadora [75](#), [77](#)  
mediunidade espírita [96](#)  
médiuns [77](#), [78](#), [79](#), [80](#), [94](#), [97](#), [103](#), [147](#), [158](#), [183](#), [184](#), [199](#)  
médiuns espíritas [94](#)  
médiuns receitistas [184](#)  
médiuns sonambúlicos [97](#)  
médiuns videntes [79](#)  
memória [59](#), [204](#)  
mercancia ignóbil [188](#)  
mesa [41](#), [134](#), [157](#)  
mesas [157](#)  
mesas falantes [157](#)  
Messiânica [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [154](#), [159](#), [186](#)  
Mestre [135](#), [139](#), [153](#), [161](#), [162](#), [166](#), [167](#)  
metafísica [112](#)  
minerais [75](#)  
mineral [21](#), [22](#), [23](#)  
Ministro [125](#)  
ministros de Jesus [94](#), [95](#)  
Mirville [93](#), [95](#), [96](#)  
misericórdia [113](#), [124](#), [180](#), [185](#)  
missas [170](#), [175](#), [178](#)  
missionário [158](#)  
mistérios [55](#), [56](#), [57](#)  
misticismo [93](#)  
mitologia católica [135](#)  
Moisés [52](#), [53](#), [110](#), [114](#), [131](#), [146](#), [159](#), [188](#)  
moléstia [46](#), [73](#), [76](#), [78](#), [81](#), [87](#), [88](#), [101](#), [183](#)  
monomania [60](#), [106](#)  
monomaniacos [60](#), [107](#)  
monomania materialista [60](#)  
monoteísmo [116](#), [117](#), [121](#), [123](#), [141](#)  
monoteísmo hebraico [121](#)  
Monsenhor Brito [99](#)



Monsenhor Lustosa [193](#), [194](#), [195](#)  
moral espírita [105](#), [150](#)  
moralidade [33](#)  
morro de S. Antônio [197](#)  
morte [29](#), [30](#), [34](#), [39](#), [41](#), [44](#), [57](#), [61](#), [70](#), [77](#), [84](#), [97](#), [106](#), [107](#), [116](#),  
[117](#), [118](#), [126](#), [139](#), [166](#), [169](#), [170](#), [171](#), [174](#), [175](#), [176](#), [178](#), [180](#)  
morte corporal [166](#), [169](#), [170](#), [171](#), [174](#), [175](#)  
mortos [52](#), [53](#), [55](#), [83](#), [90](#), [112](#), [114](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [174](#), [175](#),  
[182](#)  
Mosaica [145](#), [146](#), [154](#), [188](#)  
mula de Balaão [195](#)  
mundo de expiação [176](#)  
mundo de gozo [176](#)  
mundo espiritual [56](#), [175](#), [187](#)  
mundo invisível [171](#)  
mundo microscópico [22](#)  
mundos de felicidades [177](#)  
mundos superiores [71](#)

## **N**

nação [26](#), [27](#), [62](#), [63](#), [64](#), [116](#), [117](#), [157](#)  
nações [36](#), [102](#), [105](#)  
nada [36](#), [39](#), [44](#), [52](#), [64](#), [68](#), [81](#), [93](#), [94](#), [108](#), [115](#), [124](#), [136](#), [138](#),  
[149](#), [158](#), [166](#), [171](#), [175](#), [184](#), [187](#), [192](#), [199](#)  
Nascimento [78](#), [197](#)  
naturais [36](#), [74](#), [78](#), [103](#), [188](#), [198](#)  
natural [22](#), [68](#), [69](#), [74](#), [91](#), [93](#), [139](#), [204](#)  
natureza humana [31](#), [89](#)  
Nicodemos [166](#), [167](#), [170](#)  
nigromantes [94](#)  
Noé [110](#)  
Nova Revelação [23](#), [96](#), [99](#), [124](#), [144](#), [146](#), [147](#), [154](#), [158](#), [159](#), [162](#),  
[190](#)  
nuvem [107](#), [182](#)

**O**

obcecados [106](#), [107](#)  
obsedado [87](#)  
observação [22](#), [59](#), [80](#), [88](#), [153](#), [154](#), [204](#), [206](#)  
obsessão [46](#), [87](#), [88](#), [168](#)  
Obsessão [87](#)  
obsessões [86](#)  
obsessor [87](#), [88](#), [89](#), [168](#)  
obstrução moral [67](#), [68](#)  
ociosa contemplação [155](#)  
Ocultismo [55](#), [56](#), [57](#)  
Ocultismo moderno [57](#)  
ocultista [55](#), [56](#), [57](#)  
ódio [36](#), [168](#)  
onipotente [25](#)  
Onipotente [25](#), [98](#), [139](#)  
operário [36](#)  
orações [170](#), [175](#)  
ordem moral [25](#)  
ordem universal [63](#)  
organismo [75](#), [87](#), [88](#)  
órgão [93](#), [97](#), [98](#), [183](#), [190](#)  
orgulho [21](#), [48](#), [49](#), [63](#), [64](#), [105](#)  
origem divina [96](#), [145](#), [175](#)  
Origenes [56](#)  
ouro [37](#)  
ovelhas [98](#), [126](#), [127](#)

**P**

padre [86](#), [92](#), [96](#), [144](#), [190](#), [191](#), [192](#)  
padres [95](#), [96](#), [97](#), [106](#), [110](#), [146](#), [184](#), [194](#)  
paganismo [109](#)  
pagãos [141](#)

Pai [29](#), [31](#), [33](#), [36](#), [40](#), [41](#), [45](#), [47](#), [48](#), [49](#), [103](#), [109](#), [110](#), [118](#), [119](#), [121](#), [122](#), [124](#), [125](#), [126](#), [127](#), [128](#), [129](#), [130](#), [131](#), [134](#), [135](#), [136](#), [138](#), [140](#), [161](#), [162](#), [164](#), [179](#), [203](#)

Pai celestial [31](#), [162](#), [203](#)

paixão [83](#)

paixões [27](#), [45](#), [64](#), [103](#)

Panteísmo [57](#)

panteístas [56](#)

Papa [37](#), [96](#)

papado [191](#)

Parábola [114](#), [126](#), [143](#), [164](#), [191](#)

Parábola de Lázaro e o Rico [114](#)

Parábola do Filho Pródigo [30](#), [31](#), [118](#), [126](#), [164](#)

parábolas [140](#)

Paraná [79](#)

passado [40](#), [48](#), [55](#), [64](#), [65](#), [70](#), [80](#), [87](#), [116](#), [117](#), [120](#), [130](#), [133](#), [142](#), [143](#), [157](#), [170](#), [176](#), [195](#)

passes [76](#), [79](#)

patrão [36](#)

pátria [28](#), [64](#), [102](#)

Patriarca [188](#)

Paulo [9](#), [73](#), [90](#), [91](#), [93](#), [101](#), [103](#), [124](#), [125](#), [139](#)

paz [26](#), [36](#), [42](#), [63](#), [103](#), [165](#)

pé [126](#), [142](#)

pecado [180](#)

pecador [30](#), [31](#), [125](#), [179](#), [180](#)

pecados do mundo [180](#)

pedra angular [56](#)

Pedro [79](#), [99](#), [120](#)

Pedro Richard [79](#)

penas eternas [30](#), [47](#), [70](#), [71](#), [164](#)

pensamentos [9](#), [103](#), [136](#), [140](#), [199](#)

percepção [59](#)

perdão [30](#), [31](#), [72](#), [89](#), [110](#), [180](#)

perfectíveis [48](#)

perfeição [22](#), [40](#), [45](#), [47](#), [55](#), [56](#), [57](#), [71](#), [72](#), [127](#), [129](#), [130](#), [131](#), [135](#), [140](#), [176](#), [205](#)

perfeição angélica [40](#)  
perfeitos [23](#)  
perseguição [63](#), [93](#), [168](#), [182](#), [183](#), [184](#)  
perseguidor [89](#), [168](#)  
perturbação mental [83](#), [87](#)  
pés [22](#), [126](#), [206](#)  
Pio IX [96](#)  
planeta [22](#), [75](#), [113](#), [130](#), [135](#), [161](#), [176](#)  
Plotino [56](#)  
pluralidade de existências [56](#)  
polícia [183](#), [184](#), [190](#), [191](#)  
politeísmo [116](#), [118](#), [121](#), [123](#), [129](#), [141](#), [142](#)  
politeísmo romano [121](#), [129](#), [142](#)  
politeístas [116](#), [117](#)  
porta da regeneração [180](#)  
porta estreita [180](#)  
positivista [26](#), [43](#), [59](#), [64](#), [68](#), [72](#), [82](#), [92](#), [120](#), [121](#), [206](#)  
positivistas [43](#), [82](#)  
posseço [59](#)  
povo [26](#), [27](#), [36](#), [41](#), [62](#), [63](#), [64](#), [73](#), [93](#)  
prece [79](#), [170](#)  
preceitos [48](#)  
preceitos divinos [48](#)  
preces [96](#), [170](#), [171](#), [175](#)  
preconceito [66](#), [128](#), [129](#)  
preconceitos [21](#), [30](#), [59](#), [96](#), [97](#), [127](#), [144](#), [193](#)  
preferência [34](#), [49](#), [65](#)  
preferências [33](#), [47](#), [49](#), [118](#), [173](#), [178](#)  
prêmio [31](#), [33](#), [34](#), [57](#), [179](#)  
presente [26](#), [48](#), [113](#), [149](#), [180](#)  
presunção [105](#)  
primeiros cristãos [182](#)  
princípio causal [84](#), [85](#), [86](#)

princípio emético [75](#)  
princípio reconstituente [75](#)  
princípios elementares [75](#)  
princípios espíritas [147](#), [151](#)  
princípios fundamentais [22](#), [56](#), [68](#), [97](#), [154](#), [190](#)  
princípio sudorífico [75](#)  
prisão celular [101](#), [102](#)  
privilégio [49](#), [118](#)  
profeta [37](#), [131](#), [137](#), [149](#)  
profetas [105](#), [114](#), [146](#), [153](#)  
Profetas [52](#), [53](#), [114](#), [158](#)  
profetiza de Endor [172](#)  
prognóstico [78](#)  
progresso [24](#), [26](#), [27](#), [30](#), [33](#), [34](#), [35](#), [36](#), [40](#), [42](#), [48](#), [55](#), [56](#), [57](#), [62](#),  
[64](#), [66](#), [71](#), [72](#), [99](#), [106](#), [107](#), [113](#), [131](#), [135](#), [140](#), [144](#), [146](#), [147](#), [152](#),  
[155](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [164](#), [169](#), [176](#), [188](#), [198](#), [199](#), [205](#)  
progresso espiritual [57](#), [113](#), [198](#)  
propriedade [36](#), [75](#), [77](#)  
propriedades [21](#), [75](#)  
propriedades especiais [75](#)  
propriedades medicinais [75](#)  
proselitismo [109](#), [120](#)  
prova experimental [68](#), [167](#)  
próximo [21](#), [38](#), [62](#), [64](#), [69](#), [76](#), [80](#), [86](#), [88](#), [119](#), [139](#), [144](#), [150](#), [155](#),  
[157](#), [184](#), [191](#)  
Purgatório [163](#)  
purificação [41](#), [172](#)

## Q

Quatrefages [21](#)  
queda [31](#), [48](#), [91](#)  
queda dos anjos [48](#)  
Química [106](#)

**R**

Raio X [76](#)

Raul Couto [88](#)

razão [21](#), [22](#), [23](#), [31](#), [32](#), [33](#), [34](#), [36](#), [43](#), [45](#), [57](#), [59](#), [60](#), [61](#), [64](#), [66](#), [67](#), [68](#), [72](#), [81](#), [87](#), [88](#), [89](#), [92](#), [95](#), [99](#), [112](#), [117](#), [120](#), [127](#), [138](#), [139](#), [141](#), [149](#), [153](#), [159](#), [167](#), [168](#), [174](#), [177](#), [179](#), [183](#), [190](#), [191](#), [192](#), [193](#), [194](#), [197](#), [200](#), [204](#)

receita [79](#), [198](#)

receptistas [184](#)

recompensa [41](#)

recompensas [198](#)

recordação [60](#), [61](#)

redenção [26](#)

Redentor [104](#), [124](#), [139](#), [147](#), [192](#)

reencarnação [143](#), [166](#), [167](#), [176](#)

Reformador [116](#), [201](#), [204](#), [206](#)

rei [22](#), [37](#), [126](#), [172](#), [205](#)

Rei [125](#), [164](#)

rei da criação [22](#)

Rei dos reis [164](#)

reincidência [34](#)

reino [21](#), [22](#), [41](#), [71](#), [126](#), [134](#), [135](#), [161](#), [166](#), [167](#), [171](#), [195](#)

reino animal [21](#), [22](#)

Reino de Deus [154](#), [191](#)

reino do Céu [166](#)

reino hominal [21](#), [22](#)

reino mineral [21](#)

reino vegetal [21](#)

reis [71](#), [125](#), [164](#)

Reis [125](#)

religião [23](#), [26](#), [27](#), [32](#), [33](#), [35](#), [42](#), [63](#), [64](#), [65](#), [66](#), [67](#), [68](#), [85](#), [92](#), [99](#), [105](#), [106](#), [116](#), [186](#), [187](#), [188](#), [192](#)

religião científica [68](#)

religião do Cristo [63](#), [192](#)

religião do Estado [27](#), [65](#)

religiões [66](#)

remédios [37](#), [78](#)

remissão de pecados [178](#)  
república [35](#)  
República [26](#), [27](#), [63](#), [99](#)  
republicanismo [35](#)  
respeito [35](#), [51](#), [52](#), [55](#), [56](#), [61](#), [64](#), [109](#), [130](#), [133](#), [161](#), [171](#), [172](#),  
[183](#), [187](#), [193](#), [197](#)  
responsabilidade [26](#), [40](#), [44](#), [105](#), [153](#), [179](#), [186](#), [198](#)  
responsabilidades [34](#), [39](#), [179](#)  
responsável [27](#), [48](#), [89](#), [112](#), [118](#)  
ressurreição [53](#), [116](#), [117](#), [139](#), [174](#), [175](#)  
ressurreição de mortos [174](#)  
Revelação [22](#), [23](#), [33](#), [37](#), [96](#), [99](#), [124](#), [143](#), [144](#), [145](#), [146](#), [147](#), [148](#),  
[149](#), [151](#), [153](#), [154](#), [155](#), [156](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [177](#), [179](#), [186](#),  
[187](#), [188](#), [190](#), [192](#), [196](#)  
Revelação da Revelação [33](#), [161](#), [162](#)  
Revelação das Revelações [159](#)  
Revelação divina [96](#), [148](#)  
Revelação do Espírito da Verdade [196](#)  
Revelação espiritual [155](#)  
Revelação Messiânica [143](#), [145](#), [146](#), [159](#), [186](#)  
Revelação Mosaica [188](#)  
Revelações [159](#)  
revelador [147](#), [148](#), [154](#), [196](#)  
ridículo [28](#), [102](#), [146](#), [155](#), [186](#), [198](#)  
Rio de Janeiro [4](#), [73](#), [79](#), [99](#), [119](#), [193](#), [197](#)  
Roma [32](#), [37](#), [69](#), [72](#), [116](#), [118](#), [131](#), [135](#), [138](#), [139](#), [142](#), [167](#), [175](#),  
[192](#), [195](#)  
Roustaing [23](#), [116](#), [117](#), [121](#), [130](#), [131](#), [135](#), [143](#), [144](#), [159](#), [161](#)  
Rui [26](#), [27](#), [28](#)  
Rui Barbosa [26](#)  
Rússia [82](#)

## S

sábio [67](#), [81](#), [82](#), [97](#)  
sábios [21](#), [32](#), [34](#), [37](#), [47](#), [49](#), [56](#), [75](#), [77](#), [82](#), [83](#), [84](#), [86](#), [88](#), [90](#), [97](#),  
[102](#), [154](#), [164](#), [175](#), [188](#)

sacerdócio [34](#), [94](#), [99](#), [100](#), [106](#), [107](#), [118](#), [144](#), [195](#)  
sacerdócio hebreu [94](#), [99](#), [100](#), [106](#), [144](#), [195](#)  
sacerdote [191](#), [193](#), [194](#), [195](#)  
salário [57](#), [118](#)  
salvação [25](#), [29](#), [31](#), [33](#), [40](#), [45](#), [72](#), [98](#), [110](#), [118](#), [126](#), [151](#), [164](#),  
[167](#), [176](#), [178](#), [179](#), [180](#), [195](#)  
salvação universal [31](#), [40](#), [110](#), [118](#), [126](#), [164](#)  
Samuel [172](#), [173](#)  
sangue [62](#), [121](#), [122](#), [127](#), [128](#)  
Satanás [70](#), [71](#), [94](#), [95](#), [96](#), [149](#), [194](#), [195](#)  
Saul [172](#), [173](#)  
Sayão [7](#), [79](#)  
Scaligero [190](#), [191](#), [192](#)  
Scaligero Maravalho [190](#)  
século [55](#), [99](#), [158](#), [193](#)  
séculos [62](#), [94](#), [135](#), [140](#), [147](#), [148](#), [168](#), [205](#)  
Senhor [23](#), [47](#), [49](#), [50](#), [55](#), [71](#), [72](#), [80](#), [100](#), [109](#), [112](#), [113](#), [117](#), [119](#),  
[125](#), [126](#), [129](#), [130](#), [131](#), [134](#), [135](#), [136](#), [138](#), [139](#), [140](#), [147](#), [152](#), [155](#),  
[156](#), [158](#), [159](#), [161](#), [162](#), [163](#), [171](#), [175](#), [178](#), [182](#), [185](#), [205](#)  
Senhor e Governador deste planeta [135](#)  
senso moral [22](#)  
sentimento [165](#)  
sentimentos [63](#), [64](#), [89](#), [92](#), [140](#)  
Ser dos seres [180](#)  
ser humano [21](#), [31](#), [55](#), [56](#), [70](#), [127](#), [172](#), [188](#)  
sistemático [59](#)  
S. João [121](#), [122](#), [128](#), [139](#)  
S. Mateus [110](#), [112](#), [130](#), [139](#), [162](#)  
sobrenaturais [116](#), [117](#), [186](#)  
sobrevivência [44](#)  
Socialismo [25](#), [35](#), [37](#), [41](#)  
Socialismo anarquista [35](#)  
sociedade [26](#), [37](#), [39](#), [40](#), [41](#), [44](#), [71](#), [73](#), [81](#), [102](#), [120](#), [197](#), [198](#), [203](#)  
sociedade civilizada [102](#)  
sociedade dos anjos [41](#)  
Sociedade Psíquica de Londres [91](#)  
sofrimento [33](#), [34](#), [41](#), [44](#)



sofrimentos [118](#), [169](#), [178](#)  
Sol [53](#), [165](#)  
sonho [53](#), [59](#), [60](#), [61](#), [63](#), [192](#)  
sono [60](#), [61](#), [191](#)  
S. Paulo [73](#), [90](#), [91](#), [93](#), [101](#), [124](#), [125](#), [139](#)  
S. Tomé [154](#)  
substância [75](#), [142](#), [149](#), [167](#), [193](#)  
substância material [167](#)  
súditos [125](#)  
sugestão [74](#), [75](#)  
suicida [44](#), [45](#)  
suicidas [46](#)  
suicídio [43](#), [44](#), [45](#), [46](#), [88](#)  
superstição [92](#)

## T

tártaro [75](#)  
taumaturgo [101](#), [102](#)  
tempestade [182](#)  
tendão de Aquiles [88](#)  
Teologia [86](#)  
teólogos [167](#)  
Terra [22](#), [23](#), [24](#), [41](#), [42](#), [45](#), [47](#), [48](#), [49](#), [53](#), [56](#), [71](#), [72](#), [79](#), [89](#), [97](#),  
[107](#), [114](#), [119](#), [121](#), [130](#), [138](#), [154](#), [159](#), [162](#), [165](#), [168](#), [175](#), [176](#), [177](#),  
[183](#), [187](#), [198](#), [199](#), [205](#)  
tese [109](#), [197](#)  
tirano [40](#)  
Tobit [113](#), [172](#)  
Todo Poderoso [27](#)  
Tomé [139](#), [154](#)  
torturas [52](#), [70](#), [139](#)  
trabalho [33](#), [37](#), [57](#), [66](#), [68](#), [70](#), [80](#), [84](#), [96](#), [107](#), [108](#), [117](#), [118](#), [134](#),  
[150](#), [155](#), [157](#), [158](#), [159](#), [168](#), [184](#), [185](#), [187](#), [193](#), [203](#), [204](#)  
Trindade católica [121](#), [141](#)  
Trindade divina [109](#), [142](#)  
Trindade politeica [118](#), [131](#)

**U**

universal [22](#), [24](#), [31](#), [40](#), [63](#), [70](#), [72](#), [75](#), [110](#), [118](#), [126](#), [144](#), [151](#), [164](#), [176](#), [178](#), [205](#)

Universo [22](#), [25](#), [49](#), [61](#), [155](#), [163](#), [164](#), [172](#), [205](#)

Urias [193](#)

**V**

Valdegamas [25](#)

vegetais [75](#)

vegetal [21](#), [22](#), [23](#)

vento [42](#), [56](#), [107](#)

verdade [22](#), [24](#), [26](#), [29](#), [30](#), [31](#), [41](#), [48](#), [49](#), [50](#), [59](#), [60](#), [61](#), [66](#), [67](#), [68](#), [69](#), [71](#), [73](#), [76](#), [79](#), [81](#), [82](#), [85](#), [86](#), [87](#), [92](#), [96](#), [97](#), [99](#), [103](#), [106](#), [107](#), [108](#), [109](#), [110](#), [114](#), [117](#), [118](#), [125](#), [130](#), [131](#), [135](#), [136](#), [140](#), [141](#), [142](#), [143](#), [144](#), [146](#), [148](#), [150](#), [151](#), [153](#), [158](#), [159](#), [160](#), [161](#), [162](#), [163](#), [164](#), [165](#), [166](#), [168](#), [171](#), [172](#), [182](#), [183](#), [184](#), [186](#), [187](#), [188](#), [192](#), [193](#), [194](#), [195](#), [205](#), [206](#)

verdade absoluta [140](#)

véu da alegoria [136](#)

véu da letra [30](#), [37](#), [121](#), [132](#), [143](#), [161](#), [162](#)

vida corpórea [34](#), [45](#), [70](#), [92](#), [158](#), [175](#), [180](#)

vida eterna [32](#), [37](#), [174](#)

vida material [34](#)

vidas corporais [44](#)

vidas sucessivas e solidárias [40](#), [56](#)

vida temporária [117](#)

vida terrena [34](#), [89](#), [183](#)

vida terrestre [71](#)

vida transitória [32](#)

vidente [79](#)

videntes [79](#)

vigília [61](#)

vingança [168](#)

Virgem Santíssima [110](#)

virtude angélica [71](#)

virtuoso [86](#)

visível [86](#), [147](#)

vítima [168](#)

Viveiros de Castro [197](#), [198](#)

vivos [52](#), [53](#), [55](#), [87](#), [91](#), [170](#), [171](#), [172](#), [173](#), [175](#), [182](#)

vontade [23](#), [31](#), [34](#), [35](#), [44](#), [48](#), [61](#), [63](#), [74](#), [87](#), [88](#), [107](#), [117](#), [118](#),  
[127](#), [136](#), [155](#), [172](#), [198](#), [199](#), [201](#)

## **W**

W.B.Lee [108](#)

William Crookes [77](#)

## **Z**

Zöllner [97](#)

